**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

NATHALIE LEISTER

**TRANSFORMAÇÕES NO MODELO ASSISTENCIAL AO
PARTO: HISTÓRIA ORAL DE MULHERES QUE DERAM À
LUZ NAS DÉCADAS DE 1940 A 1980**

**SÃO PAULO
2011**

NATHALIE LEISTER

**TRANSFORMAÇÕES NO MODELO ASSISTENCIAL AO
PARTO: HISTÓRIA ORAL DE MULHERES QUE DERAM À
LUZ NAS DÉCADAS DE 1940 A 1980**

Dissertação apresentada à Escola de
Enfermagem da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre
em Ciências

Área de Concentração: Cuidado em
Saúde

Orientadora:
Prof^ª Dr^a Maria Luiza Gonzalez Riesco

**SÃO PAULO
2011**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Leister, Nathalie

Transformações no modelo assistencial ao parto:
história oral de mulheres que deram à luz nas décadas
de 1940 a 1980 / Nathalie Leister. -- São Paulo, 2011.
172 p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem da
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Luiza Gonzalez Riesco

1. Parto - História 2. Memória 3. Obstetrícia
4. Enfermagem obstétrica I. Título.

Nome: Nathalie Leister

Título: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Nelson e Nadia.

Aos meus familiares Dorival (*in memorian*), Rizolina (*in memorian*), Victorino, Eunice, Miriam, Mara, Roberto (*in memorian*), Eliana, Thiago, Rodrigo, Caio e Júlio.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Gonzalez Riesco pela confiança, disponibilidade, orientação, ensinamentos, oportunidade e compartilhamento de sua experiência e sabedoria.

Às Prof.^{as} Dr.^{as} Maria Lúcia Mott, Maria Alice Tsunechiro, Camilla Alexsandra Schneck e Isabel Bonadio pelos conselhos e contribuições à minha pesquisa.

À Prof.^a Dr.^a Suzana Lopes Salgado Ribeiro e ao Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy pelas contribuições e ensinamentos metodológicos passados por meio de cursos, palestras, oficinas e conversas.

Aos meus colegas da primeira turma do curso de Obstetrícia da Universidade de São Paulo que me ajudaram a entrar em contato e entrevistar suas mães, avós e bisavós.

A todas as mulheres que compartilharam comigo suas experiências, enriqueceram e contribuíram com o meu trabalho.

À enfermeira Vera Lúcia Lopes de Souza por dispensar o seu tempo me ajudando a transcrever as entrevistas.

Ao Conselho Nacional Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de mestrado.

Aos meus amigos por terem me acolhido em momentos de angústias, incertezas e tensões e por me proporcionarem e ajudarem com momentos inesquecíveis.

Leister N. Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980 [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011.

RESUMO

Na literatura, existem inúmeras produções sobre a memória de profissionais relacionada à assistência ao parto; no entanto, o registro de memórias maternas é escasso. A perspectiva das mulheres é importante por representar a opinião e a experiência dos sujeitos da assistência ao longo da história. Este estudo teve o objetivo de compreender as transformações no modelo de assistência ao parto a partir da experiência de mulheres que deram à luz no Estado de São Paulo nas décadas de 1940 a 1980. Para isso, fez-se um estudo do tipo descritivo, com abordagem qualitativa, segundo o método da História Oral Temática. A colônia foi constituída por 20 mulheres que são mães, avós e bisavós de egressos da primeira turma do Curso de Obstetrícia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Os dados foram coletados por meio de entrevista não estruturada, com base em um roteiro com temas relativos à experiência no parto. Foi realizada a transcrição integral, textualização e transcrição das narrativas orais. O texto final foi submetido à análise de conteúdo. O projeto foi aprovado por Comitê de Ética e o uso das narrativas foi autorizado pelas entrevistadas mediante carta de Cessão Gratuita de Direitos de Depoimento Oral. Os resultados mostraram que as mulheres entrevistadas tiveram um total de 49 partos, em São Paulo, no período estudado. Nas décadas de 1940 a 1970 (1ª geração), ocorreram 22 partos normais, um fórcepe e duas cesarianas, enquanto que na década de 1980 (2ª geração), as mulheres tiveram 16 cesarianas, sete partos normais e um fórcepe. Até a década de 1960, o local do parto predominante foi o domicílio (16 partos, do total de 25) e as mulheres foram assistidas majoritariamente por parteiras (20 partos). A partir da década seguinte, todos os partos ocorreram no hospital. Na análise temática, foram identificados os temas: “A Experiência do Parto” (abordando a experiência na gravidez, parto e puerpério e a escolha do profissional) e “A Maternidade e seu Contexto” (abordando a contracepção, o planejamento e confirmação da gravidez, a amamentação, os cuidados com o bebê e as tarefas do lar). Os resultados indicaram uma demarcação geracional e temporal nos anos de 1970. A experiência das mulheres da 1ª geração ocorreu no contexto de transição do modelo assistencial, enquanto que as mulheres da 2ª geração experienciaram, a partir de 1980, a consolidação de um modelo de parto hospitalocêntrico. A década de 1980 representa um momento de inflexão dos elementos que compõem o modelo assistencial, como o tipo e o local do parto e o profissional que assiste a mulher, com incremento da tecnologia e das intervenções obstétricas.

PALAVRAS-CHAVE: Parto. História. Memória. Obstetrícia. Enfermagem Obstétrica.

Leister, N. Changes on childbirth model care: oral history of women who gave birth from 1940s to 1980s [dissertation]. São Paulo (SP), Brasil: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011.

ABSTRACT

In literature, there are numerous papers on the memories of professionals related to childbirth model care; however, maternal memories are scarce. The women's perspective is important because it represents the views and experience of those subjects to childbirth care throughout the history. This study aimed to understand the changes in the childbirth model care from the experience of women who gave birth in the State of São Paulo from 1940s to 1980s. A descriptive study was developed with a qualitative approach, using the method of thematic oral history. The colony consisted of 20 women who are mothers, grandmothers and great-grandmother of the first group of graduates of the Midwifery Course - School of Arts, Sciences and Humanities, *Universidade de São Paulo*. Data were collected through unstructured interviews, based on issues related to the experience of giving birth. A full transcription, textualization and transcripion of oral narratives were made. The final text was submitted to content analysis. The project was approved by the ethics committee and the use of narratives authorized by those interviewed who signed a letter of Oral Testimony Agreement Rights Transfer. The results showed that the women interviewed had a total of 49 births in São Paulo, during the period studied. In the decades from 1940 to 1970 (1st generation), there were 22 normal births, one forceps and two cesarean sections, whereas in the 1980s (2nd generation), 16 women had caesarean sections, seven normal births and one forceps. Until the 1960s, home was the predominant place of birth (16 births, out of 25) and the majority was assisted by midwives (20 births). From the next decade on, all births occurred in hospital facilities. Two themes were identified in the thematic analysis: "The Experience of Childbirth" (addressing the themes pregnancy and childbirth and the choice of the birth professional) and "Motherhood and its Context" (addressing contraception, planning and confirming pregnancy, breastfeeding, caring for the baby and housework). The result indicated a time and generational demarcation in the 1970s. Women's experiences of the 1st generation occurred in the context of the transitional childbirth model care while women from the 2nd generation experienced, in the 1980s, the consolidation of a hospital-centered birth model. The 1980s represent a turning point in the elements that compose the childbirth model care, such as the type and place of birth and the professional who assists the mother, with increasing advance in technology and obstetric interventions.

KEYWORDS: Childbirth. History. Memory. Obstetrics. Nurse Midwifery.

Leister, N. Transformaciones en el modelo de atención al parto: historia oral de mujeres que dieron a luz en las décadas de 1940 a 1980 [disertación]. São Paulo (SP), Brasil: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011.

RESUMEN

En la literatura existen numerosos trabajos sobre la memoria de los profesionales relacionada con la atención al parto; sin embargo, el registro de la memoria materna es escaso. La perspectiva de las mujeres es importante porque representa el punto de vista y la experiencia de los sujetos de atención a lo largo de la historia. Este estudio tuvo como objetivo comprender las transformaciones en el modelo de atención al parto desde la experiencia de las mujeres que dieron a luz en el Estado de São Paulo en la década de 1940 a 1980. Con este fin, se realizó un estudio descriptivo con enfoque cualitativo, utilizando el método de la historia oral temática. La colonia estaba compuesta por 20 mujeres que son madres, abuelas y bisabuelas de graduados del Curso de Obstetricia de la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas no estructuradas, con base en un guión de preguntas relacionadas con la experiencia del parto. Se realizó la transcripción completa, textualización y transcripción de los relatos orales. El texto final fue sometido al análisis de contenido. El proyecto fue aprobado por comité de ética y el uso de las narrativas fue autorizado por las entrevistadas, por Carta de Asignación Gratuita de Derechos de Narrativa Oral. Los resultados mostraron que las mujeres entrevistadas tuvieron un total de 49 partos en São Paulo, en el período estudiado. En las décadas de 1940 a 1970 (1ª generación), hubo 22 partos normales, un parto con fórceps y dos cesáreas, mientras que en la década de 1980 (2ª generación), las mujeres tuvieron 16 cesáreas, siete partos normales y un parto con fórceps. Hasta la década de 1960, el lugar predominante de nacimiento fue el hogar (16 partos, entre 25) y las mujeres fueron atendidas parteras, en su mayoría (20 partos). A partir de la década siguiente, todos los partos fueron en el hospital. En el análisis temático, los temas identificados fueron: "La experiencia del parto" (que trata de la experiencia del embarazo, parto y post-parto y la elección del profesional) y "La maternidad y su contexto" (que trata de la anticoncepción, planificación y confirmación del embarazo, la lactancia materna, el cuidado del bebé y las tareas del hogar). Los resultados indicaron una delimitación temporal y generacional en la década de 1970. La experiencia de las mujeres de la 1ª generación se produjo en un contexto de transición del modelo de atención, mientras que las mujeres de la 2ª generación experimentaron, a partir del 1980, la consolidación de un modelo de parto centrado en el hospital. La década de 1980 representa un punto de inflexión de los elementos que componen el modelo de atención, como el tipo y lugar del parto y el profesional que atiende a la mujer, con incremento de la tecnología y de las intervenciones obstétricas.

PALABRAS CLAVE: Parto. Historia. Memoria. Obstetricia. Enfermería obstétrica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	ORIGEM DO ESTUDO	10
1.2	MODELO DE ASSISTÊNCIA AO PARTO.....	11
1.3	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA DE SAÚDE NO BRASIL	19
2	OBJETIVO.....	22
3	MÉTODO	23
3.1	TIPO DE PESQUISA	23
3.1.1	História Oral Temática.....	23
3.2	COMUNIDADE DE DESTINO, COLÔNIA E ENTREVISTADAS.....	24
3.3	COLETA DE DADOS.....	25
3.3.1	Etapas da entrevista.....	25
3.3.1.1	Pré-entrevista	26
3.3.1.2	Entrevista	28
3.3.1.3	Pós-entrevista.....	29
3.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	30
3.4.1	Pré-análise	30
3.4.2	Exploração do material	31
3.4.3	Tratamento dos resultados obtidos e interpretação	31
3.5	ASPECTOS ÉTICOS.....	32
4	RESULTADOS	33
4.1	CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS	33
4.1.1	Caracterização sócio-demográfica	36
4.2	TEMAS E SUBTEMAS EXTRAÍDOS DAS NARRATIVAS.....	39
4.2.1	A Experiência do parto.....	39
4.2.1.1	Gravidez, consultas e exames no pré-natal	39
4.2.1.2	Escolha do profissional	47
4.2.1.3	Parto	50
4.2.1.4	Puerpério, consultas e exames	62
4.2.2	A maternidade e seu contexto	69

4.2.2.1	Planejamento da gravidez e contracepção	69
4.2.2.2	Confirmação da gravidez	72
4.2.2.3	Amamentação	75
4.2.2.4	Cuidados com o bebê e tarefas do lar	80
5	DISCUSSÃO.....	85
5.1	A EXPERIÊNCIA DO PARTO.....	86
5.2	A MATERNIDADE E SEU CONTEXTO.....	98
6	CONCLUSÃO	101
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS.....	103
	APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	107
	APÊNDICE 2 – ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....	108
	APÊNDICE 3 – FICHAS CATALOGráfICAS.....	154
	APÊNDICE 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	
	ESCLARECIDO	170
	APÊNDICE 5 – CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE	
	DEPOIMENTO ORAL	171
	ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA	
	ESCOLA DE ENFERMAGEM DA	
	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	172

1 INTRODUÇÃO

1.1 ORIGEM DO ESTUDO

Este estudo integra o projeto “Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)”. Em andamento desde 2006, o projeto está vinculado ao Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), sob a coordenação técnica das pesquisadoras Prof^ª. Dr^ª. Maria Luiza Gonzalez Riesco, Prof^ª. Dr^ª. Maria Alice Tsunechiro, Dr^ª. Maria Lucia Mott e Dr^ª. Olga Sofia Febergé Alves. O objetivo geral desse projeto é produzir e disponibilizar fontes relativas a parteiras, obstetrizes e enfermeiras obstétricas e ao atendimento ao parto na cidade de São Paulo, no período de 1930 a 1980.

Até o momento, os resultados produzidos consistem em narrativas e material iconográfico de parteiras, obstetrizes e enfermeiras obstétricas, na documentação da Escola de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade São Paulo e no acervo documental e iconográfico do Serviço Obstétrico Domiciliar (SOD).

Alocado no site da EEUSP, com a denominação de “Lembranças do Nascimento: atendimento ao parto em São Paulo (1930-1980)”*, o acervo possui o seguinte conteúdo:

- **Catálogo de Depoimentos:** entrevistas realizadas com obstetrizes, parteiras, enfermeiras obstétricas, familiares e mulheres atendidas por essas profissionais, acompanhadas da biografia e sumário da entrevista. Contém as seguintes coleções: “Memória da Assistência ao Parto”; “História Oral de Enfermeiras Obstétricas e Obstetrizes”; “Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica”;
- **Coleção Serviço Obstétrico Domiciliar:** recortes de jornais sobre o serviço;

* <http://www.ee.usp.br/departamento/enp/parteiras/index.php>

- **Bibliografia comentada sobre parteiras e assistência ao parto no Brasil;**
- **Links de Interesse.**

A coleção “Memória da Assistência ao Parto” foi iniciada em 1999, inserida no projeto de Pós-Doutorado da pesquisadora Maria Lucia Mott, sob supervisão da Prof^ª. Dr^ª. Maria Alice Tsunechiro, na EEUSP. As coleções “História Oral de Enfermeiras Obstétricas e Obstetrizes” e “Formação da Obstetriz e Enfermeira Obstétrica” foram realizadas entre 2000 e 2005, como parte das atividades discentes do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da EEUSP. As três coleções reúnem 33 entrevistas com obstetrizes e enfermeiras obstétricas, uma com familiares de obstetriz e uma com mulher atendida por parteira, além de documentos e imagens.

Observa-se, no estudo acima descrito, a possibilidade de incluir narrativas de não profissionais. Na literatura nacional, constata-se falta de trabalhos que permitam mostrar a opinião e a experiência de mulheres sobre a assistência ao parto ao longo da história. Por isso, propôs-se esta pesquisa, que recolheu narrativas de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980. Essas narrativas serviram de base para compreender as transformações da assistência ao parto no período estudado e podem complementar a memória da assistência ao parto sob a perspectiva das mulheres.

A partir dos pressupostos de que o modelo de assistência ao parto reflete, de alguma forma, o contexto social mais amplo em que ocorrem as relações humanas (relações familiares, de gênero, de trabalho) e de que a experiência das mulheres no parto é importante para compreender as transformações no modelo assistencial, o presente estudo pode contribuir para a história da assistência ao parto no Estado de São Paulo, além de ampliar o acervo do *site* acima referido, com a criação da coleção de narrativas sobre a experiência das mulheres no cuidado recebido no período gravídico.

1.2 MODELO DE ASSISTÊNCIA AO PARTO

No final do século XIX, a maioria dos partos era atendida no domicílio por parteiras leigas ou, excepcionalmente, por diplomadas. Esse momento foi durante muito tempo uma vivência exclusivamente feminina, uma intensa experiência

corporal e emocional. Dar à luz fora de casa era anormal, apavorante e acontecia apenas em casos extremos. O médico era chamado somente em casos complicados, quando a parteira não conseguia resolver o problema. Obstáculos de ordem moral impediam a entrada de homens no domicílio da parturiente e sua presença significava que algo de ruim estava para acontecer (Osava, 1997; Mott, 2002b).

Em partos complicados, apenas as mulheres pobres, indigentes, prostitutas e mães solteiras recorriam às Santas Casas. Nesses estabelecimentos, o atendimento era prestado por cirurgiões, as acomodações eram precárias e as infecções e mortes frequentes. Raramente havia enfermarias para parturientes; portanto, mãe e filho ficavam ao lado de mulheres doentes (Mott, 2002b).

Social e economicamente mais acessível que o médico, a parteira tinha a vantagem de ajudar com as tarefas domésticas, substituindo ou auxiliando a mulher por um algum tempo após o parto (Osava, 1997). Estas atendiam em domicílio ou recebiam as parturientes em suas casas. Com o passar dos anos, essa forma de atendimento se ampliou e os locais de atendimento das parteiras passaram a ser conhecidos como “casas de maternidade”. Nelas, eram atendidas escravas, negras e mulheres que eram impedidas de dar à luz em casa, como as solteiras e viúvas. Também os médicos abriram casas de saúde com quartos particulares e enfermarias para o atendimento de escravas; no entanto, quem prestava o atendimento a elas eram as parteiras (Mott, 2002b).

Nessa época, o ambiente hospitalar não constituía um lugar seguro para a mulher dar à luz. Embora houvesse riscos para a mãe e para o bebê no atendimento feito pelas parteiras, esses não eram maiores que no atendimento oferecido pelos médicos no hospital (Osava, 1997). Na Inglaterra, em 1878, a chance de morrer no parto aumentava em seis vezes, entre as mulheres atendidas nas maternidades, principalmente devido à febre puerperal. O médico Semmelweis em um hospital em Viena na década de 1840 observou que muitas mulheres morriam após apresentarem uma forte febre no pós-parto. Ele percebeu que elas eram examinadas pelos mesmos médicos que realizavam autópsias e não lavavam as mãos após estes procedimentos. Mediante a exigência de que todos lavassem as mãos antes de examinarem as mulheres, diminuiu-se drasticamente em menos de seis meses, de 18% para 3%, a morte por infecção puerperal (De Costa, 2002).

No Brasil, até então não existiam maternidades e a idéia da criação desses estabelecimentos está ligada aos cursos para a formação de parteiras, com início em 1832 (Jorge, 1975). No entanto, apenas em 1884 foram instalados leitos obstétricos na Santa Casa, no Rio de Janeiro, para atendimento de escravas e mulheres pobres e treinamento de parteiras e médicos. Na cidade de São Paulo, dez anos depois, foi fundada a Maternidade São Paulo, para prestar assistência também a mulheres pobres, que não tinham onde dar à luz. Os partos normais eram realizados por parteiras e os complicados, por médicos (Mott, 2002b).

Em um contexto histórico, durante esse período, a riqueza e o poder de um país estavam relacionados ao número de habitantes. Sendo assim, era importante o nascimento de muitas crianças vivas e saudáveis. A vida da criança e a puericultura intra e extra-uterina passaram a ser valorizadas e a introdução gradativa e plena do médico no parto, como aquele capaz de salvar a vida do bebê, foi favorecida. Paralelamente, as descobertas sobre os micróbios patogênicos, seu controle e a transmissão das doenças tornaram o hospital mais seguro pela redução do risco de infecção. O parto hospitalar foi sendo promovido e as maternidades estavam deixando de ser perigosas para dar à luz.

No entanto, o médico ainda não recomendava que as mulheres das camadas mais privilegiadas fossem ao hospital. Essa alternativa era apenas para as mulheres que não possuíam condições mínimas de higiene e conforto para a realização de um parto, para aquelas que precisavam de repouso durante a gravidez ou para aquelas que não precisavam manter a gravidez em segredo.

Em São Paulo, em 1930, 85% das mulheres eram atendidas por curiosas, 10% por parteiras diplomadas, e 5% em hospitais e maternidades. Antes mesmo desse período, o parto domiciliar começou a ser considerado trabalhoso. A família deveria providenciar uma enfermeira ou parteira para auxiliar o médico, pois ele não estava disponível para acompanhar todo o trabalho de parto e para realizar atividades na casa, que eram mais bem desempenhadas por uma mulher. Além disso, a casa deveria ter água encanada e banheiro próximo ao quarto, que deveria ser amplo, sem móveis que impedissem a circulação, com cama de solteiro e mesa para os instrumentos. Ou seja, o hospital estava praticamente sendo transportado para a casa. Por essa descrição, pode-se imaginar a dificuldade e os problemas que havia nas

residências de parturientes das camadas menos favorecidas, tornando o parto domiciliar quase que impossível para elas.

Embora as primeiras informações sobre os óbitos infantis tenham sido disponibilizadas em 1930 (Victora et al., 2011), desde o final do século anterior, médicos puericultores acusavam o descaso das autoridades públicas com a infância e a maternidade pobres e as altas taxas de mortalidade nesse grupo. Esses especialistas passaram, então, a produzir e difundir textos e manuais de puericultura, além de uma série de documentos em defesa da implementação de políticas de saúde materno-infantil. A partir da década de 1930, passam também a integrar as estruturas responsáveis pela elaboração, implementação e fiscalização das referidas políticas, que previam a ampliação de leitos obstétricos em hospitais e maternidades (Martins, 2008).

Assim, entre 1930 e 1940 houve um aumento considerável de 14 hospitais no Rio de Janeiro. Já em São Paulo, o crescimento dos partos hospitalares foi de 5% para 29,5%, enquanto que os nascimentos em domicílio sofreram uma queda de 25% em 15 anos (1930-1945). A natimortalidade, no entanto, foi maior nos partos hospitalares (Mott, 2002b).

A partir da década de 1940, o atendimento aos partos distócicos e intervenções no domicílio passaram a ser recriminados e as internações sistemáticas das mulheres no hospital foram mais enfaticamente recomendadas. Outro motivo para a internação era a presença de enfermeiras nas maternidades, que prestavam cuidados e ensinavam puericultura às mães.

Porém, considerando a falta de leitos nas maternidades para atendimento das mulheres pobres, aliada à recusa da parturiente em dar à luz no hospital pela impossibilidade de deixar a família, ao atendimento por parteiras curiosas e à prática do aborto clandestino, os médicos passaram a defender a organização de um serviço de atendimento domiciliar a essa parcela da população. A justificativa para a existência desse serviço era a impossibilidade de que todas elas fossem atendidas pelas maternidades mantidas pelo Estado ou por instituições particulares, pois haveria sobrecarga dos serviços, aumentaria a exigência de leitos e despesas e, conseqüentemente, haveria problemas de orçamento.

Mott (2002b) apresenta detalhadamente os resultados deste serviço, proposto desde o início do século XX, mas implantado após 1940. O serviço era vinculado a

um hospital ou uma clínica pré-natal, que fazia a triagem das parturientes e as direcionava para o atendimento domiciliar; se as condições do domicílio fossem propícias, o atendimento era feito com os materiais do hospital; caso não, a parturiente era transferida para a maternidade. Intervenções, como episiotomia e fórcepe, eram realizadas em domicílio e o parto era atendido por médico, parteira diplomada ou estudantes, ampliando assim os campos de estágio para futuros profissionais. O serviço era gratuito e seu principal intuito era combater a prática de parteiras leigas.

Os índices de mortalidade materna, natimortalidade e infecção puerperal foram favoráveis, mas o número de partos operatórios foi grande: entre 1947 e 1954, em Salvador (BA), foram 13,1%, com 8% de fórcepes. Este fato se deve ao número elevado de pacientes que recorreram ao serviço em último caso e à indicação do fórcepe por demora no período expulsivo. Quanto aos custos, foram bem menores do que se gastaria na maternidade com a internação da parturiente.

Como a assistência obstétrica domiciliar era um serviço alternativo, foi encerrado devido à crescente hospitalização do parto. As parteiras que faziam o atendimento foram incorporadas pelos estabelecimentos para trabalhar junto aos médicos, repassando suas parturientes em caso de distocia. Apesar dos médicos serem a favor das mulheres darem à luz no hospital, a opinião das mulheres não era unânime. Foi um processo gradativo de aceitação, pois elas ainda preferiam ser assistidas por uma mulher a um homem. Além disso, a situação dos hospitais não estava de acordo com aquelas preconizadas; os estabelecimentos eram precários, as mulheres ficavam sem atendimento por falta de leitos, eram mal atendidas e sofriam intervenções cirúrgicas desnecessárias.

Em 1946, no Rio de Janeiro, existiam 38 maternidades e poucas delas tinham sido construídas com esta finalidade. As instalações eram precárias e nem todas tinham sala de parto; o serviço pré-natal era escasso; as enfermarias e berçários estavam sempre lotados; a triagem e o serviço de transfusão funcionavam inadequadamente e faltavam recursos para cuidar de bebês prematuros. Apesar de proibido, o número de parteiras e enfermeiras leigas no serviço era grande, as causas de morte eram duvidosas, não havia leitos suficientes para mulheres pobres e algumas chegavam a dividir as camas; para cada 20 mil mulheres atendidas, quase o dobro, 36 mil, ficavam sem atendimento.

O fenômeno da hospitalização do parto é universal e nos países desenvolvidos do Ocidente foi mais precoce. Em países como os Estados Unidos, Inglaterra, França, Noruega e Suécia, a transição do parto domiciliar para o hospitalar se deu no início do século XX, no período entre guerras, enquanto que no Brasil, o parto hospitalar passou a ser rotineiro somente após a década de 1960 (Martins, 2005b).

Dados da Inglaterra e País de Gales mostram que, em 1927, apenas 15% das mulheres davam à luz em instituições de saúde. Com a criação do *National Health Service*, em 1948, os britânicos passaram a ser cuidados por médicos ou enfermeiras, em suas casas ou nos hospitais. Em 1958, apenas 0,6% das mulheres não tinham cuidado pré-natal e os partos hospitalares aumentaram progressivamente, de 54%, em 1946, até 95,6%, em 1974. As taxas de cesariana mantiveram índices entre 2,7%, em 1958, e 4,5%, em 1970. Quanto à participação de parteiras diplomadas, em 1946, 71,3% dos partos foram assistidos por parteiras (*midwives*) ou estudantes de obstetrícia (*pupil midwife*), aumentando para 75,1%, em 1970. Por sua vez, a Holanda, país europeu altamente desenvolvido, é conhecida pela preservação de taxas de parto domiciliar, apesar da redução significativa no século XX (74%, em 1958, e 47%, em 1975) (Kitzinger, Davis, 1978).

No Brasil, o parto no hospital passou a predominar, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, com a crescente expansão da assistência hospitalar. O número de leitos de ginecologia e obstetrícia no Estado de São Paulo, que era de 2011, em 1949, aumentou mais de 90%, em 1954; oito anos depois, o aumento foi de 63%, com os leitos particulares representando 87% do total. Entre 1949 e 1971, houve incremento de 315% de leitos de maternidade no Estado. Com relação à população paulista no período estudado, em 1940, era aproximadamente sete milhões de habitantes, passando a 31 milhões, em 1991, dos quais, 31% residiam na capital (IBGE, 1971). Outro dado que reflete as profundas transformações demográficas na sociedade brasileira é a redução das taxas de fecundidade de 6,3 para 1,8 filhos por mulher, em 1970 e 2006, respectivamente (Victora et al., 2011).

Outro fator que acelerou a passagem do parto do domicílio para o hospital e o atendimento feito por parteiras em São Paulo foi a criação, em 1967, do INPS – Instituto Nacional de Previdência Social – que unificou os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAP). Entre 1968 e os primeiros anos de funcionamento

do INPS, houve um aumento de 22% de partos hospitalares, de 54% para 76%. Pode-se então dizer que o modelo oficial de assistência ao parto que conhecemos hoje estava pronto e começou a ser aplicado nos anos de 1970 (Mott, 2004a). Em 1994, após a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), 98% dos partos no Estado de São Paulo foram hospitalares (Brasil, 2009b). Segundo Lago e Lima (2009), os dados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) apontam que, em 2006, no Brasil 98,4% dos partos eram realizados em hospitais e na região Sudeste, 99,9%.

Segundo Mott (2004a), em 1973, foi elaborado um relatório, contendo as diretrizes gerais para a Política Estadual de Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde Materno-Infantil em São Paulo. O texto traz dados importantes, mostrando que apesar da ampliação do número de partos hospitalares atendidos com a criação do INPS, não houve as vantagens que se esperava, havendo um aumento da taxa de cesarianas e de mortalidade materna e perinatal. Dentre as causas apontadas, destacam-se falhas dos hospitais conveniados com o INPS, pois as instituições nem sempre eram bem equipadas de pessoal e material para propiciar um atendimento de qualidade e os médicos foram frequentemente considerados despreparados. Apesar disso, os autores do relatório contra-indicam o parto domiciliar, pois esta assistência “estará sempre envolvida de riscos potenciais a que não escapam os organismos materno e fetal [...] na vigência de déficit de leitos-maternidade, recomenda-se o parto hospitalar seguido de alta precoce”.

Os temas de saúde materna estavam poucos presentes na agenda de saúde do Brasil até o final dos anos de 1970, mas a partir de 1980 foram formuladas políticas e programas de saúde para as mulheres. O principal programa do Ministério da Saúde (MS) foi o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), de 1984, considerando que uma série de agravos à saúde da mulher foram sistematicamente negligenciados em função da priorização exclusiva à assistência no período pré-natal e no parto. Mesmo assim, para o PAISM, a questão da saúde reprodutiva e, mais especificamente, a assistência à mulher durante o parto constituíam um ponto crítico. Os principais pontos críticos da saúde reprodutiva eram a baixa cobertura da assistência pré-natal e a alta mortalidade materna, a elevação progressiva das taxas de cesariana e a não disponibilização de métodos contraceptivos seguros (Riesco, 1999; Victora et al., 2011).

De acordo com o Anuário Estatístico Brasileiro, em 1976, 28,4% dos partos no Estado de São Paulo eram atendidos pelo INPS e Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural). Em 1979, essa taxa era de 36% (IBGE, 1979). Nesse período, médicos e hospitais de seguridade social recebiam mais pelo parto cirúrgico do que pelo parto vaginal, o que acarretou em uma das origens da epidemia de cesarianas. Para parar a tendência de aumento à escolha por esse parto, em 1980, todos os partos passaram a receber igual forma de pagamento. Porém, essa taxa continuou subindo e, em 1992, 40,5% dos partos no Estado atendidos na rede do SUS correspondiam a cesarianas (Brasil, s.d.).

No âmbito específico, o modelo de assistência ao parto constitui-se de elementos próprios, como o ambiente de atendimento, os profissionais responsáveis por este atendimento e o conjunto de práticas e procedimentos realizados na assistência. No âmbito geral, está inserido no sistema de saúde local e nacional, definido por princípios, políticas e programas, pela rede de serviços e cobertura assistencial e pela participação dos usuários mediante suas necessidades e demandas.

Considerando ainda que as mulheres e famílias atendidas na gestação e no parto são os sujeitos da assistência, sua experiência neste processo deve ser incluída como um elemento essencial na análise do modelo de assistência. É por meio da subjetividade e da voz destes sujeitos que a dimensão psicossocial e cultural do parto, como um evento vital, pode ser mais bem conhecida.

Em nosso meio, diversos estudos tomam como objeto de investigação a experiência das mulheres no parto, abordada sob diferentes aspectos. Dentre os referenciais teórico-metodológicos mais utilizados na Enfermagem estão a fenomenologia, a etnografia e a teoria fundamentada nos dados; em outras áreas do conhecimento, este espectro se amplia, incluindo a história e a psicologia. Estas diferentes abordagens contribuem para uma visão multidimensional da assistência ao parto e sua relação com as concepções de saúde, doença, nascimento, vida, morte e com os valores humanos de uma determinada época.

Assim, os elementos apresentados neste panorama introdutório das principais transformações no modelo de assistência ao parto, entre o final do século XIX e meados do século XX, no Brasil, servirão de referencial para este estudo sobre a assistência ao parto entre as décadas de 1940 e 1980.

1.3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA DE SAÚDE NO BRASIL

O século XX foi inaugurado sob o regime político da República Velha (1930) com dois grandes desafios no campo da saúde: enfrentar as doenças epidêmicas e implementar medidas sanitárias para o seu combate. Nesse período, o sistema de saúde organizou-se exclusivamente em uma Diretoria Geral de Saúde Pública responsável pelas campanhas sanitárias. Paralelamente, o sistema previdenciário estava organizado em Caixas de Aposentadoria e Pensão vinculadas aos trabalhadores. No entanto, ações do governo dirigidas à infância e a maternidade passaram a ser propostas somente entre os anos de 1920 e 1930 (Mandú, 2002).

Após as três primeiras décadas, as principais mudanças na política e na economia foram a instalação do governo ditatorial de Getúlio Vargas (1930-1945) e o início da industrialização. No âmbito da saúde, persistiram os mesmos problemas das décadas passadas, aliados a uma demanda crescente por atendimento médico-hospitalar para a população em geral e, em especial, para as classes trabalhadoras recrutadas para a indústria emergente. Do ponto de vista organizacional, o governo criou os Ministérios da Educação e Saúde Pública e do Trabalho, Indústria e Comércio e prosseguiram as campanhas de saúde pública. As Caixas de Aposentadoria e Pensão existentes foram transformadas em IAP e a previdência social foi estendida à maior parte dos trabalhadores urbanos (Paim et al., 2011).

Entre meados das décadas de 1945 e 1960, com o amparo de governos liberais e populistas, o contexto macro e sócio-econômico seguiu o modelo de substituição de importações, advento da indústria automobilística e penetração do capital internacional, com rápida urbanização e migração populacional. No campo sanitário emergiram as chamadas “doenças modernas” – doenças crônico-degenerativas e acidentes de trabalho e de trânsito. No sistema de saúde, ampliou-se a assistência hospitalar, surgiram as empresas de saúde e foi criado o MS.

Vale notar que na primeira metade do século XX, a atenção à maternidade foi organizada e apoiada em função da saúde infantil e só a partir de então foi incorporada como objeto de políticas específicas e prioritárias (Mandú, 2002).

Com a Ditadura Militar, nos 20 anos seguintes, grandes transformações políticas e econômicas marcaram a sociedade brasileira. No campo econômico, houve uma grande abertura para a penetração do capital estrangeiro e a expansão do capitalismo de maneira geral. No campo da saúde, permaneceram os mesmos problemas endêmicos das décadas passadas; ao perfil epidemiológico da população brasileira aliaram-se as doenças infecto-contagiosas e parasitárias e a morbidade pelas doenças crônico-degenerativas (Paim et al., 2011).

Em 1966, os sistemas de saúde e previdência social foram reorganizados com a unificação dos IAP em um único instituto, o INPS, desdobrado com a criação do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), que passou a responsabilizar-se pela assistência médica dos previdenciários. Este foi um contexto favorável à capitalização da medicina pela Previdência Social que beneficia o setor de saúde privado e aprofunda a dicotomia entre a medicina curativa e preventiva.

Nesse período, acentuou-se o crescimento demográfico com uma pirâmide populacional de base muito larga, ou seja, o Brasil foi amplamente povoado por crianças e jovens com ajuda de políticas natalistas que visavam ocupar estrategicamente todo o território como uma política de segurança nacional.

Na década de 1970, aumentou a urbanização no país, diminuíram as taxas de fecundidade e o sistema de saúde operava com três componentes: privado, seguridade social para empregados regulares e atenção do MS em instituições de caridade para os mais pobres. Foram disponibilizados recursos federais para reformar e construir hospitais privados e a oferta da atenção à saúde foi estendida aos sindicatos e às instituições filantrópicas que passaram a oferecer assistência à saúde dos trabalhadores rurais (Victora et al., 2011).

Ainda nesta década, o MS reformulou a política materno-infantil, oficializando-a através do Programa Materno-Infantil (PMI). Neste programa, passam a ser formalizadas ações de assistência à gravidez, parto, puerpério, estímulo à amamentação e contracepção (Mandú, 2002).

A cobertura da previdência social e o mercado de saúde baseado em pagamentos a prestadores de serviços privados geraram uma crise de financiamento no setor, que associada à recessão econômica de 1980, alimentou o desejo por uma reforma sanitária no Brasil (Victora et al., 2011).

Nas décadas seguintes ocorrem profundas mudanças como resultado de movimentos sociais e políticos que possibilitaram uma transição democrática no final da década de 1980, com a ampla democratização do país a partir dos anos 1990. No plano econômico, após sucessivas crises, o país atinge estabilidade ampliando a renda da população mais pobre, mas mantendo desigualdades socioeconômicas (Paim et al., 2011).

Em 1986, a 8ª Conferência Nacional de Saúde aprovou o conceito de saúde como um direito do cidadão, delineando os fundamentos do SUS – universalidade, equidade, integralidade e controle social – e as mudanças administrativas com relação à coordenação, integração e transferência de recursos entre as instituições de saúde federais, estaduais e municipais estabeleceram alicerces para sua construção, em 1988 (Paim et al., 2011; Victora et al., 2011).

Nesse período, registra-se uma redução significativa nos índices de mortalidade infantil e de doenças preveníveis por imunização. Em 1940, o Brasil registrava 150 óbitos infantis por 1.000 nv, que reduziu para 115 e 27,4 em 1970 e 2000, respectivamente (IBGE, 1999). Por sua vez, a razão de mortalidade materna não apresentou o mesmo declínio no país, cujos índices estão estabilizados em torno de 50/100.000 nv há mais de 30 anos no Estado de São Paulo (Siqueira et al., 1984; Brasil, 2009a).

Os atuais desafios do SUS na saúde materna e infantil visam reverter as tendências de excessos de medicalização no parto; melhorar a qualidade da atenção, já que o acesso ao cuidado de pré-natal e à assistência ao parto é quase universal; e integrar a atenção pré-natal e parto (Paim et al., 2011).

2 OBJETIVO

Compreender as transformações no modelo de assistência ao parto a partir da experiência de mulheres que deram à luz no Estado de São Paulo nas décadas de 1940 a 1980.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Estudo do tipo descritivo, com abordagem qualitativa, que tomou como base o método da História Oral (HO) na vertente Temática, considerando que trata de experiências de vida no contexto histórico da assistência ao parto.

3.1.1 História Oral Temática

A HO Temática ocupa-se em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, estruturas sociais e processos históricos obtidos através de conversas e relatos orais. Os sujeitos, ao focalizarem suas lembranças pessoais, oferecem elementos para uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela importância em suas vidas (Cassab, 2003).

Pelo seu caráter específico, a HO Temática tem características diferentes da HO de Vida, pois detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam quando revelam aspectos úteis para o tema da pesquisa (Cassab, 2003; Meihy, 2005).

Na HO, a coleta dos dados orais é realizada por meio da entrevista, uma conversa entre narrador e pesquisador. Seus produtos, as narrativas orais, constituem a principal fonte de pesquisa, pois contém o relato e a experiência de vida em que o narrador presta testemunho sobre uma determinada situação, a qual, neste estudo, foi a da parturição.

Por partir de um assunto específico e previamente estabelecido, a HO Temática possibilita ao pesquisador o esclarecimento sobre um evento definido. Ao mesmo tempo em que busca a verdade de quem vivenciou ou presenciou um acontecimento, o pesquisador pode confrontar e contestar esta perspectiva com fontes escritas.

3.2 COMUNIDADE DE DESTINO, COLÔNIA E ENTREVISTADAS

As mulheres que tiveram filhos no Estado de São Paulo, entre 1940 e 1989 foram consideradas a comunidade de destino do estudo. Esta pode ser conceituada pela base material (em geral, refere-se ao recorte especial ou temporal, vinculado a situações compartilhadas pelas pessoas) ou pela base psicológica, de gênero ou de orientação política, cultural ou sexual (Meihy, Holanda, 2007). Nesta pesquisa, o período histórico estudado e a localização podem ser considerados a base material da comunidade de destino. Por sua vez, a experiência do parto, por seu caráter psicossocial e cultural, constitui a outra base.

Conforme os autores, colônia é uma fração da comunidade de destino, que possibilita a organização e operacionalização do estudo. Neste caso, foram mães, avós ou bisavós de obstetrizas egressos da primeira turma do Curso de Graduação em Obstetrícia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Fizeram parte desta pesquisa 20 mulheres (uma bisavó, sete avós e 12 mães), que deram à luz pelo menos uma vez no período e local anteriormente referidos.

O método recomenda que a colônia seja segmentada em uma ou mais redes. Cada rede origina-se a partir de um determinado indivíduo (denominado ponto zero), que é primeiramente entrevistado e indica novas pessoas para serem entrevistadas. Segundo Meihy e Holanda (2007), “A vantagem dessa estratégia é que por ela monta-se a rede de acordo com o argumento dos entrevistados e não dos diretores do projeto. Com isso, se fortalece a razão do grupo”. Esta estratégia para constituir a rede não foi adotada, porém pode-se considerar que as mulheres entrevistadas constituem um segmento com feições singulares, porém plurais, da colônia definida para o estudo, conforme recomenda.

Segundo Ruquoy (1997), nos estudos qualitativos, interroga-se um número limitado de pessoas; os indivíduos não são escolhidos em função da importância numérica da categoria que representam, mas devido ao seu caráter exemplar. A questão da representatividade, no sentido estatístico do termo, não se aplica nesse tipo de pesquisa.

O critério para definir o número de mulheres entrevistadas foi o reconhecimento de que as novas informações confirmavam as anteriores, tornando-se repetitivas e suficientes para a coerência da análise.

3.3 COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados no período de 9 agosto de 2010 a 17 de janeiro de 2011. A coleta foi feita por meio de entrevista gravada, com base em um roteiro (Apêndice 1), que serviu para orientar e direcionar a temática relativa à experiência de dar à luz.

Não foi estabelecido um roteiro rígido e único a ser seguido em todas as entrevistas, pois em cada uma novas informações e conhecimentos foram acrescentados. Foi um processo acumulativo, que resultou da escuta atenta e da reflexão sobre as informações que foram sendo coletadas e que implicaram em novos questionamentos nas entrevistas subsequentes.

Após a coleta, as narrativas orais foram transcritas e, na análise, realizou-se um fichamento detalhado dos relatos obtidos. Na HO, a entrevista é uma das técnicas, a principal, mas não a única, de coleta de dados; quanto mais informações se têm previamente sobre o tema da pesquisa, mais interessantes e profundas as questões poderão ser e as respostas darão melhor base para o pesquisador esclarecer sua opinião e questionamentos sobre o assunto pesquisado (Meihsy, 2005).

3.3.1 Etapas da entrevista

Seguindo o método da HO, a entrevista se dividiu em três etapas.

3.3.1.1 Pré-entrevista

Consistiu na preparação do encontro em que se deu a gravação. A pessoa que foi entrevistada conheceu o projeto e o porquê de sua participação. Sendo assim, inicialmente, foi feito um contato, pessoal ou por telefone, com a(o) obstetriz, egressa(o) do referido Curso, para identificar a elegibilidade de sua mãe, avó ou bisavó para participar do estudo, caso elas tenham tido um parto no local e período definidos. A elegibilidade dependeu, ainda, da informação da(o) obstetriz contatada(o) sobre as condições da participante em relatar fatos do passado. Para cada mulher elegível, foi avaliada a possibilidade de acesso da pesquisadora, considerando o local de residência na capital ou interior. As mulheres que atenderam aos critérios acima definidos foram contatadas pela pesquisadora para conhecer sua disponibilidade e foi então, solicitada sua participação no estudo.

Todos os contatos foram feitos primeiramente com as obstetrizes. Das 17 contatadas, 12 tiveram sua mãe, avó ou bisavó entrevistada. Das outras cinco, duas não retornaram o contato após a solicitação e não atenderam as demais ligações; duas responderam que a mãe não gostaria de dar a entrevista; uma alegou não ter consultado a mãe sobre a participação no estudo.

A seguir estão descritos como se estabeleceram os contatos com a(o) obstetriz, filha(o), neta(o), bisneta(o) de cada entrevistada.

Antonieta e Marisol: O contato foi feito em 27 de setembro de 2010 e as entrevistas marcadas para 1 de outubro de 2010, às 14h e 15h.

Joana e Valdinéia: O contato foi feito em 7 de janeiro de 2011 e as entrevistas marcadas para 10 de janeiro. No dia 8 de janeiro, a egressa ligou pedindo para remarcar a entrevista para 16 de janeiro às 15h e 17h.

Anézia e Vera Lúcia M.: O contato foi feito em 13 de dezembro de 2010 e as entrevistas marcadas para 19 de dezembro, às 14h e 16h.

Hermínia e Vera Lúcia S.: O contato foi feito em 21 de dezembro de 2010 e a egressa pediu que retornasse a ligação em 1 de janeiro de 2011 porque estava viajando. Em 3 de janeiro, pela internet, foi marcada a entrevista para 7 de janeiro, às 14h e 15h.

Cleusa: O contato foi feito em 3 de agosto de 2010 e a entrevista marcada para 20 de agosto, às 15h.

M. de Jesus e Conceição: O contato foi feito em 13 de janeiro de 2011 e as entrevistas marcadas para o dia 15 de janeiro, à noite, e dia 16, às 10h. Foi realizada a entrevista com a mãe e dormi em sua casa. No dia seguinte, foi realizada a entrevista com a avó.

Ignêz e Sheila: O contato foi feito em 21 de dezembro de 2010, mas quem atendeu a ligação foi a irmã, que informou que ela havia mudado o número de contato. Foi feita uma nova ligação, mas sem resposta, então foi mandado um e-mail no mesmo dia e no dia seguinte ela respondeu que conversaria com sua mãe e avó e retornaria. Em 5 de janeiro de 2011, ligou e informou que havia se esquecido de consultar a mãe e a avó sobre a entrevista, mas que conversaria com ambas e entraria em contato novamente. Foi feita uma ligação em 6 de janeiro e ela pediu que ligasse no dia seguinte. A ligação foi feita e as entrevistas foram marcadas para 10 de janeiro, às 18h e 19h.

M. de Lourdes e Carmen: O contato foi feito em 21 de dezembro de 2010. Pediu para que retornasse a ligação em 24 de dezembro porque estava viajando. Em 26 de dezembro foi feita uma comunicação pela internet e as entrevistas marcadas para o dia 29 de dezembro. No local e horário combinados, a avó não sabia que seria entrevistada e a mãe não se encontrava. Foi feito um novo contato e ela disse que havia me comunicado pela internet no dia anterior que teríamos que remarcar o encontro. Dia 3 de janeiro de 2011, a entrevista foi remarcada para o dia 5, às 14h e 15h.

Cristina: O contato foi feito em 7 de janeiro de 2011 e a entrevista marcada para 8 de janeiro. Cheguei à cidade ao meio dia e a entrevista foi realizada por volta das 15h.

M. das Graças: O contato foi feito em 21 de dezembro de 2010, mas não se obteve resposta via telefone. No dia seguinte, foi recebido um e-mail pedindo que ligasse novamente na primeira semana do mês de janeiro. Uma ligação foi feita em 7 de janeiro de 2011, mas sem resposta. Novo contato foi feito em 10 de janeiro e a entrevista marcada para 14 de janeiro, às 14h30.

Vilma: O contato foi feito em 3 de agosto de 2010 e a entrevista marcada para 9 de agosto, às 14h. No entanto, a entrevistada não se encontrava no local e hora marcados. Foi feita uma ligação e ela pediu desculpas pelo atraso. Depois de duas horas a entrevista foi realizada.

Sebastiana: O contato foi feito em 21 de dezembro de 2010 e a entrevista marcada para 17 de janeiro de 2011, às 14h.

Noeme: O contato foi feito em 17 de dezembro de 2010 e a entrevista marcada para 22 de dezembro, às 14h.

3.3.1.2 Entrevista

Foi feita de acordo com a conveniência da entrevistada, em local e data marcados (Quadro 1), com uso do gravador. O clima foi de solidariedade, aberto ao aconchego, à confiança e ao respeito. Tomou-se cuidado com a duração das entrevistas, considerando a disponibilidade e a atenção das entrevistadas. A duração das entrevistas variou de 10 minutos a 1h53.

O papel do entrevistador, numa ótica semidiretiva, foi seguir a linha de pensamento do entrevistado e ao mesmo tempo zelar pela pertinência das informações ao objetivo da pesquisa e pela instauração de um clima de confiança.

Sendo assim, a entrevista do presente estudo foi baseada em um roteiro, conforme mencionado anteriormente, o que permitiu que a entrevistada estruturasse seu pensamento em torno do objeto de estudo, eliminando diversas considerações para as quais a entrevistada se deixaria naturalmente arrastar (Ruquoy, 1997).

Quadro 1 – Nome das entrevistadas, local e data das entrevistas

Nome	Data da entrevista	Local da entrevista
Antonieta	1 de outubro de 2010	Domicílio – São Paulo
Joana	16 de janeiro de 2011	Domicílio – Cordeirópolis
Anézia	19 de dezembro de 2010	Domicílio – Santo André
Hermínia	7 de janeiro de 2011	Domicílio da filha – São Bernardo do Campo
Cleusa	20 de agosto de 2010	Domicílio – São Paulo
M. de Jesus	16 de janeiro de 2011	Domicílio – Piracicaba
Ignêz	10 de janeiro de 2011	Domicílio – São Paulo
M. de Lourdes	5 de janeiro de 2011	Domicílio – São Paulo
Cristina	8 de janeiro de 2011	Domicílio – Ribeirão Preto
M. das Graças	14 de janeiro de 2011	Domicílio – São Paulo
Vera Lúcia S.	7 de janeiro de 2011	Domicílio – São Bernardo do Campo
Vilma	9 de agosto de 2010	Domicílio – São Paulo
Sebastiana	17 de janeiro de 2011	Domicílio – São Paulo
Sheila	10 de janeiro de 2011	Domicílio – São Paulo
Carmen	5 de janeiro de 2011	Domicílio da ex-sogra – São Paulo
Vera Lúcia M.	19 de dezembro de 2010	Domicílio – Santo André
Conceição	15 de janeiro de 2011	Domicílio – Piracicaba
Valdinéia	16 de janeiro de 2011	Domicílio – Cordeirópolis
Noeme	22 de dezembro de 2010	EEUSP
Marisol	1 de outubro de 2010	Domicílio – São Paulo

3.3.1.3 Pós-entrevista

Composta pelos agradecimentos à entrevistada pela participação no estudo, transcrição, textualização e transcrição das entrevistas.

A transcrição das entrevistas é a passagem da gravação oral para o documento escrito. Conforme Meihy (2005), fazem parte desse processo, a textualização e a transcrição. A textualização consiste em eliminar as perguntas do texto, embutindo-as no contexto das respostas do entrevistado, pois a transcrição de palavra por palavra não corresponde à realidade da narrativa. O ideal é o pesquisador

conseguir passar para o papel o que o narrador quis dizer durante a articulação do seu raciocínio, preservando as palavras proferidas. A transcrição pode ou não ser realizada de acordo com a preferência do pesquisador, e consiste na recriação das respostas textualizadas, sem interferir em seu sentido e significado.

Neste estudo, quatro entrevistas foram transcritas integralmente pela pesquisadora. As demais foram transcritas por uma colaboradora e revistas pela pesquisadora previamente à textualização e transcrição.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Minayo (2008), as técnicas de análise de conteúdo visam “ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica ante a comunicação de documentos, textos literários, biografias, entrevistas e resultados de observação”. Na modalidade temática, a análise de conteúdo desdobra-se nas seguintes etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

3.4.1 Pré-análise

Constituiu-se em:

- Leitura flutuante das entrevistas integralmente transcritas com a finalidade de estabelecer um contato inicial e íntimo com o material;
- Constituição do *corpus*, para apreensão do conteúdo em sua totalidade, atendendo às normas de validade qualitativa: *exaustividade* (contemplar todos os aspectos do roteiro, que em algumas entrevistas não foi atendida devido a limitações da memória e ao respeito ao encadeamento das ideias da entrevistada ou à não retomada do assunto pela entrevistadora); *representatividade* (conter as características essenciais do universo pesquisado); *homogeneidade* (obedecer aos critérios de escolha relativos

aos temas tratados, técnicas empregadas e população estudada); e *pertinência* (contar com depoimentos e outros materiais adequados aos objetivos do trabalho);

- Transcrição, mediante a recriação das narrativas já textualizadas, priorizando a cronologia dos fatos e preservando seu sentido e significado originais. É essencial na HO de Vida e aplica-se com mais liberdade na HO Temática. Nesta vertente, o recorte da narrativa é aceitável considerando que o fragmento pode ter um sentido exato. (Meihsy, Holanda, 2007). As entrevistas transcritas são apresentadas no Apêndice 2.

3.4.2 Exploração do material

Fez-se mediante a leitura exaustiva das entrevistas transcritas para fazer a categorização dos dados, delimitando e codificando as falas, ordenando os dados em temas ou categorias empíricas. Ao organizar as narrativas transcritas em temas, alguns trechos foram retranscritos para favorecer sua compreensão na apresentação dos resultados.

3.4.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

É a análise e interpretação da historicidade, contexto e significados captados, mediante processo inferencial amparado nos temas e subtemas que emergiram do material e no quadro teórico apresentado na Introdução.

Por fim, foi elaborada a ficha catalográfica de cada depoimento (Apêndice 3), que constará na coleção sobre a experiência das mulheres no parto, a ser incorporada no site “Lembranças do Nascimento: atendimento ao parto em São Paulo (1930-1980)”.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

Em observância aos aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, o estudo foi submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP (Anexo1). Também, todas as participantes receberam informações sobre a pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 4) que esclarece sobre a liberdade de participação.

O uso do depoimento foi autorizado de acordo com os parâmetros definidos na carta de Cessão Gratuita de Direitos de Depoimento Oral (Apêndice 5). O primeiro nome das entrevistadas foi mantido mediante autorização.

4 RESULTADOS

Os resultados deste estudo referem-se aos dados das entrevistas de 20 mulheres que tiveram partos no período de 1940 a 1989. Esses resultados são apresentados nos seguintes itens: **Caracterização das entrevistadas** (Quadro 2) e **Temas e subtemas extraídos das narrativas** (Quadro 3). Para definir a sequência de apresentação das entrevistadas, foi considerada a ordem cronológica do primeiro parto de cada uma delas. A Figura 1 mostra o esquema de relação familiar das entrevistadas; considerando que as mulheres que deram à luz entre 1940 e 1968 são a **1ª geração**; as respectivas neta, filhas ou noras constituem a **2ª geração** e deram à luz entre 1981 e 1989.

* Não foram entrevistadas mulheres da geração anterior da família

Figura 1 - Esquema de relação familiar das entrevistadas

4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

O Quadro 2 mostra informações sobre a data de nascimento da entrevistada e sobre cada parto, considerando ano, cidade, local, tipo, profissional que assistiu, episiotomia, acompanhante no parto, controle pré-natal e amamentação dos filhos. Para completar os dados do Quadro 2, não informados durante a entrevista, foram feitas consultas posteriores às entrevistadas. A caracterização sócio-demográfica das entrevistadas é apresentada de forma descritiva.

Quadro 2 - Nome e ano de nascimento da entrevistada, ano, cidade, local e tipo do parto, profissional que assistiu, episiotomia e acompanhante no parto, controle pré-natal e amamentação dos filhos.

Nome	Nascimento	Partos	Cidade	Local	Tipo	Profissional	Episiotomia	Acompanhante	Pré-natal	Amamentação
Antonietta*	1917	1938	Monte Azul Paulista	Domicílio	normal	parteira	não	mãe	sim	8 meses
		1940	Monte Azul Paulista	Domicílio	normal	parteira	não	mãe	sim	8 meses
Joana	1932	1950	Rio Claro	Domicílio	normal	parteira	não	não lembra	não	5 meses
		1952	Limeira	Domicílio	normal	parteira	não	não lembra	não	2 anos
		1956	Americana	Domicílio	normal	parteira	não	não lembra	não	2 anos
		1959	Cordeirópolis	Domicílio	normal	parteira	não	não lembra	não	sim
		1965	Cordeirópolis	Domicílio	normal	parteira	não	não lembra	não	sim
		1966	Cordeirópolis	Domicílio	normal	parteira	não	não lembra	não	1 mês
		não lembra	Cordeirópolis	Domicílio	normal	parteira	não	não lembra	não	sim
		não lembra	Cordeirópolis	Domicílio	normal	parteira	não	não lembra	não lembra	sim
Anézia	1935	1954	Santo André	Domicílio	normal	parteira	não	mãe e tia	não	3 meses
		1956	Santo André	Domicílio	normal	parteira	não	mãe e tia	não	3 meses
		1958	Santo André	Domicílio	normal	parteira	não	mãe e tia	sim	3 meses
Hermínia	1938	1958	Sertãozinho	Santa Casa	normal	parteira	sim	não	não	5 meses
		1960	Sertãozinho	Santa Casa	normal	parteira	não	não	não	6 meses
		1963	S. Bernardo do Campo	Domicílio	normal	parteira	não	marido	sim	mais de 1 ano
		1967	S. Bernardo do Campo	Hosp.de São Bernardo	normal	parteira	não	não	sim	5 meses
Cleusa	1928	1960	São Paulo	Mat. do Brás	fórcipe	médico	sim	marido	sim	4 meses
		1961	São Paulo	Mat. do Brás	normal	parteira	sim	marido	sim	5 meses
		1967	São Paulo	Hosp. do Servidor Público	normal	médico	sim	não	sim	8 meses
		1960	Piracicaba	Domicílio	normal	parteira	sim	marido	sim	3 meses
M. de Jesus	1941	1964	Piracicaba	Domicílio	normal	parteira	não	marido	sim	Não
		1962	São Paulo	Hosp. e Mat. Modelo	cesárea	médico	-	não	sim	9 meses
Ignêz	1943	1963	São Paulo	Hosp. 9 de Julho	normal	médico	sim	não	sim	11 meses
		1968	São Paulo	Hosp. 9 de Julho	cesárea	médico	-	não	sim	8 meses
M. de Lourdes	1943	1963	São Paulo	Domicílio	normal	parteira	não	pai	sim	sim
Cristina*	1952	1977	Londres	Middlesex Hosp.	normal	médico	sim	marido	sim	3 meses
		1980	Rio de Janeiro	não se lembra	normal	médico	sim	marido	sim	8 meses
		1982	Ribeirão Preto	Hosp. São Francisco	normal	médico	sim	marido	sim	1 mês
		1983	Ribeirão Preto	Hosp. São Francisco	normal	médico	sim	marido	sim	10 meses

(continua...)

(...continuação)

Nome	Nascimento	Partos	Cidade	Local	Tipo	Profissional	Episiotomia	Acompanhante	Pré-natal	Amamentação
M. das Graças	1964	1981	São Paulo	Hosp. N. Sra. da Penha	fórcipe	médico	sim	não	sim	15 dias
		1987	São Paulo	Hosp. N. Sra. da Penha	cesárea	médico	-	não	sim	3 meses
Vera Lúcia S.	1958	1981	S. Bernardo do Campo	Hosp. São Bernardo	cesárea	médico	-	não	sim	1 semana
		1985	S. Bernardo do Campo	Hosp. São Bernardo	cesárea	médico	-	não	sim	1 mês
Vilma	1958	1982	São Paulo	Hosp. e Mat. São Paulo	normal	médico	sim	não	sim	50 dias
		1984	São Paulo	Hosp. Amico	normal	médico	sim	não	sim	3 meses
		1987	São Paulo	Hosp. Vila Maria	normal	enfermeira	não	não	sim	2 meses
		1989	São Paulo	Hosp. Santo Antônio	cesárea	médico	-	não	sim	natimorto
Sebastiana	1953	1982	São Paulo	Hosp. Metropolitano	cesárea	médico	-	não	sim	não
		1986	São Paulo	Hosp. N. Sra. da Saúde	cesárea	médico	-	não	sim	não
Sheila*	1968	1984	São Paulo	Hosp. e Mat. São Luiz	cesárea	médico	-	não	sim	4 meses
		1988	São Paulo	Hosp. e Mat. São Luiz	cesárea	médico	-	não	sim	7 meses
		1997	São Paulo	Hosp. e Mat. São Luiz	cesárea	médico	-	marido	sim	1 ano e 7 meses
Carmen*	1962	1984	São Paulo	Hosp. e Mat. Santa Marta	normal	médico	sim	não	sim	3 meses
		1988	São Paulo	Hosp. Alvorada	normal	médico	sim	não	sim	6 meses
		1998	São Paulo	Hosp. Alvorada	cesárea	médico	-	marido	sim	1 ano e 7 meses
Vera Lúcia M.	1954	1985	S. Bernardo do Campo	Neomater	cesárea	médico	-	não	sim	6 meses
Conceição	1960	1985	Piracicaba	Clinica Amalfi	cesárea	médico	-	não	sim	2 anos e meio
		1988	Piracicaba	Clinica Amalfi	cesárea	médico	-	não	sim	9 dias
Valdinéia	1959	1986	Limeira	Humanitária Nova	cesárea	médico	-	não	sim	8 meses
		1989	Cordeirópolis	Hosp. e Mat. de Cordeirópolis	cesárea	médico	-	não	sim	6 meses
Noeme	1952	1987	São Paulo	Hosp. Santa Catarina	cesárea	médico	-	não	sim	8 meses
Marisol	1963	1987	São Paulo	Hosp. São José do Brás	cesárea	médico	-	não	sim	3 meses
		1989	São Paulo	Hosp. São Cristóvão	cesárea	médico	-	não	sim	3 meses

* Entrevistadas que tiveram algum parto fora do período estudado ou do Estado de São Paulo (em cinza); esses dados não foram considerados. Na coluna amamentação, está descrito “sim” quando a entrevistada amamentou o filho, mas não soube precisar o período.

4.1.1 Caracterização sócio-demográfica

Antonieta, 94 anos, nascida em São Pedro do Piqueri (MG), viúva, dona de casa, residente em São Paulo. Tem quatro irmãos. Logo depois que nasceu, sua família se mudou para Juiz de Fora (MG). Seu pai tinha várias propriedades. Mudou-se para Monte Azul Paulista e trabalhava na roça até antes de se casar.

Joana, 79 anos, nascida em Rio Claro (SP), casada, dona de casa, residente em Cordeirópolis. Tem sete irmãos e morou na cidade em que nasceu até os 4 ou 5 anos. Seus pais trabalhavam em uma lavoura de batatas e quando tinha 5 anos, a família se mudou para Cascalho [bairro de Cordeirópolis]. Nesta cidade, começou a trabalhar na roça.

Anézia, 76 anos, nascida em Serra Negra (SP), casada, dona de casa, residente em Santo André. Tem cinco irmãos, nasceu em uma fazenda e morou lá até os 7 anos de idade. A família mudou para Santo André e ela passou a ajudar a mãe trabalhando na horta. Junto com os seus irmãos, recolham adubo.

Hermínia, 73 anos, nascida em Sertãozinho (SP), casada, dona de casa, residente em São Bernardo do Campo. Tem nove irmãos. Só se mudou para São Bernardo do Campo quando já tinha duas filhas.

Cleusa, 83 anos, nascida em Mineiros do Tietê (SP), viúva, dona de casa, residente em São Paulo. Tem seis irmãos. Quando tinha 4 meses de idade, sua família se mudou para Jaú (SP). Depois se mudaram para Bauru para as irmãs mais velhas estudarem em escolas melhores e foi lá que passou a maior parte da infância. Também foi onde estudou e trabalhou. Só se mudou para casar.

M. de Jesus, 70 anos, nascida em Piracicaba (SP), viúva, dona de casa, residente em Piracicaba. Tem um irmão, já falecido. Seu pai era ajudante geral e sua mãe cortadora de cana.

Ignêz, 68 anos, nascida em São Paulo (SP), viúva, dona de casa, residente em São Paulo. Tem dois irmãos. Passou a infância em um colégio interno. Seu pai trabalhava na firma do Pedro Santos, em uma loja na Avenida Ipiranga, e sua mãe era normalista, mas só começou a trabalhar quando o marido ficou doente por beber demais. Nessa época, tinha 12 ou 13 anos.

M. de Lourdes, 68 anos, nascida em São José do Rio Preto (SP), solteira, residente em São Paulo. Foi criada na cidade onde nasceu até os 5 ou 6 anos e os pais trabalhavam na olaria. Depois se mudou para a casa da avó na cidade, para estudar e ir à igreja. Com 14 anos começou a trabalhar como balconista nas Lojas Americanas e com 16 anos foi para São Paulo acompanhar o tratamento da doença de seu pai. Um tempo depois, sua mãe e seus irmãos também se mudaram para a cidade.

Cristina, 59 anos, nascida em Poços de Caldas (MG), casada, professora de inglês, residente em Ribeirão Preto. Tem nove irmãos, morou até os 7 anos em uma fazenda em Poços de Caldas e depois foi morar na casa da avó na cidade para estudar, indo todos dos finais de semana visitar os pais. Sua mãe trabalhava em casa costurando roupa para os filhos e limpando e armazenando carne de porco que o tio matava. Seu pai era agrônomo.

M. das Graças, 47 anos, nascida em Monteiro (PB), casada, autônoma, residente em São Paulo. Tem seis irmãos. Morou na cidade onde nasceu até pouco depois dos 15 anos, quando se casou e se mudou para São Paulo.

Vera Lúcia S., 53 anos, nascida em Sertãozinho (SP), casada, dona de casa, residente em São Bernardo do Campo. Quando tinha 2 anos de idade, sua família se mudou para São Bernardo do Campo, onde mora até hoje. Teve uma infância muito gostosa; brincava de casinha com as irmãs no quintal de casa. Seu pai era pedreiro e sua mãe era dona de casa. Ela ajudava o pai a plantar milho e cana.

Vilma, 53 anos, nascida em São Paulo (SP), divorciada, vendedora, residente em São Paulo. Teve bronquite, caxumba e catapora na infância. Seu pai era motorista de táxi e sua mãe não trabalhava.

Sebastiana, 58 anos, nascida em Uberlândia (MG), casada, babá, residente em São Paulo. Seu pai trabalhava na roça e sua mãe cuidava da casa. Passou a infância no sítio onde nasceu e morou lá até os 22 anos, quando veio para São Paulo começar a trabalhar e ser independente.

Sheila, 43 anos, nascida em São Paula (SP), divorciada, empresária, residente em São Paulo. Tem dois irmãos. Passou a infância em São Paulo. Sua mãe não trabalhava e seu pai era empresário na área de transportes, terraplanagem e fabricação de peças.

Carmen, 49 anos, nascida em Viradouro (SP), solteira, empregada doméstica, residente em São Paulo. Passou a infância em Morro Agudo (SP) e um tempo na roça, mas com 5 anos a família mudou para a cidade.

Vera Lúcia M., 57 anos, nascida em Santo André (SP), viúva, professora, residente em Santo André. Tem dois irmãos mais novos. Trabalhou no Banco Sudameris desde os 17 anos e morou na casa da mãe até se casar.

Conceição, 51 anos, nascida em Piracicaba (SP), casada, dona de casa, residente em Piracicaba. Tem uma irmã, passou a infância e vive até hoje em Piracicaba. Seu pai era soldador em uma metalúrgica e sua mãe, dona de casa.

Valdinéia, 52 anos, nascida em Codeirópolis (SP), casada, dona de casa, residente em Cordeirópolis. Tem sete irmãos e três já faleceram. Morou toda a vida na cidade em que nasceu. Seu pai era construtor e sua mãe trabalhava em casa como costureira.

Noeme, 59 anos, nascida em Uibaí (BA), divorciada, educadora física, residente em São Paulo. Tem 10 irmãos e foi batizada pela parteira, que era da família e que ajudou sua mãe a dar à luz a todos os filhos.

Marisol, 48 anos, nascida em Tupã (SP), casada, cabeleireira, residente em São Paulo. Tem três irmãos e é a filha mais velha. Morou na cidade em que nasceu até os

12 anos de idade, mas a família se mudou para São Paulo por dificuldades financeiras e para seu pai começar a trabalhar em um restaurante da família.

4.2 TEMAS E SUBTEMAS EXTRAÍDOS DAS NARRATIVAS

Conforme referido no Método, os dados obtidos da transcrição das entrevistas foram agrupados em **temas** e **subtemas** (Quadro 3). Os trechos das entrevistas transcritas são apresentados na mesma sequência adotada no Quadro 2. Conforme referido no Método, alguns desses trechos foram retranscritos para melhor entendimento do seu conteúdo.

Quadro 3 - Temas e subtemas extraídos das narrativas transcritas

Tema	Subtema
A experiência do parto	Gravidez, consultas e exams
	Escolha do profissional
	Parto
	Puerpério, consultas e exams
A maternidade e seu contexto	Planejamento da gravidez e contracepção
	Confirmação da gravidez
	Amamentação
	Cuidados com o bebê e tarefas do lar

4.2.1 A Experiência do parto

4.2.1.1 Gravidez, consultas e exames no pré-natal

Antonieta

Antes de ter bebê, minha sogra [parteira] perguntava se estava tudo bem e eu respondia que estava, então ela não recomendava nada e eu também não perguntava nada.

Quando eu estava grávida de seis meses do (2º filho), eu tive uma convulsão. Me senti mal e gritei na janela chamando meu marido. Caí desmaiada na cozinha e ele foi buscar o médico a cavalo na cidade. Quando chegaram, eu já estava boa e o médico não soube explicar porque eu tive isso e eu só me lembro que me senti mal, caí e acordei com um pouco de dor de cabeça, mas estava bem. Fiz um tratamento, mas minha sogra [parteira] ficou com medo porque o médico disse que podia dar outra convulsão no parto, mas não deu nunca mais.

Joana

Eu tinha saúde na gravidez da (1ª filha) e comia bem.

A gravidez da (2ª filha) foi tranqüila.

A gravidez do (4º filho) foi boa.

Eu não fiz pré-natal de nenhum dos filhos. Talvez eu tenha feito do último, mas nunca fui ao médico. Nas gravidezes eu não tinha enjoo, nem vomitava, eu sempre comia muito e engordava bastante.

Anézia

Nas minhas gravidezes eu usava uns vestidos que conforme a barriga fosse crescendo, eu mudava os botões. Meu marido tomava o maior cuidado comigo e não me deixava sair sozinha. Dos primeiros dois filhos eu não fiz pré-natal, mas não sei o porquê. Naquela época não se fazia.

O doutor Celso da Gama me pesava e com sete meses eu quis saber se era homem ou mulher, mas eu não terminei o pré-natal porque faltou dinheiro e eu não tinha convênio. Eu não sentia nada demais, só nojo de tudo. Eu não tomava o meu café nem comia a minha comida, só da minha mãe. Limonada eu vomitava. Uma coisa engraçada e que eu não acreditava que acontecia foi que eu fiquei com vontade de tomar caldo de galinha com pão picado e eu quis matar a galinha para comer, eu comi com muito gosto. Agora eu acredito nessas coisas. Acabei cometendo um pecado na gravidez do (3º filho) e sabia que ia pagar por isso quando ele nascesse. Descobri que estava grávida e contei para minha mãe e para minha sogra e ela me fez ir a uma parteira que me colocava em cima de uma mesa e pedia para eu pular para o chão. Ela também me mandava tomar chá de arruda para abortar. Ela era uma senhora idosa e trabalhava com um médico que era quem matava os bebês. Minha mãe foi contra o que eu fiz, falava para eu parar com isso, mas minha sogra falava que a gente não tinha como sustentar, então eu tinha que abortar. No final eu não abortei e parei de tentar. Depois de um tempo eu contei para o meu marido que estava grávida do terceiro filho e ele ficou contente. contei também o que a mãe dele tinha me feito e ele ficou bravo com ela.

Hermínia

Eu não fiz o pré-natal na gravidez da (1ª filha).

Perto da minha casa tinha uma parteira boa, a Nair. Ela fez o pré-natal das outras duas filhas. Ela não fazia quase nada, ela só olhava e media a barriga.

Cleusa

Na gravidez do (1º filho) eu vomitava dia e noite. Era um desespero, eu não podia passar perto de uma pastelaria, nem sentir cheiro de café ou gordura porque vomitava, era um horror. Eu fazia meu marido levantar cedo da cama quando me dava vontade de comer alguma coisa. Uma vez me deu vontade de comer pêssego e ele saiu seis horas da manhã para comprar, coitado.

Fiz o pré-natal dos três filhos. Algumas amigas minhas fizeram ginástica para fazer o parto sem dor, mas não adiantou nada, foi difícil do mesmo jeito, então eu acho que o pré-natal devia ser o que o médico fala e pronto porque fazer uma porção de coisas e não dar certo é ruim. Mulher grávida tem que ter acompanhamento pré-natal e eu fiz os meus três na maternidade do Brás com a doutora Dalila, que era médica. O irmão dela era dono da maternidade e ela tinha um consultório lá, então ela fazia o pré-natal e depois encaminhava para a maternidade. Não lembro direito as coisas que ela fazia na consulta, acho que fazia exame de toque, media a barriga, receitava remédio e vitamina. Em nenhuma gravidez eu soube o sexo do bebê porque não tinha o exame que faz hoje. Comigo, o cuidado quando estava grávida era com a alimentação para não engordar muito. Hoje eles são mais preocupados, mas antigamente não, eles só pediam para não engordar muito e sempre tomar vitamina, não lembro se davam cálcio também. Geralmente os dentes estragam e eu precisava sempre de dentista na gravidez.

Na gravidez do (3º filho) eu comecei a sentir muita dor a partir do sexto mês de gravidez e a médica me receitou uma cinta.

M. de Jesus

Tive uma gravidez boa, não fiz pré-natal da (1ª filha) porque naquele tempo não se fazia.

Também não fiz pré-natal da (2ª filha), descobri que estava grávida porque eu já tinha mais noção das coisas, nem fui ao médico para confirmar. Só fazia o que precisava e comia bem.

Ignêz

Não se fazia ultrassom na época e eu descobri que o (1º filho) era homem porque o médico tirou um raio-X para saber com quantas semanas eu estava e descobriu que o (1º filho) tinha um cabeção, igual ao pai.

Na gravidez do (2º filho), minha pressão ficou normal. Engordei 12 quilos na gravidez.

Na gravidez da (3ª filha), eu passei muito mal. Todo mundo falava que eu sempre ficava muito bonita, vistosa, mas nessa gravidez eu sentia muita dor no osso da xoxota, eu não conseguia andar e fiquei muito inchada. Sofri muito e o doutor Roberto falou que só podia ser mulher. Eu engordei 20 quilos, mas minha pressão se manteve normal. Na consulta pré-natal, o médico me examinava e colocava um aparelho para ouvir o coração do bebê. Hoje em dia você escuta, mas naquela época a gente não escutava, só o médico.

M. de Lourdes

Uma vez por mês eu ia a casa dela e ela olhava e cuidava de mim. A parteira que eu fazia o pré-natal tinha um quarto na casa dela com uma maca, era perto da Vila Formosa. Ela escutava o coração do bebê, olhava a barriga, media, verificava a pressão e a minha batida do coração. Desde que eu descobri que estava grávida, nunca mais eu tive relação sexual, por isso meu corpo era muito fechado e deu trabalho para o (filho) nascer.

Cristina

A gravidez do (3º filho) foi super bem, nunca deixei de trabalhar, nunca tive problemas e fiz ultrassom.

Comecei a sentir uma dorzinha no terceiro mês que eu estava com o DIU [Dispositivo Intra Uterino], então liguei para o meu médico, o chamo de Chiquinho, e disse que estava grávida. Ele disse que eu não estava porque eu usava DIU. Depois da terceira vez que eu liguei para ele, ele me pediu para fazer um ultrassom para saber se a posição do DIU estava certa. Fiz e disseram que tinha um saco gestacional. Perguntei se isso significava que eu estava grávida e disseram que sim. Ele me disse que ia dar tudo certo, mas que era normal se eu sangrasse um pouquinho e que eu precisava de repouso. A gravidez da (4ª filha) foi super normal e quando chegou o último exame de rotina, o médico disse que ia nascer.

M. das Graças

Naquela época, o pré-natal era feito no consultório do médico e o parto em um hospital credenciado pela Volkswagen, por algum médico que estivesse de plantão. Fiz o pré-natal com outro médico do convênio, mas não me lembro o nome dele. Antigamente, a situação era precária, não era como hoje. Fiz dois exames de sangue, um aos quatro meses e um antes da (1ª filha) nascer e um ultrassom aos sete meses. Eu não escutava o coração dela, só o médico. Eu só olhava e sentia ela mexer. Tomei flúor e uma vitamina, Natalins® com Flúor. Como eu era muito nova, o meu corpo não estava preparado para uma gravidez, então eu perdia colostro toda noite e colocava uma fraldinha no peito para não molhar o colchão.

Fui ao doutor Antônio com dois meses de gravidez e comecei o pré-natal. O pré-natal da (2ª filha) foi completamente diferente do da (1ª filha). Eu ia todos os meses e escutava o coração dela, tinha um aparelhinho que dava para escutar a batidinha. Tomei Natalins® com Flúor. Não tive nenhum problema na gestação. Faltando cinco

dias para o parto, o doutor Antônio tirou o líquido amniótico e pediu para esperarmos mais um pouco para fazer o parto. Depois de 10 dias, ele tirou o líquido de novo e disse que estava na hora.

Vera Lúcia S.

No pré-natal do (1º filho) eu fiz exame de urina, o médico me deu vitamina de ferro e eu me alimentava muito bem, comia muita fruta e ele nasceu bem gordo. Eu fazia todo mês o pré-natal no Hospital de São Bernardo, com o médico doutor James, que era estagiário do hospital e ele media a minha pressão. No começo da gravidez, minha pressão estava normal, mas no final aumentou. Tomei remédio para anemia. Como não tinha outro jeito de ouvir o coração do bebê, ele usava um cone e eu não ouvia nada. Ele também não pediu ultrassom, então eu não sabia o sexo. Eles mediam a pressão e a barriga. Na última vez que eu fui ao pré-natal, o médico falou que se eu não ganhasse até o dia 17 de abril de 1981, era para eu ir para o hospital que eu seria internada.

O pré-natal da (2ª filha) foi tudo bem, tomei Natalins® com Flúor e não precisei tomar remédio para anemia. No parto, o doutor James já era contratado do município, então fiz o pré-natal com ele e paguei pelo parto. Eu tive insônia os nove meses, mas não podia tomar remédio porque o médico não deixava e eu não sei por que eu tive isso. Não fiz ultrassom e só o médico ouvia o coração com o cone. Tive que fazer o enxoval com cor neutra.

Vilma

Em todas as gravidezes eu fazia exame de sangue, urina, media a barriga, escutava coração e pesava na balança. Eu fiz regime para não engordar e até o terceiro mês da gravidez da (1ª filha) eu engordei um quilo por mês, mas como eu tinha muito enjoo e ânsia, a médica me receitou injeções de vitamina porque achava que eu poderia ficar desnutrida. Tomei seis injeções de Vinert® e passei a engordar cinco quilos por mês. Engordei 33 quilos. De 64 fui para 97 quilos com 1,62 de altura. Foi terrível. Quando recebi a carta, escolhi a maternidade onde eu ia ter meu bebê, que era também uma maternidade pública.

Na gravidez da (2ª filha) eu tinha o convênio médico Amico e fiz as consultas pré-natais no Hospital Amico com o doutor Jorge e tive bebê lá.

Na gravidez dele eu li muita coisa a respeito de deficiência porque quando eu estava com dois meses, a (2ª filha) teve rubéola. Fui ao médico e ele me perguntou se eu já tinha tido a doença e eu falei que não sabia e também não tinha para quem perguntar. Ele me explicou que se eu pegasse, meu bebê poderia nascer com má formação, deficiência, faltando membro, surdo, cego... E sugeriu eu investigar, que caso isso acontecesse, ele poderia aprovar um aborto. Fiz o pré-natal em um posto de saúde e fui fazer um ultrassom com cinco meses de gestação, mas como o (3º filho) estava sentado, não deu para ver o sexo. Marquei outro ultrassom para ver se estava tudo bem, se tinha tudo formado, bonitinho, direitinho, e também não deu para ver o sexo, mas naquela época, ultrassom era recente e não dava para pagar para fazer toda hora e o convênio não liberava, então fiquei sem saber. Passei por um dilema terrível

porque eu não queria abortar, mas também não queria que meu filho tivesse problema. A (2ª filha) teve rubéola e eu me afastei 15 dias dela, até ela sarar, mas depois a (1ª filha) pegou e eu tive que ficar um mês longe das duas, na casa do meu irmão. Eu não tive sintoma nenhum, mas o médico falou que isso também poderia acontecer. Meu ex-marido falava que duas meninas estava bom, que não queria um filho com problema e quis que eu fizesse o aborto. Consultei minha igreja e concluí que se Deus permitiu que tivesse rubéola dentro da minha casa comigo grávida, não era eu quem ia abortar. Então eu li bastante na casa do meu irmão e se a criança tivesse uma grande má formação, o próprio organismo poderia expulsar até os quatro meses de gestação. No final, eu não tive nada, os ultrassons não acusaram nada, ele tinha braços, pernas, cabeça, só não sabíamos se tinha surdez. Fiz um exame de sangue e eu era imune à rubéola, então talvez eu já tivesse tido a doença.

Fiz pré-natal, ultrassom, era normal, perfeito, eu estava bem e não tive intercorrências. No dia que era para a (4ª filha) nascer, não senti dores e o médico falou para eu voltar alguns dias depois para fazer um exame. Um dia antes de ir ao médico, fomos ao varejão e na volta um carro passou no farol vermelho e o meu marido entrou com tudo no carro dele. Eu tomei um susto tão grande que entrei em trabalho de parto. Fiquei com contrações de 20 em 20 minutos durante umas duas horas e de repente parou. No dia seguinte eu fui para a Beneficência Portuguesa. A médica perguntou por que eu estava lá e eu falei que meu médico tinha falado para eu ir fazer um exame. Ela pediu para eu deitar na maca e tentou ouvir o coração do bebê com o cone, mas não conseguiu. Pegou o sonar e nada. Chamou outro médico e nada. Tinham cinco médicos ao meu redor e eles perceberam e perguntaram por que eu estava toda roxa. Eu falei que tinha sofrido um acidente, mas não tinha batido a barriga. Não conseguiram ouvir o coração dele, me mandaram para o ultrassom e o bebê estava morto.

Sebastiana

Na minha primeira gravidez eu tinha 28 anos e foi tudo normal até os oito meses e meio, quando fiquei inchada e tive pressão alta. Eu fazia normalmente as consultas pré-natais com médico e ele olhava se estava tudo *ok*, media o bebê, via como ele estava e media a barriga. Eu tomava vitamina e ferro e fiz alguns ultrassons para ver se estava tudo bem com o bebê. Quando eu estava com oito meses, ele falou que não ia esperar as 40 semanas devido a minha pressão, então marcamos a cesárea com 38, 39 semanas.

Eu fazia o pré-natal da (2ª filha) todo mês com o doutor Claudio Antônio Neilton também, mas não me lembro se tomei algum remédio ou vitamina. Foi uma gravidez conturbada. Entre o dia 16 e 20 de Julho, eu comecei a ter hemorragia. Fui para o hospital, tomei sangue, fiz o ultrassom e estava tudo bem. Até a (2ª filha) nascer, eu tive umas três hemorragias. Em todas elas, eu ia para o hospital tomar sangue e a (2ª filha) sempre estava bem. Eu ficava deitada, de repouso e não podia levantar, não podia fazer nada, só xixi. As hemorragias da gestação sangravam um pouco menos do que o sangue que saía no trabalho de parto e elas aconteciam porque eu tive placenta baixa. Por isso, quando eu entrei em trabalho de parto, comecei a sangrar, então o doutor Cláudio me levou para o hospital e fez a cesárea.

Sheila

Eu tive um pré-natal tranquilo, tomei Supradim®, que era uma vitamina, e engordei nove quilos. Não fiz exame de sangue para confirmar que estava grávida da (1ª filha), fiz direto um ultrassom e não dava para ver tudo como hoje em dia.

A médica do pré-natal era a doutora Elza que era a minha ginecologista, uma japonesa, boa pessoa. Tive que trocar de médico porque o da (2ª filha) mudou de cidade. Eu tomava a vitamina Supradim® e engordei 12 quilos. Fiquei internada por um mês e no dia da alta, com 38 semanas, a doutora Elza fez o exame do líquido amniótico para ver se estava tudo bem com o bebê e viu que a (2ª filha) estava com infecção, o líquido já estava amarelo e ela quase morreu porque engoliu o líquido.

Carmen

A gravidez da (1ª filha) foi muito boa. Fiz o pré-natal direitinho no Hospital Santa Marta no Largo Treze. Eu tomava vitaminas, fiz exame de sangue, urina e fezes. Foi uma médica quem fez, mas eu não lembro o nome dela.

A gravidez da (2ª filha) foi boa, eu fiz o pré-natal com um médico em um posto de saúde que tem na Av. Santo Amaro, mas engordei demais, eu tinha 72 e fui para 120 quilos. Fiz exame de urina, tomei sulfato ferroso porque eu estava com anemia, cálcio e vitaminas.

Vera Lúcia M.

As consultas foram normais, de rotina e naquele tempo não se fazia muita ultrassonografia como hoje, eu fiz só uma e o médico sempre falava que meu bebê era muito grande, não dava para ver o sexo e eu queria surpresa. Ele falando do tamanho do bebê, me induziu a querer a cesárea porque com essa história de bebê grande, qualquer mulher naquela época ficava com medo porque ninguém te explica que um bebê grande pode nascer de parto normal. No final da gravidez, ele já determinou que tinha que ser cesárea, então eu nunca senti dor de parto. No pré-natal eu tomei um remédio que chamava Rarical, que acho que era vitamina. Eu tinha muito enjoo a perfume e cheiros fortes, então vomitei até o dia de ir para o hospital, mas em compensação, eu comia muito, engordei 18 quilos, pesava 62 quilos e fui para 80 quilos. Naquele tempo não tinha controle de peso na gravidez, hoje tem. Eu comia tudo que eu achava necessário e tinha vontade. As consultas eram mensais e mais seguidas no final da gravidez. Quando estava próximo do feriado de Corpus Christi, o médico falou que era melhor marcarmos uma cesárea porque era mais fácil, ou seja, a cesárea da (filha) foi planejada para antes do feriado e só depois eu percebi que foi por comodidade dele e não por necessidade. Marcamos para o dia 7 de junho de 1985, uma sexta-feira. Tudo o que os médicos mandavam a gente fazia e achava que estava tudo certo. Eu fiz aquelas escolinhas que eles dão para o pai e para a mãe na própria maternidade, mas não houve uma orientação para tirar o meu medo de morrer no parto.

Conceição

Foi tudo normal na gravidez da (1ª filha), tudo tranquilo, mas eu engordei muito, 20,5 quilos porque eu só comia e não fazia mais nada. Trabalhei até o dia 8 de dezembro. Os exames eram sempre normais, eu tomei vitamina, fiz ultrassom, vi como estava o bebê, ouvi os batimentos do coração, eu não quis saber o sexo, mas tinha certeza que era menina.

Na gravidez do (2º filho), eu comecei a passar mal desde o começo, tive enxaqueca, tudo que eu comia eu vomitava, até água. Eu comecei a emagrecer ao invés de engordar, então eu fui ao médico porque tinha dia que eu não levantava, eu achava que ia morrer de tanta dor de cabeça e vômito. A (1ª filha) fazia xixi no pinico e me dava ânsia de vômito só de olhar. Fui ao médico e ele deu novalgina para eu tomar até os cinco meses de gravidez e depois disso eu consegui engordar 13 quilos, mas fiquei sete meses com enxaqueca. A gravidez dele foi bem mais complicada e eu pensava que era menino porque eu me sentia bem diferente da primeira gravidez, mas mesmo assim eu não quis saber o sexo. O pré-natal do (2º filho) foi normal e o bebê estava normal.

Valdinéia

No pré-natal da (1ª filha) ele media a barriga e ouvia o coração. Hoje acho que se faz ultrassom todo mês, mas naquela época eu não fiz nenhum e por isso não sabia o sexo do bebê. É mais gostoso ser surpresa. Eu tomava vitamina para o bebê, não tive problema nenhum, mas engordei bastante, 20 quilos. De vez em quando, ele ficava bravo porque eu comia muito.

O (2º filho) também foi planejado e eu tive uma gravidez boa. No meio do pré-natal ele [médico], mudou para perto da casa da minha sogra, em Cordeirópolis. Todo mês eu fazia o pré-natal, ele media a barriga, escutava o coração e falou para eu fazer cesárea. Eu fiz ultrassom, então eu sabia que era menino. Eu engordei 21 quilos e ele pediu ultrassom quando eu estava com uns seis meses e dessa vez eu quis saber o sexo, mas meu marido não quis. O pré-natal do (2º filho) foi tranquilo e eu tomava vitamina para o bebê. Ele não fez nada de diferente do outro, a não ser tirar o líquido da minha barriga. O meu marido ficou bravo por isso, falou que eu não deveria ter deixado porque não tinha necessidade e podia ter pegado no bebê. Até hoje eu nunca ouvi falar de alguém que tenha tirado o líquido da barriga pela seringa, mas na época eu não sabia, achei que fosse normal. Ele fez esse exame porque quando estava perto de nascer, ia viajar, então queria saber como o bebê estava. Como estava tudo bem ele falou para fazermos o parto, mas eu não quis, quis voltar para casa e avisar o meu marido. Então marcamos outro dia e deu tudo certo, foi fácil e foi tudo bem. Decidimos fazer cesárea porque a (1ª filha) já tinha nascido de cesárea. Acho que naquele tempo não se fazia parto normal depois de cesárea e só fazia três anos e oito meses que ela tinha nascido.

Noeme

Quando eu contei para o meu marido que estava grávida, ele deu as costas para mim, ficou frio. Eu mostrei o exame e ele ficou uns quatro meses distante. No entanto, eu fiz direitinho o pré-natal da (filha), fiz muito exercício físico na época porque

trabalhava com natação então foram os nove meses vendendo saúde. Eu fazia todos os exames que ele pedia, de sangue, urina e exames de laboratório. O pré-natal não foi moderno como vocês fazem hoje em dia, ele perguntava se estava tudo bem e eu respondia que sim, ele me dava umas vitaminas, ferro e falava para eu me alimentar bem. Ele [outro médico] me pediu um ultrassom que eu fiz com oito meses, mas não soube o sexo. Engordei nove quilos.

Marisol

Fiz pré-natal com o doutor Walter no hospital da Celso Garcia que na época chamava Hospital São José do Brás. Na gravidez do (1º filho) eu tive hipertensão do 7º mês em diante. Eu me cuidava com a alimentação sem sal, vitamina e tomava diurético. Fiz exames de sangue, urina e fezes, escutava o coração, fiz ultrassom e media a barriga.

Eu só sabia que estava grávida de novo porque a barriga crescia e o bebê crescia e mexia, mas eu não tive ânsia, nem vomitava, nem pressão alta, não senti nada, só azia. Fiz pré-natal da (2ª filha) com o doutor Walter no Hospital São José do Brás, mas ela nasceu em 1989 no Hospital São Cristóvão porque eu não tinha condições de pagar. Foi com outro médico e também foi cesárea porque o (1º filho) estava fazendo 1 ano quando eu engravidei.

4.2.1.2 Escolha do profissional

Antonieta

Minha sogra [parteira] me assistiu porque tinha prática, fez o parto da minha irmã e tinha ocorrido tudo bem. Além disso, ela já tinha as filha delas.

Joana

Meu marido procurou uma parteira boa e diplomada para fazer o meu parto.

Na segunda gravidez troquei de parteira porque a outra era careira e essa era mais pobre e cobrava menos.

Conhecemos ela [parteira diplomada Maria Luiza] porque ela morava perto de nós.

Anézia

Quem me ajudou nos dois primeiros partos foi uma parteira do interior, minha mãe e tia.

Como a parteira que ia fazer o parto do (3º filho) estava doente quando meu marido foi buscá-la, a gente pediu ajuda para uma prima minha que trabalhava no hospital.

Hermínia

Eu não queria ir para o Hospital de São Bernardo, pois era horrível. Graças a Deus que perto da minha casa tinha uma parteira boa.

Cleusa

Não contou como se deu a escolha do profissional.

M. de Jesus

A dona Odila morava perto de casa, era conhecida e todo mundo nascia com ela.

Ignêz

Não contou como se deu a escolha do profissional.

M. de Lourdes

Meu pai contratou uma parteira, mas eu não lembro o nome dela e naquela época a gente não ia para o hospital. Era uma parteira muito boa.

Cristina

Não contou como se deu a escolha do profissional.

M. das Graças

Eu descobri que estava com uma ferida no colo do útero e me indicaram o doutor Antônio. Depois, quando fiquei grávida, o procurei novamente e com dois meses de gravidez comecei o pré-natal.

Vera Lúcia S.

Escolhi o doutor James porque ele fez o meu primeiro parto, então peguei confiança e ele era muito legal, amoroso e carinhoso.

Vilma

Fiz acompanhamento médico no posto de saúde do lado de casa com o doutor Orlando. Meu marido não tinha convênio médico e não podíamos pagar as consultas.

Sebastiana

Eu fazia o pré-natal com vários médicos no Hospital Nossa Senhora de Lourdes no Jabaquara, cada dia era um que me atendia, então no final da gravidez eu procurei

outro médico, vizinho da minha sogra, doutor Claudio Antônio Neilton, pois ele poderia acompanhar o meu parto e era uma pessoa conhecida.

Sheila

O doutor Izaque era meu médico, meu vizinho de frente e amigo particular, então eu tive uma super assessoria dele, tudo que ele falava para mim era lei e eu tive sorte porque ele foi um excelente médico.

Carmen

Não contou como se deu a escolha do profissional.

Vera Lúcia M.

O doutor Valter tinha um consultório que ficava em cima do Banco Sudameris e eu tinha muita amizade com a secretaria dele, então por saber que ele era um médico conceituado e atendia o meu convênio, decidi fazer o pré-natal com ele.

Conceição

Eu fui ao meu ginecologista e obstetra, doutor Pedro Arnaud e foi ele quem fez meus dois pré-natais e partos.

Valdinéia

O médico que eu escolhi para o pré-natal da (1ª filha) foi o doutor Paulo Sérgio, que era o médico do convênio. Eu não tinha opção, só tinha ele, mas ele é um excelente médico.

Fiz o pré-natal do (2º filho) com outro médico, doutor Sergio, um japonês que tinha bastante amizade com a nossa família. Eu o escolhi para ser o meu médico porque me indicaram por ser um bom médico, porque ele era do convênio do meu marido, Sepaco e porque era de Americana.

Noeme

Fiz as primeiras consultas com um médico do convênio que me indicaram, mas eu não o conhecia. Com sete meses de gravidez, ele falou que não poderia fazer o meu parto, mas não me explicou o porquê, então eu fui ao meu ginecologista, doutor Mendes, que me recebeu muito bem e eu sabia que ele era um bom médico.

Marisol

Não contou como se deu a escolha do profissional.

4.2.1.3 Parto

Antonieta

Eu senti dor antes dos partos e por isso o meu marido ia chamar a mãe dele [parteira]. Os dois nasceram rápido. Tive meus dois filhos, (1º filho) e (2º filho) de parto normal em casa, com parteira e foi tudo bem. A parteira era a minha sogra porque naquele tempo não existia diploma de parteira. Meu marido não viu os partos.

Joana

Eu comecei a sentir dores e chamei a parteira. Ela me examinou e me tocou. Meu marido estava junto quando ela nasceu. Não sei se levei ponto, mas o parto foi difícil.

No dia do parto, meu marido chamou a parteira porque eu estava sentindo dor, mas o parto foi bom. Ela não fez nada de diferente da outra. A (2ª filha) nasceu em 1952 e eu sofri menos no parto dela.

O (3º filho) nasceu no dia de natal, mas não lembro o ano. Foi tudo bem no parto.

O (4º filho) nasceu em 1965 e o parto foi bom.

A parteira era muito boa e foi tudo bem. Ela me deu um remédio para aumentar a dor, foi a primeira vez que eu tomei esse remédio. Quem fez o parto da (5ª filha) foi a parteira diplomada Maria Luiza.

Tive o (6º filho) também com a Maria Luiza, acho que tomei aquele remédio para aumentar as dores de novo e foi tudo bem no parto.

Meu marido viu alguns partos, mas não lembro se todos.

Anézia

Tive três filhos de parto normal. Minha mãe e minha tia ficavam comigo nos partos. Meu marido não viu nenhum parto porque eu não deixei.

No parto da (1ª filha), em 1954, eu quase morri de câimbra nas pernas. Minha tia fazia massagem com álcool para a câimbra passar. Eu não sei se doía mais a câimbra ou o parto. Naquela época, se você fosse para o hospital, eles te davam uma injeção para melhorar a dor. À noite, comecei a subir pelas paredes e falar para o meu marido que eu estava ruim. No dia seguinte, ele teve que ir trabalhar e a minha mãe chamou a parteira. Eu sempre chamava a minha mãe quando a dor do parto começava e eu gritava tanto que elas me mandavam tampar a boca. Meu marido não viu a (1ª filha) nascer, mas o meu irmão foi avisá-lo.

O (2º filho) nasceu às 14h30 em 1956, gordo, tão bonito e pesava quase quatro filhos. Eu senti dor no parto, mas foi menos que no da (1ª filha) e com a mesma parteira.

Pagávamos ela particular e ainda tinha que dar almoço, sopa de galinha e de carne. Eu não lembro o nome dela.

No parto do (3º filho), em 1958, a parteira estava doente quando meu marido foi buscá-la, então a gente pediu ajuda para uma prima minha que trabalhava no hospital. Foi tão depressa. Ela falou para eu assoprar em uma garrafa e nasceu. Esse parto foi fácil porque o caminho já estava aberto. Se eu demoro a chegar em casa, ele nascia na rua. Ele era feinho, miudinho, coitado e nasceu à noite.

Hermínia

Eu tive a (1ª filha) em 10 de agosto de 1958 e a (2ª filha) em 10 de abril de 1960 de parto normal na Santa Casa de Sertãozinho. No parto da (1ª filha), me cortaram com uma tesoura e eu levei pontos, mas das outras três não me cortaram nem deram pontos.

Quando o dia da (3ª filha) chegou, o meu marido foi chamar a parteira para fazer o parto em casa e ficou comigo. Na hora do parto, em 12 de abril de 1963, eu nem percebi o que a parteira fez comigo porque eu fiquei passada. Acho que ela me deu alguma injeção, mas eu não procurei saber.

Quando fui ter a (4ª filha), em 12 de dezembro de 1967, a parteira não quis fazer o parto em casa porque falou que eu podia morrer. Me mandou para o Hospital de São Bernardo e disse que estaria lá me esperando. Eu fui e ela não apareceu. Depois eu não queria mais ver a cara dela. Tive ela com uma parteira bem nova.

Os partos que eu tive em hospital meu marido não pode assistir, só me visitou depois que eu tinha ganhado o bebê.

Cleusa

Quando começavam as dores do parto, eu corria para o hospital e ficava lá, mas tem gente que volta para casa. Na maternidade, eu fui muito bem tratada, mas o sofrimento de por um filho no mundo não é brincadeira, o primeiro filho é complicado para todo mundo. Durante o trabalho de parto, eles entravam, examinavam, viam como estava e saíam, era tudo meio por cima, o médico só passava de vez em quando porque a visita dele geralmente era de manhã. As dores do meu primeiro parto começaram às 6h e o (1º filho) nasceu às 18h15. Quando estava para nascer, o médico falou para a gente ir para a sala de operação. Eles fizeram o fórcepe e eu só fiquei sabendo disso depois que o menino nasceu porque o médico não explicava nada. Meu marido viu o parto falou que eles colocam ferro dentro da mulher, que horror, ele ficou apavorado, mas a dor era tanta que eu nem sabia o que estava acontecendo comigo.

O parto do (2º filho) foi rápido, eu fui para o hospital às 7h e ele nasceu às 8h. As pessoas falaram que era porque o caminho já está aberto, mas não é não porque o (3º filho) deu muito trabalho. Quando eu cheguei à maternidade, todo mundo me reconheceu, todas as enfermeiras. Eu não precisei de médico, dei à luz com a parteira. Ela ficou brava porque eu queria que chamasse o médico, falou que o

médico ia brigar com ela se o chamasse com o bebê nascendo. Eu falava que queria parto sem dor e esse foi o parto que eu mais gostei porque nasceu rápido, não precisou de médico, nem nada, foi só com a parteira, foi ótimo. Todo mundo ajudou a parteira, as enfermeiras nunca faltam, faziam um movimento para ajudar a criança a descer e ficavam ao meu lado. Meu marido também ficou ao meu lado, mas no terceiro ele não pode entrar.

Eu comecei a sentir as dores e fui para o hospital. Uma parturiente sempre ficava comigo no quarto, eu preferia para não ficar sozinha. Saía uma e entrava outra quando era rápido. Uma deu à luz e nem precisou de ponto, foi para casa no mesmo dia. Depois de dois dias que eu estava lá dormindo e me alimentando na maternidade, falei para o médico que já estava lá há um tempão e finalmente eles tomaram uma providência, mas eles deviam ter certeza de que eu precisava de mais assistência, mas não, se eu não falasse nada, acho que eu ficava lá uns quatro ou cinco dias. O médico então disse que eu ia descer para a sala de parto para ter o bebê e começou a induzir. Estava demorando muito, eu não sei por que, mas não fizeram fórceps que nem no parto do (1º filho). Meu menino nasceu às 13h15 e esse terceiro parto foi o pior porque depois que eu tive o (2º filho), que foi tudo bem, tudo sem médico, eu achava que o (3º filho) ia ser mais fácil, mas não foi, foi completamente diferente e eu não sei o porquê. O médico também não me explicou, eles não esclarecem nada, mas eu via que era por causa do soro que eu sentia dor. Nos dois primeiros partos, eu não precisei do soro, só nesse. O (3º filho) nasceu enorme e o parto foi bem dolorido, mas eu não falei nada na hora porque eu estava nas mãos dos médicos e não tinha enfermeira ajudando, não tinha ninguém até a criança nascer. Parto induzido tem que esperar, é uma história que fica para sempre. Logo quando os bebês nasciam, eles me mostravam, e logo que o (3º filho) nasceu, eu perguntei para o médico se ele era perfeito e ele falou que não tinha sobancelha e dente ainda. Ainda bem que ele brincou porque ele ficou preso mais de uma hora por minha causa porque já tinha acabado o plantão dele, mas eles são obrigados a ficar depois que atende a paciente porque fica sob a responsabilidade deles. O médico era bom, mas eu falo isso porque não vou passar por isso de novo. Levei corte nos três partos e eu não lembro o nome das pessoas que os fizeram.

M. de Jesus

Sete dias antes dela nascer, a bolsa arrebentou, saiu água e eu senti dor. Chamei a dona Odila, eu estava sem dilatação, mas ela ficou a noite inteira comigo, fazendo exame. Como a dor passou e não dilatou, ela foi embora. Depois de sete dias, deu dor forte para nascer e chamei a dona Odila de novo. Ela veio e me deu uma injeção que fez a dor apertar. Meu marido estava comigo, eu fiz silêncio, não fiz barulho nenhum. De hospital, nem precisava falar porque eu não ia, eu tinha medo, nervoso. Ela nasceu meio sufocada porque estava com o cordão umbilical no pescoço e demorou para sair, foi difícil. A parteira até rezou. Eu pensei que teria que ir para o hospital, mas ela saiu e ficou bem. A dona Odila cortou um pouco para ela sair e depois levei pontos sem anestesia e doeu, mas naquela época as parteiras não usavam, só se usava no hospital.

O segundo parto, em 1964, foi bem porque eu não tive náusea, deu para aguentar e foi mais rápido. Na hora de ter, eu senti a dor e chamei a parteira, ela veio, me deu a

injeção para ajudar na dor e para dilatar e fez o parto. Foi tudo normal e meu marido estava comigo. Dessa vez não precisou dar ponto e ela não nasceu com o cordão umbilical no pescoço.

Ignêz

O parto do (1º filho) foi no Hospital Modelo, na Liberdade em 1962 e foi particular. A bolsa estourou e eu não tinha dores, então fiquei dois dias no hospital tomando soro. A minha pressão ficou alta, 16 e pouco porque eu estava ansiosa por ter passado dois dias esperando ele nascer, recebi vários toques e isso foi me deixando nervosa. Como não dava dor, fui obrigada a fazer a cesárea porque já estava prejudicando a criança. Me deram anestesia raqui e foi tudo bem, mas meu marido não pode ver.

Descobri que estava na hora de nascer quando eu estava na festa de 1 ano do meu sobrinho, no Buffet Pão de Açúcar na Rua Brigadeiro Luiz Antônio e senti minha barriga soltar. De repente começou a me dar umas dorzinhas. Eu tinha o convênio Same e ele cobriu todo o parto. Cheguei ao Hospital Nove de Julho 23h30 e comecei a sentir dores horríveis. Às 6h30 eu estava gritando que queria cesárea. O doutor Roberto falou que não ia fazer cesárea porque o bebê estava nascendo. O meu marido ficou comigo antes de eu ter o (2º filho) e eu berrava e mordia ele. Meu irmão achou que eu fosse morrer. Me jogaram em uma maca porque eu sentia dor. Eu achei que meu parto ia ser igual ao da minha cunhada, que deram uma injeção e ela dormiu, mas não foi, tive dor seguida, sem parar. No fim, ele nasceu em 1963 de parto normal e eu recebi uma injeção para dormir depois do parto.

A (3ª filha) nasceu em 1968 no Hospital Nove de Julho, que o convênio Same pagou. Meu marido não viu e eu tinha 24 anos, tomei anestesia peridural, abriram minha barriga e um médico subia e outro puxava, foi horrível, sofri muito no nascimento dela, ela grudou na minha barriga, mas na hora que nasceu eu fiquei muito feliz porque eu era doida para ter uma menina.

M. de Lourdes

No dia 1º de maio de 1963 eu comecei a passar mal às 3h. Amanheceu e o meu pai foi atrás da parteira. Estava chovendo muito e ela se negou a vir atender porque não queria sujar a roupa em uma rua de barro, só iria se fosse de táxi, mas nós e meus vizinhos não tínhamos dinheiro para pagar. Meu pai ficou desesperado e se ofereceu para trazer ela no colo, se propôs a dar o dobro do que ela queria para me atender, mas ela também não aceitou. Ela não veio. Meu pai ficou na rua procurando alguém para ajudar e apareceu uma senhorinha que disse que entendia de partos e se ofereceu para ajudar no que pudesse. Nessa altura já tinha gente rezando e chorando. Eu não lembro o nome dela, mas ela já era velha, pretinha, toda enrugada, uma bruxa, uma coisa horrorosa. Eu estava com dor e quando ela olhava para mim dava a impressão de que ela queria me matar. Acho que a mulher era meio tapada, coitada, porque no parto a mulher só pedia água quente e pano limpo. O (filho) nasceu em casa, na Vila Formosa. Ela tirou a criança, mas não cortou o cordão e a placenta ficou grudada em mim, mas enfim a minha dor passou. Ele nasceu normal com 3.500 gramas e 50 centímetros, sem “pique”, sem cesárea. Não tinha ninguém para fazer isso também,

só tinha gente rezando, chorando e aquela doida mexendo em mim. Me deram até a urina do meu pai para tomar para ver se aquela placenta saía, foi uma ignorância só. Quando a criança chorava, ela pedia para minha mãe fazer chá de erva doce. Hoje em dia, para fazer parto, até os guardas fazem melhor do que aquela curiosa. Eles não criam problema, não dão show, correm logo para o hospital. Ele nasceu às 15h e eram 19h e a placenta ainda não tinha saído. Foram atrás de socorro, deram chá para o bebê, me fizeram sentar em uma coisa quente para ver se a placenta descia, até que meu vizinho foi para a avenida, parou uma ambulância, explicou o caso e eles vieram correndo. A enfermeira cortou o cordão. A ambulância era do Hospital Leão Treze, do Ipiranga. Eles enrolaram o bebê em panos limpinhos, me colocaram em uma maca e meu vizinho foi comigo para o hospital porque o meu pai já não tinha mais condições de nada. Ele falava que se eu morresse, ele ia matar aquela parteira que não quis fazer meu parto. Meu vizinho me dava a mão e chorava e eu me perguntando o porquê, porque eu estava bem, não estava sentindo nada. Quando eu cheguei ao hospital, já estavam me esperando, me levaram para um quatinho e tiraram a placenta em segundos, com muita prática. Me levaram para o quarto e o (filho) já estava sendo cuidado. Fizeram uma junta médica para saber quem foi que me atendeu porque fez tudo errado. A curiosa mexeu em uma coisa que não sabia, por isso que eu falo que parto não é brincadeira. Todo mundo no hospital queria saber o nome e o endereço dela, mas eu não sabia de nada. Eu não podia prejudicar a mulher, ela veio para me ajudar e fez o que podia, coitada. Talvez se não tivesse sido ela, teria sido pior. Minha placenta estava roxa e tiveram que fazer uma raspagem, me deram antibiótico, tiraram toda aquela pele e cuidaram muito bem de mim. Por ser hospital público, fiquei impressionada, fui bem tratada e bem atendida.

Cristina

O parto do (3º filho) foi em Ribeirão em 1982, só foi difícil porque ele era bem cabeçudo, então não nascia. Meu médico daqui, que é meu médico até hoje, era de uma linha natural, fazia parto normal. Conteí para ele dessa dor que eu tinha na virilha e das tragédias que tinham acontecido no primeiro e no segundo parto e ele me pediu para eu não deitar durante o trabalho de parto, ficar sentada e pressionar a virilha com a mão toda vez que tivesse uma contração. Foi a maneira que eu encontrei de não desmaiar e não sentir tanta dor durante o trabalho de parto. Minha mão ficava dormente, mas eu conseguia. O parto em si foi bom, induzido, relativamente rápido e a episio não foi tão grande. Eu não quis nenhuma anestesia.

Ainda faltavam dez dias para completar o prazo, mas eu estava com quatro centímetros de dilatação. Eu não estava sentindo nada, mas o médico me mandou para o hospital naquela hora. Eu disse que não ia porque que ia ao cabeleireiro. Fui ao cabeleireiro, saí às 18h. Passei no médico de novo e estava com seis centímetros de dilatação. Ele me mandou ir direto para o hospital e eu disse que ia para casa dar banho e janta para as crianças, que depois eu ia. Eu estava sem dor, sem nenhum sintoma. Ele disse que não se responsabilizava e eu fui para casa. Meu marido chegou às 19h30 e fomos para o hospital andando, normal, como estou agora. Não sentia nada. Chegando lá, ele mediu e eu estava com oito centímetros. Ele fez todo o preparatório e fomos para a sala de parto porque já estava na hora. Eu estava andando, não tinha tido nenhuma contração. O médico anestesista até perguntou se era eu que ia ter o filho. Como eu ia fazer a laqueadura pelo umbigo, o anestesista

estava lá de prontidão. Ele falou que ia colocar a agulha da anestesia enquanto eu estava sem dor. Só que na hora que ele colocou, ele passou do lugar e virou uma raquidiana. Eu comecei a vomitar e, nesse meio tempo, o meu médico já tinha estourado a minha bolsa e eu estava com contração de minuto em minuto. Eu não parava de vomitar e senti uma dor de cabeça alucinante. Não senti mais o parto de tão mal que eu fiquei. Ela nasceu e eu nem vi. Eles resolveram me apagar. Todos os outros filhos eles colocaram em cima de mim assim que nasceram, mas a (4ª filha) eu nem vi. O parto foi sem anestesia, ele só colocou a agulha lá por precaução, mas ele podia ter esperado para fazer isso depois. Ela nasceu em 1983.

Meu marido quis assistir todos os partos, o que foi muito bom. Acho que é uma emoção que tem que dividir. Os dois participaram, então os dois são pais.

M. das Graças

O parto deveria ser entre 30 e 31 de outubro, mas atrasou. O médico pediu para eu ir ao hospital colher o líquido amniótico e quando fui, já fiquei internada, era dia 14 de novembro. Como já tinha passado a data do bebê nascer, meu corpo ficou todo inchado e minha pressão começou a subir. Quando cheguei ao Hospital Nossa Senhora da Penha, fizeram uma lavagem intestinal e estouraram a bolsa. As contrações começaram, mas eu não tinha dilatação. Começaram a induzir o parto com soro e eu tive sangramento, mas o bebê não nascia e eu estava com dor. Ninguém ficou comigo quando eu estava com contrações. Era muito diferente de hoje, ninguém podia ficar lá dentro. O médico do plantão falou que não dava mais tempo de fazer uma cesariana, então tomei anestesia raqui e fizeram um corte não muito profundo. Me mostraram bem rápido a (1ª filha) porque ela nasceu roxinha e não chorou. O parto foi muito ruim porque utilizaram o fórcepe, que naquela época eu não sabia o que era, hoje eu sei. Ela nasceu domingo às 6h20 do dia 15 de novembro de 1981, machucou um pouco a cabeça dela, uma parte ficou mais funda, mas não teve nenhuma seqüela.

Não entrei em trabalho de parto, fui para o hospital para ter uma cesárea. Ele era médico do meu convênio, mas paguei para ele fazer o meu parto porque fiquei com medo de sofrer igual sofri no parto da (1ª filha) de tanta dor. No parto da (2ª filha), minha mãe e meu marido foram comigo para o hospital, mas ficaram do lado de fora. Ela nasceu no dia 20 de maio de 1987, chorando e abrindo o olhinho. Me mostraram ela e a colocaram em um cobertorzinho verde. Ela tinha umas dobrinhas e era bem gordinha. Nasceu com 46 centímetros e 3.900 gramas.

Vera Lúcia S.

Quando fui ganhar, fiquei sabendo que estava com a pressão muito alta, então o médico me deu medicação. No dia seguinte ele falou que se minha pressão continuasse alta, eu faria cesárea. Estava alta, 14x9. Eu fui tensa para a sala de cirurgia porque eu nunca tinha entrado em um centro cirúrgico e ninguém pode entrar comigo. Tinha um monte de aparelho. Depois que ele nasceu, em 18 de abril de 1981, com 4.020 gramas, me mostraram o bebê, mas eu não estava afim de ver.

Eu fiquei com trauma de pressão alta por causa da primeira gravidez, mas a pressão estava normal no dia que fui para o hospital ganhar ela. Ninguém pode entrar comigo de novo, mas como eu já tinha pagado o médico para fazer a cirurgia, foi cesárea. A (2ª filha) nasceu em 10 de setembro de 1985 com 3.200 gramas.

Vilma

Comecei a ter as dores, 20, 15, 10, cinco minutos e fui para o hospital com o meu irmão e minha sogra. A médica me examinou e disse que o bebê ia nascer no dia seguinte e me mandou voltar para casa. Meu irmão ficou inconformado e me levou para outro hospital. Fomos para a Maternidade São Paulo e eu tive que pagar. Na época eu achava absolutamente normal ter bebê no hospital público, mas hoje eu penso que era maluca. Eu não cogitava a possibilidade de uma cesariana, então eu não queria gastar dinheiro com isso. Chegamos lá às 11h e uma japonesa gorda me atendeu e falou que não ia me mandar para casa, mas que o bebê ia nascer umas 4h ou 5h do dia seguinte. Eu que me achava informada, achei que eu ia para um quarto dormir e que alguém ia me acordar às 4h e falar para eu ir ter o bebê. Eu estava com um pouco de dor, dois centímetros de dilatação, então pensei que já estava indo, mas eu era bem desinformada, essa que é a verdade. Fui para a sala de pré-parto e a enfermeira me colocou em uma cama, mas eu mudei porque queria ficar na janela e ela brigou comigo porque ela tinha me cadastrado na outra cama. Me mandaram ir ao banheiro fazer xixi, me depilaram e fizeram aquela lavagem intestinal horrorosa. Pediram para eu virar de lado e introduziram um negócio horroroso no meu ânus, entrou uma água quente no meu intestino, que fez eu me sentir mal. Achei aquilo horrível. Ela não me avisou o que ia fazer, só me mandou correr para o banheiro depois que terminou de colocar aquele líquido. Eu fui, mas fiquei com medo porque saía água e o bebê podia nascer e cair com a cabeça no vaso. A cada três minutos eu tinha uma dor muito forte e achava que ia morrer. Eu não conseguia ficar deitada, então eu levantava, agachava, me debruçava na cama... A enfermeira viu e mandou eu deitar para o lado esquerdo, mas eu não conseguia. De tanta dor, eu estava com muita ansia de vômito e vomitei uma gosma amarela. A enfermeira falava que não era para eu vomitar no chão, nem na cama, nem na roupa, que eu tinha que pedir a comadre, mas era incontrollável e ao mesmo tempo eu pedia desculpa e ficava envergonhada. Eu achei que ela foi extremamente cavala e eu não tinha a consciência de falar para ela que eu estava passando mal, que era para ela me ajudar. Ela só me dava bronca e eu chorava. Eram 2h e meu bebê não nascia. Entrava e saía outras mulheres e eu ficava lá. Deu 4h, 6h, 7h e eu não tinha mais força. Às 8h meu marido conseguiu entrar para falar comigo. Eu estava desesperada porque achava que ela não ia nascer. Ele conversou com uma médica e contou que eu tive uma irmã que faleceu no parto junto com o bebê. Usou essa informação para convencer as pessoas a me ajudarem. A médica respondeu que ia me colocar no soro e que se não nascesse até meio dia, me levava para a cesárea. Às 9h30 eu estava com dores alucinantes, de urrar. A médica entrou, estourou a bolsa com aquela agulha que eu achei que ela ia matar o meu bebê e colocou a mão na minha vagina e me fez sentir uma dor dilacerante, tive impressão que ela me abriu com os dedos dela. Quando ela tirou a mão, a luva estava ensanguentada e ela falou que eu ia ter que ir para a cesárea. Eu queria qualquer coisa naquela hora. Me deram uma injeção, me levaram para a sala de parto e resolveram tentar o parto normal porque eu estava com sete centímetros. Eu perguntei com quantos centímetros nascia e a médica respondeu que com nove.

Para ir para a sala de parto foi outro trauma porque o bebê estava encaixado, eu estava com dor, fraca, chorei a noite inteira e vomitei, então me deu a impressão de que eu ia sentar na cabeça do meu bebê se eu sentasse na cadeira de rodas. Tiveram que me levantar e me passar para a maca. Chamaram cinco enfermeiros e médicos para conseguir levantar alguém de 97 quilos. Eu entrei na sala de parto B. A sala estava extremamente gelada, com as janelas abertas, com muito vento e eu só com uma camisolinha aberta atrás, à disposição de todo mundo, com as pernas abertas, todo mundo estava me olhando, me cutucando, me mexendo, me pondo a mão. Eu me senti ultrajada na minha intimidade, não foi ninguém pegar na minha mão e falar o que estava acontecendo, para eu não me preocupar. Ainda por cima eu escutava no microfone que estavam chamando um doutor para a sala B porque era uma emergência. Eu sabia que era eu na sala B, então eu era a emergência e eu não sabia o que estava acontecendo comigo. Uma moça falava para eu não fazer força quando a dor viesse, mas era como uma diarreia, não dava para segurar, então quando vinha a dor, parecia que o bebê ia sair. De repente, eu senti uma queimada de cigarro que acho que foi a hora que a médica me cortou e a (1ª filha) nasceu. Depois ela enfiou a mão em mim e eu não sabia que isso ia acontecer. Senti como se ela tivesse raspando meu útero com as unhas, uma coisa muito incômoda. Ela me avisou que a placenta saiu. Me mostraram que eu tive uma menina, vi ela chorar e foram limpar, injetar coisa no nariz e eu só perguntava se estava tudo bem e me respondiam que sim. Ela me cortou sem anestesia, mas para costurar ela deu várias agulhadas que eu não sei se pegou porque eu sentia ela puxando, esticando e amarrando a linha de uma carne para outra. Estava doendo muito. Me deu uma tremedeira, um frio absurdo e eu batia os dentes, o queixo, tudo. Chamaram isso tudo de normal, se isso for normal, quando for anormal alguém me avisa porque não dá para chamar isso de parto normal. Eu nunca mais queria ter filho na minha vida.

Eu queria sair de casa quando as contrações estivessem de cinco em cinco minutos porque eu não queria sofrer 12 horas na maternidade, mas eu não me toquei de que o segundo parto era mais fácil e a (2ª filha) só não nasceu no carro porque Deus segurou. Meu marido me levou para maternidade pedindo para eu segurar o bebê e brigando comigo porque eu não saí de casa antes. Eu fui chorando e com dor. Quando eu entrei na maternidade, me colocaram na maca e a bolsa estourou. Não fizeram lavagem porque eu fui direto para a sala de parto com a dilatação completa. Eram 5h20 e eu saí de casa às 4h achando que ela só ia nascer umas 17h. A médica que me atendeu foi super gente fina, falava para eu fazer força, deu anestesia antes de me cortar para eu não sentir e quando ela nasceu, colocaram imediatamente em cima de mim e pediram para eu dar de mamar. Então eu tive um sentimento completamente diferente do que o da (1ª filha), senti que a (2ª filha) era minha. Cobriram ela com um paninho e enquanto isso me costuraram e eu nem sei se me enfiaram a mão para tirar a placenta. Foi muito diferente do primeiro parto, mais gostoso.

Eu escolhi uma maternidade perto de casa, o Hospital Vila Maria, porque já sabia que o terceiro filho ia ser mais fácil. Quando cheguei à maternidade, tive um sentimento estranho, mas passou. Fiquei em casa com dores e quando me internaram falaram para eu tirar a roupa, fazer xixi e deitar na cama. Senti vontade de fazer força e como a cama tinha umas grades de ferro atrás, me segurei e comecei a fazer força junto com a dor. A enfermeira percebeu que eu estava uivando, veio correndo e o (3º

filho) nasceu ali mesmo na sala de dor às 20h20. A mulher da cama do lado chorava de tanta emoção. Como não fizeram a lavagem, quando saiu o bebê, saiu cocô junto, o que foi bem desagradável. Ele nasceu azul e como eu li que o bebê poderia nascer azul ou roxo se tivesse passando mal, perguntei para a pediatra, mas ela me respondeu que era por causa do frio. Ele chorou e estava tudo normal. Ela não colocou a mão dentro de mim e eu também não tomei ponto. Foi o melhor parto que eu tive, estourou a bolsa, ele nasceu junto com a água, ela tirou a placenta e eu não levei ponto.

Chamei meu marido e consultamos o INPS, mas não faziam cesariana neste caso, só se eu ou o bebê estivéssemos correndo risco. Eu também não podia pagar o parto porque não tinha dinheiro. Nos sentimos culpados de não termos ido ao hospital depois que batemos o carro e tivemos que ir para outra maternidade mais barata porque os médicos daquele hospital falaram que alguma hora meu corpo ia expulsar o bebê e isso podia ainda levar um mês. Eu achei aquilo uma grosseria, fiquei imaginando eu dormindo, acordando, lavando minha barriga e esperando meu bebê ser expulso do meu corpo. Enquanto isso eu ia comprando o caixão, vendo onde ia enterrar, jogava fora o enxoval... Preferi ir para outro lugar. Pagamos uma cesárea para o doutor Orlando, que fez o pré-natal da (1ª filha) e ele fez o parto da (4ª filha). Eu chorava muito, estava muito triste porque meu bebê morreu, preferia ter outro com Síndrome de Down vivo do que ter perdido, a perda é muito pior. Ela tinha 4.200 gramas e a causa de morte foi um nó verdadeiro no cordão umbilical, uma coisa rara acontecer.

Sebastiana

Quando eu cheguei para a cesariana no Hospital Metropolitano do Morumbi, a enfermeira me levou para uma salinha e me depilou. Depois me levou para o centro cirúrgico e eu não me lembro de muita coisa depois disso. Lembro quando o médico me deu a anestesia e quando falou que era um menino. O (1º filho) nasceu às 8h50 do dia 26 de novembro de 1982 e meu marido não pode entrar.

Eu tive a (2ª filha) em 18 de setembro de 1986. Ela nasceu no Hospital Nossa Senhora da Saúde às 20h, não me mostraram porque ela não chorou e o médico falou que ela não estava bem. Meu marido não assistiu o parto.

Sheila

Tive a (1ª filha) com 39 semanas de gestação, de cesariana porque ela estava com duas voltas do cordão no pescoço e falaram que a cesárea tinha que ser de imediato. Na época não se fazia parto normal com cordão em volta do pescoço, mas eu podia e queria ter tido parto normal porque eu tinha dilatação. Eu sou a favor do parto normal, só que eu acho que é muito sofrimento. Lembro que o médico deu uma injeção para o pulmão dela e ela nasceu bem. O meu marido não quis ver o parto.

Eu tive a (2ª filha) com 20 anos por cesariana porque eu já tinha o corte do parto da (1ª filha). Ela nasceu tranqüila, não precisou ficar em incubadora, mas teve uma hipoglicemia, então ficou no soro. Como foi de supetão, meu marido não pode assistir o parto.

Carmen

A bolsa estourou em casa e eu tranqüilamente fui tomar banho, mas a minha sogra já ficou nervosa. Sujei todo o carro de líquido amniótico e cheguei ao hospital meia noite e ela nasceu às 4h25, mas eu comecei a sentir a dor do parto mesmo às 2h. Fui super bem atendida no hospital. O que dá medo são os escândalos que as outras mulheres fazem, assusta. A (1ª filha) quase nasceu na privada porque eu sentia aquelas dores e achava que eu queria ir ao banheiro fazer cocô. As mulheres falavam que eu não podia ir ao banheiro porque o meu filho estava nascendo. O parto não foi difícil, mas eu levei um corte enorme embaixo. Ela nasceu super bonita, com um peso ótimo, quatro quilos e 51 centímetros, de parto normal no dia 23 de janeiro de 1984, no Hospital Santa Marta no Lago Treze com a doutora Marieta.

Dia 19 de Novembro era para ela ter nascido. Eu fui para o Hospital Alvorada na Avenida Rio Branco de ambulância porque o médico disse que ela já estava corando. Quando eu cheguei, eles disseram que não estava nascendo. Me deram remédio a noite inteirinha e eu não conseguia dormir de tanta dor e ela não nascia. Me mandaram para casa e eu voltei dia 22 de Novembro de 1988 e ela nasceu com o doutor Júlio de parto normal, roxa, com 3.800 gramas e 53 centímetros. As pessoas antigas falavam que já tinha passado a hora dela nascer e eu sofri muito naquele dia. Eu tomei um soro na hora de nascer.

Marcamos a cesárea 15 dias antes da data dela nascer. Ela nasceu no Hospital Alvorada, em 1998 às 7h. Eu tinha varizes no útero e quando eles cortaram, eu quase tive uma hemorragia porque cortaram uma veia. Eu quase morri. Se eu tivesse um parto normal eu poderia ter tido uma hemorragia, porque as varizes poderiam estourar.

Ninguém assistiu o parto delas.

Vera Lúcia M.

O médico marcou o horário que eu deveria ser internada, às 9h. Foram comigo para a maternidade Neomater de São Bernardo, o meu marido, meu pai, minha mãe, minhas cunhadas, acho que minha sogra, a família inteira foi esperar o bebê nascer, mas ninguém entrou na sala de cirurgia. Eu só os vi quando passei pelo corredor. Na hora da depilação, tinham outras mulheres na sala e eu lembro que elas estavam rezando. Um pouco antes de ir para a cesárea, eu estava com muito medo, tão nervosa que fiz xixi na tampa do vaso sem perceber. Indo para o centro cirúrgico, eu olhei para trás, para minha mãe, meu pai, marido, para quem estivesse lá e pensei: que pelo menos salvem a criança. Eu achei que ia para a morte, eu tinha na mente uma cena que a gente vê na TV, de mil coisas funcionando, todo mundo concentradíssimo, mas era tudo diferente. Todo mundo conversava, um falou que foi viajar, outro falou de onde comia pizza e eu acabei entrando no papo deles também. Eu vi um jardim do lado de fora do vidro, foi muito diferente e ninguém te prepara para isso, o que eu acho errado porque você está indo para uma coisa que é muito importante para a sua vida e sem informação nenhuma. A anestesia foi um problema porque como eu nunca tinha tomado, achei que fosse morrer. O mais próximo da morte que estive foi no momento da anestesia. Eu achei isso muito ruim porque você vai preparada para ter

um bebê e acaba pensando que vai morrer. Acho que é uma preocupação de mãe, eu não sei se toda a mãe pensa nisso, que vai morrer quando a filha está nascendo. Esse medo surgiu no dia mesmo, antes eu não pensava nisso. Acho que deve ser um medo meu, mas foi um medo na hora, depois passou. A cirurgia foi tranquila, mas como eu tenho um pouco de pressão baixa, acho que tive sensação de desmaio, pois logo depois que eu tomei a anestesia eu falei para eles que achava que ia desmaiar, então eles deram uma alguma coisa que para eu não desmaiar. Quando eu vi a (filha), achei que ela era muito escurinha, mas não nasceu roxa. Ela era cabeludinha, bonitinha e realmente grande, nasceu com 52 centímetros e 3.960 gramas em uma sexta-feira. O meu marido, minha mãe e o meu pai a viram pelo vidro.

Conceição

Meu marido e a minha sogra foram para a Clínica Amalfi comigo e ficaram na sala de espera. Eu pedi para ele comprar um brinquinho porque se fosse menina já saía com a orelha furada. Quando eu internei, precisei fazer um exame de AIDS que na época o hospital exigia e eles não te internavam se você não fizesse esse exame. Eu também tinha pavor daquela lavagem intestinal que o pessoal falava que tinha que fazer, mas não tive problema nenhum. Fui bem de manhã para fazer toda a preparação, a lavagem com bactericida e fiquei aguardando a hora. Eles falaram que tinha um caso de emergência porque a mulher estava com dores e perguntaram se eu deixava ela passar na minha frente e eu deixei. Eu não senti dor, não sei o que é dor de parto, eu fui sem dor, do jeito que estou agora. Eu peguei trauma da anestesia porque me deu pavor daquele monte de enfermeiro na sala, mas depois que a anestesia fez efeito eu não vi mais nada. Não sei o que me deram que eu apaguei, só acordei na hora que me trouxeram ela, depois de todo o preparo. Me avisaram que era menina ainda na sala de operação e meu marido

O médico, o mesmo da (1ª filha), marcou a cesariana e de novo eu não senti dor nenhuma. Ele nasceu bem, no mesmo hospital da (1ª filha), dia 9 de julho de 1988, e dessa vez eu fiquei mais consciente durante a cirurgia, mesmo sendo a mesma anestesia. Quando falaram que era um menino, eu comecei a chorar. Ele era a cara da (1ª filha). A mesma enfermeira que pegou a (1ª filha), pegou ele e eu a conhecia. Ela levou o (2º filho) para o meu marido ver só com o rostinho de fora e perguntou para ele se ele achava que era menino ou menina. Meu marido achou que era menina e quando viu que era menino ele começou a chorar, foi super emocionante.

Valdinéia

O parto foi com o mesmo médico que fez o meu pré-natal e foi complicado porque a (1ª filha) demorou para nascer. No hospital, eles só fizeram exame de toque, mas eu não lembro com quantos centímetros eu estava quando ela nasceu. Comecei a sentir as dores do parto umas 14h e ela só nasceu no outro dia acho umas 5h ou 6h. Eu queria ter a (1ª filha) de parto normal, fiz de tudo, aguentei de dor quase que um dia inteiro e uma noite inteira porque eu queria parto normal, mas o médico chegou, estourou a bolsa e falou que não dava mais para esperar, que tinha que ser cesárea porque ela tinha feito cocô na minha barriga. Eu não esqueço a anestesia, senti muita dor. Senti aquela agulha entrando na minha espinha, mas não lembro que anestesia

foi. Ela nasceu na Humanitária Nova dia 20 de abril de 1986. Me mostraram ela toda sujinha, colocaram um pouquinho comigo e depois foram limpar.

O (2º filho) nasceu em Cordeirópolis dia 14 de dezembro de 1989, mas eu não senti as dores do parto normal porque fui com hora marcada. Me mostraram ele, todo vermelhinho, loiro e carequinha. Foram limpar, enfiaram uma mangueirinha e eu fiquei apavorada quando eu vi aquilo, acho que servia para fazer limpeza, mas eu achei que estava acontecendo alguma coisa com o bebê. Eu perguntei e eles falaram que era um procedimento normal.

Noeme

Em um sábado, eu estava nadando e senti que alguma coisa estava acontecendo, parecia que eu tinha feito xixi. Eu saí da água, fui à enfermagem e perguntei se era xixi. A auxiliar de enfermagem olhou a cor do líquido e confirmou que era, então eu tomei um suco de coco e voltei para a piscina. Novamente começou vazar alguma coisa, fui à enfermagem de novo, mostrei e ela falou que já era sinal de parto, mas eu não estava com nenhuma dor. Uma professora, amiga e colega de trabalho, me levou para o Hospital Santa Catarina e ficou por lá, mas eu estava totalmente despreparada, não tinha roupa. Me internaram, fizeram um exame de sangue e eu comecei a sentir dor. As contrações foram aumentando. Eles me deixaram em uma cama meio reta, não sei se é normal e fiquei deitada perdendo muito líquido. Não vinha ninguém ver se estava normal, ninguém veio ver minha dilatação, não me machucaram e isso foi bom. De vez em quando vinha alguém me ver, mas eu tive uma impressão de abandono porque ninguém me falou qual a posição que eu tinha que ficar e eu estava sem travesseiro, sem nada. Um às 15h, uma médica apareceu para me ver e eu não aguentava mais sentir dor. Eu não tinha medo do parto, mesmo tendo visto o que aconteceu com minha mãe [sangue escorrendo pelas pernas], mas àquela altura, eu nem pensava mais em parto normal porque eu estava jogada lá naquela cama. Quando o doutor Mendes chegou, senti até um alívio quando ele falou para irmos para a sala de cirurgia. Foi uma cesárea, mas eu não sei o porquê, acho que por uma suspeita de crise na vesícula. Me mostraram a (filha) quando ela nasceu, dia 28 de novembro de 1987. A enfermeira me perguntou o nome e eu não sabia por que não sabia o sexo. Ela me mostrou que era uma menina e eu na hora dei o nome de [nome da filha]. A enfermeira riu porque o nome dela também era [nome da filha] e ela era super legal e linda, mas a minha filha era o bebê mais feio que eu já vi na vida, só podia ser minha filha mesmo. Usaram uma toalha branca esterilizada para embrulhar a (filha), ficou como um charuto enrolada na toalha de banho.

Marisol

O (1º filho) até ia nascer normal porque eu tive contração e a bolsa estourou em casa. Fui para o Hospital São José do Brás, o doutor Walter esperou um pouco para ver se nascia, mas a minha pressão estava 19x alguma coisa e ele achou muito arriscado fazer um parto normal. Não explicou direito os motivos, então eu fui direto para a cesariana. Ele me deu uma injeção de Buscopan® para parar as dores e fui para a mesa de cirurgia fazer a cesárea com anestesia raquí. Eu quase entrei em eclampsia porque eu comecei a me debater na mesa e tiveram que me colocar aquele aparelhinho de oxigênio. Ele nasceu, a pressão caiu e foi tudo bem depois. O parto

foi meio particular, meio INPS, então eu fiquei em quarto e os pontos eram de plástica. Meu ex-marido não quis ficar, ele falou que ia desmaiar. Eu não lembro se o hospital na época não deixou.

Estourou a bolsa em casa, fui para o hospital com contração às pressas, só que eu não tive dilatação nenhuma. Eles colocaram um soro para dilatar, só que como minha cesárea era muito recente, o médico achou melhor fazer outra cesárea porque podia estourar os pontos, então como foi rápido, ninguém estava lá para entrar na cirurgia comigo. Lá fui eu de novo para a faca, com anestesia raqui e eu ainda achava que era outro menino. Fiquei meio grogue da anestesia, mas ela nasceu bem, sem problemas nenhum, com bom peso e normal.

4.2.1.4 Puerpério, consultas e exames

Antonieta

Tinha o resguardo, a dieta de 40 dias. Minha sogra não me deixava lavar a cabeça os 40 dias e eu fiquei com o cabelo fedido, só podia tomar banho.

Joana

Eu me recuperei bem do meu primeiro parto e demorou um tempo para eu engravidar de novo.

Foi tudo bem na minha recuperação do parto do (3º filho).

Eu tive hemorragia depois de uns dois ou três dias que eu tive o (5º filho) porque meu marido comprou um cachorro que fugiu. Eu fui correr atrás dele e acabei vendo estrelinhas na minha frente. Meu marido chamou o médico em casa, doutor Luís, ele me examinou, trouxe um farmacêutico junto, me deu uma injeção e parou com a hemorragia. Hoje em dia os médicos não vão mais nas casas.

Anézia

Depois do parto do (3º filho) eu fiquei meio fraca.

Hermínia

Depois do parto da (3ª filha) eu tive uma hemorragia muito forte, mas a parteira cuidou bem de mim, ela era muito boa.

Nos dois hospitais que eu tive três meninas, elas ficavam comigo o tempo todo e foram para casa no mesmo dia que eu. Parto normal é assim, sofre, mas depois que

ganhou da para levantar e andar, só tem que ter cuidado porque as partes do corpo estão soltas. Não fui a nenhuma consulta depois do parto porque estava tudo bem.

Cleusa

Depois do parto do (1º filho), a minha recuperação foi mais ou menos porque eu fiquei meio dolorida nos pontos que levei. Eu tinha que sentar com cuidado, mas passou logo. Depois de um mês que meu primeiro filho nasceu, eu voltei ao hospital porque estava com uma pequena infecção. Eu percebi porque minha vagina ficou inchada e começou a vazar. O médico falou que precisava fazer uma limpeza e me receitou penicilina, mas foi só isso, não deu mais nada. Eu tenho certeza que foi culpa do médico, alguma coisa que ele fez, porque eu não fiz nada de diferente, de extravagante, respeitei tudo direitinho, inclusive a dieta. Ele usava óculos escuros, então a infecção que eu tive foi culpa dele porque ele não enxergava. Ele tinha deixado alguma coisa dentro de mim porque o parto foi às 18h15 e ele estava de óculos escuros.

Não fui à consulta depois do parto do (2º filho) porque não precisei.

Depois dos partos, eu ficava três dias na maternidade, depois mandavam a gente para casa. Se ocorresse alguma coisa errada a gente ficava mais tempo.

M. de Jesus

A parteira veio em casa no dia seguinte dar uma olhada, ver como é que eu estava e estava tudo bem. Os pontos não incomodaram e caíram ou ela veio tirar, não lembro. Eu não sabia cuidar direito da (1ª filha), mas fui aprendendo a lidar.

No dia seguinte do parto da (2ª filha) a dona Odila veio para ver se estava tudo bem e estava tudo bem também.

Ignêz

Meus três filhos ficavam no berçário e as enfermeiras traziam de três em três horas para amamentar. Depois de cada filho eu fiquei uns quatro ou cinco dias no hospital, não é que nem hoje em dia que eles mandam embora em dois ou três dias.

M. de Lourdes

Três dias depois meu pai e meu vizinho foram nos buscar no hospital.

Cristina

Depois do parto da (4ª filha) eu tive que ficar sem travesseiro por 24 horas. O parto dela tinha tudo para ser maravilhoso, mas foi ruim.

Eu voltava nas consultas depois do parto e sempre fazia o que me pediam.

M. das Graças

À noite me trouxeram a (1ª filha), quando eu já estava no quarto. Ela ficou um pouco na incubadora e nasceu com 2.980 gramas, 52 centímetros, bem magrinha e comprida. Ela ficou pouco tempo comigo e no outro dia trouxeram ela para mamar. Eu voltei para casa na quarta-feira, três dias depois do parto. O meu marido veio à noite para nos visitar, mas eu só escutei a voz dele, não o vi. Depois que cheguei em casa, precisei dar banho e aprender tudo. Foi complicado.

A cesárea foi ruim, doeu porque é uma cirurgia e o corte é muito grande. Fiquei muito tempo para voltar a sentar normalmente. Para levantar da cama doía muito. Só depois de uns 15 dias que eu me senti mais segura e voltei a ficar na posição ereta, mas antes, eu fiquei com medo de abrir os pontos. Apesar disso, o pós-parto da (2ª filha) foi *light* porque eu já sabia tudo, já sabia dar banho e minha mãe estava comigo. No hospital ela ficou no berçário, mas sempre vinha para mamar.

Depois dos partos, não tive consulta pós-parto, mas fiz Papanicolaou.

Vera Lúcia S.

Senti uma rejeição, não fiquei contente. Até cair minha ficha de que eu era mãe, me deu um pouco de depressão, mas dois dias depois passou. O (1º filho) precisou ficar na incubadora porque nasceu antes da hora. A cesárea foi muito dolorida e na hora que eu levantei foi uma dor horrível, parecia que alguém estava enfiando uma faca em mim, então quando chegava o bebê era um incomodo porque eu estava com muita dor. Eu nem queria segurar ele porque eu não podia me movimentar. Estava me sentindo uma pessoa machucada e dolorida. Tive alta e ele ficou internado por mais dois dias. Tirei os pontos depois de uma semana e fiquei 20 dias na casa da minha mãe de tanta dor que eu sentia.

A cesárea da (2ª filha) não doeu porque os pontos eram os de cirurgia plástica, acho que hoje em dia é assim também, então eu já pude levantar, cuidar dela e não passei pelo trauma da dor que tive do (1º filho). Além disso, saí do hospital com ela no colo. Me recuperei bem mais rápido dela do que do (1º filho).

Vilma

Quando eu fui para o quarto, parecia o paraíso porque a dor tinha acabado. Eu estava desesperada por um cigarro porque tinha fumado a gravidez inteira. Quando trouxeram a (1ª filha), eu tive um sentimento estranho, que não sei se foi normal. Normalmente a mãe conversa com o bebê, mas eu me achava meio maluca conversando com ela. Era como se eu conversasse com o meu pé, mão, joelho, eu não sabia se ela estava ouvindo, ela era muito pequena para entender alguma coisa. Eu acho que é a mesma coisa que falar com uma planta, então eu não conversava muito. Eu olhei para a carinha dela e não tive o sentimento de ser minha, de que saiu de dentro de mim. Se me trouxessem qualquer uma, eu ia aceitar como minha filha. Por isso que tem troca em maternidade e ninguém nota. Então eu percebi que se eu pegasse um bebê para criar, seria igual.

Meio dia eu já tinha tomado banho, lavado a cabeça e já estava no quarto junto com o meu bebê. Eu saí do hospital dois dias depois que a (2ª filha) nasceu. Depois eu fui à consulta de pós-parto e tive que queimar uma feridinha no útero, mas ficou tudo bem.

Logo depois do parto, sentei em uma maca e fui com ele no colo para o quarto. Meu marido pegou o (3º filho), ficamos um pouco juntos e depois ele foi para o berçário e meu marido embora. Começou a me dar tristeza, vontade de chorar e passei a achar que tinha alguma coisa errada com o meu bebê, mas eu não sabia o quê. Perguntei para uma enfermeira se eu podia ir vê-lo e ela falou que não, já era noite e eu só poderia levantar depois que o médico me visse no dia seguinte. Perguntei se ele estava bem e ela falou que sim. Tomei uns remédios, banho, ela trocou a cama e depois de um tempo eu dormi. No dia seguinte o médico veio e eu perguntei se meu bebê tinha alguma coisa e ele falou que se o pediatra não tivesse falado nada é porque estava tudo bem e pediu para eu colocar uma roupa e ir até o berçário. A enfermeira de lá me mostrou ele pelo vidro e eu o achei gordo, bochechudo, diferente, meio feinho e careca. Meu ex-marido chegou e falou que uma médica queria falar comigo. Ela entrou no berçário, examinou o (3º filho) e pediu para entrarmos. Ela tinha o cabelo preto e um olho bem azul, um fantasma na minha vida. Perguntou quantos anos eu tinha e eu respondi que tinha 31. Perguntou quantos filhos eu tinha e se eles eram normais e eu respondi que tinha duas filhas e que eram normais, então ela falou que na minha idade não era para eu ter tido um filho mongolóide. Desculpou-se pela maneira de falar, mas disse que não dava para dar essa notícia devagarzinho. Continuou falando que o (3º filho) tinha retardamento profundo e que crianças como ele quando passam do primeiro ano de vida, não chegam aos 15. Ela me deu a notícia de que meu filho era mongolóide, ela o matou no primeiro ano de vida e matou no 15º. A minha primeira reação foi achar que ela era uma idiota e que estava fazendo uma brincadeira de mau gosto, mas ela continuou dizendo que nos encaminharia para a APAE. Meu marido esmagava minha mão e ela continuava falando que meu bebê era completamente mongolóide, que ela não sabia por que isso acontecia e que não tinha explicação científica. Meu marido jogou na minha cara que eu não tinha abortado e a médica perguntou o porquê, expliquei que tive rubéola e ela disse que não era da doença, que se eu tivesse tido a rubéola ele ia nascer pior ainda. Pensei que talvez tivessem trocado meu filho porque eu tinha achado ele feio e ninguém da família tinha essa deficiência. Comecei a culpar o meu marido e a pensar que minhas filhas poderiam virar mongolóides com o tempo. Tive um turbilhão de pensamentos, queria até que ele morresse. Perguntamos se podíamos pegar ele e ela falou que era melhor não, que tínhamos que conversar, pensar e contar para a família. Fomos embora do berçário.

Voltei para casa sem meu bebê. Eu tinha leite, mas não tinha para quem dar de mamar, eu não conseguia andar por causa do corte da cesárea, passei muito mal. Tive quelóide, tive que abrir o corte três vezes e colocar três drenos de tanta infecção. Apertavam minha barriga e saía pus, uma coisa podre, verde, fedida. O corte cicatrizava por cima, mas por baixo dava necrose, o tecido apodrecia. A anestesia não pegava e eu quase perdi meu útero. Eu fiquei de cama, hospitalizada, tive febre e estava triste de não ter um bebê. Foi muito traumatizante e eu entrei em depressão. Pensei que eu era uma mãe horrível porque eu tive um filho excepcional e outro morto. Eu tomava banho, me trocava, me olhava no espelho, via aquela cicatriz,

cicatriz de morte, meu bebê morto passou por ali. Um sentimento horroroso que eu não desejo para ninguém.

Eu ia às consultas após o parto e os médicos passavam a dieta e viam se estava tudo bem.

Sebastiana

Depois do parto do (1º filho) eu já fui para o quarto. Quando começou a passar o efeito da anestesia, eu senti muita tremedeira, como se fosse um frio, uma coisa estranha, eu não estava legal. Toquei a campainha, veio uma enfermeira, parteira japonesa de uns 35, 40 anos e eu falei que não estava bem e que tinha sangue escorrendo na minha perna. Eu estava cheia de esparadrapo, ela puxou tudo e a partir daí eu não me lembro de mais nada. Essa hora foi marcante para mim porque deu a impressão de que ela estava desesperada. Era um curativo bem grande, não era como os de hoje em dia. Me levaram para a UTI porque eu estava com hemorragia. Me abriram de novo porque eu sangrava tanto pela cesárea como por baixo. O meu médico não estava lá, tentaram localizá-lo, mas não o acharam, então o diretor do hospital e a equipe médica dele me socorram. Mais tarde meu médico chegou e me contou que oito horas depois do parto eu tive uma eclampsia. Eu fiquei desacordada e quando acordei eu estava na UTI. Na UTI tinha um monte de gente passando mal e morrendo. Eu perguntava para as meninas onde estavam as pessoas que estavam ao meu lado e as enfermeiras respondiam que elas tinham ido para o quarto andar do hospital [havia falecido], mas o hospital só tinha três andares. Fiquei uma semana na UTI e tomei sangue. Não sei por que eu não podia tomar o sangue do hospital, tinha que ser sangue fresco, então meu médico, minha irmã e meu sobrinho doavam sangue para mim. Fui para o quarto e continuei melhorando. Deixaram um dreno para sair o sangue e aquele dreno não cicatrizava. O médico limpou, deu uns pontos e ficou bonitinho. Eu vi meu bebê no quarto umas duas ou três vezes e depois ele foi para casa e eu fiquei no hospital. Minha cunhada cuidou dele enquanto eu não voltava. No total eu fiquei 20 dias no hospital. Tive consulta depois do parto, meu médico vinha me atender em casa porque a gente morava próximo, eu fui bem atendida tanto por ele quanto no hospital.

Só fui ver a (2ª filha) um dia depois do parto, quando já estava no quarto. Falaram que ela tinha ficado na incubadora. Minha recuperação foi ótima e rápida, em um instante eu estava cuidando dos dois. Eu fui à consulta de puerpério e ele me recomendou repouso e fez um exame de Papanicolaou para ver se estava tudo bem.

Sheila

Depois do parto da (1ª filha) eu fiquei três dias no hospital e o doutor Izaque veio em casa para tirar meus pontos. Eu tive essa regalia, não precisava ir ao hospital, ele cuidava de mim em casa.

Eu fiquei quatro dias no hospital porque ela ficou mais um dia por precaução. Na consulta do pós-parto da (2ª filha) eu fui até o consultório da doutora Elza e estava tudo bem.

Carmen

Aqueles pontos que eu levei lá embaixo no parto da (1ª filha) me faziam arrastar uma perna de tanto que doía e queimava porque é um lugar muito sensível. Foi horrível.

Depois do parto da (2ª filha) eu fiquei com soro até o dia seguinte.

Minhas três meninas eles traziam para amamentar e depois levavam de volta para o berçário. Nas consultas de pós-parto sempre estava tudo bem comigo e com elas.

Vera Lúcia M.

Eu fui para sala de recuperação e fiquei um tempo lá. Depois de algumas horas eu fui para o quarto e o meu marido estava lá. Eu estava anestesiada e não conseguia nem mexer a cabeça. Vomitei muito depois que passou o efeito da anestesia porque eu não podia estar com o estômago cheio, mas eu não sabia. Minha mãe ficou limpando meu vômito. A (filha) não ficou comigo no quarto depois que nasceu, eles a traziam para mamar e depois a levavam de volta, mas como eles orientavam andar para funcionar o intestino, eu ia até o berçário ver ela. Eu sei que a preocupação deles era comigo porque fiz uma cirurgia, mas eu achava ruim não ficar junto com o bebê. Eles a trouxeram na madrugada do outro dia. Nós comentamos que ela era bastante esperta porque ficava olhando em volta e isso me deixou contente e satisfeita. Parecia uma bezerra desmamada, já pegou o peito e começou a mamar. Depois, como toda a mãe, você quer olhar a criança para ver se não falta nenhum dedinho, a minha maior preocupação era ver se ela tinha nascido perfeita fisicamente. No dia seguinte, a enfermeira veio me ajudar no banho, mas eu consegui tomar banho sozinha. Os pontos não tinham problema. Eu morava em um sobrado e tive que ficar uma semana no quarto no andar de cima porque ninguém me deixava descer as escadas. Depois de uns três dias, eu chorei que nem criança desesperada porque eu não conseguia fazer nada. Eu queria descer as escadas, ter liberdade, mas o médico falou que eu só podia descer uma vez por dia. É horrível ter a sensação de estar pressa e eu comecei a achar que ia ter algum problema, pois tive uma amiga que depois da gravidez teve depressão e eu achei que fosse ter. Eu me recuperei logo, uma semana depois eu já tinha perdido 10 quilos e depois de seis meses eu já estava com 60 quilos. Eu tinha 31 anos, então foi fácil, não me preocupei com isso. Eu fui à consulta de pós-parto, mas não tive nenhuma orientação a mais, nem de método contraceptivo. Eu tive essa orientação com outra médica, a doutora Albertina Duarte.

Conceição

No dia seguinte, 31 de dezembro de 1985, eu estava no hospital sozinha, não tinha ninguém porque era passagem de ano. Eu só ouvia buzina do lado de fora e a (1ª filha) não ficou no quarto comigo, só vinha mamar. Hoje em dia fica com a mãe, mas naquele tempo o bebê ficava no berçário. Começou a me dar um desespero, eu chamei a médica e falei que queria ir embora porque já estava bem. Enchi tanto o saco dela que ela me deu alta no dia um ao invés de dia dois. Depois da cirurgia é muito ruim porque a pele fica irritada na região dos pontos e só melhora depois que tira, uma semana depois. Antes eu não conseguia nem levantar direito porque incomodava e repuxava. Não tive depressão pós-parto que falam que geralmente dá.

Depois do parto do (2º filho) ele só vinha para mamar e eu fiquei junto com outra moça no quarto. Eu saí do hospital depois de 48 horas e fui para casa. No calor eu já tinha experiência, mas dele eu até tive enjojo e depressão depois do parto e eu não acreditava que isso existia. Eu tinha vontade de sair correndo, jogar o bebê na cama, ir embora e não voltar mais. Eu olhava para ele e dava nojo, até o cheiro do sabonete era ruim. Fui para a consulta de puerpério e estava tudo normal.

Valdinéia

Depois do parto eu fui direto para um quarto de INPS. Eram três camas, mas se fosse uma só seria melhor. Eu só fui vê-la mais tarde, quando a trouxeram para amamentar. A (1ª filha) era cabeluda e tinha o cabelo pretinho. Ela ficava um pouquinho e depois levavam embora. Fiquei no hospital uns três dias, hoje em dia acho que não fica mais esse tempo todo. Eu tinha muita dor porque eu engordei bastante, mas foi tudo normal, me recuperei bem.

O pós-parto do hospital foi bem melhor do que o que eu tive a (1ª filha), em Limeira. Lá eu não conseguia nem comer a comida, mas o de Cordeiro era uma amiga nossa que cozinhava, então era uma delícia, eu fiquei em um quarto sozinha porque era particular e meu marido ficou comigo o tempo todo. Depois de três dias o meu peito empedrou porque eu tinha muito leite e o (2º filho) não dava conta. A enfermeira me levava ao banheiro, colocava o chuveirinho quente e fazia massagem. Tive febre por causa disso, então fiquei um tempo a mais no hospital tomando medicamento, uns quatro dias. O (2º filho) ficava o tempo todo comigo, as enfermeiras trocavam ele, me ensinavam a cuidar, ajudavam no banho e na amamentação. Como eu estava toda cortada, eu não conseguia andar de dor e tinha uma menina do outro quarto que andava e não sentia nada, mas ela estava magrinha e eu enorme.

Noeme

Depois da cirurgia, eu não tive muita dificuldade porque eu tinha a musculatura muito firme e não tinha gordura na barriga, então acho que facilitou para cicatrizar. O médico fez um trabalho bonito nos pontos, ficou uma cicatriz não muito marcante. A (filha) ficou comigo depois que nasceu e logo fomos para casa. Depois eu fui para a consulta de puerpério na clínica do doutor Mendes e me cuidei direitinho. O corte cicatrizou rápido e eu não tive nenhum problema depois do parto.

Marisol

Eu não podia levantar a cabeça 24 horas depois do parto e eu tinha muitos gases, doía demais, parecia que eu tinha sido costurado com latão, muito ruim, eu sofri bastante. Os pontos eram de grampo e minha cicatriz ficou horrorosa. Acho que esses médicos que são mais idosos deveriam evoluir junto com os outros para fazer o trabalho bem feito. Depois de três dias eu saí do hospital. Eu também tive um pouco de depressão pós-parto porque eu achei que pudesse acontecer com ela o que aconteceu com o (1º filho). Depressão pós-parto é muito sério, eu não gostava da (2ª filha) no começo. Foi tão sério que eu não tinha vontade de amamentar. Cheguei a dar uma rejeitadinha, mas procurei ajuda.

4.2.2 A maternidade e seu contexto**4.2.2.1 Planejamento da gravidez e contracepção****Antonieta**

Não contou sobre o planejamento da gravidez e a contracepção.

Joana

Não prevenimos a gravidez, então acho que não tínhamos que ter mais filhos mesmo.

Anézia

Eu não planejei meus filhos, mas meu marido e minha sogra só queriam dois.

Hermínia

As minhas quatro filhas foram planejadas.

Cleusa

Não contou sobre o planejamento da gravidez e a contracepção.

M. de Jesus

Eu nunca evitei engravidar, nunca tomei remédio, nem depois da segunda filha porque eu adorava ficar grávida.

Ignêz

Eu não podia tomar pílula porque cortava a minha menstruação e eu corria para o médico achando que estava grávida, então eu usava um supositório que faziam na Lapa.

Junto com a cesárea, eu marquei operação para fechar a fábrica, tirei as trompas.

M. de Lourdes

Não contou sobre o planejamento da gravidez e a contracepção.

Cristina

Eu dizia que queria ter quatro filhos, duas meninas e dois meninos, mas não planejávamos quando.

Eu estava com DIU quando engravidei da (4ª filha).

No parto da (4ª filha) eu fiz a laqueadura pelo umbigo.

M. das Graças

A minha primeira gravidez eu não planejei, foi com 17 anos e eu era muito nova.

Eu tomava anticoncepcional para evitar a gravidez.

Vera Lúcia S.

O médico me passou Nordette® para não engravidar, mas passei muito mal e parei de tomar no primeiro comprimido. Decidi que não queria tomar remédio, então comecei a usar a camisinha.

Eu não planejei ter meus dois filhos. Nós usávamos camisinha e fiquei grávida as duas vezes que não evitei.

Depois da gravidez da (2ª filha) meu marido operou.

Vilma

Planejei três gravidezes. Engravidei logo que casei. Depois parei de tomar pílula para engravidar mais duas vezes. A única que não foi planejada foi a (4ª filha).

Eu tomava pílula e parei para ter a (2ª filha).

Eu tomava pílula e parei para engravidar do (3º filho).

Depois da (4ª filha) eu resolvi operar para não ter mais filhos.

Sebastiana

Eu usava anticoncepcional para prevenir a gravidez.

Quando a (2ª filha) tinha 6 anos, eu queria que meu marido fizesse a vasectomia, mas como ele não quis, eu fiz a laqueadura. O doutor Cláudio não estava mais operando, então indicou um conhecido dele. Eu operei porque não queria engravidar mais e porque ele não recomendava que eu engravidasse por causa dos sangramentos que eu tive nos dois partos.

Sheila

Coloquei DIU e fiquei uns nove anos com ele entre a (2ª filha) e a (3ª filha).

No parto da (3ª filha) eu resolvi operar e tirei trompa que eu ainda tinha.

Nunca planejei, mas agora só posso ter filho planejado porque não tenho mais as trompas.

Carmen

Eu usava anticoncepcional para prevenir a gravidez, mas engravidei porque não tomei direito.

Depois do parto da (1ª filha) eu voltei a tomar o anticoncepcional, mas em um deslize eu engravidei.

Tive que fazer uma cesárea para poder operar e não ter mais filhos.

Vera Lúcia M.

Eu sempre planejei tudo. Quando me casei, eu usava DIU e usei até agosto de 1984, quando resolvi engravidar.

Conceição

Quando namorávamos, fizemos um desenho que eu tenho até hoje. Desenhamos nossa casa, colocamos nosso nome, o nome da nossa futura filha e o ano que ela ia nascer, 1976.

Tomei anticoncepcional por seis meses depois de casada, mas parei porque já queria engravidar.

Pensei em ter mais filhos depois da gravidez do (2º filho), então eu não operei. Eu era muito nova também, mas quando o (2º filho) fez 1 ano eu pedi para o meu marido operar. Me arrependo um pouco, mas está ótimo só dois filhos.

Valdinéia

Nós namoramos 11 anos antes de casar, então não tinha mais o que esperar para ter filho. Planejamos os dois filhos.

Tomei pílula uns quatro ou cinco meses depois de casados e resolvemos ter o primeiro filho. Parei de tomar e uns dois meses depois engravidei.

Depois de um tempo que eu tive o (2º filho), fiz a cirurgia da laqueadura porque eu não queria mais filho, um casal estava bom.

Noeme

Não planejei engravidar.

Marisol

Não contou sobre o planejamento da gravidez e a contracepção.

4.2.2.2 Confirmação da gravidez

Antonieta

Eu percebia que estava grávida porque a menstruação parava de vir.

Joana

Descobri que estava grávida da (1ª filha) porque minha menstruação atrasou.

Percebi que estava grávida da (2ª filha) porque a menstruação parou de vir.

Anézia

Não contou sobre a confirmação da gravidez.

Hermínia

Não contou sobre a confirmação da gravidez.

Cleusa

Descobri que estava grávida do (1º filho) por causa da falha da menstruação e do estômago que começou a acusar.

M. de Jesus

Eu nem sabia direito que estava grávida da (1ª filha), pensava que estava com alguma doença porque sentia fraqueza, então fui ao médico e ele me examinou e comprovou que eu estava grávida.

Descobri que estava grávida da (2ª filha) porque eu já tinha mais noção das coisas.

Ignêz

Eu comecei a tentar engravidar, mas a minha menstruação veio no primeiro mês, fiz exame de sangue e urina e deu negativo. No outro mês veio de novo e eu chorava porque naquela época a gente casava para ter filho. Eu não acreditava que não estava grávida e resolvi ir ao médico. Ele fez o exame de toque e falou que eu estava grávida.

Eu não desconfiava que estivesse grávida da (3ª filha) porque a minha menstruação estava normal, mas os meus seios começaram a crescer, por isso fui ao doutor Roberto. A gravidez dela foi um descuido, o supositório (anticoncepcional) não derreteu.

M. de Lourdes

Não contou sobre a confirmação da gravidez.

Cristina

Eu tive um atraso na menstruação, um sangramento pequeno e um cansaço absurdo. Sou muito agitada, muito elétrica, não sei o que é preguiça, mas nesse dia eu dormi 24 horas, não conseguia levantar para fazer nada. Imaginei que alguma coisa estivesse acontecendo e fui ao médico. Ele perguntou qual era o meu problema, eu disse que achava que estava grávida. Ele me mandou fazer exame de urina e o resultado foi que eu estava grávida da (4ª filha).

M. das Graças

Minha menstruação parou e eu fui ao ginecologista. Ele disse que podia ser anemia, fiz exame de sangue e urina, mas não descobriram nada. Ele fez um toque e pediu uma ultrassonografia que confirmou que eu estava grávida e com quatro meses e meio de gestação.

Da gravidez da (2ª filha) eu tive enjoo, mas já era mais experiente e desconfiei.

Vera Lúcia S.

Eu descobri que estava grávida do (1º filho) porque atrasou a menstruação. Veio uma manchinha, pensei que não estivesse grávida, mas estava porque não menstruei mais, então fiz o exame e deu positivo.

Vilma

Descobri que estava grávida da (1ª filha) porque a menstruação não veio.

Sebastiana

Não contou sobre a confirmação da gravidez.

Sheila

Não fiz exame de sangue para confirmar que estava grávida da (1ª filha), fiz direto um ultrassom.

Carmen

Não contou sobre a confirmação da gravidez.

Conceição

Um dia eu me senti meio estranha, fui ao médico e estava grávida do (2º filho).

Valdinéia

Desconfiei que estivesse grávida da (1ª filha) porque comecei a ter enjoo, então fiz o exame e confirmou.

Noeme

Percebi que estava grávida logo que faltou a menstruação. Fiz o exame de urina, mas não detectou nada, então fiz o de sangue e comprovou.

Marisol

Eu só sabia que estava grávida da (2ª filha) porque a barriga cresceu e o bebê cresceu e mexeu, pois eu não tive ânsia, não vomitava, não tive pressão alta, não sentia nada, só azia.

4.2.2.3 Amamentação

Antonieta

Eu amamentei meus filhos durante oito meses.

Joana

Amamentei minha primeira filha, mas dei mamadeira logo depois.

Amamentei a (2ª filha) até uns 2 anos e só parei porque fiquei grávida do terceiro filho.

Amamentei o (3º filho) uns dois anos, mas não lembro se peito ou mamadeira.

Amamentei o (5º filho), mas não lembro quanto tempo.

Amamentei o (6º filho), mas eu tinha pouco leite, então eu ajudava com a mamadeira.

Anézia

Eu amamentei meus filhos só até três meses porque eu não tinha leite.

Hermínia

Amamentei as quatro, mas a (3ª filha) eu amamentei bastante, ela já tinha mais de 1 ano. As outras eu tirei mais cedo, mas não lembro ao certo quando.

Cleusa

Eu amamentei os três filhos, mas eles quiseram largar logo do peito, não fui eu quem quis tirar.

M. de Jesus

Eu amamentei a (1ª filha) até três meses porque eu não tinha leite. Eu podia ficar sem dar de mamar que o peito não enchia, era como se não tivesse nada. Levei ela no posto de saúde porque ela estava ruim, magrinha, fora do peso e chorava muito. Mandaram eu dar mamadeira e eu dei.

Como fiquei com medo da (2ª filha) ficar doente, não dei de mamar porque não tinha leite, comecei a dar mamadeira com leite próprio para bebê.

Ignêz

Eu tive que parar de amamentar o (1º filho) depois de nove meses quando descobri que estava grávida do (2º filho). Ele sofreu, mas minha mãe fez um mingau de Maizena® bem grosso para dar para ele e ele parou de chorar para pedir leite.

Quando eu amamentava o (2º filho), eu tinha leite demais, me dava até febre de tanto que empedrava. Cheguei a usar 54 de sutiã. Na época, minha cunhada adotou uma menina e eu dava o peito para ela também, mas ele começou a ter sapinho, então eu

passsei a tirar copos e copos de uísque de leite para ela. Amamentei ele quase um ano, só tirei para emagrecer porque eu estava muito gorda.

Eu amamentei a (3ª filha) até os 8 meses, eu tinha muito leite e doava para a Santa Casa. Eu estava muito gorda e fui ao médico pedir para tomar remédio para emagrecer e ele falou que eu não podia tomar amamentando, então eu parei de amamentar.

M. de Lourdes

Eu amamentei muito pouco porque eu não tinha leite, era muito magrinha, miudinha e tinha corpo de criança. Quando o (filho) tinha 3 meses, eu comecei a trabalhar em uma firma e só o via à noite ou quando tinha que levar ao médico, então minha mãe fazia mingau de leite com creme de arroz. É muito bom para a criança, é um pozinho de arroz, ficava grossinho.

Cristina

O (3º filho) era furioso e esfomeado. Ele ficava irritado, pegava o peito, largava o peito, pegava o peito e espirrava o leite. Ele não mamava, era um drama. Um parto toda vez que eu tinha que dar de mamar para ele. No final das contas, eu o amamentei um mês e não consegui mais, ele não pegava. Quando fui para Poços de Caldas ver minha irmã, que estava com um bebê recém-nascido, ela pediu para amamentá-lo e eu a deixei sozinha com ele no quarto, mas só ouvia os gritos e urros dele. Quando ela saiu do quarto, ela estava como eu ficava, molhada até o joelho e o bebê ensopado e com fome. Ele não tinha paciência para mamar, queria tudo de uma vez. Quando comecei a dar mamadeira para ele, o médico disse para dar 60 gramas. Ele tomava tudo e queria mais. Passei para 120 gramas e ele mamou tudo e urrou. Tive que dar a mamadeira inteira para ele não chorar. Ele tomou tudo e ficou feliz. Era isso que ele queria, muito leite e rápido.

A (4ª filha) eu amamentei por 10 meses e nunca dei nada além do peito para ela. Ela era tranqüila. Eu só dava o peito e ela era gorda. Com sete meses e meio ela começou a comer fruta e com 10 meses ela tomou a primeira sopa.

Na Inglaterra eles diziam para extrair o colostro nos dois últimos meses antes do bebê nascer. Eles falavam para massagear o seio e deixar sair um pouquinho na hora do banho. Eu sempre fiz isso porque quando o bebê suga, os ductos já estão abertos e o leite desce com mais facilidade. Você não fica com aquela pedra no leite que deixa o bico entupido e é super desagradável para a mulher. Sempre fiz isso e nunca tive problemas na amamentação. Eu amamentava com a maior facilidade e nunca tive pedra no leite. Meu seio não rachava e eu preparava o bico do seio, esfregava e tomava um pouco de sol. Eles ensinavam a amamentar e é totalmente o oposto do que ensinam aqui no Brasil. Lá eles diziam que no primeiro dia, quando o bebê nasce, você tinha que amamentar um minuto em cada peito e não mais que isso. Depois passava para dois minutos e no terceiro dia passava para três minutos. Depois desse período poderia amamentar até cinco minutos em cada peito. Eles diziam que cinco minutos eram mais do que suficiente para amamentar o bebê. Depois disso o bebê já está fazendo o seu peito de chupeta. Sempre fiz isso. Às vezes deixava um

pouquinho a mais, mas nunca fiquei horas amamentando e o bebê ganhava peso normal.

M. das Graças

A (1ª filha) mamou só 15 dias porque eu não tinha leite. O médico não soube explicar o porquê e pediu para eu dar leite Nan®. Ele me passou um remédio para voltar a ter leite, mas não funcionou.

A amamentação da (2ª filha) foi curta, durou três meses porque eu não tinha leite. Acho que minha produção de leite é pequena.

Vera Lúcia S.

Amamentei pouco o (1º filho). Como a cesárea doía muito e eu não tinha experiência nenhuma, eu dava de mamar e ele chorava direto, então comecei a dar mamadeira depois de uma semana.

Eu amamentei a (2ª filha) durante um mês e depois comecei a intercalar com a mamadeira porque as pessoas falavam que meu leite era fraco. Como demorava muito para satisfazer ela, eu preferia dar mamadeira.

Vilma

Quando a (1ª filha) começou a mamar, meu bico rachou, sangrou e ela mamava leite e sangue junto, doía muito, era uma tortura. Na época ninguém me orientou para passar creme ou pomada, eu só ganhei na maternidade aqueles absorventes redondos para colocar no seio, mas aquilo mantinha meu bico do seio úmido, o que fazia demorar muito mais para cicatrizar. Foi muito ruim a experiência de amamentar, pois com 40 dias ela estava mais magra do que quando nasceu, de 3.500 gramas passou a 3.400 gramas. O pediatra então disse que meu leite não estava sustentando e prescreveu leite Ninho®. Ela começou a engordar, a pegar peso, a crescer e nunca mais quis mamar, rejeitou o seio completamente. Então ela mamou no peito no máximo 50 dias.

A (2ª filha) mamou até os 3 meses porque eu trabalhava e só tive 84 dias de licença. Por causa dos horários, tive que introduzir a mamadeira e ela parou de mamar no seio.

Eu amamentei o (3º filho) até os 2 meses porque ele não tinha força muscular para sugar, então começou a perder peso.

Sebastiana

Eu nem cheguei a amamentar o (1º filho), não podia porque eu tinha tomado antibiótico. Meu peito nem chegou a ficar durinho, não senti nada.

Não amamenteei a (2ª filha), mas meu o peito ficou todo dolorido. Ela não pegou direito, então eu a deixava mamar um pouquinho na minha irmã que tinha um filho um pouco mais velho.

Para os dois o pediatra recomendou um leite de criança que tinha bastante Nestogeno®, depois eles passaram a tomar o leite Ninho®.

Sheila

Eu doava leite para o banco de leite, fui privilegiada porque não tive problemas, mas só amamenteei a (1ª filha) quatro meses porque eu fui assaltada, tomei um murro nas costas, tive problema na clavícula e tive que parar de amamentar.

A (2ª filha) eu amamenteei de seis a oito meses, mas tirei porque eu quis.

Carmen

Amamenteei a (1ª filha) uns três ou quatro meses porque ela não era muito chegada a pegar peito, mas adorava leite.

Amamenteei a (2ª filha) durante seis meses porque ela não pegava a mamadeira, só o peito.

Vera Lúcia M.

Eu não tinha preocupação em relação à amamentação, eu sempre achei que fosse conseguir. Eu passava água morna no seio para tirar o Bepantol®, amamentava e passava a pomada porque estava muito frio e meu seio rachou. Amamenteei exclusivamente até os 6 meses e até os 9 meses eu introduzi mamadeira e chupeta.

Conceição

De tanto leite que eu tinha com a (1ª filha), eu doava para um homem que trabalhava comigo e que tinha tido bebê prematuro. Ele vinha em casa, eu tirava o leite e colocava em umas vasilhas que ele trazia. Depois de três meses que ela nasceu eu voltei a trabalhar, mas como eu ainda amamentava, eu fazia a mamadeira tirada do peito e deixava para a minha mãe dar para a (1ª filha). Eu dava de mamar às 9h, ia trabalhar e voltava para casa na hora do almoço. Isso tudo porque ela não aceitou mamadeira e chuquinha de chá e a minha mãe sempre ligava no serviço falando que a (1ª filha) estava chorando com fome. Eu conversei com o meu pai e ele falou para eu sair do trabalho, então conversei com o meu chefe, fizemos um acordo e eu parei de trabalhar para ficar em casa só cuidando e amamentando ela. Meu médico indicou leite do peito até os seis meses, depois disso introduzi suco e frutas, mas ela não largou de mamar. Ela começou a fazer o meu bico do peito de chupeta e era difícil dormir à noite porque ela só dormia mamando. Amamenteei ela até os 2 anos e meio e só tirei porque fiquei grávida do (2º filho).

Meu bico do seio inflamou. O (2º filho) chorava para mamar e eu chorava porque tinha que dar mamar para ele. Eu não conseguia nem pensar naquela hora, ele comia a pomada que o médico receitou de tanto que eu passava. O seio não empedrou, mas eu tinha uma dor horrível no bico quando dava de mamar porque sangrava. Eu não conseguia dar direito de tanta dor. Meu marido falava para eu parar com isso porque meu leite ia fazer mal para o bebê de tanto que eu chorava e pedia para eu voltar ao médico e perguntar o que eu tinha. Eu fui e o médico pediu para eu parar de dar de mamar por três dias para o leite acumular. Depois de três dias eu coloquei ele para mamar, mas ele sugava e doía, então eu ia ao banheiro, pegava uma toalha, molhava na água bem quente e tirava o leite fora. Pedi para a vizinha dar de mamar para ele e ela aceitou. Foi assim que eu parei de dar o peito. Depois de uma semana eu fui ao pediatra e ele mandou dar 25mL do leite de saquinho com 25mL de água. Comecei a dar desse jeito com mamadeira a partir dos 9 dias de vida do (2º filho). Eu não gostava muito dessa situação, mas não dava mais para eu dar de mamar, doía demais.

Valdinéia

Amamentei a (1ª filha) durante oito meses, mas ela chorava bastante, não pegava mamadeira e tinha alergia a outro leite. Eu tentava leite de vaca e ela ficava toda vermelha. Eu também tentava leite Ninho®, mas ela não gostava, então ela começou a tomar Nanom® e com o tempo aceitou o leite de vaca também.

O (2º filho) foi amamentado uns seis meses, mas ele pegou bem a mamadeira. Eu tinha pouco leite e quando ele chupava, eu não sentia o leite descer.

Noeme

Amamentei ela por uns oito meses mais ou menos, mas como depois de quatro meses, eu voltei a trabalhar, eu ia para casa dar de mamar, mas mesmo assim o leite foi secando.

Marisol

Eu morria de medo de dar de mamar para o (1º filho) porque eu tinha medo que ele vomitasse ou engasgasse. Foi difícil porque eu fiquei muito tempo sem amamentá-lo e desestimulou meu leite. Tomei um remédio para o leite voltar, mas voltou muito pouco, então eu acabei amamentando só uns três meses, depois foi na mamadeira.

Meu ex-cunhado recebeu um tiro no braço e isso foi um susto para mim, o que acabou com o meu leite. Eu tive que estimular de novo a amamentação. Voltou, mas não tanto, então amamentei a (2ª filha) só uns três meses.

Eu gostaria de ter tido parto normal porque para a amamentação poderia ter sido melhor.

4.2.2.4 Cuidados com o bebê e tarefas do lar

Antonieta

Depois do parto, minha irmã e minha sogra, que eram minhas vizinhas, ficaram comigo por uns 15 dias. Lavavam roupa, me lavavam e davam banho no bebê, mas eu quem cozinava.

Joana

Minha sogra me ajudou nos primeiros dois ou três dias. Minha mãe também ficava comigo, mas era a minha sogra que ajudava a fazer o trabalho de casa, lavar roupa e cuidar do bebê.

Depois do parto do (3º filho), minha vizinha que me ajudava porque minha mãe e sogra estavam moravam longe.

Em Cordeirópolis, as minhas irmãs que me ajudavam depois dos partos. A (2ª filha) também me ajudava e as vizinhas lavavam minhas roupas.

O (6º filho) nasceu com uma doença no coração, então eu levava ele no médico para tratar, mas depois de 40 dias de nascido, ele morreu, um dia ele foi perdendo o fôlego, chorou muito e de repente parou.

Anézia

O (3º filho) quase morreu, pois vomitava tudo o que comia, eu trocava ele e dava leite e ele vomitava e tinha diarreia. Ele ficou um mês e 22 dias direto no hospital e eu só ia vê-lo a cada oito dias.

Hermínia

Em Sertãozinho, depois que elas nasceram minha sogra me ajudava com os afazeres de casa.

Em São Bernardo era a minha mãe quem me ajudava em casa depois do parto das duas últimas.

Eu só levava as meninas no posto de saúde se tivessem alguma coisa, mas nunca tiveram nada grave.

Cleusa

O médico pediatra falava para a gente voltar logo em seguida do parto com o bebê no consultório. Eu ia todo o mês lá com eles para fazer exame. O pediatra chamava doutor Picoloto. Eu era muito cuidadosa com eles, eles nunca tiveram nenhuma

desidratação, o que era normal na época, nem dor de ouvido. Eu cuidava muito bem, uma mãe 100%.

Quando eu tive o (3º filho), que nasceu em abril, a médica ficava brava porque eu não dava água para ele. Hoje em dia não falam mais para dar água.

Em casa, não tinha ninguém para me ajudar.

M. de Jesus

Nossos conhecidos ensinavam a gente a cuidar do bebê.

Em casa era duro porque eu tinha a minha casa e a casa dos meus pais para tomar conta, pois meus pais e meu irmão eram doentes. Meus vizinhos me deram uma ajuda uns sete, oito dias. Eles lavavam minhas roupas, mas depois eu comecei a fazer o trabalho de casa, pois eu tinha que me virar para não me aproveitar dos outros.

Ignêz

Depois dos partos, quem me ajudava eram as babás e as empregadas.

M. de Lourdes

Todo mundo pedia para eu dar o (filho), mas eu nunca quis dar porque ele era meu, não era cachorro. O umbigo dele ficou cheirando mal, amarelou e demorou a cair. Tinha um farmacêutico muito bom na farmácia e ele disse que talvez ele ficasse com problema no umbigo, que talvez precisasse fazer uma operação. Deu 12 dias e nada desse umbigo cair, mas depois de três dias caiu.

Meus pais levavam para escola e tomavam conta dele.

Cristina

A (4ª filha) foi muito saudável e dormia a noite toda. Mamava, dormia e sorria, era uma paz e não precisava ir muito ao pediatra.

Eu ia ao posto para vacinar, levava no pediatra e fazia acompanhamento.

Eu sempre tive empregada, mas só tive babá quando a (4ª filha) tinha 10 meses, o (3º filho) 2 anos, o (2º filho) 3 anos e a (1ª filha) 5 ou 6 anos.

M. das Graças

Quem me ajudou foi uma senhora que se chamava dona Glória. Ela me ensinou a dar banho, a tirar o leite do peito para a (1ª filha) e toda parte de higiene porque minha mãe não morava aqui.

Quem me ajudou em casa depois do parto da (2ª filha) foi a minha mãe, ela ficou dois meses comigo.

Levei as duas no pediatra por um ano.

Vera Lúcia S.

A minha mãe fazia tudo para mim, ajudava em casa, fazia almoço. Quando eu voltei para casa, minhas irmãs cuidaram do meu filho porque eu ainda não conseguia levantar.

Como eu já era mãe, cuidar da (2ª filha) foi melhor porque eu não tive ansiedade e preocupação em cuidar bem dela, já estava mais preparada.

Depois do parto da (2ª filha) foi o meu marido quem me ajudou em casa.

Vilma

Eu tive uns conflitos, fiquei em dúvida se isso era normal, se eu não tinha sentimento de mãe. Eu não sabia o quanto eu gostava dela, mas quando a (1ª filha) tinha 6 dias, eu percebi uma ondulação e uma elevação em um canto da cabeça. Como eu já tinha visto bebê assim, não perguntei nada e ninguém me falou nada na maternidade também. Quando uma tia do meu ex-marido veio visitá-la, ela me mandou levar a (1ª filha) imediatamente ao pediatra. Aquilo me apavorou porque eu achei que era uma mãe má, que nem me preocupei com uma bolha na cabeça da minha filha. Meu irmão sugeriu que eu levasse ao farmacêutico que ele tinha confiança, mas quando fui, ele me apavorou mais ainda dizendo que não deveriam ter deixado ela sair da maternidade daquele jeito e pediu para eu levar ao hospital. Naquele dia eu percebi que eu não podia mais viver sem minha filha, percebi que eu tinha sentimento de mãe, que eu era uma doida, que eu não sabia nem o que ela podia ter tido. Eu podia ter perdido ela e fiquei desesperada. Fui à maternidade aos prantos. O médico examinou e disse que não era nada, que isso aconteceu nos partos quando os bebês entram e saem da vagina da mãe e que ia sumir em alguns dias.

Chegamos em casa da maternidade, me troquei e fomos os quatro para um restaurante comemorar o ano novo. As pessoas estranharam eu ter levado o bebê, mas eu não estava nem aí. Quando a (2ª filha) tinha 40 dias, fomos acampar, andamos de barco com ela e ela sempre teve uma saúde de ferro. Eu tomava cuidado, mas se a chupeta caísse no chão, eu não esterilizava ou fervia, eu enxaguava na torneira e dava para ela e ela sempre teve muita saúde, não ficava doente, acho que foi adquirindo resistência. Não sei se eu era doida, só sei que deu certo.

Após os partos eu cuidava da casa sozinha, fazia comida, limpava a casa, dava banho, trocava e cuidava dos bebês, não tinha ninguém para me ajudar.

Sebastiana

A (2ª filha) foi um bebê legal, era boazinha e não me dava muito trabalho. Quem me ajudava em casa eram minha tia, irmã, sogra e cunhada. Eu tinha bastante ajuda, tanto da primeira quanto da segunda.

Sheila

Minha mãe me ajudava em casa porque eu não sabia nada, não sabia cuidar do umbigo do bebê e eu sempre fui muito desleixada e minha mãe tinha zelo e queria que eu aprendesse, tanto que fiquei sete dias na casa da minha mãe, até o umbigo do da (1ª filha) cair.

Minha mãe me ajudou em casa depois da (2ª filha), mas menos do que da (1ª filha) porque eu já estava mais descolada, então foi mais tranquilo.

Em casa, quem me ajudava era a (1ª filha) e com o tempo a gente vai aprendendo a se virar, a cuidar e amamentar melhor o bebê.

Carmen

Em casa, a minha sogra me ajudava depois dos partos, ela cuidava da roupa, da comida e eu do restante.

Vera Lúcia M.

Minha cunhada fez uma sopa maravilhosa e ficou três dias fazendo comida para mim. Eu fui paparicada pela minha cunhada e pela minha mãe. Minha mãe ficou um mês na minha casa, ela ia e voltava todos os dias para me ajudar. E eu tinha uma empregada também.

Meu marido também me ajudava em casa depois do parto.

A gente tinha situação boa; podia ter empregada e faxineira, então foi tranquilo.

Conceição

Em casa a minha mãe me ajudou, ela ia dar banho, me ajudar a levantar e a vestir a roupa.

Valdinéia

Em casa depois do parto da (1ª filha) era a minha sogra que me ajudava.

Em casa quem me ajudava depois do parto do (2º filho) era a minha mãe e minha cunhada. Elas faziam de tudo, me ajudavam a dar banho, trocar e a fazer o serviço de casa.

Noeme

Os meus irmãos moravam comigo e me ajudaram em casa. Meu pai cuidava da (filha) e meus tios e a madrinha dela ajudaram bastante também.

Marisol

Depois de uma semana o (1º filho) apresentou um quadro de apneia. Ele vomitava muito, mas eu não sei se ia para o pulmão ou se foi algum problema no parto que causou essas apneias. Isso é normal, mas como eu era marinheira de primeira viagem, eu achei que tinha alguma coisa estranha e tinha mesmo. O pulmãozinho dele já estava encharcando, então ele parava de respirar e eu percebia porque a boquinha dele roxeava. Ele começou a piorar o quadro, a ficar com a boca mais roxa e o corpo todo branco. Fui para o hospital e no caminho eu fiz um pouquinho de respiração boca-a-boca porque ele não voltava a respirar. Quando chegamos, eles já meteram aqueles negócios que chupa. O nariz dele estava cheio de secreção. Foi um erro do hospital deixar um pai e uma mãe a noite inteira observando e estimulando a criança a respirar, em uma dessas apneias ele podia não voltar mais. Ele ficou internado na UTI uma semana. Quando melhorou, saiu da UTI e depois eu tive um pouquinho de depressão pós-parto.

Minha mãe me ajudava com o que podia em casa depois que eles nasceram.

5 DISCUSSÃO

Neste estudo, os principais elementos que se destacam como componentes do modelo assistencial ao parto são: o ambiente em que o parto ocorre, o profissional que o assiste e as práticas de atendimento desse profissional à mulher durante o ciclo gravídico. Estes nortearam a formulação do roteiro de entrevistas, as entrevistas e a composição dos temas dos resultados, a partir dos quais é apresentada a discussão sobre as transformações nesse modelo de assistência.

Quando realizei as entrevistas, esperava ouvir de cada uma das entrevistadas uma narrativa minuciosa e emocionalmente. Além disso, esperava que todas conseguissem contemplar o roteiro proposto para guiar as entrevistas. Devido ao fato de entrevistar mães que deram à luz nas décadas de 1940 a 1960 (1ª geração), esperava que fossem mães de muitos filhos, o que não ocorreu, pois somente uma delas tinha seis filhos e as outras, no máximo quatro, assim como as mães que entrevistei e que deram a luz depois de 1980 (2ª geração).

Esperava também, ouvir experiências marcantes e significativas sobre a gravidez e o parto, as emoções intensas e contraditórias, a amamentação e cuidados com os filhos. No entanto, quando entrevistei as mulheres da 1ª geração, percebi que a maternidade é lembrada como uma experiência pela qual a maioria tinha que passar depois de casada ou que, por causa da gravidez, casavam. Eram mal vistas se engravidassem solteiras e relatam aflição de não conseguirem engravidar logo após o casamento. Embora duas mulheres da 2ª geração também tenham relatado o receio de não engravidarem imediatamente após o casamento, a fala não traduz os mesmos conflitos que as entrevistadas da 1ª geração quanto às demais situações, que hoje em dia são mais comuns e socialmente aceitáveis.

As narrativas das experiências da 1ª geração foram marcadas por com as frases “não lembro”, “não sei”, “faz muito tempo”, o que me levava a interferir, perguntar e insistir para conseguir que contassem e respondessem as perguntas com maiores detalhes. Percebi também que apesar destas terem mencionado que realizavam consultas pré-natais, a maioria delas se cuidava na gravidez sem assistência profissional; escutavam as vizinhas, os familiares ou se baseavam em experiências de gestações anteriores. Esta geração viveu duas situações, a mais

comum é a de dar à luz em casa, atendida por parteiras e a menos comum, dar à luz em maternidades com parteira ou médico. O contrário aconteceu com as mulheres da 2ª geração, que em sua totalidade deram à luz em hospitais, atendidas por médicos.

As mulheres da 1ª geração que tiveram filhos com parteiras, falaram principalmente da competência delas, da atenção que recebiam no parto e nos primeiros dias do puerpério. As lembranças dos partos foram vagas; algumas relatam as dores, a demora para a criança nascer e o trabalho da parteira, mas por vezes, acabam confundindo ou fundindo as experiências vividas como uma experiência única, sem discriminar cada um dos partos. Algumas respostas para a pergunta sobre o parto foram: “foi bom”, “foi normal”, “nasceu bem”.

Para estas mulheres, a gravidez e o parto não foram relatados como acontecimentos marcantes, emocionantes, intensos ou traumáticos, como foram para a 2ª geração, que conseguiam organizar e contar com mais detalhes as experiências vividas por elas. Talvez isso tenha ocorrido pelo fato do parto ter acontecido há mais tempo para a 1ª e há menos tempo para a 2ª, produzindo uma perda de memória mais acentuada na 1ª geração.

5.1 A EXPERIÊNCIA DO PARTO

De acordo com Martins (2005b), a partir de 1930, teve início a transição do parto doméstico para o parto hospitalar, acompanhado de uma série de mudanças graduais nos hábitos das mulheres. Foram sendo adotados o costume de frequentar os consultórios de obstetras e pediatras, o uso de medicamentos e o consumo de produtos da indústria de higiene e alimentação infantil. Além disso, foi sendo ampliada a oferta e o acesso aos serviços públicos de saúde materno-infantil com maior participação de instituições filantrópicas, para-estatais, patronais e de trabalhadores (IBGE, 1971).

A transição do parto domiciliar para o hospitalar entre as mulheres entrevistadas aconteceu principalmente a partir de 1960. Nesta década, duas delas fizeram a opção pelo parto no hospital e nas décadas seguintes, nenhum parto ocorreu em casa.

A política de saúde materno-infantil no Brasil começou a ser formulada nos anos 1930 e executada a partir da década de 1940, atendendo primeiro as demandas de centros urbanos maiores como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e Recife. Porém, só mais tarde, já na década de 1950, cidades menores passaram a contar com os postos de puericultura e maternidades (Martins, 2005b). Assim, as mulheres residentes no interior do Estado de São Paulo, apenas posteriormente puderam usufruir e aderiram a estes serviços. Dentre as mulheres deste estudo, aquelas da 1ª geração eram, em sua maioria, moradoras da zona rural ou urbana de cidades do interior, onde as mudanças no modelo de assistência ao parto foram mais tardias do que na capital.

Progressivamente, o hospital tornou-se um bem necessário e um símbolo de ascensão social, um local onde se teria acesso à modernidade e a um tratamento diferenciado e seguro, onde seria possível desfrutar de um tipo de civilidade e conforto já disponível para as mulheres das camadas mais favorecidas, que desde os anos 1940, vinham progressivamente, e em maior número, tendo seus filhos em maternidades (Mott, 2004b).

Os relatos do estudo de Mott (2004b) apontam que entre das décadas de 1960 e 1970 o hospital ainda não era a preferência, mas sim um lugar para onde as mulheres deveriam ir apenas em casos extremos. No entanto, dar à luz no hospital foi percebido como um ganho nas vidas das mulheres que deram à luz neste período. Isso coincide com os relatos das entrevistadas da 1ª geração, pois apesar de terem dado à luz em casa, valorizam a segurança e a tecnologia disponível no parto hospitalar de suas filhas e noras.

Alguns trechos de entrevistas com a 1ª geração de mulheres apontam que elas não gostavam e não queriam ir para o hospital, destacando algumas passagens como “de hospital não precisava nem falar porque eu não ia”, “era um horror dar à luz naqueles hospitais”, “eu tinha pavor de hospital”. No entanto, após estas frases, emergiram as seguintes: “hoje em dia é diferente”, “agora todo mundo dá à luz nos hospitais”; ou seja, essas mulheres perceberam a passagem do parto para o hospital na geração seguinte como algo benéfico, decorrente da modernização e tecnologia gradualmente disponíveis para a assistência ao parto.

O tipo de profissional que atende o parto é, de certa forma, indissociável do local de assistência. Embora as parteiras, diplomadas ou não, tenham sido também

incorporadas às equipes hospitalares na assistência ao parto, os médicos e enfermeiras foram paulatinamente substituindo-as no parto hospitalar. Existe uma vasta produção científica que discute as mudanças no ensino de parteiras, enfermeiras e médicos e sua inserção no mercado de trabalho como dependentes do modelo assistencial e do financiamento da assistência na gestação e parto (Brenes, 1991; Osava, 1997; Mott, 2001; Riesco, Fonseca, 2002; Mott, 2005).

Ao longo do século XIX, conforme a profissão médica foi se consolidando, adquirindo prestígio e os obstetras foram entrando na cena de parto, apesar da predominância das parteiras no atendimento obstétrico domiciliar, a vida reprodutiva das mulheres se tornou objeto de estudo (Brenes, 1991; Martins, 2005a).

Devido à ausência de políticas públicas para a maternidade no Brasil nas primeiras décadas do século XX, o parto domiciliar atendido por parteira era bem visto, já que as poucas maternidades existentes eram precárias para o atendimento obstétrico. Sendo assim, os médicos não eram contrários ao parto domiciliar, pois assumiam que essas maternidades e enfermarias de partos dos hospitais não eram suficientes, nem adequados para as mulheres darem à luz (Mott, 2004a; Martins, 2005b).

No período estudado, ocorreram 49 partos, dos quais 16 foram no domicílio, assistidos por parteira e ocorreram até a década de 1960. Dos 33 partos hospitalares, 28 foram assistidos por médicos, principalmente entre as mulheres da 2ª geração.

As narrativas mostram que os motivos para a escolha da parteira eram ser “boa”, diplomada, conhecida, indicada por familiares e amigos, morar próximo e cobrar um preço acessível. Quanto ao médico, os motivos apontados foram, também ser conhecido ou indicado; porém, algumas mulheres deram à luz com o médico do convênio ou o plantonista do hospital, que era um desconhecido. Parece nítida a polarização entre a parteira como agente da assistência ao parto no domicílio para as mulheres da 1ª geração, e o médico no hospital para aquelas da 2ª geração (Martins, 2005b; Fleig, 2009). Aparentemente, para as mulheres da 2ª geração, a oferta de profissionais e serviços de maternidade foi ampliada pelo acesso aos leitos conveniados com empresas médicas e do INAMPS (Paim et al., 2011).

Algumas das falas apresentadas nos resultados ilustram dificuldades no acesso ao cuidado profissional e a variedade de motivos que envolvem sua “escolha”:

(...) amanheceu e o meu pai foi atrás da parteira. Estava chovendo muito e ela se negou a vir atender porque não queria sujar a roupa em uma rua de barro, só iria se fosse de táxi, mas nós e meus vizinhos não tínhamos dinheiro para pagar. Meu pai ficou desesperado e se ofereceu para trazer ela no colo, se propôs a dar o dobro do que ela queria para me atender, mas ela também não aceitou. Ela não veio. Meu pai ficou na rua procurando alguém para ajudar e apareceu uma senhorinha que disse que entendia de partos e se ofereceu para ajudar no que pudesse. (M. de Lourdes)

(...) meu marido procurou uma parteira boa e diplomada para fazer o meu parto. Na segunda gravidez troquei de parteira porque a outra era careira e essa era mais pobre e cobrava menos. O parto da (5ª filha) foi com a parteira diplomada Maria Luiza, conhecemos ela porque ela morava perto de nós. (Joana)

(...) fiz as primeiras consultas com um médico do convênio que me indicaram, mas eu não o conhecia. Com sete meses de gravidez, ele falou que não poderia fazer o meu parto, mas não me explicou o porquê, então eu fui ao meu ginecologista, doutor Mendes, que me recebeu muito bem e eu sabia que ele era um bom médico. (Noeme)

As oito mulheres da 1ª geração tiveram 25 partos; destes, dois foram cesarianas e um fórcepe. Ao relatarem a experiência no parto, falam sobre os sintomas e as providências tomadas no início do trabalho de parto, que normalmente era chamar a parteira ou ir para o hospital quando as dores começavam. A memória traz à tona as dores do parto e o medo de ir para o hospital, o que significava que algo ruim estava acontecendo. O primeiro parto é lembrado como o mais complicado e os seguintes, por comparação, mais fáceis. Essas mulheres, em sua maioria, tinham acompanhante no parto, como a mãe, o marido e a tia, que normalmente davam suporte físico e emocional.

Faziam uma avaliação da parteira de acordo com o resultado do parto, que girava em torno de ter um bebê perfeito e um parto sem complicações. As mulheres dessa geração contam poucos detalhes sobre o que a parteira fazia durante o parto, mas referem que os cuidados eram a realização de exames, rezas, uso de medicamentos ocitócitos, corte e sutura do períneo sem anestesia, além de manobras para ajudar na expulsão do bebê e na dequitação, como “empurrar a barriga” e “assoprar na garrafa”.

Em relação às mulheres da 2ª geração, as 12 entrevistadas tiveram 24 partos, dos quais, 16 foram cesarianas. Algumas cesáreas foram eletivas por complicações na gestação – como pré-eclampsia, placenta prévia e óbito fetal intra-uterino –, cesárea prévia, experiência negativa em parto normal anterior e medo da dor do parto normal.

Embora em nenhum dos casos a cesárea tenha sido realizada com a finalidade da esterilização, essa foi uma “indicação” muito frequente nas décadas de 1980 e 1990. Segundo dados do PNDS de 1996, 40,1% das mulheres unidas haviam sido submetidas à esterilização cirúrgica, sendo que de cada cinco casos de laqueadura tubária, quatro ocorreram durante a cesariana (Brasil, 1997).

Em meados do século XX, os médicos adquiriram maiores conhecimentos no campo da anestesia, que passou a ser disponibilizada para as mulheres que deram à luz a partir da Segunda Guerra Mundial. Isto contribuiu para tornar a cesariana uma cirurgia melhor aceita, com o aumento expressivo de sua realização (Motta, 2009). No parto normal, uma mulher da 2ª geração considerou a anestesia como positiva quando pode escolher entre recebê-la ou não, ao passo que outras consideraram seu uso como negativo, se esta produziu alguma intercorrência no parto ou se houve consequências na recuperação pós-parto.

Outra situação relatada por algumas dessas mulheres, que não ocorreu entre aquelas da geração anterior, foi a peregrinação à procura de vaga para internação nos hospitais, pois a demanda pelo parto hospitalar não foi acompanhada de uma política pública para absorvê-la. Sendo assim, as mulheres que deram à luz a partir da década de 1970 e que não eram beneficiárias do INPS/INAMPS tinham que recorrer a hospitais públicos e filantrópicos; e por isso, algumas vezes não conseguiam a internação, o que fazia com que tivessem que sair a procura de outro serviço para atendê-las (Tanaka, 1995).

Durante a internação para o parto, as mulheres da 2ª geração sentiram medo e solidão pela falta de cuidado do profissional e da presença do acompanhante, pois a maioria delas não pode contar com o suporte de alguém conhecido; porém, quando tinham o acompanhante, ressaltavam sua importância. Os trechos a seguir traduzem os sentimentos das mulheres sobre essas experiências:

(...) meu marido quis assistir todos os partos, o que foi muito bom. Acho que é uma emoção que tem que dividir. Os dois participaram, então os dois são pais. (Cristina)

(...) eu acho que todo pai deve assistir porque acho que fortalece a ligação com o filho e com a mulher. Deveria ser obrigatório porque para mim foi muito importante. (Sheila)

(...) eles me deixaram em uma cama meio reta, não sei se é normal e fiquei deitada perdendo muito líquido. Não vinha ninguém ver se estava normal, ninguém veio ver minha dilatação (...) de vez em quando vinha alguém me ver, mas eu tive uma impressão de abandono porque ninguém me falou qual a posição que eu tinha que ficar e eu estava sem travesseiro,

sem nada (...) eu não tinha medo do parto, mesmo tendo visto o que aconteceu com minha mãe [sangue escorrendo pelas pernas], mas àquela altura, eu nem pensava mais em parto normal porque eu estava jogada lá naquela cama. (Noeme)

Outros sentimentos citados como negativos na experiência do parto giraram em torno da rispidez dos profissionais, da falta de privacidade, da exposição da intimidade, da rigidez das rotinas hospitalares e dos procedimentos invasivos como a lavagem intestinal, tricotomia, amniotomia, soro com ocitócitos, dilatação manual do colo, episiotomia e falta de esclarecimentos e informações acerca do que estava acontecendo com elas.

Várias práticas obstétricas mencionadas pelas entrevistadas eram preconizadas nos livros-texto de obstetrícia, publicados na época, e realizadas rotineiramente na assistência ao parto. Em relação à episiotomia, apenas cinco mulheres da 1ª geração, dentre as 22 que tiveram parto normal, sofreram a intervenção, enquanto, que na 2ª geração, seis dentre as sete com parto normal foram submetidas ao corte perineal. Esta intervenção tem sido considerada “paradigmática” da adoção de práticas sem a comprovação de seu benefício no parto. Apenas na PNDS de 2006, sua realização foi pesquisada nacionalmente, mostrando que na região sudeste, 80,3% das mulheres com parto normal tiveram episiotomia (Lago, Lima, 2009).

Segundo Riesco (1999):

O modelo hospitalar seguido pela obstetrícia brasileira, fortemente definido, ensinado e praticado a partir da década de 70, fundamenta-se na concepção de parto como evento cirúrgico e distante da fisiologia e revestido de risco, centrado na figura hegemônica do médico e no uso de intervenções, com adoção rotineira de amniotomia precoce, infusão endovenosa de ocitocina e episiotomia, entre outras práticas, culminando em elevadas taxas de cesariana.

Desde 1985, as recomendações sobre a tecnologia apropriada ao parto e nascimento da Organização Mundial da Saúde fazem restrições a diversas práticas que as mulheres, principalmente da 2ª geração deste estudo, mencionam, como indicação da cesariana por cesárea prévia ou para laqueadura das trompas, uso sistemático da episiotomia e amniotomia, falta de mobilidade no trabalho de parto, raspagem dos pelos pubianos, enema, entre outras (WHO, 1985). Assim, assistência recebida por estas mulheres já “andava na contra-mão” do modelo preconizado internacionalmente.

Carraro et al. (2006) apontam alguns itens que as mulheres consideram importantes no cuidado e conforto durante o trabalho de parto e parto, envolvendo a atenção física e emocional da parturiente. Destacam o alívio da dor, a atenção e paciência dos profissionais e a privacidade. Storti (2004) ressalta a importância do acompanhante durante a internação para o parto, seja um familiar, o companheiro ou a *doula*. Além de passarem segurança e acalmarem os medos, conseguem ajudar e proporcionar um alívio não farmacológico da dor no parto, que foi um dos assuntos mais comentados no presente estudo. Apesar de há muitos anos esse cuidado ser percebido como positivo, somente em 2005 tornou-se lei (Brasil, 2005).

Em relação aos cuidados profissionais com o bebê, são referidos como positivos a promoção do contato pele-a-pele e a administração de corticóides para a maturação fetal; como negativos, a aspiração de secreções e a separação do bebê e da mãe após o nascimento.

No estudo de Wei (2007), as percepções das mulheres quanto ao contato pele-a-pele com o bebê são o alívio por saber que o bebê está bem, a emoção de estar em contato com o filho e o fortalecimento do vínculo. O bebê se acalma ao receber o calor materno e reconhece a mãe. Por isso, esse contato é uma experiência positiva e é apontada como uma prática humanizada na assistência ao parto. Infelizmente, algumas mulheres da 2ª geração não puderam ter este contato pelas práticas intervencionistas adotadas no cuidado imediato ao recém-nascido.

Dado que a maior parte das mulheres da 1ª geração teve parto normal, elas confirmam a rápida recuperação no pós-parto e contam sobre o resguardo, como não lavar a cabeça por 40 dias. Ao relatarem complicações – infecção nos pontos do períneo no parto hospitalar e hemorragia e retenção placentária no parto domiciliar –, fazem críticas ao cuidado recebido no parto:

(...) depois de um mês que meu primeiro filho nasceu, eu voltei ao hospital porque estava com uma pequena infecção. Eu percebi porque minha vagina ficou inchada e começou a vazar. O médico falou que precisava fazer uma limpeza e me receitou penicilina, mas foi só isso, não deu mais nada. Eu tenho certeza que foi culpa do médico, alguma coisa que ele fez, porque eu não fiz nada de diferente, de extravagante, respeitei tudo direitinho, inclusive a dieta. (Cleusa)

(...) ela tirou a criança [a parteira], mas não cortou o cordão e a placenta ficou grudada em mim, mas enfim a minha dor passou (...) me deram até a urina do meu pai para tomar para ver se aquela placenta saía, foi uma ignorância só (...) hoje em dia, para fazer parto, até os guardas fazem melhor do que aquela curiosa. (M. de Lourdes)

Cinco das 12 mulheres da 2ª geração falam da depressão pós-parto, do medo de sofrerem depressão e da dor pós-cesariana e na região perineal após o parto normal. Em relação à recuperação, contam sobre os cuidados com a cicatriz da cesárea, da complicação por infecção cirúrgica, dos pontos com grampos e da preocupação com a estética na região abdominal. Do mesmo modo que no parto, no puerpério essas mulheres enfatizam as experiências negativas, mesmo quando não houve complicações.

Estudos realizados com gestantes e puérperas atendidas em maternidades do SUS na cidade de São Paulo, na década de 1990, mostram que para as mulheres, a cesariana acarreta recuperação mais difícil e o oposto acontece no parto normal, que produz menos intercorrências. As vantagens do parto normal são a melhor qualidade de vida e do cotidiano da mulher porque não é uma cirurgia. Mesmo quando existe episiotomia, esse é um corte menor, que causa menos danos aos tecidos (Hotimsky et. al., 2002b; Oliveira et. al., 2002).

Segundo Martins (2005a), a partir da década de 1970, pesquisadoras feministas revelam as distâncias e tensões existentes entre o mito da mãe e as realidades vividas pelas mulheres, que começam a expressar os conflitos vividos, expondo sentimentos ambíguos, que não se adequavam ao estereótipo de boa mãe. Estes sentimentos, não verbalizados pelas mulheres da 1ª geração, aparecem nas narrativas das mulheres da 2ª geração.

(...) senti uma rejeição, não fiquei contente. Até cair minha ficha de que eu era mãe, me deu um pouco de depressão, mas dois dias depois passou (...) quando chegava o bebê era um incômodo porque eu estava com muita dor. Eu nem queria segurar ele porque eu não podia me movimentar. Estava me sentindo uma pessoa machucada e dolorida. (Vera Lúcia S.)

(...) tive enjoo e depressão depois do parto e eu não acreditava que isso existia. Eu tinha vontade de sair correndo, jogar o bebê na cama, ir embora e não voltar mais. (Conceição)

(...) depressão pós-parto é muito sério (...) foi tão sério que eu não tinha vontade de amamentar. (Marisol)

Uma diferença notável entre as gerações é a contato permanente com o bebê depois do parto, decorrente no local do parto. Se no parto domiciliar, mãe e bebê permanecem juntos o tempo todo, no hospital, a separação era a norma. Mesmo nas instituições que funcionavam com sistema de alojamento conjunto, o bebê permanecia períodos no berçário, longe da mãe. Apenas nas últimas duas décadas,

principalmente com a implantação da Iniciativa Hospital Amigo da Criança¹, hospitais e maternidades têm mudado as regras e seguido o modelo que condena esta prática (Lamounier et al., 2008).

Percebe-se na fala das mulheres da 1ª geração que há uma desvalorização com o cuidado no pós-parto, quando mencionam que só iam à consulta puerperal se tivessem algum problema; apenas uma delas recebeu a visita domiciliar da parteira, no dia seguinte ao parto. Diferentemente, sete entrevistadas da 2ª geração foram às consultas médicas do puerpério, quando foram dadas orientações e realizado o exame Papanicolaou e cauterização do colo uterino.

A dificuldade na cobertura assistencial para a consulta de puerpério e a pouca valorização dessa consulta pelas mulheres pode refletir uma política pouco incisiva de cuidados no pós-parto. Os resultados da avaliação do Programa de Humanização do Pré-Natal e Parto, do MS, revelam que em 2002, menos da metade das mulheres que realizaram as seis consultas pré-natais preconizadas tiveram, também, a consulta puerperal, embora este seja um indicador de qualidade do Programa (Serruya, Cecatti, Lago, 2004).

Nas narrativas que tratam da experiência na gestação, embora cinco mulheres da 1ª geração relatem terem feito pré-natal de todos os filhos, esse cuidado não era um hábito para elas. Houve relato de descrédito com o preparo para o parto e percebeu-se a passividade das mulheres nas consultas pré-natais. Os principais procedimentos das consultas, tanto do médico quando da parteira eram medir a altura uterina, fazer o exame de toque e escutar o coração do bebê. Uma delas fez o pré-natal na casa da parteira e as recomendações profissionais giravam em torno do cuidado com a alimentação e a prescrição de vitamina e cálcio. As queixas, desconfortos e complicações na gravidez foram convulsão, inchaço, dor, dificuldades com a alimentação, com destaque para o ganho de peso, enjoo, vômitos e desejos.

Apesar de só uma entrevistada da 1ª geração ter feito as consultas pré-natais na casa da parteira, essa prática já existia desde 1885, quando as parteiras anunciavam seu endereço e número de telefone. Com o desenvolvimento urbano e ampliação dos meios de transporte, para facilitar o acesso da mulher à casa da parteira, os anúncios passam a mencionar pontos de referência. As consultas

¹ http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=24229

ocorriam na casa da parteira, onde muitas delas tinham consultório. Nesse período, muitas mulheres preferiam a casa da parteira para se tratar, parir ou abortar, do que ir ao consultório dos médicos, ou a hospitais e maternidades (Mott, 2005).

Em relação à 2ª geração, houve repetição das narrativas da 1ª quanto à preocupação com o controle do peso, somado à questão estética e à recomendação dos médicos sobre a alimentação. Esse foi um dos temas mais comentados por elas. De 12 entrevistadas, oito falaram sobre este assunto, muitas vezes lembrando quantos quilos ganharam em cada gestação. As queixas, desconfortos e complicações que ocorreram na gestação destas mulheres foram hipertensão, hemorragia, náuseas, vômitos e insônia.

O uso de vitaminas é reiteradamente lembrado como uma medicação que usavam na gestação. Das 12 mulheres da 2ª geração, 10 relataram o seu uso. Em relação aos cuidados dos profissionais – em sua totalidade médicos – nas consultas, os principais procedimentos eram o controle da pressão, a escuta do batimento cardíaco do bebê com o Pinard e com o sonar – indisponível para a 1ª geração –, exame de sangue, urina e fezes, pesagem, medição da altura uterina e amniocentese para avaliar a maturidade fetal.

Muitos destes procedimentos e exames não foram relatados pelas mulheres da 1ª geração, pois foi aos poucos que o parto começou a ser visto como um evento médico, arriscado e que precisava de acompanhamento sistemático. Para tanto, no pré-natal, os exames clínicos, laboratoriais e de raio-X tornaram-se frequentes (Mott, 2002a). Segundo Victora et al. (2011), a melhoria do acesso à atenção ao pré-natal repercutiu na assistência ao parto em estabelecimentos de saúde com excessiva medicalização, incluindo os exames de ultrassom, episiotomia e cesarianas.

Nenhuma das mulheres da 1ª geração fez exame ultrassom, pois até o final da década de 1960, ainda não existia o equipamento no Brasil. No entanto, uma delas tirou um raio-X para avaliar a idade gestacional. Já as mulheres da 2ª geração, lembram do ultrassom como um exame importante para o diagnóstico da gravidez, avaliação do bebê e detecção do sexo e da idade gestacional; nove das 12 entrevistadas fizeram o exame.

As tecnologias de imagem médica se multiplicaram e se incrementaram ao longo do século XX e uma dessas tecnologias é o exame ultrassom, que detecta, por exemplo, o peso, tamanho e o sexo do bebê, além das anormalidades morfológicas

do feto. O exame é resultado da expansão e consolidação dessa tecnologia na assistência à gestação, mediante forte investimento da indústria de equipamentos para a saúde. Segundo o estudo realizado com dois médicos do Rio de Janeiro e um de Recife, considerados pioneiros da ultrassonografia obstétrica no Brasil, o exame representa um “divisor de águas” na assistência pré-natal. Para as gestantes, “iniciou-se a possibilidade de ‘ter uma foto do bebê’, transformando o ultrassom em um bem de consumo e o exame em um momento de lazer”. Igualmente, ajuda a configurar a experiência da gestação como algo concreto e não imaginativo na criação da imagem do bebê, antecipando a existência social do futuro filho. As mulheres que fizeram o ultrassom, o perceberam como algo benéfico, gostaram e valorizaram seu uso, sem questionar (Chazan, 2008a; Chazan, 2008b).

As mulheres da 2ª geração passaram por outros processos durante o pré-natal, como a cesariana eletiva por conveniência médica ou por cesariana anterior, o recurso a convênios médicos para a assistência e o descompromisso dos serviços de pré-natal com o acompanhamento da gestação a partir do oitavo mês.

No caso das cesarianas eletivas, a cirurgia já representava uma opção de “excelência” para a resolução da gravidez, que graças ao domínio das técnicas e conhecimentos nos campos da cirurgia, assepsia e anestesia ampliaram a segurança da intervenção (Motta, 2009). Essa prática trouxe vantagens econômicas para o médico e o hospital e significa escolha para as gestantes que não desejam entrar em trabalho de parto.

Na década de 1980, a prática de fornecer uma “carta” de alta do pré-natal tornou-se usual, como estratégia de não marcação de consultas de retorno no final da gestação, passando a responsabilidade do cuidado para a própria gestante. Desse modo, cada uma tinha que, individualmente, buscar atendimento nos hospitais e maternidades durante todo o último mês da gravidez até o parto.

A “carta” da alta do pré-natal era uma questão crítica da atenção pré-natal, pois implicava na falta de acompanhamento ambulatorial no fim da gestação, momento em que a mulher deveria receber atendimento com maior frequência. O MS preconiza que sejam realizadas no mínimo seis consultas, uma no primeiro, duas no segundo e três no último trimestre (Brasil, 2006).

A maior frequência de consultas no final da gestação visa à avaliação do risco perinatal e das intercorrências clínico-obstétricas, como trabalho de parto prematuro,

pré-eclampsia e eclampsia, amniorrexe prematura e óbito fetal. Por isso, não deve existir “alta” do pré-natal antes da internação para o parto. O acompanhamento da mulher no ciclo grávido-puerperal deve ser iniciado o mais precocemente possível e só se encerra após o 42º dia de puerpério, período em que deverá ter sido realizada a consulta de puerpério. Porém, infelizmente, essa “carta” era dada em muitas unidades de saúde com o intuito de não sobrecarregar o serviço com as consultas no final da gestação.

Para as mulheres de ambas as gerações, a escolha do local para fazer o pré-natal e o parto hospitalar dependia de instituições públicas ou privadas, mediante convênio ou atendimento particular. A partir e meados da década de 1960, com a unificação dos institutos de aposentadorias e pensões no INPS e expansão da assistência hospitalar, a custa da proliferação de empresas de saúde, o sistema operava com três componentes: privado; seguridade social para empregados regulares; subvenção do poder público (MS e secretarias estaduais e municipais) a instituições de caridade para os mais pobres. As mulheres da 1ª geração engravidaram e deram à luz numa época de transição para esse sistema, por isso, a maioria delas não contava com a seguridade social e dependiam principalmente da rede privada de atendimento.

A partir de então, foram crescentes os subsídios governamentais a empresas privadas para a oferta de assistência médica aos trabalhadores, com a proliferação dos planos de saúde privados, expansão da oferta de cuidados médicos e desvinculação da assistência médica do INPS, que passou para a responsabilidade do INAMPS, criado em 1977 (Paim et al., 2011; Victora et al., 2011).

Conforme dito anteriormente, as mulheres da 2ª geração tiveram seus filhos na época de formulação do SUS, que, no entanto, foi implementado apenas em décadas posteriores.

5.2 A MATERNIDADE E SEU CONTEXTO

À exceção da experiência das mulheres na amamentação, os demais subtemas que originaram este tema, embora não tenham sido indagados diretamente, emergiram das questões centrais abordadas nas entrevistas.

Os subtemas “Planejamento da gravidez e contracepção”, “Confirmação da gravidez” e “Cuidados com o bebê e tarefas do lar” constituem aspectos importantes na vida das mulheres entrevistadas. No entanto, a opção metodológica adotada – HO Temática –, torna a discussão do tema “A Maternidade e seu Contexto” mais periférica, porém não menos essencial. Além disso, considera-se que o quadro teórico adotado neste estudo – ambiente, profissionais e práticas como elementos constitutivos da assistência ao parto – é limitado para uma interpretação histórica mais abrangente deste tema específico, que exigiria um quadro teórico mais ampliado, com enfoques sobre saúde sexual e reprodutiva, gênero e outros.

As mulheres da 1ª geração não evitavam a gravidez com métodos contraceptivos, que naquela época não eram disponibilizados com facilidade. Uma única mulher relata ter feito o uso de anticoncepcional – pílula e supositório vaginal – e, posteriormente, ter realizado a laqueadura tubária junto com a operação cesariana. Já a 2ª geração, nove das 12 entrevistadas utilizaram métodos contraceptivos, sendo que uma engravidou durante o uso do DIU, seis fizeram a laqueadura e dois maridos, a vasectomia. Apesar do maior uso de anticoncepcionais, nem todas planejaram os filhos.

As mulheres que deram à luz até a década de 1960 não tinham disponíveis métodos contraceptivos seguros, já aquelas que deram à luz após 1970 podiam utilizar a pílula anticoncepcional (Fleig, 2009). A partir de 1980, os indicadores de saúde mostram que era alto o acesso das mulheres à contracepção (Victora et al., 2011). A laqueadura tubária foi um dos métodos mais citados entre as mulheres que deram à luz depois de 1980, escolhido possivelmente por sua eficácia e segurança em comparação com os outros métodos disponíveis. No entanto, por ser um método definitivo, a taxa de arrependimento é de 3%, segundo Fernandes et al. (2006). Na presente pesquisa, uma mulher arrependeu-se de ter feito a cirurgia.

Com relação ao diagnóstico e confirmação da gravidez, para as mulheres de ambas as gerações, o principal sinal foi a amenorréia, além do enjoo e do crescimento da barriga. Porém, aquelas da 2ª geração recorreram mais frequentemente ao médico para confirmar com exames de urina, sangue e ultrassom que estavam grávidas. Algumas ainda relatam a expectativa pela confirmação da gravidez.

(...) eu comecei a tentar engravidar, mas a minha menstruação veio no primeiro mês, fiz exame de sangue e urina e deu negativo. No outro mês veio de novo e eu chorava porque naquela época a gente casava para ter filho. Eu não acreditava que não estava grávida e resolvi ir ao médico. Ele fez o exame de toque e falou que eu estava grávida. (Ignêz)

As mães das duas gerações relatam apoio e ajuda de familiares e não familiares no cuidado e banho do bebê. Levavam seus bebês ao posto de saúde, ao pediatra e ao farmacêutico. Nas tarefas do lar como cuidar da casa, cozinhar e lavar roupa, também recebiam a ajuda dos familiares, vizinhas e empregadas.

O período de amamentação dos filhos das mulheres da 1ª geração variou de um a 11 meses e todas elas amamentaram. Na 2ª geração, uma não amamentou por complicações no pós-parto, e as demais amamentaram de uma semana a dois anos e meio.

Para as mães da 1ª geração, os motivos que as levaram a parar de amamentar foram: ter pouco leite ou nenhum leite; o bebê parar de mamar; querer tomar remédio para emagrecer; voltar a trabalhar; e ficar grávida. Para as mães da 2ª geração, alguns dos motivos foram: dor após a cesariana; dor ou lesão no mamilo; ter pouco ou nenhum leite; leite fraco; o bebê não gostar de leite; dificuldade do bebê em sugar ou apreender o mamilo; e voltar a trabalhar. O aleitamento cruzado foi praticado por uma mulher da 1ª geração e duas da 2ª geração tiveram seu bebê amamentado por outra mãe.

Com a finalidade de aleitamento misto ou de desmame, as mulheres da 1ª geração deram mamadeira prescrita pelo médico do posto de saúde; mingau de Maizena® grosso e mingau de leite com creme de arroz. Já as da 2ª geração deram mamadeira de leite Nan®, Nanon®, Ninho®, Nestogeno® ou “leite de saquinho” com água, todos prescritos por pediatras.

Essencialmente, as similaridades e diferenças entre a amamentação praticada pelas mulheres das duas gerações são a duração variada do tempo de amamentação, que está condicionada a fatores sócio-culturais e pessoais ou relacionados ao bebê.

Na 2ª geração, as mulheres nomeiam as várias marcas de leite artificial recomendadas por pediatras, disponíveis nas prateleiras dos supermercados. Alguns trechos das narrativas, a seguir, ilustram aspectos relacionados à amamentação entre as mulheres do estudo:

Quando eu amamentava o (2º filho), eu tinha leite demais, me dava até febre de tanto que empedrava (...) amamentei ele quase um ano, só tirei para emagrecer porque eu estava muito gorda. (Ignêz)

Amamentei pouco o (1º filho). Como a cesárea doía muito e eu não tinha experiência nenhuma, eu dava de mamar e ele chorava direto, então comecei a dar mamadeira depois de uma semana. (Vera Lúcia S.)

Quando a (1ª filha) começou a mamar, meu bico rachou, sangrou e ela mamava leite e sangue junto, doía muito, era uma tortura. Na época ninguém me orientou para passar creme ou pomada, eu só ganhei na maternidade aqueles absorventes redondos para colocar no seio, mas aquilo mantinha meu bico do seio úmido, o que fazia demorar muito mais para cicatrizar. Foi muito ruim a experiência de amamentar (...) o pediatra então disse que meu leite não estava sustentando e prescreveu leite Ninho® (...) a (2ª filha) mamou até os 3 meses porque eu trabalhava e só tive 84 dias de licença. Por causa dos horários, tive que introduzir a mamadeira e ela parou de mamar no seio. (Vilma)

6 CONCLUSÃO

As transformações acontecem continuamente, sem um momento específico de ruptura. Nas décadas iniciais do século XX, o parto é quase exclusivamente normal e domiciliar; entre as décadas de 1930 e 1960, coexistem os modelos de assistência ao parto no domicílio e no hospital, assistido por parteiras ou médicos. A partir da década de 1970, conforme relatado nas entrevistas na década de 1980, o parto passa a ser exclusivamente hospitalar, assistido por médicos, e por cesariana, em sua maioria.

O relato da experiência das mulheres no parto e o contexto em que a maternidade ocorreu, indicam uma demarcação geracional e temporal nos anos de 1970. Assim, antes de 1970, a experiência das mulheres da 1ª geração ocorreu no contexto de transição do modelo assistencial, enquanto que as mulheres da 2ª geração experienciaram, a partir de 1980, a consolidação de um modelo de parto hospitalocêntrico.

Nas narrativas das mulheres da 1ª geração, não se identifica o esperado “protagonismo”. A experiência dessas mulheres no parto parece mais “naturalizada”, vivida como uma condição da mulher, porém acompanhada do temor de complicações, intervenções e ida ao hospital. Em compensação, os medos e as dores do parto são enfrentados com ajuda de acompanhantes da família e da parteira.

Ainda assim, não aparece nos relatos uma efetiva cumplicidade com a parteira nos cuidados e procedimentos no parto. Essas parteiras, tanto na zona rural como urbana, não são como uma parteira tradicional, enraizada na cultura local e na vida cotidiana dessas mulheres.

O modelo de cuidado da parteira contemporânea, e de todos aqueles que defendem mudanças na assistência ao parto, é aquele que centra o cuidado na mulher e deixa a ela o “protagonismo”, talvez perdido entre as transformações no modelo de assistência. Atualmente, este modelo, denominado “maternidade ativa”, vem se constituindo como uma tendência, duas décadas após o último parto das mulheres deste estudo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória de profissionais sobre a maternidade é bastante conhecida pelos pesquisadores; no entanto, as memórias maternas têm sido divulgadas mais recentemente em livros que contam as atuais experiências de mães que dão à luz em diferentes contextos. As memórias de mães que deram à luz ao longo do século XX são escassas e não tiveram o mesmo lugar de registro que a documentação produzida por especialistas e formuladores das primeiras políticas de saúde materno-infantil no Brasil.

A recuperação desta memória é importante não só pelo registro da perspectiva das mães, mas também para a confrontação de suas memórias com a dos profissionais, pela possibilidade de se conhecer o que significou para as mulheres a maternidade, de que forma e em que condições foram mães e que influências tiveram os especialistas sobre suas experiências e decisões. Por meio da memória das mães, é possível entender o contexto da maternidade no século XX, a partir de outras visões, que sem esse registro, tende a ser inespecífica e reduzida.

Martins (2000) identificou, em sua tese de doutorado, a centralidade da maternidade no discurso médico-científico sobre o corpo feminino na obstetrícia e ginecologia. Nesse sentido, ressalta a importância de uma abordagem histórica que supere esse discurso, considerando a perspectiva das mães, suas experiências e subjetividade.

As memórias maternas são narrativas da diversidade de práticas e sentimentos, de como as mulheres se apropriam das convenções sociais sobre a maternidade, como buscam soluções para os problemas cotidianos e da multiplicidade de sentimentos relacionados à experiência de dar à luz e criar os filhos.

Assim, as contribuições do presente estudo vão nesta direção, na medida em que as narrativas serão disponibilizadas como fontes de pesquisa, integrando a coleção “Memória da Assistência ao Parto”, do Projeto “Lembranças do Nascimento: as parteiras e o atendimento ao parto na cidade de São Paulo (1930-1980)”.

REFERÊNCIAS

Almeida JAG, Gomes R. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. *Rev Lat Am Enfermagem*. 1998;6(3): 71-6.

Brasil. Lei n. 11.108, de 7 de abril de 2005. Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir as parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. *Diário Oficial da União*, Brasília, 8 abr. 2005. Seção 1:1.

Brasil. Ministério da Saúde. AIH pagas segundo município. Partos cesáreos: São Paulo, 1992. Brasília: Ministério da Saúde; [s.d.]. [citado 2011 maio 29]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/pisp.def>

Brasil. Ministério da Saúde. Número de óbitos maternos por 100.000 nascidos vivos segundo Região e UF: Brasil, 1990-2000. Brasília: Ministério da Saúde; 2009a. [citado 2011 maio 29]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2009/C03a.htm>

Brasil. Ministério da Saúde. Proporção de partos hospitalares segundo região e unidade da federação: São Paulo, 1994. Brasília: Ministério da Saúde; 2009b. [citado 2011 maio 29]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2009/f07.def>

Brasil. Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde: 1996 (PNDS, 1996). Rio de Janeiro: BEMFAM; 1997. Anticoncepção; p.48-69.

Brasil. Ministério da Saúde. Pré-natal e puerpério: atenção qualificada e humanizada – manual técnico. 3ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. Atenção pré-natal; p.25-34.

Brenes AC. História da parturição no Brasil, século XIX. *Cad Saude Publica*. 1991;7(2):135-49.

Carraro TE, Knobel R, Radünz V, Meincke SMK, Fiewski MFC, Frello AT et al. Cuidado e conforto durante o trabalho de parto e parto: na busca pela opinião das mulheres. *Texto & contexto enferm*. 2006;15(n. esp):97-104.

Cassab LA. História oral: miúdas considerações para a pesquisa em serviço social. *Serviço Social em Revista* [periódico na Internet]. 2003;5(2). [citado 2010 jan. 21]. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br>

Chazan LK. ‘É... tá grávida mesmo! E ele é lindo!’ A construção de ‘verdades’ na ultra-sonografia obstétrica. *Hist ciênc saúde-Manguinhos*. 2008a;15(1):99-116.

Chazan LK. Pioneiros da ultra-sonografia obstétrica no Brasil [relatório de pesquisa]. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2008b.

De Costa CM. 'The contagiousness of childbed fever': a short history of puerperal sepsis and its treatment. *Med J Aust*. 2002; 177(11-12):668-71.

Fernandes AMS, Bedone AJ, Leme LCP, Yamada EM. Laqueadura intraparto e de intervalo. *Rev Assoc Med Bras*. 2006;52(5):323-7.

Fleig J. 'Mães desdobráveis': experiências e memórias da maternidade na segunda metade do século XX [monografia]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2009.

Hotimsky SN, Alvarenga AT. A definição do acompanhante no parto: uma questão ideológica? *Estud Fem*. 2002a;10(2):461-81.

Hotimsky SN, Rattner D, Venancio SI, Bógus CM, Miranda MM. O parto como eu vejo... ou como eu o desejo? Expectativas de gestantes, usuárias do SUS, acerca do parto e da assistência obstétrica. *Cad Saude Publica*. 2002b;18(5):1303-11.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Anuário Estatístico do Brasil: 1949-1971. Rio de Janeiro: IBGE; 1971. [citado 2011 maio 29]. Disponível em: http://seculoxx.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/saude.shtm

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Anuário Estatístico do Brasil: 1976-1979. Rio de Janeiro: IBGE; 1979. [citado 2011 maio 29]. Disponível em: http://seculoxx.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/saude.shtm

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE; 1999.

Jorge DR. Evolução da legislação federal do ensino e do exercício profissional da obstetriz (parteira) no Brasil [tese livre-docência]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1975.

Kitzinger S, Davis JA. The place of birth. Oxford: Oxford University; 1978.

Lago TDG, Lima LP. Assistência à gestação, ao parto e ao puerpério: diferenciais regionais e desigualdades socioeconômicas. In: Brasil. Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher – PNDS 2006: dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. cap.8, p.151-70.

Lamounier JA, Bouzada MCF, Janneu AMS, Maranhão, AGK, Araújo MFM, Vieira GO et al. Iniciativa Hospital Amigo da Criança, mais de uma década no Brasil: repensando o futuro. *Rev. paul. pediatri*. 2008;26(2):161-9.

Mandú ENT. Trajetória assistencial no âmbito da saúde reprodutiva e sexual: Brasil, século XX. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2002;10(3):358-71.

Martins APV. 'Vamos criar seu filho': os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. *Hist ciênc saúde-Manguinhos*. 2008;15(1):135-54.

Martins APV. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. *Estud Fem*. 2005a;13(3):645-66.

Martins APV. A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2000.

Martins APV. Memórias maternas: experiências da maternidade na transição do parto doméstico para o parto hospitalar. *História Oral*. 2005b;8(2):61-76.

Meihs JCSB, Holanda F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto; 2007.

Meihs JCSB. Manual de história oral. 5ª ed. São Paulo: Loyola; 2005.

Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª ed. São Paulo: Hucitec; 2008.

Mott ML. As parteiras e a assistência ao parto em São Paulo nas primeiras décadas do século XX. *Revista Instituto Histórico Geográfico de São Paulo* 2002a;163(415):67-84.

Mott ML. Assistência ao parto: do domicílio ao hospital. *Projeto História*. 2002b; 25:197-219.

Mott ML. Atendimento ao parto em São Paulo: o serviço obstétrico domiciliar. In: Costa CL, Schmidt SP, organizadores. Poéticas e políticas feministas. Florianópolis: Mulheres; 2004a. p.113-23.

Mott ML. Fiscalização e formação das parteiras em São Paulo (1880-1920). *Rev Esc Enferm. USP*. 2001;35(1):46-53.

Mott ML. Parteiras: o outro lado da profissão. *Revista Gênero*. 2005;6(1):117-40.

Mott MLB. A expedição e o nascimento. In: Museu da cidade de São Paulo. Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole. São Paulo: Instituto Florestan Fernandes; 2004b. p.197-202.

Motta ECS. Resgate histórico de atenção ao parto: por um parto respeitoso [monografia]. Ipatinga: Universidade Presidente Antônio Carlos; 2009.

Oliveira SMJV, Riesco MLG, Miya CFR, Vidotto P. Tipo de parto: expectativa das mulheres. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2002;10(5):667-74.

Osava RH. Assistência ao parto no Brasil: o lugar dos não-médicos [tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 1997.

Paim J, Travassos C, Almeida C, Bahia L, Macinko J. The Brazilian health system: history, advances, and challenges. *Lancet*. 2011;377(9780):1778-97.

Riesco MLG, Fonseca RMGS. Elementos constitutivos da formação e inserção de profissionais não médicos na assistência ao parto. *Cad Saude Publica*. 2002;18(3):685-98.

Riesco MLG. Que parteira é essa?[tese] São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1999.

Ruquoy D. Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In: Albarello L, Digneffe F, Hiernaux JP, Maroy C, Ruquoy D, Saint-Georges P. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva; 1997.

Serruya JS, Cecatti JG, Lago TG. O Programa de Humanização do Pré-natal e Nascimento do Ministério da Saúde no Brasil: resultados iniciais. *Cad Saude Publica*. 2004;20(5):1281-9.

Stori JPL. O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto: expectativas e vivências do casal [dissertação]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2004.

Tanaka MCd'A. Maternidade: dilema entre nascimento e morte. São Paulo: Hucitec; 1995.

Victora CG, Aquino EML, Leal MC, Monteiro CA, Barros FC, Swarcwald CL. Maternal and child health in Brazil: progress and challenges. *Lancet*. 2011;377(9780):1863-76.

Wei CY. Ações humanizadoras na assistência ao parto: experiência e percepção de um grupo de mulheres em um hospital-escola [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2007.

World Health Organisation (WHO). Appropriate technology for birth. *Lancet*. 1985;326(8452):436-7.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Data da entrevista: ____/____/____

Local da entrevista:

Nome da entrevistada:

Idade:

A senhora pode me contar como nasceu?

- quando, onde, tipo de parto e quem assistiu

A senhora pode me contar como foi a sua infância?

(a pergunta remete a entrevistada a contar sobre sua família de origem e infância)

A senhora pode me contar como foram as suas gestações?

- diagnóstico da gravidez e cuidado pré-natal (a pergunta remete a entrevistada ao contexto da gravidez: quando, dificuldades antes e durante, contracepção, parceiro; para algumas entrevistadas, a pergunta remete também ao parto)

A senhora pode me contar como foram os seus partos?

- quando, onde, tipo de parto, quem assistiu, como identificou a hora do parto, cuidado recebido, acompanhante (a pergunta remete a entrevistada à experiência do parto)

A senhora pode me contar como era o cuidado depois do parto?

- acompanhamento profissional, suporte da família (a pergunta remete aos cuidados com o bebê e à vivência da maternidade)

A senhora amamentou os seus filhos?

- quanto tempo, aleitamento exclusivo ou misto, por que não amamentou

APÊNDICE 2 – ENTREVISTAS TRANSCRIADAS

Entrevistada: Antonieta

Eu nasci em 1917 de parto normal em São Pedro do Piqueri em Minas Gerais, mas logo mudei para Juiz de Fora. Tenho duas irmãs e dois irmãos. Até um ano antes de me casar eu trabalhava na roça em Monte Azul Paulista e meu pai tinha várias propriedades. Casei com 19 anos e mudamos para uma casa boa, tinha piso, era pequena, com dois quartos, sala e cozinha, mas tudo de madeira e tijolo. Com 21 anos eu tive o primeiro filho e depois de um ano e meio tive o segundo. Tive meus dois filhos em Monte Azul Paulista, mudei para o Paraná e depois para Tupã. Eu sempre morava em propriedades que meu marido deixou de herança e há uns 30 anos eu vim para São Paulo.

Eu percebia que estava grávida porque a menstruação parava de vir. Naquela época eu trabalhava só em casa. Antes de ter o bebê, minha sogra [parteira] perguntava se estava tudo bem e eu respondia que estava então ela não recomendava nada e eu também não perguntava nada.

Do meu primeiro filho eu não tive nada na gravidez, mas quando eu estava grávida de seis meses do meu segundo filho, eu tive uma convulsão. Me senti mal e gritei na janela chamando meu marido. Caí desmaiada na cozinha e ele foi buscar o médico à cavalo na cidade. Quando eles chegaram eu já estava boa e o médico não soube explicar por que eu tive isso e eu só me lembro que me senti mal, caí e acordei com um pouco de dor de cabeça, mas estava boa. Fiz um tratamento, mas minha sogra ficou com medo porque o médico disse que podia dar outra convulsão no parto. Nunca mais deu.

Eu senti dor antes dos partos e por isso o meu marido ia chamar a mãe dele. Os dois nasceram rápido. Tive meus dois filhos de parto normal em casa, com parteira [sogra] e foi tudo bem. A parteira era a minha sogra porque naquele tempo não existia diploma de parteira, então ela me assistiu porque tinha prática, fez o parto da minha irmã e tinha ocorrido tudo bem. Além disso, ela já tinha as filhas delas. Naquele tempo a gente tinha filho com parteira, não ia para o hospital, nem tinha hospital na cidade.

Meu marido não viu os partos, só minha sogra e minha mãe. Eu amamentei meus filhos durante oito meses. Depois do parto, minha irmã e minha sogra, que eram minhas vizinhas, ficaram comigo por uns 15 dias. Lavavam roupa, me lavavam e davam banho no bebê, mas eu quem cozinava. Naquele tempo a gente não tinha as regalias que as mulheres têm hoje porque morávamos no sítio e não na cidade. Também tinha o resguardo, a dieta de 40 dias. Minha sogra não me deixou lavar a cabeça durante esse período e eu fiquei com o cabelo fedido, mas podia tomar banho.

Fiquei viúva com dois filhos pequenos e quatro anos de casada, então voltei a morar com os meus pais por mais 14 anos.

Entrevistada: Joana

Eu e meus sete irmãos nascemos em casa com parteira. Eu nasci em 23 de junho de 1932 em Ferraz, município de Rio Claro. Morei lá até uns 4 ou 5 anos. Meus pais trabalhavam em lavoura de batata. Quando eu tinha 5 anos nós fomos morar em Cascalho e eu trabalhava na roça.

Conheci meu marido na praça, em Cascalho, e engravidei dele com 17 anos. Casamos grávidos, em 1950, que pecado. A Kaline (neta) não sabe que eu casei grávida e eu não conto isso para ninguém. Eu tomei tanta surra do meu pai porque eles não queriam o bebê. Só te contei porque você perguntou. Como eu casei logo e mudei para Limeira, ninguém ficou sabendo disso, só os meus pais. Hoje em dia, as meninas não têm esse problema.

Meu marido era pedreiro e tinha uma firma, mas eu não trabalhava. Descobri que estava grávida porque minha menstruação atrasou. Meu marido procurou uma parteira boa e diplomada para fazer o meu parto. Eu tinha saúde na gravidez e comia bem. Comecei a sentir dores e chamei a parteira; ela me examinou e me tocou. Meu marido estava junto quando ela nasceu. Não sei se levei ponto. Amamenteei, mas dei mamadeira logo depois, não lembro direito, já faz mais de 50 anos.

O parto foi difícil e a menina morreu depois. Ela nasceu dia 29 de junho de 1950 e morreu dia 1º de Novembro do mesmo ano. Ela ficou doente, tinha bronquite asmática, hérnia e mais um montão de coisas. Naquele tempo não tinha socorro que nem hoje. Eu me recuperei bem do parto e demorou um tempo para eu engravidar de novo. Percebi que estava grávida porque a menstruação parou de vir. Troquei de parteira porque a outra era careira e essa era mais pobre e cobrava menos. A gravidez foi tranqüila.

No dia do parto, meu marido chamou a parteira porque eu estava sentindo dor, mas o parto foi bom. Ela não fez nada de diferente da outra. A Vera (2ª filha) nasceu em 1952 e eu sofri menos no parto dela. Minha sogra me ajudou nos primeiros dois ou três dias. Minha mãe também ficava comigo, mas era a minha sogra que ajudava a fazer o trabalho de casa, lavar roupa e cuidar do bebê. Amamenteei ela até grande, uns dois anos e só parei porque fiquei grávida do terceiro filho, mas senti muito dó dela.

Mudamos para Americana e tive o Valter (3º filho) com outra parteira. Ele nasceu no dia de natal, mas não lembro o ano. Foi tudo bem no parto e na minha recuperação. Amamenteei uns dois anos, mas não lembro se peito ou mamadeira. Depois do parto, minha vizinha que me ajudava porque minha mãe e sogra estavam moravam longe. O Valter (3º filho) também morreu quando ia fazer 4 anos, coitado, teve bronquite e hepatite e naquela época não tinha cura. Passei muito desgosto.

Depois de uns dois ou três anos eu mudei para Cordeirópolis e engravidei do Ivail Anísio (5º filho). A gravidez foi boa e a parteira, dona Ana, morava perto da gente. Ela era boa e diplomada. Ele nasceu em 1965 e o parto foi bom, mas eu tive hemorragia depois de uns dois ou três dias porque meu marido comprou um cachorro que fugiu. Eu fui correr atrás dele e acabei vendo estrelinhas na minha frente. Meu marido chamou o médico em casa, doutor Luís, ele me examinou, trouxe um farmacêutico junto, me deu uma injeção e parou com a hemorragia. Hoje em dia os médicos não vão mais às casas.

Eu o amamenteei também, mas não lembro quanto tempo. Fiquei grávida de novo e quando contei para o meu marido, ele ficou admirado porque ele não queria mais filho e a gente precisava ter mais cuidado. Eu também não queria mais porque

era difícil ver um filho morrer. Mesmo assim eu engravidei da Vanir (7º filha), mas foi tudo bem. O parto dela foi com a parteira diplomada Maria Luiza, a conhecíamos porque ela morava perto. Ela era muito boa e foi tudo bem. Ela me deu um remédio para aumentar a dor, foi a primeira vez que eu tomei esse remédio.

Depois dela, tive o Valfrides (8º filho), também com a Maria Luiza, acho que tomei aquele remédio para aumentar as dores de novo e foi tudo bem no parto. Eu o amamentava, mas tinha pouco leite, então eu ajudava com a mamadeira e ele nasceu com uma doença então eu levava ele no médico para tratar um problema no coração, mas depois de 40 dias de nascido, ele morreu, um dia ele foi perdendo o fôlego, chorava muito e de repente parou.

Em Cordeirópolis, as minhas irmãs que me ajudavam depois do parto. A Vera (2ª filha) também me ajudava e as vizinhas lavavam minhas roupas. Depois do Valfrides (8º filho) a gente não teve mais filho. Não prevenimos, então acho que não tinha que ter mesmo. Naquele tempo não era que nem agora que tem bastante recurso para não ter filho.

Eu não fiz pré-natal de nenhum dos filhos. Talvez eu tenha feito do último, mas nunca fui ao médico. Nas gravidezes eu não tinha enjoo, nem vomitava, eu sempre comia muito e engordava bastante. Meu marido viu alguns partos, não lembro se todos.

Entrevistada: Anézia

Somos seis irmãos, três homens e três mulheres. Quando minha mãe estava grávida de mim, ela comeu bife na casa da comadre e eu nasci com uma bola preta pintada. As pessoas dizem que não, mas é verdade e eu nasci em Serra Negra, na fazenda da minha avó dia 27 de janeiro de 1935. Mudei para Santo André com 7 anos e ajudava minha mãe na horta, eu e meus irmãos recolhíamos merda de cavalo.

Quando eu tinha 12 anos eu achei que estava grávida, mas a minha prima não acreditou em mim porque eu não tinha nem namorado, nem menstruado. Era a minha primeira menstruação e a gente usava paninho de saco que amarrava as pontas, não tinha Modess. Hoje as mães conversam com os filhos, as escolas ensinam, mas naquele tempo era tudo caipira.

Nas minhas gravidezes eu usava uns vestidos que conforme a barriga fosse crescendo, eu mudava os botões. Meu marido tomava o maior cuidado comigo e não deixava eu sair sozinha. Tive três filhos de parto normal nessa casa e com parteira.

No parto da Vera (1ª filha), em 1954, eu quase morri de câimbra nas pernas e quem me ajudou foi uma parteira do interior, minha mãe e minha tia. Minha tia fazia massagem com álcool nas minhas pernas para a câimbra passar. Eu não sei se doía mais a câimbra ou o parto. Naquela época, se você fosse para o hospital, eles te davam uma injeção para melhorar a dor. A melhor coisa quando se tem bebê é ir para o hospital, mas naquela época, eles não levavam a gente. Hoje em dia, mesmo que seja parto normal, você toma uma injeção e já melhora.

À noite comecei a subir pelas paredes e falar para o meu marido que eu estava ruim. No dia seguinte ele teve que ir trabalhar e eu chamei a minha mãe, que chamou a parteira. Eu sempre chamava a minha mãe quando a dor do parto começava e eu gritava tanto que elas me mandaram me tampar a boca. Ele não viu a Vera (1ª filha) nascer, mas o meu irmão foi avisá-lo. Ele não viu nenhum parto porque eu não deixei e ele fica louco e reclama até hoje, pois queria ter visto. Ele só

me via e via o bebê depois do banho. Eu não queria que ele visse a vulva crescendo para o bebê sair.

O Zé Carlos (2º filho) nasceu 14h30 em 1956, gordo, tão bonito, pesava quase quatro quilos. Eu senti dor no parto, mas foi menos que no da Vera (1ª filha), foi com a mesma parteira. Pagamos particular e ainda tinha que dar almoço, sopa de galinha e de carne. Eu não lembro o nome dela.

Dois primeiros dois filhos eu não fiz pré-natal, mas não sei por que. Naquela época não se fazia. Do Marcos (3º filho) eu fiz com o doutor Celso da Gama em casa, mas o parto eu não podia pagar, era caro fazer com médico. Ele me pesava e com sete meses eu quis saber se era homem ou mulher, mas eu não terminei o pré-natal porque faltou dinheiro e eu não tinha convênio. Eu não sentia nada demais, só nojo de tudo. Eu não tomava o meu café nem comia a minha comida, só da minha mãe. Limonada eu vomitava. Uma coisa engraçada e que eu não acreditava que acontecia foi que eu fiquei com vontade de tomar caldo de galinha com pão picado e eu quis matar a galinha para comer; eu comi com muito gosto. Agora eu acredito nessas coisas.

No parto do Marcos (3º filho), em 1958, a parteira estava doente quando meu marido foi buscá-la, então a gente pediu ajuda para uma prima minha que trabalhava no hospital. Foi tão depressa. Ela falou para eu assoprar em uma garrafa e nasceu. Esse parto foi fácil porque o caminho já estava aberto. Se eu demorasse para chegar em casa, ele nascia na rua; ele era feinho, miudinho, coitado e nasceu à noite. Ele ficou um mês e 22 dias direto no hospital e eu só ia vê-lo a cada oito dias. O Marcos (3º filho), quase morreu, pois vomitava tudo o que comia, eu trocava ele e dava leite e ele vomitava e tinha diarreia. Ele tinha 1 ano e cinco quilos e todo mundo rezava para ele não morrer. Ele sarou com comida e mamadeira fria e eu o levei para o Hospital das Clínicas até os 10 anos de idade.

Depois do parto dele eu fiquei meio fraca e eu tinha três filhos para tomar conta. Quando eu tinha que levar o Marcos (3º filho) no Hospital das Clínicas, a Vera (1ª filha) ficava na vizinha e o Zé Carlos (2º filho) com a minha mãe.

Eu amamentei meus filhos só até três meses porque eu não tinha leite. Eu trabalhava só em casa na época que tive meus filhos, então eu cuidava deles. Acho melhor ter parto em casa porque no hospital você toma um soro e a gente não tinha dinheiro para pagar.

Eu não planejei meus filhos, mas meu marido e minha sogra só queriam dois, então acabei cometendo um pecado na gravidez do Marcos (3º filho) e sabia que ia pagar por isso quando ele nascesse. Descobri que estava grávida e contei para minha mãe e para minha sogra. Ela me fez ir a uma parteira que me colocava em cima de uma mesa e pedia para eu pular para o chão. Ela também mandava eu tomar chá de arruda para abortar. Ela era uma senhora idosa e trabalhava com um médico que era quem matava os bebês. Minha mãe foi contra o que eu fiz, falava para eu parar com isso, mas minha sogra falava que a gente não tinha como sustentar, então eu tinha que abortar. No final, eu não abortei e parei de tentar. Depois de um tempo, eu contei para o meu marido que estava grávida do terceiro filho e ele ficou contente. Conte também o que a mãe dele tinha feito e ele ficou bravo com ela. Ele acha que o (3º filho) foi castigado depois que nasceu e eu ainda vou pagar por isso.

Entrevistada: Hermínia

Eu nasci em 1967, em Sertãozinho, de parto normal, em casa e com parteira. Tenho nove irmãos, estudei até o segundo ano e passei minha infância em Sertãozinho. Só mudei para São Bernardo depois que já tinha duas filhas.

Casei em Sertãozinho com 18 anos, fui morar perto de uma cunhada e um dia comecei a sentir algo se mexer na minha barriga. Minha cunhada me deu um chá de Artemísio, uma erva. De noite, senti uma dor e a criança pulou para fora, acabei abortando. Não precisei de médico, tive o aborto em casa mesmo. A criança já era grande e formada, então o meu marido a colocou em uma caixa de sapato e enterrou no quintal. Nem eu e nem ninguém achávamos que eu estava grávida porque eu era muito magra e não deu para perceber.

As minhas outras filhas foram planejadas porque nós queríamos o menino que eu perdi, mas ele nunca veio, nós tivemos quatro meninas.

Eu tive a (1ª filha) em 10 de agosto de 1958 e (2ª filha) em 10 de abril de 1960 de parto normal na Santa Casa de Sertãozinho. Eu não fiz o pré-natal, mas o parto fiz com parteira porque não tinha médico. Cada uma delas nasceu com uma parteira diferente, mas eu não lembro o nome delas.

No parto da (1ª filha), me cortaram com uma tesoura e eu levei pontos, mas das outras três não me cortaram nem deram pontos. Depois que elas nasceram, minha sogra me ajudava com os afazeres de casa.

Mudamos para São Bernardo e eu não queria ir para o hospital daqui, pois era horrível. Graças a Deus perto da minha casa tinha uma parteira boa, a Nair. Ela fez o pré-natal das outras duas e quando o dia chegava, o meu marido ia chamá-la para fazer o parto em casa. No pré-natal ela não fazia quase nada, só olhava e media a barriga.

Na hora do parto da (3ª filha), em 12 de abril de 1963, eu nem percebi o que a parteira fez comigo porque eu fiquei passada. Acho que ela me deu alguma injeção, mas eu não procurei saber. Meu marido assistiu. Depois do parto dela, eu tive uma hemorragia muito forte, mas a parteira cuidou bem de mim, ela era muito boa.

Quando fui ter a (4ª filha), em 12 de dezembro de 1967, a parteira não quis fazer o parto em casa porque falou que eu podia morrer. Me mandou para o Hospital São Bernardo e disse que estaria lá me esperando. Eu fui e ela não apareceu e depois eu não queria mais ver a cara dela. Tive ela com uma parteira bem nova.

No hospital, meu marido não pode assistir o parto, só me visitou depois que eu tinha ganhado o bebê. Nos dois hospitais que eu tive as três meninas, elas ficavam comigo o tempo todo e foram para casa no mesmo dia que eu. Parto normal é assim, sofre, mas depois que ganhou da para levantar e andar, só tem que ter cuidado porque as partes do corpo estão soltas.

Amamenteei as quatro, a (3ª filha), eu amamenteei bastante, as outras eu tirei mais cedo, mas não lembro ao certo quando.

Não gostei de nenhum parto, porque parto normal não é fácil, é uma dor terrível. A cesárea é boa porque a gente não sente dor, só sente depois.

Aqui em São Bernardo era a minha mãe quem me ajudava em casa depois do parto das duas últimas.

Não fui a nenhuma consulta depois do parto porque estava tudo bem. Eu só levava as meninas no posto de saúde se tivessem alguma coisa, mas nunca tiveram nada grave.

Entrevistada: Cleusa

Minha mãe teve sete filhos em casa de parto normal com uma parteira. Duas filhas nasceram em Mineiros do Tietê, duas em Jaú e o resto em Bauru. Eu nasci em 1928 em Mineiros do Tietê, mas quando eu tinha 4 meses, nos mudamos para Jaú. As duas caçulas da família nasceram com parteira profissional, mas eu nasci com curiosa. Minha infância todinha foi em Bauru, estudei e trabalhei, só saí de lá para casar. Bauru era uma cidade muito boa na época, mudamos para lá por causa dos estudos das mais velhas.

Conheci meu marido, meu português, no finzinho da estrada de ferro Paulista, numa cidadezinha do interior. O conheci porque na época eu lecionava nos sítios e antigamente a professora ia para os sítios, hoje elas não vão, se formam e fica na própria cidade.

Eu casei em São Paulo, em setembro de 1959. No primeiro mês de casados, meu marido achou que eu nunca fosse engravidar e não ter engravidado logo foi uma decepção para ele. Depois de dois meses de casada, em novembro, descobri que estava grávida por causa da falha da menstruação e do estômago que começou a acusar, eu vomitava dia e noite. Era um desespero, eu não podia passar perto de uma padaria, nem sentir cheiro de café ou gordura porque vomitava, era um horror. Eu fazia meu marido levantar cedo da cama quando me dava vontade de comer alguma coisa. Uma vez me deu vontade de comer pêssego e ele saiu 6h para comprar, coitado.

Tive três moleques e a gravidez dos três foi igualzinha, então eu sabia que eram três homens. No entanto, um parto foi completamente diferente do outro, o primeiro foi parto fórcepe, o segundo foi normal, sem médico e o terceiro foi induzido porque o bebê não queria nascer, então o médico pingava o soro para dar a dor.

Fiz o pré-natal dos três filhos. Algumas amigas minhas fizeram ginástica para fazer o parto sem dor, mas não adiantou nada, foi difícil do mesmo jeito, então eu acho que o pré-natal devia ser o que o médico fala e pronto porque fazer uma porção de coisas e não dar certo é ruim. Vocês parteiras acham que é diferente, que é bom fazer ginástica, não sei se hoje em dia ainda tem essa recomendação de fazer ginástica, exercícios e eu não sei se ajuda porque para a minha amiga Carminha não ajudou.

Mulher grávida tem que ter acompanhamento pré-natal e eu fiz os meus três na maternidade do Brás com a doutora Dalila, que era médica. O irmão dela era dono da maternidade e ela tinha um consultório lá, então ela fazia o pré-natal e depois encaminhava as mulheres para a maternidade. Nessa maternidade nasceram meus dois primeiros filhos, mas no terceiro eu fui para o Hospital do Servidor Público, que naquele tempo era ótimo, mas agora já não é a mesma coisa. Não lembro direito as coisas que ela fazia na consulta, acho que fazia exame de toque, media a barriga, receitava remédio e vitamina. Em nenhuma gravidez eu soube o sexo do bebê porque não tinha o exame que faz hoje.

Comigo, o cuidado quando estava grávida era com a alimentação para não engordar muito, era o que eles recomendavam. Hoje eles são mais preocupados, mas antigamente não, eles só pediam para não engordar muito e sempre tomar vitamina, não lembro se davam cálcio também porque o bebê tira o cálcio da mãe. Geralmente os dentes estragam e eu precisava sempre de dentista na gravidez.

Eu experimentei três tipos de parto, fórcepe, normal com parteira e normal com médico, menos cesariana. Quando começavam as dores do parto, eu corria para o hospital e ficava lá, mas tem gente que volta para casa. Na maternidade, eu fui muito bem tratada, mas o sofrimento de por um filho no mundo não é brincadeira, o primeiro filho é complicado para todo mundo. Durante o trabalho de parto, eles entravam, examinavam, viam como estava e saíam, era tudo meio por cima, o médico só passava de vez em quando porque a visita dele geralmente era de manhã.

As dores do meu primeiro parto começaram às 6h e o (1º filho) nasceu às 18h15. Quando estava para nascer, o médico falou para gente ir para a sala de operação. Eles fizeram o fórcepe e eu só fiquei sabendo disso depois que o menino nasceu porque o médico não explicava nada. Meu marido falou que eles colocam ferro dentro da mulher, que horror, ele ficou apavorado, mas eu não sabia de nada o que estava acontecendo, a dor era tanta que eu nem sabia o que estava acontecendo comigo. Falam que a gente esquece, mas nós não esquecemos a dor e o sofrimento do parto, é muito dolorido mesmo, mas para cada pessoa é diferente. Eu não esqueci a dor do parto fórcepe, o meu filho veio puxado. Depois do parto, a minha recuperação foi mais ou menos porque eu fiquei meio dolorida nos pontos que levei. Eu tinha que sentar com cuidado, mas passou logo.

Depois de um mês que meu primeiro filho nasceu, eu voltei ao hospital porque estava com uma pequena infecção. Eu percebi porque minha vagina ficou inchada e começou a vazar. Voltei ao hospital e o médico falou que precisava fazer uma limpeza e me receitou penicilina. Tive que fazer uma limpeza, mas foi só isso, não deu mais nada. Eu tenho certeza que foi culpa do médico, alguma coisa que ele fez, porque eu não fiz nada de diferente, nada de extravagante, respeitei tudo direitinho. Ele usava óculos escuros, então a infecção que eu tive foi culpa dele porque ele não enxergava. Ele tinha deixado alguma coisa dentro de mim porque o parto foi às 18h15 e ele estava de óculos escuros.

Depois disso, nunca mais eu fui a médico de óculos escuros e naquele tempo escurecia rápido e eu pensei que os meus outros filhos podiam nascer à noite e até hoje eu tenho horror de ir ao médico à noite, só vou se precisar, mas quando estava grávida, eu não ia, não confiava no médico depois que aconteceu isso. Fiquei apavorada com esse negócio de óculos escuros, então hoje em dia eu não confio em gente que faz as coisas à noite de óculos escuros.

Em casa, não tinha ninguém para me ajudar. Eu levava o (1º filho) para a creche porque eu trabalhava. Quando fiquei grávida do meu segundo filho, fiquei de licença maternidade porque não dava para caminhar com ele no colo porque ele pesava 10 quilos e eu estava grávida do (2º filho). A gente tinha direito à licença, era só fazer um exame.

O parto do (2º filho) foi rápido, eu fui para o hospital às 7h e ele nasceu às 8h. As pessoas falavam que era porque o caminho já estava aberto, mas não é não porque o (3º filho) deu muito trabalho.

Quando eu cheguei à maternidade para ter o (2º filho), todo mundo me reconheceu, todas as enfermeiras. Eu não precisei de médico, dei à luz com a parteira. Ela ficou brava porque eu queria que chamasse o médico, falou que o médico ia brigar com ela se o chamasse com o bebê nascendo. Eu falava que queria parto sem dor e esse foi o parto que eu mais gostei porque nasceu rápido, não precisou de médico, nem nada, foi só com a parteira, foi ótimo, todo mundo ajudando a parteira, as enfermeiras nunca faltam, faziam um movimento para ajudar

a criança a descer e ficavam do meu lado. Meu marido também ficou ao meu lado nos dois primeiros partos, mas no terceiro ele não pode entrar.

Depois do segundo filho, eu resolvi que não queria ter mais filho, mas depois de seis anos, com 37 anos, eu resolvi ter mais um, (3º filho). Dizem que ter o primeiro filho com muita idade é perigoso, mesmo sendo o terceiro, eu fiquei com medo de ter com essa idade, minha perna inchou um pouco e eu fiquei com varizes depois dessa gravidez. Não me incomoda, é lembrança da gravidez.

Eu comecei a sentir as dores e fui para o hospital. Uma parturiente sempre ficava comigo no quarto, eu preferia para não ficar sozinha. Saía uma e entrava outra quando era rápido. Uma deu à luz e nem precisou de ponto, foi para casa no mesmo dia. Depois de dois dias que eu estava lá dormindo e me alimentando na maternidade, falei para o médico que já estava lá há um tempão e finalmente eles tomaram uma providência, mas eles deviam ter certeza de que eu precisava de mais assistência, mas não, se eu não falasse nada, acho que ficaria lá uns quatro ou cinco dias. O médico então disse que eu ia descer para a sala de parto para ter o bebê e começou a induzir. Estava demorando muito, eu não sei por que, mas não fizeram fórcepe que nem no parto do (1º filho). Meu menino nasceu às 13h15 e esse terceiro parto foi o pior porque depois que eu tive o (2º filho), que foi tudo bem, tudo sem médico, eu achava que o (3º filho) ia ser mais fácil, mas não foi, foi completamente diferente e eu não sei o porquê. O médico também não me explicou, eles não esclarecem nada, mas eu via que era por causa do soro que eu sentia dor. Nos dois primeiros partos, eu não precisei do soro, só nesse.

O (3º filho) nasceu enorme, tanto que comecei a sentir muita dor a partir do sexto mês de gravidez e a médica me receitou uma cinta. Ele nasceu o maior e mais forte de todos. O parto foi bem dolorido, mas eu não falei nada na hora porque estava nas mãos dos médicos e nesse, não tinha enfermeira ajudando, não tinha ninguém até a criança nascer. Parto induzido tem que esperar, é uma história que fica para sempre.

Logo quando os bebês nasciam, eles me mostravam, e logo quando o (3º filho) nasceu, eu perguntei para o médico se ele era perfeito e ele falou que não tinha sobrançelha e dente ainda. Ainda bem que ele brincou porque ele ficou preso mais de uma hora por minha causa, pois já tinha acabado o plantão dele, mas eles são obrigados a ficar depois que atendem a paciente porque fica sob a responsabilidade deles. O médico era bom, mas eu falo isso porque não vou passar por isso de novo.

Levei corte nos três partos e eu não lembro o nome das pessoas que fizeram os meus partos. Não fui à consulta depois do parto porque não precisei, mas eu amamenteei os três filhos. Eles quiseram largar logo do peito, mas não fui eu quem quis tirar.

Depois dos partos, eu ficava três dias na maternidade, depois mandavam a gente para casa. Se ocorresse alguma coisa errada, a gente ficava mais tempo. O médico pediatra falava para gente voltar logo em seguida do parto com o bebê no consultório. Eu ia todo o mês lá com eles para fazer exame, eles tiveram acompanhamento assim durante um ou dois anos, depois eu e meu marido já cuidávamos sozinhos. Eles eram fortes e nunca tiveram nenhum problema de saúde. O pediatra chamava doutor Picoloto.

Quando eu tive o (3º filho), que nasceu em abril, a médica ficava brava porque eu não dava água para ele. Hoje em dia não se fala mais para dar água, para você ver a diferença. Eu era muito cuidadosa com eles, eles nunca tiveram nenhuma

desidratação, o que era normal na época, nem dor de ouvido. Eu cuidava muito bem, uma mãe cem por cento.

Eu dei para os meus filhos a carteirinha que tem o nome da parteira e do médico que fizeram os partos deles e também da médica que fez o pré-natal. Eles não dão muita importância para isso, mas na carteirinha vem escrito o peso, o comprimento do bebê, o nome do médico e o nome do médico do pré-natal, vem tudo.

Depois que nasceu o (3º filho), eu já dava aula em uma escola da Vila Maria, então arranjei uma babá para poder trabalhar. A diferença de idade do segundo para o terceiro era de seis anos, então os mais velhos estavam na escolinha e o mais novo ficava com a babá. Depois dessa época, éramos eu e meu marido que cuidávamos. Meu marido era vendedor, então ele escolhia o melhor horário para ele, que era de manhã e eu lecionava à tarde. Ele foi um companheiro e cuidava direitinho dos filhos. Meu marido era muito bom e compreensivo e nós trabalhamos até nos aposentarmos.

Entrevistada: M. de Jesus

Eu nasci em 1941 com parteira, na casa da minha mãe, em Piracicaba, no bairro Vila Rezende. Tenho um irmão, falecido, que nasceu em casa também. Meu pai era ajudante geral e a minha mãe cortava cana na roça.

Eu conheci meu esposo passando pela janela da casa dele. Ele estava na sala, deitado em uma cama com os pés na janela e eu passei em frente com uma colega e gostei do pé dele, então comecei a passar por ali mais vezes para vê-lo. Começamos a nos olhar, namoramos três anos e nos casamos. Eu tinha 17 anos e meio. Eu não trabalhava e meu marido era metalúrgico.

Depois de oito meses de casada, engravidei. Tive uma gravidez boa, não fiz pré-natal porque naquele tempo não se fazia. Eu era ingênua, nem sabia direito que estava grávida, pensava que estava com alguma doença porque sentia fraqueza, então fui ao médico e ele me examinou e comprovou que eu estava grávida. Passei os nove meses bem.

Ela nasceu em 1960 em casa com parteira, dona Odila, porque era um horror ter filho naqueles hospitais. Eu gostei da assistência que ela me deu. Ela morava perto de casa, era conhecida e todo mundo nascia com ela. Não era caro, mas eu não lembro quanto que foi que pagamos porque meu marido acertou com ela longe de mim.

Sete dias antes dela nascer, a bolsa arrebentou, saiu água e eu senti dor. Chamei a dona Odila, eu estava sem dilatação, mas ela ficou a noite inteira comigo, fazendo exame. Como a dor passou e não dilatou, ela foi embora. Depois de sete dias, deu dor forte para nascer. Chamei a dona Odila de novo. Ela veio e me deu uma injeção que fez a dor apertar. Eu fiz silêncio, não fiz barulho nenhum. De hospital, nem precisava falar porque eu não ia, eu tinha medo, nervoso. Ela nasceu meio sufocada porque estava com o cordão umbilical no pescoço e demorou para sair, foi difícil. A parteira até rezou. Eu pensei que teria que ir para o hospital, mas pedimos para Deus e ela saiu e ficou bem. A dona Odila cortou um pouco para ela sair e depois levei pontos sem anestesia e doeu, mas naquela época as parteiras não usavam, só se usava no hospital. Meu esposo ficou junto e sentiu dor comigo.

A parteira veio aqui no dia seguinte dar uma olhada, ver como é que eu estava e estava tudo bem. Os pontos não incomodaram e caíram ou ela veio tirar, não lembro.

Eu não sabia cuidar direito dela, mas fui aprendendo a lidar e as pessoas ensinavam a gente. Eu amamenteei até 3 meses porque não tinha leite. Eu podia ficar sem dar de mamar que o peito não enchia, era como se não tivesse nada. Levei ela no posto de saúde porque ela estava ruim, magrinha, fora do peso e chorava muito. Mandaram eu dar mamadeira e eu dei.

Eu nunca evitei engravidar, nunca tomei remédio, nem depois da segunda filha porque eu adorava ficar grávida. Também não fiz pré-natal, descobri que estava grávida pela segunda vez porque eu já tinha mais noção das coisas, nem fui ao médico para ver se estava mesmo. Só fazia o que precisava e comia bem.

O segundo parto, em 1964 foi bem porque eu não tive náusea, deu para aguentar e foi mais rápido. Na hora de ter, eu senti a dor e chamei a parteira, ela veio, me deu a injeção para ajudar na dor e para dilatar e fez o parto. Foi tudo normal e bem. Meu esposo viu o parto e dessa vez não precisou dar ponto. Ela não nasceu com o cordão umbilical no pescoço.

No dia seguinte a dona Odila veio para ver se estava tudo bem. Depois do parto também foi tudo bem. Como fiquei com medo dela ficar doente, não dei de mamar porque não tinha leite, comecei a dar mamadeira com leite próprio para bebê.

Em casa era duro porque eu tinha a minha casa e a casa dos meus pais para tomar conta porque meus pais e meu irmão eram doentes. Meus vizinhos me deram uma ajuda uns sete ou oito dias, lavavam minhas roupas, mas depois eu comecei a fazer o trabalho de casa, pois eu tinha que me virar para não me aproveitar dos outros. Meu marido não pode se afastar do trabalho para ficar comigo, só pode assistir o parto no dia e voltou a trabalhar no dia seguinte, só faltou de novo para registrar as meninas.

Depois de um tempo, eu fui ao médico e ele disse que eu estava com as trompas entupidas e recomendou tirar, mas eu não quis.

Entrevistada: Ignêz

Eu nasci em 1943 de parto normal no Hospital Pró-Matre em São Paulo. Somos três irmãos. Meu irmão mais velho nasceu de parto fórceps e meu irmão caçula de parto normal.

Minha infância foi no colégio interno. Meu pai trabalhava na firma do Pedro Santos, em uma loja na Av. Ipiranga e minha mãe era normalista, mas não trabalhava. Só começou a trabalhar quando meu pai ficou doente por causa da bebida. Nessa época eu tinha 12, 13 anos. Nós morávamos na Citi da Lapa, na Rua Tomé de Souza.

Quando eu conheci meu marido, ele estava noivo de outra e eu, noiva de outro. Ele me achou muito enjoadinha, muito fresca, muito direitinha. Eu o achei muito bonito. Ele era dono de uma empresa de transportes. Nós marcamos um encontro e depois de um ano e dois meses nos casamos. Casei com 18 anos e fui morar na Rua Tabapuã no Itaim Bibi.

Ele trabalhava com tratores e terraplanagem e ajudou a construir Brasília. Eu nunca trabalhei.

Logo comecei a tentar engravidar, mas a minha menstruação veio no primeiro mês, fiz exame de sangue e urina e deu negativo. No outro mês veio de novo e eu chorava porque naquela época a gente casava para ter filho. Eu não acreditava que não estava grávida e resolvi ir ao médico, no doutor Roberto Passos. O consultório dele era na Avenida Paulista. Ele fez o exame de toque e falou que eu estava grávida. Não se fazia ultrassom na época e eu descobri que o (1º filho) era homem porque o médico fez um raio-X para saber com quantas semanas eu estava e descobriu que o (1º filho) tinha um cabeção igual ao pai.

O parto do (1º filho) foi no Hospital Modelo, na Liberdade, em 1962 e foi particular. A bolsa estourou e eu não tinha dores, então fiquei dois dias no hospital tomando soro. A minha pressão ficou alta, 16 e pouco porque eu estava ansiosa por ter passado dois dias esperando ele nascer, recebi vários toques e isso foi me deixando nervosa. Como não dava dor, fui obrigada a fazer a cesárea porque já estava prejudicando a criança. Me deram anestesia raqui e foi tudo bem. Eu era uma supermãe.

Depois da gravidez, eu não podia tomar pílula porque cortava a minha menstruação e eu corria para o médico achando que estava grávida, então eu usava um supositório que faziam na Lapa. Eu tive que parar de amamentar o (1º filho) quando descobri que estava grávida do (2º filho), depois de uns nove meses. Ele sofreu, mas minha mãe fez um mingau de Maizena® bem grosso para dar para ele e ele parou de chorar pedindo leite.

Na gravidez do (2º filho), minha pressão ficou normal. Eu tinha convênio, chamava Same e ele cobriu todo o parto. Engordei 12 quilos na gravidez e descobri que estava na hora de nascer quando eu estava na festa de 1 ano do meu sobrinho, no Buffet Pão de Açúcar na Rua Brigadeiro Luiz Antônio e senti minha barriga soltar. De repente começou a me dar umas dorzinhas. Cheguei ao Hospital Nove de Julho às 23h30 e comecei a sentir dores horríveis. Às 6h30 eu estava gritando “eu quero cesárea”. O doutor Roberto falou que não ia fazer cesárea porque o bebê estava nascendo. O meu marido ficou comigo antes de eu ter o (2º filho) e eu berrava e mordida ele. Meu irmão achou que eu ia morrer. Me jogaram em uma maca porque eu sentia dor. Eu achei que meu parto ia ser igual ao da minha cunhada, que deram uma injeção e ela dormiu, mas não foi, tive dor seguida, sem parar. No fim, ele nasceu em 1963 de parto normal e eu recebi uma injeção para dormir depois do parto.

Eu o amamentava, tinha leite demais, me dava até febre de tanto que empedrava. Cheguei a usar número 54 de sutiã. Na época, minha cunhada adotou uma menina e eu dava o peito para ela também, mas ele começou a ter sapinho, então eu tirava copos e copos de uísque de leite, ela colocava na geladeira e ia dando para minha sobrinha. Amamentei ele quase um ano, só tirei para emagrecer porque eu estava muito gorda.

Eu era super mãe, não era normal. A babá tinha que ficar dentro do quarto e eu não deixava a criança se sujar, os tratava que nem bibelô, achava que eles iam quebrar. Meu médico e o meu marido falaram que eu não podia ter mais filhos porque não se trata filho desse jeito.

Eu não desconfiava que estivesse grávida da (3ª filha) porque a minha menstruação estava normal, mas os meus seios começaram a crescer, por isso fui ao doutor Roberto. E foi um descuido, o supositório não derreteu. Na gravidez da (3ª filha), eu passei muito mal. Todo mundo falava que eu sempre ficava muito bonita, vistosa, mas nessa gravidez eu sentia muita dor no osso da xoxota, não conseguia

andar e fiquei muito inchada. Sofri muito e o doutor Roberto falou que só podia ser mulher.

Eu engordei 20 quilos, mas minha pressão se manteve normal. Na consulta pré-natal, o médico me examinava e colocava um aparelho para ouvir o coração do bebê. Hoje em dia você escuta, mas naquela época a gente não escutava, só o médico.

A (3ª filha) nasceu em 1968 no Hospital Nove de Julho, que o convênio Same pagou. Junto com a cesárea, eu marquei operação para fechar a fábrica, tirar as trompas. Eu tinha 24 anos. Tomei anestesia peridural, abriram minha barriga e um médico subia e outro puxava, foi horrível, sofri muito no nascimento dela, ela grudou na minha barriga, mas na hora que nasceu eu fiquei muito feliz porque eu era doida para ter uma menina.

Eu a amamentei até os 8 meses, eu tinha muito leite e doava para a Santa Casa. Eu estava muito gorda e fui ao médico pedir para tomar um remédio para emagrecer e ele falou que eu não podia tomar amamentando, então eu parei de amamentar.

Meus três filhos ficavam no berçário e as enfermeiras traziam de três em três horas para amamentar. Depois de cada filho, eu fiquei uns quatro ou cinco dias no hospital, não é que nem hoje em dia que eles mandam embora em dois ou três dias. Não tive acompanhante em nenhum dos partos, mas tive visita depois. E nos dois últimos partos, que o convênio pagou, minha mãe dormia comigo no hospital porque o quarto era individual.

Quem me ajudava em casa eram as babás e as empregadas. Eu levava vida boa e tinha um caseiro também.

Entrevistada: M. de Lourdes

Eu, em 1943, meus irmãos e meus primos nasceram pelas mãos da minha avó, que era parteira, em um sítio em São José do Rio Preto. Nasceram todos com vida. Ninguém ia para o hospital naquela época. Fui criada lá até 5, 6 anos e meus pais trabalhavam na olaria. Depois eu fui morar na cidade com minha avó porque precisava estudar e ir à igreja. Eu fiz parte da cruzadinha do Asilo São Vicente de Paula e quase fui freira. Só não fui porque meu pai perdeu o dia de me levar.

Com 14 anos, minha avó me arrumou um trabalho de balconista nas Lojas Americanas. Vim para São Paulo com 16 anos acompanhar meu pai que ficou doente e teve de vir fazer tratamento. Depois de um tempo vieram minha mãe e meus irmãos.

Em 1960 eu conheci o pai do meu filho. Ele era um moço bonito, bem educado, engenheiro e trabalhava desenhando projetos de máquinas. Ele era do bem, conheceu toda a minha família. Eu engravidei com 19 anos, mas nos anos de 1960 você não podia ter um filho solteira e eu passei o diabo por isso. Hoje em dia é comum, normal, as famílias aceitam, a sociedade aceita, tem gente que tem até produção independente. Eu também aceitaria das minhas netas numa boa, mas naquele tempo você era tachada, não prestava e não valia nada. Tive que deixar até de ir à casa de parente. Sofri muito com isso.

O pai ou a mãe dele faleceu em Minas Gerais e ele foi para lá discutir a herança das terras. Acabou ficando dois anos por lá.

Meu pai contratou uma parteira, que eu não lembro o nome, porque naquela época a gente não ia para o hospital. Era uma parteira muito boa. Uma vez por mês eu ia para a casa dela e ela olhava e cuidava de mim. A parteira que eu fazia o pré-natal tinha um quarto na casa dela com uma maca e era perto da Vila Formosa. Ela escutava o coração do bebê, olhava a barriga, media, verificava a pressão e a minha batida do coração. Desde que eu descobri que estava grávida, nunca mais eu tive relação sexual, por isso meu corpo era muito fechado e deu trabalho para ele nascer.

No dia 1 de maio de 1963 eu comecei a passar mal às 3h. Amanheceu e o meu pai foi atrás da parteira. Estava chovendo muito e ela se negou a vir atender porque não queria sujar a roupa em uma rua de barro, só iria se fosse de táxi, mas nós e meus vizinhos não tínhamos dinheiro para pagar o táxi. Meu pai ficou desesperado e se ofereceu para trazer ela no colo, se propôs a dar o dobro do que ela queria para me atender, mas ela também não aceitou. Ela não veio.

Meu pai ficou na rua procurando alguém para ajudar e apareceu uma senhorinha que disse que entendia de partos e se ofereceu para ajudar no que pudesse. Nessa altura já tinha gente rezando e chorando. Eu não lembro o nome dela, mas ela já era velha, pretinha, toda enrugada, uma bruxa, uma coisa horrorosa. Eu estava com dor e quando ela olhava para mim dava a impressão de que ela queria me matar. Acho que a mulher era meio tapada, coitada. No parto, a mulher só pedia água quente e pano limpo. O meu filho nasceu em casa, na Vila Formosa. Ela tirou a criança, mas não cortou o cordão e a placenta ficou grudada em mim, mas enfim a minha dor passou.

Ele nasceu normal com 3.500 gramas e 50 centímetros, sem pic, sem cesárea. Não tinha ninguém para fazer isso também, só tinha gente rezando, chorando e aquela doida mexendo em mim. Me deram até a urina do meu pai para tomar para ver se aquela placenta saía, foi uma ignorância só. Quando a criança chorava, ela pedia para minha mãe fazer chá de erva doce. Hoje em dia, para fazer parto, até os guardas fazem melhor do que aquela curiosa. Não criam problema, não dão show, correm logo para o hospital.

Ele nasceu às 15h e eram 19h e a placenta ainda não tinha saído. Foram atrás de socorro, deram chá para o bebê, me fizeram sentar em uma coisa quente para ver se a placenta descia, até que meu vizinho foi para avenida, parou uma ambulância, explicou o caso e eles vieram correndo. A enfermeira cortou o cordão. A ambulância era do Hospital Leão Treze, do Ipiranga. Eles enrolaram o bebê em panos limpinhos, me colocaram em uma maca e meu vizinho foi comigo para o hospital porque o meu pai já não tinha mais condição de nada. Ele falava que se eu morresse, ele mataria aquela parteira que não quis fazer meu parto. Meu vizinho me dava a mão e chorava e eu me perguntando o porquê, porque eu estava bem, não estava sentindo nada. Quando eu cheguei ao hospital, já estavam me esperando, me levaram para um quartinho e tiraram a placenta em segundos, muita prática. Me levaram para o quarto e meu filho já estava sendo cuidado.

Fizeram uma junta médica para saber quem foi que me atendeu porque fez tudo errado. A curiosa mexeu em uma coisa que não sabia, por isso que eu falo que parto não é brincadeira. Todo mundo no hospital queria saber o nome e o endereço dela, mas eu não sabia de nada. Eu não podia prejudicar a mulher, ela veio para me ajudar e fez o que podia, coitada. Talvez se não tivesse sido ela, teria sido pior.

Minha placenta estava roxa e tiveram que fazer uma raspagem, me deram antibiótico, tiraram toda aquela pele e cuidaram muito bem de mim. Por ser hospital

público, fiquei impressionada, fui bem tratada, bem atendida. Três dias depois, meu pai e meu vizinho foram nos buscar.

Todo mundo pedia para eu dar o bebê, mas eu nunca quis dar, era meu, não era cachorro. Eu amamenteei pouco porque não tinha leite, era muito magrinha, miudinha, tinha corpo de criança. Quando meu filho tinha 3 meses, eu comecei a trabalhar em uma firma e só o via à noite ou quando tinha que levar ao médico, então minha mãe fazia mingau de leite com creme de arroz. É muito bom para criança, é um pozinho de arroz que ficava grossinho. Eles também levavam para a escola e tomavam conta dele.

O umbigo dele ficou cheirando mal, amarelou e demorou a cair. Tinha um farmacêutico muito bom na farmácia e ele disse que talvez ele ficasse com problema no umbigo, que talvez precisasse fazer uma operação. Deu 12 dias e nada desse umbigo cair, mas depois de três dias caiu. Depois de um tempo, eu e meu pai encontramos na rua a parteira que não quis vir e ela pediu perdão para gente. Se ela tivesse feito o parto, nada disso teria acontecido.

Um ano e pouco depois que meu filho nasceu, o pai dele voltou e me contou que tinha sido preso por briga de terras, mas eu não queria mais saber dele. Ele foi embora de novo e voltou algumas vezes. Quando vinha, saía com o filho e acabou percebendo que eu não ia voltar a ficar com ele e eu tinha medo de ficar grávida de novo e ele sumir de novo. Eu não confiava mais, mas ele falou que se eu não ficasse com ele, ia tomar a criança de mim. Fiquei com medo e até ele crescer, eu morei em vários bairros, Vila Formosa, Belenzinho, Brooklin... Eu soube que ele casou e descasou e hoje mora com esposa e filhos.

Daquele tempo para cá a gente ficou rico.

Entrevistada: Cristina

Eu nasci em 1952 às 2h de parto normal, na casa da minha avó em Poços de Caldas. Correu tudo bem. O médico que atendeu minha mãe era muito tranquilo e a favor de preservar a saúde da mulher. Ele dizia que era muito importante ter calma e não apressava nada se a situação estivesse sob controle. Naquela época, os partos eram domiciliares e minha mãe teve todos os 10 partos com esse mesmo médico. Ela nunca fez episiotomia e também nunca se machucou. Ela se recuperava super bem. Meu pai me disse que foi o meu tio Luiz que me deu o primeiro banho.

Passei a maior parte da minha infância em uma fazenda a nove quilômetros de Poços de Caldas, onde meu pai era agrônomo. Aos 7 anos fui para escola, mas como a estrada era de terra, às vezes eu ia e às vezes não. Depois fui morar com a minha avó, na casa onde nasci. Morei com ela durante cinco anos e aos finais de semana eu ia para fazenda.

Minha mãe nunca trabalhou fora de casa. Sempre morou na fazenda e a vida dela era cheia de trabalho e em situação precária. Costurava roupas para todos os filhos e meu tio matava porco e mandava para minha mãe limpar e armazenar a carne. Naquela época não tinha geladeira, era bem complicado.

Estudei em Poços de Caldas até terminar o ensino fundamental, depois fui para os Estados Unidos e fiquei lá por seis meses. Quando voltei, comecei a estudar em São João da Boa Vista. Fiz o primeiro e o segundo colegial lá. Depois entrei na faculdade em um curso de Serviço Social, mas não gostei. Fiz seis meses e desisti. Como gostava muito de inglês, me dediquei a estudar a língua.

Fui morar em Cotia, fiquei um ano e meio em São Paulo e fui para o Rio de Janeiro para morar com o meu marido que eu conheci em Poços de Caldas durante as férias, mas que na época era meu namorado e morava em Petrópolis. Namoramos por cinco anos e nos casamos. Ele era médico e eu dava aulas de inglês. No Rio, dei curso de inglês na Escola Britânica antes de casar.

Eu já dizia que queria ter quatro filhos, duas meninas e dois meninos. Ele fez pós-graduação em cardiologia e queria fazer cardiologia pediátrica, mas na época não tinha essa especialização no Brasil, então ele conseguiu uma vaga na Inglaterra e moramos lá por quase dois anos. Foi ótimo porque aperfeiçoei meu inglês, fiz cursos e peguei um diploma de professora que se chama *Profission* de um curso que fiz na Universidade de Cambridge. Essa viagem foi ótima para os dois.

Na primeira gravidez, tive um atraso na menstruação, um sangramento pequeno e me deu um cansaço absurdo. Sou muito agitada, muito elétrica, não sei o que é preguiça, mas nesse dia eu dormi 24 horas, não conseguia levantar para fazer nada. Imaginei que alguma coisa estava acontecendo e fui ao médico. Ele perguntou qual era o meu problema, eu disse que achava que estava grávida e ele perguntou quando eu queria abortar. Eu disse que não queria abortar e ele perguntou porque eu não queria abortar, perguntou se o rapaz ia assumir e eu expliquei que era casada. Então ele pediu desculpas. Depois me mandou fazer exame de urina e o resultado foi que eu estava grávida. Esse era o meu sonho. Eu tinha parado de tomar pílula para engravidar. Eu já estava casada há nove meses.

Quando meu marido chegou em casa e viu o exame, ele quase pirou. Ficou perguntando como o bebê ia nascer e eu disse que ia nascer como todo mundo nasce. Ele ficou preocupado porque não tínhamos ninguém da família morando no país e eu disse para ele que bicho do mato não precisa de ninguém para nascer. Eu sempre tive essa visão de que ia ser uma coisa natural porque fui criada em fazenda e via os bichos nascendo, via o parto como uma coisa super natural, pena que não é mais assim hoje em dia.

As consultas eram uma vez por mês e a equipe que fez o pré-natal foi a mesma que me acompanhou durante o parto. Eles mediam minha pressão, faziam exame de urina, de sangue e checavam se estava tudo bem. Na época da (1ª filha), ainda não existia ultrassonografia no Brasil, mas eu fiz três ultrassons lá na Inglaterra.

Não lembro se precisei tomar algum remédio, acho que me deram ácido fólico, mas eu não me adaptei, me sentia muito mal, então eu tomei um mês e parei, não foi algo constante porque eu não me dava muito bem.

Meu marido não queria assistir o parto, mas ele foi à última consulta de pré-natal e a equipe o incentivou muito. Fiz o pré-natal no bairro com aulas de preparação para ser mãe. As grávidas estavam mais ou menos no mesmo período. Depois disso, ele quis assistir todos, o que foi muito bom. Acho que é uma emoção que tem que dividir. Os dois participaram então os dois são pais.

Nessa última consulta, o chefe de serviço quis me ver para analisar se esperava mais dias ou se induzia o parto. Ele resolveu induzir porque eu estava com quatro dias de atraso, mas eu não tive nenhum sintoma que me fizesse sentir que a indução era necessária. Às 23h eles me deram um sorinho e eu dormi a noite toda. No outro dia, às 7h, não me deram café da manhã porque eu já devia estar em trabalho de parto e isso foi muito ruim porque eu preciso tomar café da manhã para ficar bem. Ao invés do café, eles aumentaram o soro e eu comecei a ter um pouco de

contração. Às 13h romperam a bolsa e eu comecei a ter uma contração muito forte de dois em dois ou três em três minutos, foram muito rápidas.

Eu não almocei e como estava em trabalho de parto, fui ficando muito fraca. Às 16h, comecei a desmaiar. Sentia muita dor na virilha, pedia para cortarem a minha perna de tanta dor e desmaiava porque não a suportava. Não sei se tenho alguma má formação, mas em todos os partos eu tive essa dor insuportável. Fiquei desmaiando durante quatro horas. Eles ficavam monitorando o bebê o tempo todo e ele estava bem, então não fizeram nada comigo. Acho que o problema era eu. Não me deram anestesia.

Na hora que me levaram para sala de parto, lembro de ter uma contração muito violenta no corredor e depois disso eu não senti mais nenhuma dor. Me colocaram sentada e reclinada em almofadas e eu mesma segurei meu joelho e fiz força. Como era um hospital escola, tinham umas 20 pessoas na sala. Eu a vi nascer e foi uma experiência única porque eu estava numa posição que dava para ver e eu não senti nada. Eles fizeram uma episiotomia. Acho que não precisariam ter feito, mas como era o primeiro filho, levei dois pontos, uma coisa mínima.

A (1ª filha) nasceu na Inglaterra em novembro de 1977, o parto foi em Londres no Middlesex Hospital. A episio não me incomodou em nada. Era uma coisa muito diferente que eles faziam e eu achei muito interessante. Fizeram em todos os meus partos. Eles disseram para não passar nada na episio, só lavar com água e sabão todas as vezes que se eu fosse ao banheiro. Se eu evacuasse, precisava fazer uma higiene maior, mas se fosse só urina, era só lavar com água e sabão. E eu fazia isso e cicatrizava muito rápido. Em uma semana eu já não tinha mais nada.

A (1ª filha) nasceu bem, em uma estufa porque em novembro faz muito frio lá. A primeira coisa foi cortar o cordão e limpar. Eles pegavam uma toalha bem quente e embrulhavam o bebê, limpavam o rostinho e trouxeram para mamar. Ela mamou super bem. O parto foi muito emocionante, acho que por ser o primeiro e por ter sido tão natural.

Eu estava com o meu marido e todo mundo saiu da sala. Ficamos curtindo o bebê e eles só apareceram de novo depois de três horas. Pegaram o bebê para dar banho e começaram a cuidar dele e de mim. Perguntaram se eu precisava de alguma coisa e eu disse que estava morrendo de fome, então me trouxeram um copo de leite. Às 5h eles me acordaram porque foram dar banho no bebê e ela ficou cianótica, mas tiraram rapidamente e ficou tudo bem. Colocaram no banho de novo e ela ficou cianótica novamente, então descobriram que ela tinha engolido líquido amniótico e precisariam fazer uma lavagem. Falaram que foi uma pena porque ela tinha mamado tanto colostro e eles precisaram aspirar, mas depois ela ficou boazinha e não teve mais problemas.

Eu fiquei oito dias em uma enfermaria do hospital com mais oito parturientes e cada uma tinha sua cortininha para ter privacidade. O bebê ficava com a gente, tinha três enfermeiras de plantão e elas ensinavam tudo, como dar banho, como trocar, como amamentar, como doar leite para o banco de leite do hospital... Muito legal. Eu e ela estávamos super bem.

Quando a (1ª filha) tinha 3 meses, nos mudamos para o Rio de Janeiro e ela sofreu muito durante a viagem. Saímos de lá no frio e quando chegamos ao Rio de Janeiro estavam 40 graus. Ela começou a sentir muito desconforto porque estava um calor enorme e como eu só amamentava, ela começou a desidratar e a chorar muito, querendo mamar toda hora. Fomos para São Paulo visitar a família e quando chegamos estava todo mundo esperando no aeroporto. Começaram a dar palpite

falando que ela estava muito magrinha; ela também estava com diarreia e vômito e eu fiquei tão preocupada, tão estressada que meu leite secou em uma semana. Como ela tinha alergia a qualquer outro leite, só voltou a se desenvolver e ficar uma criança gordinha e saudável aos 5 meses, quando ela se adaptou ao leite.

A segunda gravidez foi complicada porque eu comecei o pré-natal com um médico que morreu de câncer quando eu estava com oito meses e eu precisei procurar outro médico. O pré-natal foi em uma maternidade não muito grande, no Rio de Janeiro. Eu ia ao médico uma vez por mês e após o falecimento dele, acabei indo a uma médica por indicação, pois eu morava no Rio de Janeiro, mas não conhecia ninguém. Era um consultório particular, mas eu não pagava porque meu marido era médico. Eu não fiz pelo SUS, fiz pelo Geape. Esse convênio é de funcionário público, mas era muito bom, tinha quarto particular com acompanhante.

Foi tudo bem no pré-natal, mas eu fiquei muito magra. Fiz ultrassom porque em 1980 já tinha ultrassom aqui no Brasil. Quando estava de oito meses do (2º filho), tive um incidente, enfrentei dois ladrões em um ônibus. Fiquei muito brava porque eles tentaram me assaltar, reagi e xinguei. Foi aí que eu decidi que estava na hora de ir embora do Rio de Janeiro. Eu dava aula de inglês em dois cursos, no Oxford e no St. Patrick.

A médica era a favor do parto normal, mas era muito novinha e hoje reconheço que ela era inexperiente. Ela tinha um anestesista e eu contei para eles que tinha esse problema da dor na virilha. Eles disseram que iam fazer um episio para eu não sentir essa dor. Só que anestesiaram só uma perna e a outra não. Senti uma coisa estranha porque sentia só metade do corpo e sentia o trabalho de parto, então eles começaram a acelerar o parto. O anestesista começou a discutir com a médica dizendo que o parto normal era uma coisa animalesca e horrorosa. Ele questionava como ela podia fazer um parto normal se existia cesárea e ela dizia que não acreditava que ele fazia parte da equipe dela e pensava desse jeito. Tudo isso na minha frente.

A médica estava gripada e saiu da sala, então o anestesista veio e disse que ia fazer o exame de toque para saber como eu estava. Ele tentou dilatar o meu útero com a mão e eu desmaiei. Foi uma sensação horrorosa. Dilatei e fui para sala de parto, mas como o bebê não nascia, o anestesista começou a me empurrar. Um cara enorme deitou em cima de mim e começou a empurrar minha barriga. A médica disse que o bebê estava com uma volta do cordão umbilical enrolado no pescoço, mas eu não sei se estava mesmo ou não. Só sei que eu não aguentava mais aquele cara em cima de mim e levantei o braço para esmurrar ele, mas o bebê nasceu. Ele nasceu bem, mas o levaram e me levaram para outro quarto. Perguntei onde estava o meu bebê e eles disseram que estava no berçário, então eu pedi para trazerem ele para mamar. Desde o início, eu disse que assim que nascesse queria dar mamar, mas eles não traziam. Falei para o meu marido que se eles não me trouxessem, eu ia levantar da cama e buscar. Falei que ia ter uma hemorragia e culpar o hospital. Aí eles trouxeram o bebê imediatamente para eu dar de mamar.

De manhã eu escutei uma enfermeira no corredor falando que queria fazer uma visita no meu quarto para conhecer a mulher corajosa que tinha acabado de ter filho e já queria dar de mamar. Ela entrou no quarto e parecia uma alemã. Era um hospital alemão e ela era uma alemã enorme. Ela entrou e disse “desse tamanho e brava desse jeito?” e eu respondi que era pequena, mas brava e sabia bem o que queria.

Ele nasceu em 1980 e eu o amamentei até os 8 meses e o médico disse que eu poderia completar com leite de soja se achasse que o meu leite estava pouco e ele se adaptou super bem.

Depois que fui para Ribeirão Preto, comecei a dar aula na Cultura Inglesa e faz 29 anos que dou aula lá. Meu marido precisava se mudar para uma cidade boa, não podia ser qualquer cidade porque o que ele fazia era muito específico e dependia de uma equipe para trabalhar. Então escolhemos Ribeirão porque era uma cidade que condizia com a especialidade dele.

Engravidei do (3º filho) e o (2º filho) tinha 8 meses. Assim que parei de amamentar, engravidei. Mas a gravidez foi super bem, nunca deixei de trabalhar, nunca tive problemas, fiz ultrassom... O parto do (3º filho) foi em Ribeirão em 1982, só foi difícil porque ele era bem cabeçudo, então não nascia. Meu médico daqui, que é meu médico até hoje, era de uma linha natural, fazia parto normal. Conteí para ele dessa dor que eu tinha na virilha e das tragédias que tinham acontecido no primeiro e no segundo parto e ele me pediu para não deitar durante o trabalho de parto, ficar sentada e pressionar a virilha com a mão toda vez que tivesse uma contração. Foi a maneira que eu encontrei de não desmaiar e não sentir tanta dor durante o trabalho de parto. Minha mão ficava dormente, mas eu conseguia. O parto em si foi bom, induzido, relativamente rápido e a episio não foi tão grande. Eu não quis nenhuma anestesia.

O (3º filho) era furioso e esfomeado. Ele ficava irritado, pegava o peito, largava o peito, pegava o peito e espirrava o leite. Ele não mamava, era um drama. Um parto toda vez que eu tinha que dar de mamar para ele; e no final das contas, eu o amamentei um mês e não consegui mais, ele não pegava. Quando fui para Poços de Caldas ver minha irmã, que estava com um bebê também recém nascido, ela pediu para amamentá-lo e eu o deixei sozinho com ela no quarto, mas só ouvia os gritos e urros dele. Quando ela saiu do quarto, ela ficou como eu ficava quando dava de mamar, molhada até o joelho e o bebê ensopado e com fome. Ele não tinha paciência para mamar, queria tudo de uma vez.

Quando comecei a dar mamadeira para ele, o médico disse para dar 60 gramas. Ele tomava tudo e queria mais. Passei para 120 gramas e ele mamou tudo de novo e urrou. Tive que dar a mamadeira inteira para ele não chorar. Ele tomou tudo e ficou feliz. Era isso que ele queria, muito leite e rápido. O (3º filho) estava com 5 meses quando engravidei da (4ª filha). Ela não estava nos meus planos. Eu estava com DIU, tenho policistos no ovário e útero reto invertido, não era para eu ter engravidado. Comecei a sentir uma dorzinha no terceiro mês que eu estava com o DIU, então liguei para o meu médico, o chamo de Chiquinho, e disse que estava grávida. Ele disse que eu não estava porque eu usava DIU.

Depois da terceira vez que eu liguei para ele, ele me pediu para fazer um ultrassom para saber se a posição do DIU estava certa. Fiz e disseram que tinha um saco gestacional. Perguntei se isso significava que eu estava grávida e disseram que sim. Cheguei a casa, liguei para o Chiquinho e ele me pediu para ir até a clínica e eu fui. Nunca fui uma pessoa medrosa, mas dessa vez falei para ele que estava morrendo de medo porque mesmo que não fosse planejado, não queria perder. Estava com medo de ter uma hemorragia ou alguma coisa assim. Ele me disse que ia dar tudo certo, mas que era normal se eu sangrasse um pouquinho e que eu precisava de repouso.

Meu marido estava defendendo a tese dele do mestrado e eu não tinha contado nada disso para ele; nem que eu estava grávida e nem que tinha tirado o DIU

porque uma semana antes ele tinha sonhado que eu estava grávida e perdeu o sono por dois dias. Não podia contar porque ele ia defender a tese, então não contei.

A gravidez dela foi super normal e quando fiz o último exame de rotina, o médico disse que ia nascer. Ainda faltavam 10 dias para completar o prazo, mas eu estava com quatro centímetros de dilatação. Eu não estava sentindo nada, mas ele me mandou para o hospital naquela hora. Eu disse que não ia, que ia ao cabeleireiro. Saí de lá às 18h. Passei nele de novo e estava com seis centímetros de dilatação. Ele me mandou ir direto para o hospital e eu disse que ia para casa dar banho e janta para as crianças, que depois eu ia. Eu estava sem dor, sem nenhum sintoma. Ele disse que não se responsabilizava e eu fui para casa. Meu marido chegou às 19h30 e fomos para o hospital andando, normal, como estou agora. Não sentia nada.

Chegando lá, ele mediu e eu estava com oito centímetros. Ele fez todo o preparatório e fomos para a sala de parto porque já estava na hora. Eu estava andando, não tinha tido nenhuma contração. O médico anestesista até perguntou se era eu que ia ter o filho. Como eu ia fazer a laqueadura pelo umbigo, o anestesista estava lá de prontidão; falou que ia colocar a agulha da anestesia enquanto eu estava sem dor. Só que na hora que ele colocou a agulha, ele passou do lugar e virou uma raquidiana. Eu comecei a vomitar e, nesse meio tempo, o meu médico já tinha estourado a minha bolsa e eu estava com contração de minuto em minuto. Eu não parava de vomitar e senti uma dor de cabeça alucinante. Não senti mais o parto de tão mal que eu fiquei.

Ela nasceu e eu nem vi. Eles resolveram me apagar. Todos os outros filhos eles colocaram em cima de mim assim que nasceram, mas a (4ª filha) eu não vi nascer. O parto foi sem anestesia, ele só colocou a agulha lá por precaução, mas ele podia ter esperado para fazer isso depois. Ela nasceu em 1983. Depois eu tive que ficar sem travesseiro por 24 horas. O parto dela tinha tudo para ser maravilhoso e foi assim.

Eu voltava nas consultas depois do parto e sempre fazia o que me pediam. Eu ia ao posto para vacinar, levava ao pediatra e fazia acompanhamento. A (4ª filha) foi muito saudável e dormia a noite toda. Mamava, dormia e sorria. Ela era uma paz. Não precisava ir muito ao pediatra. Eu a amamentei por 10 meses. Ela era tranquila. Eu só dava o peito e ela era gorda. Cheguei a pesar 45 quilos na época em que ela nasceu porque dava aula e tinha três filhos pequenos, além dela. Tive os últimos três em três anos, quase um por ano. Eu nunca dei nada além do peito para ela. Com 7 meses e meio ela começou a comer fruta e com 10 meses ela tomou a primeira sopa.

Eu gostei de todos os meus partos, apesar de todos dizerem que parto é algo horrível. Eu sempre falei que é a dor mais sem vergonha que existe porque você sente toda essa dor, mas quando nasce você pensa que quer ter outro. Todos tiveram algum problema, mas eu não queria ter tido interferências, queria ter deixado a natureza agir. Seria muito melhor do que induzir e estourar minha bolsa. Quando estouravam minha bolsa, eu entrava numa contração muito violenta, muito rápida, muito cortante.

Eu sempre tive empregada, mas só tive babá quando a (4ª filha) tinha 10 meses, o (3º filho) 2 anos, o (2º filho) 3 anos e a (1ª filha) 5 ou 6 anos. Tive que contratar porque sofri um acidente de carro e fraturei a coluna, então fiquei engessada por três meses e depois fiz seis meses de fisioterapia. Como não dava para cuidar direito deles, então eu tive babá. Mas eu sempre gostei de cuidar, de participar. Acho que a infância é uma coisa rápida, que passa voando e se você perde

isso, perde a chance de desenvolver um vínculo com o seu filho, uma proximidade. Eu morria de ciúmes de deixar com a babá, não queria mesmo.

Em todos os partos eu tive episio. Agora não tem mais isso, mas eu vivi no auge do episio e nem questionava quando precisava. A minha mãe teve 10 filhos e não fez episio em nove, só precisou fazer no décimo. Outra coisa que me lembro é que na Inglaterra eles diziam para extrair o colostro nos dois últimos meses antes do bebê nascer. Eles falavam para massagear o seio e deixar sair um pouquinho na hora do banho. Eu sempre fiz isso porque quando o bebê suga os ductos já estão abertos e o leite desce com a maior facilidade. Você não fica com aquela pedra no leite que deixa o bico entupido e é super desagradável para a mulher. Sempre fiz isso e nunca tive problemas na amamentação. Eu amamentava com a maior facilidade e nunca tive pedra no leite.

Meu seio não rachava. Eu preparava o bico do seio, esfregava e tomava um pouco de sol. Eles ensinavam a amamentar e é totalmente o oposto do que ensinam aqui. Lá eles diziam que no primeiro dia, quando o bebê nasce, você tinha que amamentar um minuto em cada peito e não mais que isso. Depois passava para dois minutos e no terceiro dia passava para três minutos. Aí depois desse período poderia amamentar até cinco minutos em cada peito. Eles diziam que cinco minutos eram mais do que suficiente para amamentar o bebê. Depois disso, o bebê já está fazendo o seu peito de chupeta. Sempre fiz isso, às vezes deixava um pouquinho a mais, mas nunca fiquei horas amamentando e o bebê ganhava peso normal. Aprendi isso lá na Inglaterra e quando eu falava disso por aqui, as pessoas se arrepiavam, inclusive os pediatras, mas eu nem ficava perguntando muito, fazia do meu jeito e pronto.

Entrevistada: M. das Graças

Eu nasci em 1964 em Monteiro, na Paraíba, de parto normal na casa da minha mãe. Tenho seis irmãos. Conheci meu marido lá, mas ele veio para São Paulo e eu fiquei na Paraíba estudando. Depois ele voltou e nos casamos, eu tinha 15 anos. Estudei mais um pouco e viemos morar na Vila Granada, em São Paulo. Eu não trabalhava, mas meu marido sempre trabalhou. Foi soldador por 28 anos na Volkswagen.

A minha primeira gravidez, eu não planejei, foi com 17 anos e eu era muito nova. Minha menstruação parou e eu fui ao ginecologista, doutor Sérgio Gabine, do convênio da Volkswagen, que não lembro o nome. Ele disse que podia ser anemia, fiz exame de sangue e urina, mas não descobriram nada. Ele fez um toque e pediu uma ultrassonografia que confirmou que eu estava e com quatro meses e meio de gestação.

Naquela época, o pré-natal era feito no consultório do médico e o parto em um hospital credenciado pela Volkswagen, por algum médico que estivesse de plantão. Fiz o pré-natal com outro médico do convênio, mas não me lembro o nome dele. Antigamente, a situação era precária, não era como hoje. Fiz dois exames de sangue, um aos quatro meses e um antes da (1ª filha) nascer e um ultrassom aos sete meses. Eu não escutava o coração dela, só o médico. Eu só olhava e sentia ela mexer. Tomei flúor e uma vitamina, Natalins® com Flúor. Como eu era muito nova, o meu corpo não estava preparado para uma gravidez, então eu perdia colostro toda noite e colocava uma fraldinha no peito para não molhar o colchão.

O parto deveria ser entre 30 e 31 de outubro, mas atrasou. O médico pediu para eu ir ao hospital colher o líquido amniótico e quando fui, já fiquei internada, era dia 14 de novembro. Como já tinha passado a data do bebê nascer, meu corpo ficou todo inchado e minha pressão começou a subir. Quando cheguei ao Hospital Nossa Senhora da Penha, fizeram uma lavagem intestinal e estouraram a bolsa. As contrações começaram, mas eu não tinha dilatação. Começaram a induzir o parto com soro e eu tive sangramento, mas o bebê não nascia e eu estava com dor. Ninguém ficou comigo quando eu estava com contrações. Era muito diferente de hoje, ninguém podia ficar lá dentro.

O médico do plantão falou que não dava mais tempo de fazer uma cesariana, então tomei anestesia raqui e fizeram um corte não muito profundo. O parto foi muito ruim porque utilizaram o fórcepe, que naquela época eu não sabia o que era e hoje eu sei. Ela nasceu domingo às 6h20 do dia 15 de novembro de 1981, machucou um pouco a cabeça dela, uma parte ficou mais funda, mas não teve nenhuma seqüela. Me mostraram bem rápido a (1ª filha) porque ela nasceu roxinha e não chorou. À noite, me trouxeram ela novamente, quando eu já estava no quarto. Ela ficou um pouco na incubadora e nasceu com 2.980 gramas, 52 centímetros, bem magrinha e comprida. Ela ficou pouco tempo comigo e no outro dia trouxeram ela para mamar.

Eu voltei para casa na quarta-feira, três dias depois do parto. Ela mamou só 15 dias porque eu não tinha leite. O médico não soube explicar o porquê e pediu para eu dar leite Nan®. Ele me passou um remédio para voltar a ter leite, mas não funcionou.

Ninguém da família assistiu o parto, só o pessoal do hospital. Foi muito estranho ter a (1ª filha) sem ninguém da família por perto. Meu marido estava trabalhando quando eu fui internada, ele nem sabia que eu estava no hospital. À noite, ele passou por lá, eu escutei a voz dele, mas não o vi.

Depois que cheguei em casa, precisei dar banho e aprender tudo. Foi complicado, mas hoje eu até ajudo as pessoas a dar banho nos bebês. Quem me ajudou foi uma senhora que se chamava dona Glória. Ela me ensinou a dar banho, a tirar o leite do peito para (1ª filha) e toda parte de higiene porque minha mãe não morava aqui.

Depois de um tempo, descobri que estava com uma ferida no colo do útero e me indicaram o doutor Antônio. Ele cauterizou com gelo e mais alguma coisa, fez um curativo e ficou tudo bem. Tive que ficar sem tomar nenhum tipo de medicação ou anticoncepcional e quando voltei a tomar, já estava grávida. Dessa vez tive enjoo, mas já era mais experiente e desconfiei da gravidez. Fui ao doutor Antônio, com dois meses de gravidez e comecei o pré-natal. O pré-natal da (2ª filha) foi completamente diferente do da (1ª filha). Eu ia todos os meses e escutava o coração dela, tinha um aparelhinho que dava para escutar a batidinha.

Tomei flúor e uma vitamina, Natalins® com Flúor. Não tive nenhum problema na gestação. Faltando cinco dias para o parto, o doutor Antônio tirou o líquido amniótico e pediu para esperarmos mais um pouco para fazer o parto. Depois de 10 dias, ele tirou o líquido de novo e disse que estava na hora. Fiquei internada no Hospital Nossa Senhora da Penha. Não entrei em trabalho de parto, fui para o hospital para ter uma cesárea. Ele era médico do meu convênio, mas paguei para ele fazer o meu parto porque fiquei com medo de sofrer igual sofri no parto da (1ª filha).

No parto da (2ª filha), minha mãe e meu marido foram comigo para o hospital, mas ficaram do lado de fora. Ela nasceu no dia 20 de maio de 1987, chorando e abrindo o olhinho. Me mostraram e a colocaram em um cobertorzinho

verde. Ela tinha umas dobrinhas e era bem gordinha. Nasceu com 46 centímetros e 3.900 gramas. A cesárea também foi ruim, doeu porque é uma cirurgia e o corte é muito grande. Fiquei muito tempo para voltar a sentar normalmente. Para levantar da cama dói muito. Só depois de uns 15 dias que você vai se sentindo mais segura e volta a ficar na posição ereta, mas antes, você fica com medo de abrir os pontos. Apesar disso, o pós-parto da (2ª filha) foi *light* porque eu já sabia tudo, já sabia dar banho e minha mãe estava comigo. A (2ª filha) ficou no berçário, mas sempre vinha para mamar.

Quem me ajudou em casa foi a minha mãe, ela ficou dois meses comigo. Eu tive pouco leite também, a amamentação da (2ª filha) foi curta, durou três meses. Acho que minha produção de leite é pequena.

Eu considero o parto da (1ª filha) uma cirurgia também porque me cortaram lá embaixo, então as duas foram ruins. No entanto, o melhor é o parto normal porque você tem o filho e depois já vai para casa, no entanto, no parto da (2ª filha) me deram mais atenção. Ou eles te dão mais atenção quando você paga pelo parto, ou o atendimento melhorou porque o parto da (1ª filha) foi algo mais primitivo e difícil.

Depois do parto, não tive consulta pós-parto, mas fiz Papanicolaou e levei as duas no pediatra durante um ano. Eu só fiquei grávida essas duas vezes, nunca tive aborto e não quis ter outros filhos.

Entrevistada: Vera Lúcia S.

Eu nasci em 10 de agosto de 1958, de parto normal, na Santa Casa de Sertãozinho, com uma parteira. Quando minha mãe estava grávida de mim, ela teve que tomar uma vitamina e ficar de repouso porque o primeiro filho dela foi um aborto.

Morei lá até os 2 anos e depois vim para São Bernardo. Meu pai era pedreiro e minha mãe era do lar. A minha infância foi muito gostosa, eu brincava no quintal, de casinha e não tinha este perigo que tem hoje, não tinha cerca nos quintais, era um quintal grande com bastante espaço para brincar. Eu ajudava o meu pai a plantar milho, cana e brincava de casinha com as minhas irmãs.

Eu conheci meu esposo na igreja quando eu tinha 18 anos e ele 21, em novembro de 1976. A gente namorou três anos e três meses e nos casamos dia 21 de junho de 1980. Um mês antes de casar, eu fiz o exame pré-nupcial e o médico me passou Nordette® para não engravidar, mas passei muito mal. Parei de tomar no primeiro comprimido e decidi que não queria mais tomar remédio. Acabei não evitando e fiquei grávida do (1º filho). Eu descobri que estava grávida porque atrasou a menstruação. Veio uma manchinha, pensei que não estivesse grávida, mas estava porque não menstruei mais, então fiz o exame e deu positivo. Eu não estava preparada ainda para ser mãe.

No pré-natal eu fiz exame de urina, o médico me deu vitamina de ferro e eu me alimentava muito bem, comia muita fruta e ele nasceu bem gordo. Eu fazia todo mês o pré-natal no Hospital São Bernardo, com o médico doutor James, que era estagiário do hospital e ele media a minha pressão. No começo da gravidez, minha pressão estava normal, mas no final aumentou. Tomei remédio para anemia. Como não tinha outro jeito de ouvir o coração do bebê, ele usava um cone e eu não ouvia nada. Ele também não pediu ultrassom, então eu não sabia o sexo. Eles mediam a pressão e a barriga. Na última vez que eu fui ao pré-natal, o médico falou que se eu

não ganhasse até o dia 17 de abril de 1981, era para eu ir para o hospital que eu seria internada.

Eu não trabalhava, então eu consegui limpar toda a casa, lavar toda a roupa, deixar a casa impecável para ir para o hospital ganhar o bebê, mas quando fui ganhar, fiquei sabendo que estava com a pressão muito alta, então o médico me deu medicação. No dia seguinte, ele falou que se minha pressão continuasse alta, eu faria cesárea. Estava alta, 14x9 e ele resolveu fazer a cesárea. Eu fui tensa para a sala de cirurgia porque eu nunca tinha entrado em um centro cirúrgico. Tinha um monte de aparelho.

Depois que ele nasceu, em 18 de abril de 1981, com 4.020 gramas, me mostraram o bebê, mas eu não estava a fim de ver. Senti uma rejeição, não fiquei contente. Até cair a ficha de que eu era mãe, me deu um pouco de depressão, mas dois dias depois passou. Ele precisou ficar na incubadora porque ainda não estava na hora de nascer. A cesárea foi muito dolorida, na hora que eu levantei foi uma dor horrível, parecia que alguém estava enfiando uma faca em mim, então quando o bebê chegava, era um incômodo porque eu estava com muita dor. Eu nem queria segurar ele porque eu não conseguia me movimentar. Estava me sentindo uma pessoa machucada e dolorida.

Tive alta e ele ficou internado por mais dois dias. Tirei os pontos depois de uma semana e fiquei 20 dias na casa da minha mãe de tanta dor que eu sentia. A minha mãe fazia tudo para mim, ajudava em casa, fazia almoço... Quando eu voltei para casa, minhas irmãs cuidaram do meu filho porque eu ainda não conseguia levantar. Amamenteei pouco. Como a cesárea doía muito e eu não tinha experiência nenhuma, eu dava de mamar e ele chorava direto, então comecei a dar mamadeira depois de uma semana.

A gravidez da (2ª filha) foi diferente, eu também não estava esperando ficar grávida, a gente evitava com camisinha, mas duas vezes eu não evitei e fiquei grávida. O pré-natal da (2ª filha) foi tudo bem, tomei Natalins® com Flúor e não precisei tomar remédio para anemia. No parto, o doutor James já era contratado do município, então fiz o pré-natal com ele e paguei pelo parto. Tive confiança nele porque ele era muito legal, amoroso e carinhoso. Eu tive insônia os nove meses de gestação, mas não podia tomar remédio porque o médico não deixava e eu não sei por que eu tive isso. Não fiz ultrassom e só o médico ouvia o coração com o cone. Tive que fazer o enxoval com cor neutra. Foi uma gravidez tensa porque meu marido estava desempregado.

Em nenhum dos dois partos minha bolsa estourou e eu não sei o que é dor de parto. Deixei a casa arrumada e fui para o hospital no dia marcado. Eu fiquei com trauma de pressão alta, mas a pressão estava normal no dia que fui para o hospital ganhar ela, mas como eu já tinha pagado o médico para fazer a cirurgia, foi cesárea.

A cesárea dela não doeu porque os pontos eram os de cirurgia plástica, acho que hoje em dia é assim também, então eu já pude levantar, cuidar dela e não passei pelo trauma da dor que tive do primeiro filho. Além disso, saí do hospital com ela no colo.

Ninguém assistiu o parto e a (2ª filha) nasceu em 10 de setembro de 1985 com 3.200 gramas. Como eu já era mãe, cuidar dela foi melhor porque não tive ansiedade e preocupação em cuidar bem dela, eu estava mais preparada. Amamenteei um mês e depois comecei a intercalar com a mamadeira porque as pessoas falavam que meu leite era fraco. Como demorava muito para satisfazer eles, eu preferia dar mamadeira. Talvez se fosse hoje eu daria de mamar, mas na época eu era muito nova

e sem experiência. Em casa foi o meu marido quem me ajudou e eu me recuperei bem mais rápido que do parto do primeiro filho. Depois da gravidez da (2ª filha) meu marido operou.

Entrevistada: Vilma

Eu num sábado, no dia 29 de março de 1958, de parto normal, com uma enfermeira parteira. Meus irmãos também nasceram de parto normal. Na minha infância eu tive bronquite, caxumba, catapora, mas nunca quebrei osso nenhum. Eu morava na Vila Medeiros. Meu pai foi motorista de táxi e minha mãe era do lar, não trabalhava.

Eu comecei a trabalhar com 14 anos como recepcionista, depois telefonista porque ganhava a mesma coisa, só que ficava no telefone e trabalhava só seis horas. Quando me casei e engravidei, parei de trabalhar. Estudei até o começo do ensino médio e agora estou terminando. Pretendo fazer faculdade de pedagogia e teologia.

Minha mãe morreu de câncer quando eu tinha 20 anos e morei um tempo com o meu pai. Depois morei sozinha e com 24 anos me casei, quis engravidar e fiquei grávida da (1ª filha). Fiz acompanhamento médico no posto de saúde com o doutor Orlando. Era na rua de casa, então era mais fácil e meu marido não tinha convênio médico e não podíamos pagar consultas. Em todas as gravidezes eu fazia exame de sangue, de urina, media a barriga, escutava coração e pesava na balança.

Eu fiz regime para não engordar e até o meu terceiro mês de gravidez eu engordei um quilo por mês, mas como eu tinha muito enjoo e ânsia, a médica me receitou injeções de vitamina porque achava que eu poderia ficar desnutrida. Tomei seis injeções de Vinert® e passei a engordar cinco quilos por mês. Engordei 33 quilos. De 64 quilos fui para 97 quilos com 1,62 de altura, foi terrível.

Quando recebi a carta, escolhi a maternidade onde eu ia ter meu bebê, que era também uma maternidade pública. Comecei a ter as dores, 20 minutos, 15, 10, cinco minutos e fui para o hospital com o meu irmão e minha sogra. A médica me examinou e disse que o bebê ia nascer no dia seguinte e me mandou voltar para casa. Meu irmão ficou inconformado e me levou para outro hospital. Fomos para a Maternidade São Paulo e eu tive que pagar. Na época eu achava absolutamente normal ter bebê no hospital público, mas hoje eu penso que eu era maluca.

Eu não cogitava a possibilidade de uma cesariana, então eu não queria gastar dinheiro com isso. Chegamos lá às 11h e uma japonesa gorda me atendeu e falou que não ia me mandar para casa, mas que o bebê ia nascer umas 4h ou 5h do dia seguinte. Eu que me achava informada, achei que eu ia para um quarto dormir e que alguém ia me acordar às 4h e falar para eu ir ter o bebê. Eu estava com um pouco de dor, dois centímetros de dilatação, então pensei que já estava indo, mas eu era bem desinformada, essa que é a verdade.

Fui para a sala de pré-parto e a enfermeira me colocou em uma cama, mas eu mudei porque queria ficar na janela e ela brigou comigo porque ela tinha me cadastrado na outra cama. Me mandaram ir ao banheiro fazer xixi, me depilaram e fizeram aquela lavagem intestinal horrorosa. Pediram para eu virar de lado e introduziram um negócio horroroso no meu ânus, entrou uma água quente no meu intestino, que fez eu me sentir mal. Achei aquilo horrível. Ela não me avisou o que ia fazer, só me mandou correr para o banheiro depois que terminou de colocar aquele

líquido. Eu fui, mas eu fiquei com medo porque saía água e o bebê podia nascer e cair com a cabeça no vaso.

A cada três minutos eu tinha uma dor muito forte e achava que ia morrer. Eu não conseguia ficar deitada, então eu levantava, agachava, me debruçava na cama... A enfermeira viu e me mandou deitar na cama para o lado esquerdo, mas eu não conseguia. De tanta dor eu estava com muita ânsia de vômito e vomitei uma gosma amarela. A enfermeira falava que não era para eu vomitar no chão, nem na cama, nem na roupa, que eu tinha que pedir a comadre, mas era incontrolável e ao mesmo tempo eu pedia desculpa e ficava envergonhada.

Eu achei que ela foi extremamente cavala e eu não tinha a consciência de falar para ela que eu estava passando mal, que era para ela me ajudar. Ela só me dava bronca e eu chorava. Eram 2h e meu bebê não nascia. Entrava e saía outras mulheres e eu ficava lá. Deu 4h, 6h, 7h e eu não tinha mais força; 8h meu marido conseguiu entrar para falar comigo. Eu estava desesperada porque achava que ela não fosse nascer. Ele conversou com uma médica e contou que eu tive uma irmã que faleceu no parto junto com o bebê. Usou essa informação para convencer as pessoas a me ajudarem. A médica respondeu que ia me colocar no soro e que se não nascesse até meio dia, me levava para a cesárea. Às 9h30 eu estava com dores alucinantes, de urrar. A médica entrou, estourou a bolsa com aquela agulha que eu achei que ela ia matar o meu bebê e colocou a mão na minha vagina e me fez sentir uma dor dilacerante, tive impressão que ela me abriu com os dedos dela.

Quando ela tirou a mão, a luva estava ensangüentada e ela falou que eu ia ter que ir para a cesárea. Eu queria qualquer coisa aquela hora. Me deram uma injeção, me levaram para a sala de parto e resolveram tentar o parto normal porque eu estava com sete centímetros de dilatação. Eu perguntei com quantos centímetros nascia e a médica respondeu que com nove centímetros.

Para ir para a sala de parto foi outro trauma porque o bebê estava encaixado, eu com dor, fraca, chorei a noite inteira e vomitei, deu a impressão de que eu ia sentar na cabeça do meu bebê se eu sentasse na cadeira de rodas. Tiveram que me levantar e me passar para a maca. Chamaram cinco enfermeiros e médicos para conseguir levantar alguém de 97 quilos.

Eu entrei na sala de parto B. A sala estava extremamente gelada, com as janelas abertas, com muito vento e eu só com uma camisolinha aberta atrás, à disposição de todo mundo, com as pernas abertas, todo mundo me olhando, me cutucando, me mexendo, me pondo a mão. Eu me senti ultrajada na minha intimidade, não foi ninguém pegar na minha mão e falar o que estava acontecendo, falar para eu não me preocupar. Ainda por cima eu escutava no microfone que estavam chamando um doutor para a sala B porque era uma emergência. Eu sabia que era eu na sala B, então eu era a emergência e eu não sabia o que estava acontecendo comigo.

Uma moça falava para eu não fazer força quando a dor viesse, mas era como uma diarreia, não dava para segurar, então quando vinha a dor, parecia que o bebê ia sair. De repente, eu senti uma queimada de cigarro que acho que foi a hora que a médica me cortou e o bebê saiu. Depois ela enfiou a mão em mim e eu não sabia que isso ia acontecer. Senti como se ela tivesse raspando meu útero com as unhas, uma coisa muito incômoda. Ela me avisou que a placenta saiu. Me mostraram que eu tive uma menina, ela chorou e foram limpar, injetar coisa no nariz e eu só perguntava se estava tudo bem e me respondiam que sim.

Ela me cortou sem anestesia, mas para costurar ela deu várias agulhadas que eu não sei se pegou porque eu a sentia puxando, esticando, amarrando a linha de uma carne para outra. Estava doendo muito. Depois me deu uma tremedeira, um frio absurdo e eu batia os dentes, o queixo, tudo. Chamaram isso tudo de normal, se isso for normal, quando for anormal alguém me avisa porque meu Deus, não dá para chamar isso de parto normal. Eu nunca mais queria ter filho na minha vida.

Quando eu fui para o quarto, parecia o paraíso porque a dor tinha acabado. Me deu vontade de fumar e como eu tinha fumado a minha gravidez inteira, eu estava desesperada por um cigarro. Quando trouxeram minha filha, eu tive um sentimento estranho, que não sei se é normal. Normalmente a mãe conversa com o bebê, mas eu me achava meio maluca conversando com ela. Era como se eu conversasse com o meu pé, mão, joelho, eu não sabia se ela estava ouvindo, ela era muito pequena para entender alguma coisa. Eu acho a mesma coisa que falar com uma planta, então eu não conversava muito. Eu olhei para a carinha dela e não tive o sentimento de ser minha, de que saiu de dentro de mim. Se me trouxessem qualquer um, eu ia aceitar como minha filha. Por isso que tem troca em maternidade e ninguém nota, ninguém percebe. Então eu percebi que se eu pegasse um bebê para criar, seria igual. Eu tive uns conflitos, fiquei em dúvida se isso era normal e se eu não tinha sentimento de mãe. Eu não sabia o quanto eu gostava dela.

Quando a (1ª filha) tinha 6 dias, eu percebi uma ondulação e uma elevação em um canto da cabeça. Como eu já tinha visto bebê assim, não perguntei nada e ninguém me falou nada na maternidade também. Quando uma tia do meu ex-marido veio visitá-la, me mandou levá-la ao pediatra imediatamente. Aquilo me apavorou porque eu achei que era uma mãe má, que nem me preocupei com uma bolha na cabeça da minha filha. Meu irmão sugeriu que eu levasse ao farmacêutico que ele tinha confiança, mas quando fui, ele me apavorou mais ainda dizendo que não deviam ter deixado ela sair da maternidade daquele jeito e pediu para eu levar ao hospital. Naquele dia eu percebi que eu não podia mais viver sem minha filha, percebi que eu tinha sentimento de mãe, percebi que eu era uma doida, que eu não sabia nem o que ela podia ter tido. Pensei que eu podia ter perdido ela e fiquei desesperada. Fui à maternidade aos prantos. O médico examinou e disse que não era nada, que isso acontece nos partos quando os bebês entram e saem da vagina da mãe e que ia sumir em alguns dias.

Quando ela começou a mamar, meu bico rachou, sangrou e ela mamava leite e sangue junto, doía muito, era uma tortura. Na época, ninguém me orientou para passar creme ou pomada, eu só ganhei na maternidade aqueles absorventes redondos para colocar no seio, mas aquilo mantinha meu bico do seio úmido, o que fazia demorar muito mais para cicatrizar. Foi muito ruim a experiência de amamentar. Com 40 dias ela estava mais magra do que quando nasceu, de 3.500 gramas passou a 3.400 gramas. O pediatra então disse que meu leite não estava sustentando e prescreveu leite Ninho®. Ela começou a engordar, a pegar peso, a crescer e nunca mais quis mamar no peito, rejeitou completamente. Então ela mamou no peito no máximo 50 dias.

A (1ª filha) foi meu tubo de ensaio. Eu só não a cozinhei para esterilizar porque não dava, então ela era a rainha da virose, da bactéria, tudo ela pegava porque tudo dela era esterilizados, toquinha, luvinha, meinha, sapatinho... O prazer de ter um bebê é tão grande que eu quis ter outro filho apesar de tudo que eu já tinha passado. Eu parei de tomar pílula e a (2ª filha) nasceu quando a (1ª filha) tinha 2 anos e 2

meses. Dessa vez eu tinha o convênio médico Amico, fiz as consultas pré-natais no Hospital Amico com o doutor Jorge e tive bebê lá.

Eu queria sair de casa quando as contrações estivessem de cinco em cinco minutos porque eu não queria sofrer 12 horas na maternidade, mas eu não me toquei que o segundo parto era mais fácil e ela só não nasceu no carro porque Deus segurou. Meu marido me levou para maternidade pedindo para eu segurar o bebê e brigando comigo porque nós não saímos de casa mais cedo e eu fui chorando e com dor. Quando eu entrei na maternidade, me colocaram na maca e a bolsa estourou. Não fizeram lavagem porque eu fui direto para a sala de parto com a dilatação completa. Eram 5h20 e nós saímos de casa às 4h achando que ela só ia nascer umas 17h.

A médica que me atendeu foi super gente fina, falava para eu fazer força, deu anestesia antes de me cortar para eu não sentir e quando ela nasceu, colocaram imediatamente no meu peito e pediram para eu dar de mamar. Então eu tive um sentimento completamente diferente que o da (1ª filha), senti que a (2ª filha) era minha. Cobriram ela com um paninho e enquanto isso me costuraram e eu nem sei se me enfiaram a mão para tirar a placenta. Foi muito diferente do primeiro parto, mais gostoso.

Meio dia eu já tinha tomado banho, lavado a cabeça e já estava no quarto junto com o meu bebê. Ela nasceu dia 29 de dezembro de 1984 e nós saímos do hospital dia 31. Chegamos em casa da maternidade, me troquei e fomos os quatro para um restaurante comemorar o ano novo. As pessoas estranharam em eu ter levado o bebê, mas eu não estava nem aí. Depois eu fui à consulta de pós-parto e tive que queimar uma feridinha no útero, mas ficou tudo bem.

Quando a (2ª filha) tinha 40 dias, fomos acampar, andamos de barco com ela e ela sempre teve uma saúde de ferro. Ela mamou até os três meses porque eu trabalhava e só tive 84 dias de licença. Por causa dos horários, tive que introduzir a mamadeira e ela parou de mamar no seio. Eu tomava cuidado com ela, mas se a chupeta caísse no chão, eu não esterilizava ou fervia, eu enxaguava na torneira e dava para ela e ela sempre teve muita saúde, não ficava doente, acho que foi adquirindo resistência. Não sei se eu era doida, só sei que deu certo.

Quando a (1ª filha) tinha 4 anos e a (2ª filha) 2 anos, nasceu o (3º filho) e eu era louca para ter um menino. Parei de tomar pílula e engravidei. Na gravidez dele, eu li muita coisa a respeito de deficiência porque quando eu estava com dois meses de gravidez, a (2ª filha) teve rubéola. Fui ao médico e ele me perguntou se eu já tinha tido a doença e eu falei que não sabia e também não tinha para quem perguntar. Ele me explicou que se eu pegasse, meu bebê poderia nascer com má formação, deficiência, faltando membro, surdo, cego... Sugeri eu investigar porque caso isso acontecesse, ele poderia aprovar um aborto.

Fiz o pré-natal em um posto de saúde e fui fazer um ultrassom com cinco meses de gestação, mas como ele estava sentado, não deu ver o sexo. Marquei outro ultrassom para ver se estava tudo bem, se tinha tudo formado, bonitinho, direitinho, e também não deu para ver o sexo, mas naquela época ultrassom era recente e não dava para pagar para fazer toda hora e o convênio não liberava, então fiquei sem saber.

Passei por um dilema terrível porque eu não queria abortar, mas também não queria que meu filho tivesse problema. Me afastei 15 dias da (2ª filha), até ela sarar, mas depois a (1ª filha) pegou a doença e eu tive que ficar um mês longe das duas. Eu não tive sintoma nenhum, mas o médico falou que isso também poderia acontecer. Meu ex-marido falava que duas meninas estava bom, que não queria um filho com

problema e quis que eu fizesse o aborto. Consultei minha igreja e conclui que se Deus permitiu que tivesse rubéola dentro da minha casa comigo grávida, não era eu quem ia abortar.

Então eu li bastante na casa do meu irmão e se a criança tivesse uma grande má formação, o próprio organismo poderia expulsar até os quatro meses de gestação. No final, eu não tive nada, os ultrassons não acusaram nada, ele tinha braços, pernas, cabeça, só não sabíamos se tinha surdez. Fiz um exame de sangue e eu era imune à rubéola, então talvez eu já tivesse tido a doença.

Eu escolhi uma maternidade perto de casa, o Hospital Vila Maria, porque já sabia que o terceiro filho ia ser mais fácil. Quando cheguei à maternidade, tive um sentimento estranho, mas passou. Ele nasceu 20h20. Fiquei em casa com dores e quando me internaram, falaram para eu tirar a roupa, fazer xixi e deitar na cama. Senti vontade de fazer força e como a cama tinha umas grades de ferro atrás, me segurei e comecei a fazer força junto com a dor. A enfermeira percebeu que eu estava uivando, veio correndo e ele nasceu ali mesmo na sala de dor.

A mulher da cama do lado chorava de tanta emoção. Como não fizeram a lavagem, quando saiu o bebê, saiu cocô junto, o que foi bem desagradável. Ele nasceu azul e como eu li que o bebê poderia nascer azul ou roxo se tivesse passando mal, perguntei para a pediatra, mas ela me respondeu que era por causa do frio. Ele chorou e estava tudo normal. Ela não colocou a mão dentro de mim e eu também não tomei ponto. Foi o melhor parto que eu tive, estourou a bolsa, ele nasceu junto com a água, ela tirou a placenta e eu não levei ponto. Sentei em uma maca e fui com ele no colo para o quarto. Meu marido pegou o (3º filho), ficamos um pouco juntos. Depois ele foi para o berçário e meu marido embora. Começou a me dar tristeza, vontade de chorar e passei a achar que tinha alguma coisa errada com o meu bebê, mas eu não sabia o quê.

Perguntei para uma enfermeira se eu poderia ver o meu bebê e ela falou que não, que já era noite e eu só poderia levantar depois que o médico me visse no dia seguinte. Perguntei se ele estava bem e ela falou que sim. Tomei uns remédios, tomei banho, ela trocou a cama e depois de um tempo eu dormi. No dia seguinte o médico veio e eu perguntei se meu bebê tinha alguma coisa e ele falou que se o pediatra não tivesse falado nada é porque estava tudo bem e pediu para eu colocar uma roupa e ir até o berçário.

A enfermeira de lá me mostrou ele pelo vidro eu achei ele gordo, bochechudo, diferente, meio feinho e careca. Meu ex-marido chegou e falou que uma médica queria falar comigo. Ela entrou no berçário, examinou o (3º filho) e pediu para entrarmos. Ela tinha o cabelo preto e um olho bem azul, um fantasma na minha vida. Perguntou quantos anos eu tinha e eu respondi que tinha 31. Perguntou quantos filhos eu tinha e se eles eram normais e eu respondi que tinha duas filhas e que eram normais, então ela falou que na minha idade não era para eu ter um filho mongolóide. Desculpou-se pela maneira como falou comigo, mas disse que não dava para dar essa notícia devagarzinho. Continuou falando que o (3º filho) tinha retardamento profundo e que crianças como ele quando passam do primeiro ano de vida, não chegam aos 15. Ela me deu a notícia de que meu filho era mongolóide, ela o matou no primeiro ano de vida e matou no 15º.

A minha primeira reação foi achar que ela era uma idiota e que estava fazendo uma brincadeira de mau gosto, mas ela continuou dizendo que nos encaminharia para a APAE. Meu marido esmagava a minha mão e ela continuava falando que meu bebê era completamente mongolóide, que ela não sabia por que isso

acontecía, que não tinha explicação científica. Meu marido jogou na minha cara que eu não tinha abortado e a médica perguntou o porquê, expliquei que tive rubéola e ela disse que não era da doença, que se eu tivesse tido a rubéola, ele ia nascer pior ainda.

Pensei que talvez tivessem trocado meu filho porque eu tinha achado ele feio e ninguém da família tinha essa deficiência. Comecei a culpar o meu marido e a pensar que minhas filhas poderiam virar mongolóides com o tempo. Tive um turbilhão de pensamentos, queria até que ele morresse. Perguntamos se podíamos pegar ele e ela falou que era melhor não, que tínhamos que conversar, pensar e contar para a família. Fomos embora do berçário. Eu o amamentei até os 2 meses porque ele não tinha força muscular para sugar, então começou a perder peso.

O (3º filho) nasceu rejeitado, sem condição, ele nunca ia trabalhar, estudar, casar, nunca ia ter nada, nem ser ninguém, ia ser sempre o bobinho, o retardadinho, o coitadinho. Isso é um sentimento muito dolorido para uma mãe. Hoje ele tem 22 anos e é minha graça, eu não seria a mesma pessoa sem ele. Quando o (3º filho) tinha 11 meses, eu fiquei grávida de novo e eu não esperava, mas a menstruação não veio. Eu fui à médica e ela me disse que engravidei porque estava tomando remédio de homeopatia para curar uma alergia e ele mudou minha ovulação. Fiz pré-natal, ultrassom, era normal, perfeito, eu estava bem, não tive intercorrências. No dia que era para ela nascer, não senti dores e o médico falou para eu voltar alguns dias depois para fazer um exame.

Um dia antes de voltar ao médico, fomos ao varejão e na volta um carro passou no farol vermelho e o meu marido entrou com tudo no carro dele. Eu tomei um susto tão grande que entrei em trabalho de parto. Fiquei com contrações de 20 em 20 minutos durante umas duas horas e de repente parou. No dia seguinte, eu fui para a Beneficência Portuguesa. A médica perguntou por que eu estava lá e eu falei que meu médico tinha falado para eu ir fazer um exame. Ela pediu para eu deitar na maca e tentou ouvir o coração do bebê com o cone, mas não conseguiu. Pegou o sonar e nada. Chamou outro médico e nada. Tinham cinco médicos ao meu redor e eles perceberam e perguntaram por que eu estava toda roxa. Eu falei que tinha sofrido um acidente, mas não tinha batido a barriga. Não conseguiram ouvir o coração dele, me mandaram para o ultrassom e o bebê estava morto.

Chamei meu marido e consultamos o INPS, mas não faziam cesarianas, só se eu ou o bebê estivéssemos correndo risco. Eu também não podia pagar o parto porque não tinha dinheiro. Nos sentimos culpados de não termos ido ao hospital depois que batemos o carro e tivemos que ir para outra maternidade mais barata porque os médicos daquele falaram que uma hora meu corpo ia expulsar o bebê e isso podia levar um mês ainda. Eu achei aquilo uma grosseria, imagina eu dormindo, acordando, lavando minha barriga e esperando meu bebê ser expulso do meu corpo. Enquanto isso eu ia comprando o caixão, vendo onde ia enterrar, jogava fora o enxoval... Preferi ir para outro lugar.

Pagamos uma cesárea para o doutor Orlando, que fez o pré-natal da (1ª filha) e ele fez o parto. Eu chorava muito, estava muito triste porque meu bebê morreu, preferia ter outro com Síndrome de Down vivo do que ter perdido, a perda é muito pior. Ela tinha 4.200 gramas e a causa de morte foi um nó verdadeiro no cordão umbilical, uma coisa rara de acontecer. Voltei para casa sem meu bebê. Eu tinha leite, mas não tinha para quem dar de mamar, eu não conseguia andar por causa do corte da cesárea, passei muito mal, tive queloide, tive que abrir o corte três vezes e colocar três drenos de tanta infecção que eu tive. Apertavam minha barriga e saía

pus, uma coisa podre, verde, fedida. O corte cicatrizava por cima, mas por baixo dava necrose, o tecido apodrecia. A anestesia não pegava e eu quase perdi meu útero. Eu fiquei de cama, hospitalizada, tive febre e estava triste de não ter um bebê. Foi muito traumatizante e eu entrei em depressão. Pensei que eu era uma mãe horrível porque eu tive um filho excepcional e outro morto, então eu resolvi operar para não ter mais filho.

Eu tive duas meninas, mas nunca tive o filho normal que eu tanto queria. Eu tomava banho, me trocava, me olhava no espelho, via aquela cicatriz, cicatriz de morte, meu bebê morto passou por ali. Eu chorava muito. Passei dois anos olhando roupa infantil para o meu bebê, no aniversário de um ano, pensava quando ele estaria andando, mas ele estava no cemitério, estava chovendo em cima do túmulo dele. Um sentimento horroroso que eu não desejo para ninguém.

Após os partos eu cuidava da casa sozinha, fazia comida, limpava a casa, dava banho, trocava e cuidava dos bebês, não tinha ninguém para me ajudar. Eu ia às consultas após o parto e os médicos passavam a dieta e viam se estava tudo bem.

Entrevistada: Sebastiana

Nasci em 1953 em um sítio em Borda da Mata, Vila Angélica, Minas Gerais. Deve ter sido com parteira. Meu pai trabalhava na roça e minha mãe cuidava da casa. Passei minha infância toda nesse sítio. Morei lá até os 22 anos, quando vim para São Paulo para começar a trabalhar e ser um pouco independente. Conheci meu marido, casei em 1981 e usava anticoncepcional para prevenir a gravidez.

Na minha primeira gravidez eu tinha 28 anos e foi tudo normal até os oito meses e meio, quando fiquei inchada e tive pressão alta. Eu fazia normalmente às consultas pré-natais com médico e ele olhava se estava tudo *ok*, media o bebê, via como ele estava e media a barriga. Eu tomava vitamina e ferro e fiz alguns ultrassons para ver se estava tudo bem com o bebê. Eu fazia o pré-natal com vários médicos no Hospital Nossa Senhora de Lourdes no Jabaquara, cada dia era um que me atendia, então no final da gravidez eu procurei outro médico, vizinho da minha sogra, doutor Claudio Antônio Neilton, pois ele poderia acompanhar o meu parto por ser uma pessoa conhecida.

Quando eu estava de oito meses, ele falou que não ia esperar as 40 semanas devido a minha pressão, então marcamos a cesárea com 38, 39 semanas. Quando eu cheguei para cesariana no Hospital Metropolitano do Morumbi, a enfermeira me levou para uma salinha e me depilou. Depois me levou para o centro cirúrgico e eu não me lembro de muita coisa depois disso. Lembro quando o médico me deu a anestesia e quando falou que era um menino. Meu filho nasceu às 8h50 do dia 26 de novembro de 1982. Depois eu já fui para o quarto.

Eu estava sozinha no quarto e quando começou a passar o efeito da anestesia, eu senti muita tremedeira, como se fosse um frio, uma coisa estranha, eu não estava legal. Toquei a campainha, veio uma enfermeira, parteira japonesa de uns 35, 40 anos e eu falei “não estou legal”, tinha sangue escorrendo na minha perna. Eu estava cheia de esparadrapo, ela puxou tudo e a partir daí eu não me lembro de mais nada. Essa hora foi marcante para mim porque deu a impressão de que ela estava desesperada. Era um curativo bem grande, não era como os de hoje em dia. Me levaram para a UTI porque eu estava com hemorragia. Me abriram de novo porque eu sangrava tanto pela cesárea como por baixo. O meu médico não estava lá,

tentaram localizá-lo, mas não o encontraram, então o diretor do hospital me socorreu, ele e a equipe médica.

Mais tarde meu médico chegou e me contou que oito horas depois do parto eu tive uma eclampsia. Eu fiquei desacordada e quando acordei eu estava na UTI. Na UTI tinha um monte de gente passando mal, morrendo. Eu perguntava para as meninas onde estavam as pessoas que estavam ao meu lado e as enfermeiras respondiam que elas tinham ido para o quarto andar do hospital, mas o hospital só tinha três andares. Fiquei uma semana na UTI, tomei sangue. Não sei por que eu não podia tomar o sangue do hospital, tinha que ser sangue fresco, então meu médico, minha irmã e meu sobrinho doaram sangue para mim. Fui para o quarto e continuei melhorando. Deixaram um dreno para sair o sangue e aquele dreno não cicatrizava. O médico limpou, deu uns pontos e ficou bonitinho. Eu vi meu bebê no quarto umas duas ou três vezes e depois ele foi para casa e eu fiquei no hospital. Minha cunhada cuidou dele enquanto eu não voltava para casa. No total eu fiquei 20 dias no hospital.

Eu nem cheguei a amamentar, não podia porque eu tinha tomado antibiótico. Meu peito não chegou a ficar durinho, não senti nada. Tive consulta depois do parto, meu médico vinha me atender em casa porque a gente morava próximo, então ele vinha me ver e a gente conversava. Eu fui bem atendida tanto por ele quanto pelas pessoas do hospital.

Depois eu tive a (2ª filha) em 18 de setembro de 1986. Eu fazia o pré-natal todo mês com o doutor Claudio Antônio Neilton também, mas não me lembro se tomei algum remédio ou vitamina. Foi uma gravidez conturbada. Entre o dia 16 e 20 de Julho, eu comecei a ter hemorragia. Fui para o hospital, tomei sangue, fiz o ultrassom e estava tudo bem. Até a (2ª filha) nascer eu tive umas três hemorragias. Em todas as hemorragias eu ia para o hospital tomar sangue e a (1ª filha) sempre estava bem. Eu ficava deitada, de repouso e não podia levantar, não podia fazer nada, só xixi. As hemorragias da gestação sangravam um pouco menos do que o sangue que saía no trabalho de parto e elas aconteciam porque eu tive placenta baixa. Por isso, quando eu entrei em trabalho de parto, comecei a sangrar, então o doutor Cláudio me levou para o hospital e fez a cesárea. Eu estava sangrando muito, sentia umas dores estranhas e cada dor que vinha, saía mais sangue.

Ninguém assistiu meu parto. A (2ª filha) nasceu no Hospital Nossa Senhora da Saúde às 20h e não me mostraram ela porque ela não chorou. O médico me falou que a ela não estava bem. Só fui vê-la um dia depois, quando já estava no quarto. Falaram que ela tinha ficado na incubadora. Minha recuperação foi ótima e rápida, em um instante eu estava cuidando dos dois. A (2ª filha) foi um bebê legal, era boazinha e não me dava muito trabalho.

Eu fui à consulta de puerpério e o médico me recomendou repouso e fez um exame de Papanicolaou para ver se estava tudo bem. Não amamenteei a (2ª filha), meu peito ficou todo dolorido, mas ela não pegou direito, então mamava um pouquinho na minha irmã que tinha um filho um pouco mais velho.

Os dois nasceram em bons hospitais porque eu tinha convênio, era Unimed, mas o médico eu paguei, era particular. Quem me ajudava em casa eram minha tia, irmã, sogra e cunhada. Eu tinha bastante ajuda, tanto depois da primeira quanto depois da segunda gravidez. Eu não trabalhava em nenhuma das gravidezes. Meu marido trabalhava com vendas de automóveis e teve licença paternidade de uma semana. Para os dois, o pediatra recomendou um leite de criança que tinha bastante Nestogeno®, depois eles passaram a tomar o leite Ninho®.

Quando a (2ª filha) fez 6 anos, eu queria que meu marido fizesse a vasectomia, mas como ele não quis, eu fiz a laqueadura. O doutor Cláudio não estava mais operando, então indicou um conhecido dele. Eu operei porque não queria engravidar mais e porque ele não recomendava que eu engravidasse por causa dos sangramentos que eu tive nos dois partos.

Entrevistada: Sheila

Eu nasci de parto cesáreo dia 19 de abril de 1968 no Hospital Nove de Julho em São Paulo. Minha mãe falou que foi difícil de me ter, mas não sei qual foi o problema. Minha infância foi aqui em São Paulo, minha mãe não trabalhava e o meu pai sempre foi empresário na área de transporte, com terraplanagem e depois fabricando peças de transportes pesados. Eu sempre morei no Morumbi e tenho dois irmãos.

Eu fiquei grávida rápido, com 16 anos, em 1984 e na época meu marido trabalhava no Banco Nacional e fazia faculdade a noite. Eu tive um pré-natal tranquilo, tomei Supradim®, que era uma vitamina, e engordei nove quilos. O doutor Izaque era meu médico, meu vizinho de frente e amigo particular, então eu tive uma super assessoria dele, tudo que ele falava para mim era lei e eu tive sorte porque ele foi um excelente médico. Não fiz exame de sangue para confirmar que estava grávida, fiz direto um ultrassom e não dava para ver tudo como hoje em dia.

Tive a (1ª filha) com 39 semanas de gestação, de cesariana porque ela estava com duas voltas do cordão no pescoço e falaram que a cesárea tinha que ter de imediato. Na época, não se fazia parto normal com cordão em volta do pescoço, mas eu podia e queria ter tido parto normal porque eu tinha dilatação. Eu sou a favor do parto normal, só que eu acho que é muito sofrimento. Lembro que o médico deu uma injeção para o pulmão dela e ela nasceu bem. Meu marido não quis ver o parto. Fiquei três dias no hospital depois do parto e o doutor Izaque veio em casa para tirar meus pontos, eu tive essa regalia, não precisava ir ao hospital, ele cuidava de mim em casa.

Com relação à amamentação eu doava leite para o banco de leite, fui privilegiada porque não tive problemas, mas só amamentei a (1ª filha) quatro meses porque fui assaltada e tomei um murro nas costas, tive problema na clavícula e tive que parar de amamentar. Minha mãe me ajudava em casa porque eu não sabia nada, não sabia cuidar do umbigo do bebê e eu sempre fui muito desleixada e minha mãe tinha zelo e queria que eu aprendesse, tanto que fiquei sete dias na casa da minha mãe, até o umbigo do da (1ª filha) cair. Na época eu estudava e só voltei a estudar quando ela estava com 1 ano e 4 meses. Eu também não trabalhava para cuidar dela e porque a minha situação financeira era muito tranquila.

Depois eu engravidei da (2ª filha), em 1987. A médica do pré-natal era a doutora Elza que era a minha ginecologista, uma japonesa, boa pessoa. Tive que trocar de médico porque o da (1ª filha) mudou de cidade. Eu tomava a vitamina Supradim® e engordei 12 quilos. Quando a (2ª filha) nasceu, meu marido já era engenheiro e tinha uma empresa em Salvador, que era filial da empresa do meu pai. Ele também não viu o parto porque não deu tempo, foi de supetão. Eu pedi para tomar a injeção do pulmão e fui internada com 35 semanas porque meu pai teve um derrame e eu perdi líquido. Na maternidade eles fizeram uns 15 toques em dois dias. Quando eles abriam a porta eu já abria a perna. Acho que era para saber o tempo do

bebê, ou a dilatação. Fiquei internada por um mês e no dia da alta, com 38 semanas, a doutora Elza fez o exame do líquido amniótico para ver se estava tudo bem e viu que a (2ª filha) tava com infecção, o líquido já estava amarelo e ela quase morreu porque engoliu o líquido.

Me mantiveram internada e eu tive a (2ª filha) com 20 anos e por cesariana porque eu já tinha o corte do parto da (1ª filha). Ela nasceu tranqüila, não precisou ficar em incubadora, mas teve uma hipoglicemia, então ficou no soro. Na primeira mamada ela não veio, veio na segunda. Eu fiquei quatro dias no hospital porque ela ficou mais um dia por precaução. Na consulta do pós-parto, eu fui até o consultório da doutora Elza e estava tudo bem. Eu amamenteei de seis a oito meses, mas tirei porque eu quis. Minha mãe me ajudou em casa, mas menos que da (1ª filha) porque eu já estava mais descolada, então foi mais tranqüilo.

Depois de quatro meses, fomos para Salvador e eu também não precisava trabalhar porque a gente tinha uma vida igual à propaganda da Doriana®, com praia e babá, uma vida tranqüila. Entre a (2ª filha) e a (3ª filha) eu tive um aborto. Todo mundo achava que eu tinha tomado algum remédio para abortar, mas não tomei. Fui para o hospital e fizeram curetagem. Eu engravidei novamente e também perdi, no chuveiro. Também tive que fazer curetagem. Coloquei DIU e fiquei uns nove anos com ele. Quando tirei, engravidei de novo, mas era uma gravidez tubária. Acabei perdendo uma trompa e o médico falou que eu ia ter muita dificuldade para engravidar de novo, mas eu não me importei porque eu já tinha duas filhas. Tive problema de queloide depois dessa cirurgia. Tive que fazer tratamento a laser que colocava até um ferrinho em cima para sarar. Hoje em dia estou tendo dores e problema de aderência devido a essa cirurgia porque ela foi de emergência e teve que ser rápida, então não foi bem feita.

Engravidei da (3ª filha) seis meses depois com uma trompa só, e não tive problemas na gravidez, pelo contrario, eu pensava que era um menino por tanta estripulia que eu fazia. Fiz o pré-natal com um médico ginecologista que cuidou da minha avó quando ela teve um câncer de mama, ele era do plano de saúde e eu gostei muito dele, pois era um excelente médico e muito simpático. Também tinha o consultório mais perto de mim, então por comodidade preferi fazer com ele. Eu tive um problema no rim e infecção na urina, mas eu tratei com antisséptico, não tomei antibiótico porque o médico não deixou. Eu tomava a vitamina Supradim® e engordei 16 quilos.

Eu fiz uns 20 ultrassons para saber se era menino ou menina. Eu queria saber para contar para o meu pai que estava muito doente na época e eu não sabia se ele ia chegar até o final da minha gestação. A nitidez do exame já era muito diferente do da (1ª filha), eu via a fisionomia dela. Hoje em dia a gente vê plenamente, nitidamente o rosto do bebê. Eu pedi para tomar a injeção do pulmão, mas ele disse que não precisava porque estava tudo bem comigo e com ela. Ele fez uma cesárea também para aproveitar o corte, mas no parto dela eu resolvi operar, tirei a outra trompa, então agora só planejado, nada de surpresa, só com inseminação.

Eu gravei o parto e a retirada das trompas em DVD. Meu marido viu o parto na (3ª filha), que foi dia 5 de fevereiro de 1997. Eu acho que todo pai deve assistir porque acho que fortalece a ligação com o filho e com a mulher. Deveria ser obrigatório porque para mim foi muito importante. Quando ela nasceu, ele tinha o negocio dele, que era importação de pneus, foi pioneiro nisso. Eu fiquei três dias no hospital depois do parto e fui ao consultório do médico no pós-parto. Em casa, quem

me ajudava era a (1ª filha) e com o tempo a gente vai aprendendo a se virar, a cuidar e amamentar melhor o bebê. Depois eu até ajudei algumas amigas a amamentar.

A (3ª filha) eu amamentei um ano e sete meses porque ela mamava muito gostoso, eu tinha perdido o meu pai e estava uma campanha louca para amamentar o filho até os 2 anos de vida. Tirei porque eu pensei que ela já era muito grande para mamar no peito. Na época que ela nasceu, eu também não trabalhava; eu sempre quis cuidar das minhas filhas porque se eu fiz, eu tenho que criar e o meu marido sempre foi tranquilo e pensava do mesmo jeito. Além disso, os pais dele trabalhavam na época que ele nasceu e ele não queria que os filhos dele fossem cuidados por funcionários e nem deixados na escolinha como ele foi deixado.

Minhas três filhas eu tive no Hospital São Luiz. Primeiro porque na época era a maternidade da moda, linda, “bam bam bam” e era um status ter filho lá. Também tinha o Einstein, mas parecia um hospital e o São Luiz parecia um hotel, era mais alegre e minha co-cunhada trabalhava lá. Ela me deu aula de amamentação e pegou minhas duas primeiras filhas.

Lembro que minha cunhada teve bebê no elevador e ela se rasgou até o bumbum, então quando eu vejo esse tipo de coisa penso que eu não precisava passar por isso se eu tinha a regalia de ter uma cesariana ocorrendo tudo bem, sem nenhum problema. Depois ela ficou com problemas na bexiga e teve que fazer outra cirurgia para consertar o rasgo. Apesar da (1ª filha) me explicar tudo sobre o parto normal, eu tive três cesarianas e no outro dia eu estava linda, maravilhosa, maquiada, vendo meus filhos e amamentando, então não vejo problema em ter esse tipo de parto.

Hoje eu penso em ter outro filho porque eu casei de novo, mas penso também que não quero correr o risco de ter mais problemas, principalmente porque tenho três filhas para cuidar.

Entrevistada: Carmen

Eu nasci em um hospital em Viradouro, fui a única das filhas que nasceu no hospital, o resto foi tudo em casa. Nasci com 5.500 gramas, parto normal e bem gorda. Passei minha infância em Morro Agudo, morei um tempo na roça, uma fazenda e com 5 anos fui embora para a cidade. Cresci, depois casei e tive filhos.

No meu primeiro casamento eu não tive filho e só durou um mês só. Fugi dele e vim para São Paulo. Depois de um ano eu conheci o pai das meninas. Depois de um ano e sete meses eu engravidei e fomos morar juntos, não casei de novo. Eu não trabalhava nas gravidezes. Usava anticoncepcional e engravidei porque não tomei direito. A gravidez da (1ª filha) foi muito boa. Fiz o pré-natal direitinho no Hospital Santa Marta no Largo Treze. Eu tomava vitaminas, fiz exame de sangue, urina e fezes. Foi uma médica quem fez, mas eu não lembro o nome dela. A bolsa estourou em casa e eu tranquilamente fui tomar banho, mas a minha sogra já ficou nervosa. Sujei todo o carro de líquido amniótico e cheguei ao hospital meia noite e ela nasceu às 4h25, mas eu comecei a sentir a dor do parto mesmo às 2h.

Fui super bem atendida no hospital, o que deu medo foram os escândalos que as outras mulheres fazem. A (1ª filha) quase nasceu na privada porque eu sentia aquelas dores e achava que eu queria ir ao banheiro fazer cocô. As mulheres falavam que eu não podia ir ao banheiro porque o meu filho estava nascendo. O parto não foi difícil, mas eu levei um corte enorme embaixo. Ela nasceu super bonita, com um

peso ótimo, quatro quilos e 51 centímetros, de parto normal no dia 23 de janeiro de 1984, no Hospital Santa Marta no Lago Treze com a doutora Marieta.

Depois, aqueles pontos lá embaixo me faziam arrastar uma perna de tanto que doía e queimava porque é um lugar muito sensível. Foi horrível. Amamenteei três ou quatro meses porque ela não era muito chegada a pegar o peito, mas adorava leite.

Voltei a tomar o anticoncepcional e em um deslize engravidei da (2ª filha). A gravidez dela foi boa, eu fiz o pré-natal com um médico em um posto de saúde que tem na Av. Santo Amaro, mas engordei demais, eu tinha 72 quilos eu fui para 120 quilos. Fiz exame de urina, tomei sulfato ferroso porque eu estava com anemia, cálcio e as vitaminas. Dia 19 de novembro era para ela ter nascido. Eu fui para o Hospital Alvorada na Av. Rio Branco de ambulância porque o médico disse que ela já estava coroando. Quando eu cheguei, eles disseram que não estava nascendo e me deram remédio durante a noite inteirinha e além dela não nascer, eu não conseguia dormir de dor. Me mandaram para casa e eu voltei dia 22 de novembro de 1988 e ela nasceu com o doutor Júlio de parto normal, roxa, com 3.800 gramas e 53 centímetros. As pessoas antigas falavam que já tinha passado a hora dela nascer e eu sofri muito naquele dia. Eu tomei um soro na hora de nascer e só tiraram no dia seguinte. Ninguém assistiu o parto da (1ª filha) nem da (2ª filha). Amamenteei seis meses porque ela não pegava a mamadeira, só o peito.

Da (3ª filha) eu fiz o pré-natal no mesmo posto de saúde que fiz da (2ª filha), mas engravidei tomando injeção de hormônio, então eu não achava que estava grávida porque eu menstruava um pouquinho. Como comecei a ficar gorda, suspeitei e fui fazer o exame. Eu já estava com três meses de gravidez. Como eu já tomava o anticoncepcional há 10 anos, acho que meu organismo acostumou e falhou. Na gravidez da (3ª filha) eu vivia resfriada, doente e estava com 36 anos, então tive que fazer uma cesárea para poder operar e não ter mais filhos. Eu queria já ter operado na segunda, mas o médico não deixou. Marcamos a cesárea 15 dias antes da data dela nascer.

Ela também nasceu no Hospital Alvorada, em 1998, às 7h. Eu tinha varizes no útero e quando eles cortaram, eu quase tive uma hemorragia porque cortaram uma veia. Eu quase morri. Se eu tivesse tido um parto normal, eu poderia ter tido uma hemorragia, porque elas poderiam estourar. No outro dia, eles tiraram sangue para ver se eu estava com anemia, mas não deu nenhum problema. Hoje, se eu fosse ter outro filho eu teria parto normal, cesárea eu não queria. O pai dela viu o parto, ele ficou meio apavorado, mas não desmaiou.

Tive dificuldade depois do parto porque com aqueles pontos, não dava para abaixar, pegar peso e eles infeccionaram. Por mais que eu lavasse bem e secasse, aquilo infeccionou, foi horrível. Depois de um tempo cai uma pele em cima da cicatriz, dá uma dobradinha, não gostei.

As três filhas eles me traziam para amamentar e depois levavam de volta para o berçário. A (3ª filha) eu amamentei até 1 ano e 7 meses. Ao invés de eu engordar, ela engordou e eu fiquei pele e osso de tanto que ela mamava. Ela não pegava a mamadeira, era só peito. Sofri e o pediatra me deu uma bronca, falou que eu era egoísta por querer minha filha só para mim, pois enquanto eu estivesse amamentando, ela não ficaria com mais ninguém. Daquele dia em diante eu não amamentei mais. Ela ficou uns dois dias sem comer nada porque ela queria mamar e eu tive febre, era um desperdício, mas eu não podia mais dar. Depois de ela pegou a mamadeira e começou a comer frutas, mas foi difícil.

Em casa a minha sogra me ajudava depois dos partos, ela cuidava da roupa da comida e eu do restante. Nas consultas de pós-parto, sempre estava tudo bem comigo e com elas.

Entrevistada: Vera Lúcia M.

Eu nasci na casa da minha mãe em Santo André, em um domingo de manhã, de parto normal, com uma parteira. Tenho dois irmãos mais novos que também nasceram com parteira. Eu trabalhava no Banco Sudameris desde os 17 anos no centro de Santo André, fiz sociologia, trabalhei como socióloga em São Bernardo do Campo, perdi o emprego e fui lecionar em 1978. Fiz Geografia e terminei com 28 anos, quando me casei. Eu morava casa da minha mãe até casar, em 1982 e depois fui morar em outra casa em Santo André mesmo. Meu marido e meu sogro tinham uma firma de estrutura metálica.

Eu sempre planejei tudo, quando eu casei, usava DIU e usei até agosto de 1984. Engravidei em setembro, tinha convenio das Classes Laboriosas. Minha filha ia nascer no hospital tal com medico “x”. Planejei tanto que eu só tive uma filha, acabei não pensando no segundo. O doutor Valter atendia no consultório que ficava em cima do Sudameris. Eu tinha muita amizade com a secretaria dele, então por saber que ele era um médico conceituado e atendia o meu convênio, eu decidi fazer o pré-natal com ele.

As consultas foram normais, de rotina e naquele tempo não se fazia muita ultrassonografia como hoje, eu fiz só uma e o médico sempre falava que meu bebê era muito grande e que não dava para ver o sexo, mas eu queria surpresa. Ele falando do tamanho do bebê, me induziu a querer a cesárea porque com essa historia de bebê grande, qualquer mulher naquela época ficava com medo porque ninguém te explica que um bebê grande pode nascer de parto normal. No final da gravidez, ele já determinou que tinha que ser cesárea, então eu nunca senti dor de parto.

No pré-natal, eu tomei um remédio que chamava Rarical, que acho que era vitamina. Eu tinha muito enjoo a perfume e cheiros fortes, então vomitei até o dia de ir para o hospital, mas em compensação eu comia muito, engordei 18 quilos, pesava 62 quilos e fui para 80 quilos. Naquele tempo não tinha controle de peso na gravidez, hoje tem. Eu comia tudo que eu achava necessário e tinha vontade.

As consultas eram mensais e no final da gravidez, mais seguida. Quando estava próximo do feriado de Corpus Christi, o médico falou que era melhor marcarmos uma cesárea porque era mais fácil, ou seja, a cesárea foi planejada para antes do feriado, depois eu percebi que foi por comodidade dele e não por necessidade. Marcamos para o dia 7 de junho de 1985, uma sexta-feira. Tudo o que os médicos mandavam a gente fazia e achava que estava tudo certo. Naquela época, o Neomater era um hospital da moda. Como meu médico indicou, eu fui para São Bernardo, mas depois me arrependi, queria que ela tivesse nascido em Santo André que nem eu e o meu marido.

Ele também marcou o horário que eu deveria ser internada, às 9h. Foram comigo, para a maternidade Neomater de São Bernardo, o meu marido, meu pai, minha mãe, minhas cunhadas e acho que minha sogra; foi a família inteira esperar o bebê nascer, mas ninguém entrou na sala de cirurgia. Eu só os vi quando passei pelo corredor. Na hora da depilação, tinham outras mulheres e eu lembro que elas estavam rezando. Um pouco antes de ir para a cesárea, eu estava com muito medo, tão

nervosa que fiz xixi na tampa do vaso sem perceber. Indo para o centro cirúrgico, eu olhei para trás, para minha mãe, meu pai, meu marido, para quem estivesse lá e pensei “que pelo menos salvem a criança”. Eu achei que ia para a morte, eu tinha na mente uma cena que a gente vê na TV, de mil coisas funcionando, todo mundo concentradíssimo, mas era tudo diferente; todo mundo conversava, um falou que ia viajar, outro falou de onde comia pizza e eu acabei entrando no papo deles também. Eu vi um jardim do lado de fora do vidro, foi muito diferente e ninguém te prepara para isso, o que eu acho errado porque você está indo para uma coisa que é muito importante para a sua vida e sem informação nenhuma.

A anestesia é um problema até hoje, mas como eu nunca tinha tomado, achei que fosse morrer. O mais próximo da morte que estive foi no momento da anestesia. Eu achei isso muito ruim porque você vai preparada para ter um bebê e acaba pensando que vai morrer. Acho que é uma preocupação de mãe, eu não sei se toda a mãe pensa nisso, que vai morrer quando a filha está nascendo. Esse medo surgiu no dia mesmo, antes disso eu não pensava nisso. Naquela época você não tinha conhecimento nem orientação. Eu fiz aquelas escolinhas que eles dão para o pai e para a mãe na própria maternidade, mas não houve uma orientação para tirar esse medo que eu tive, então acho que deve ser um medo meu, mas foi um medo na hora, depois passou.

A cirurgia foi tranqüila, mas como eu tenho um pouco de pressão baixa, acho que tive sensação de desmaio, pois logo depois que eu tomei a anestesia eu disse “acho que vou desmaiar”, então eles deram uma alguma coisa que para eu não desmaiar. Quando eu vi a (filha), achei que ela era muito escurinha, mas não nasceu roxa. Ela era cabeludinha, bonitinha e realmente grande, nasceu com 52 centímetros e 3.960 gramas. Meu marido, minha mãe e o meu pai a viram pelo vidro. Eu saí da sala de parto e fui para sala de recuperação e fiquei um tempo nessa sala. Depois de algumas horas, eu fui para o quarto e o meu marido estava lá. Eu estava anestesiada e não conseguia nem mexer a cabeça. Vomitei muito depois da anestesia porque não pode estar com o estômago cheio, mas eu não sabia porque a minha cunhada que teve parto normal, falou para eu comer muito porque depois do parto eu sentiria muita fome, mas acho que ela esqueceu que o meu parto não era normal, então eu comi, tomei café da manhã. Minha mãe ficou limpando meu vômito. Ela nasceu 10h ou 11h e eles a trouxeram na madrugada do outro dia. Nós comentamos “já está olhando os lugares, bastante esperta o bebê”, o que me deixou contente e satisfeita. No dia seguinte, a enfermeira veio me ajudar no banho, depois de 24 horas, às 9h e eu consegui tomar banho sozinha. Os pontos não tinham problema.

A (filha) não ficou comigo no quarto depois que nasceu, eles a traziam para mamar e depois a levavam de volta. Eles orientavam para andar para funcionar o intestino, então eu ia até o berçário ver ela. Eu sei que a preocupação deles era comigo porque fiz uma cirurgia, mas eu achava ruim não ficar junto com o bebê. Eu não tinha preocupação em relação à amamentação, eu sempre achei que fosse conseguir e quando ela veio de madrugada, parecia uma bezerra desmamada, já pegou o peito e começou a mamar. Depois, como toda a mãe, você quer olhar a criança para ver se não falta nenhum dedinho, a preocupação maior é para ver se nasce perfeito fisicamente.

Eu me recuperei logo, uma semana depois eu já tinha perdido 10 quilos e depois de seis meses eu já estava com 60 quilos. Eu tinha 31 anos, então foi fácil, não me preocupei com isso. Depois do parto, eu tive consulta, mas não tive nenhuma orientação a mais, nem de método contraceptivo. Eu tive outra médica, a doutora

Albertina Duarte, e levei a (filha) também. Eu ia para o consultório dela com a consulta marcada às 19h e saía de lá de madrugada, então acabei desistindo. Um dia fiquei tão irritada que pedi meu prontuário porque eu não queria mais voltar. No hospital eu também voltei porque tinha uma pediatra boa lá, mas eu encontrei outra pediatra em Santo André, no Hospital Brasil, doutora Sônia, muito boa e larguei a outra.

No primeiro dia que eu cheguei em casa, minha cunhada fez uma sopa maravilhosa e ficou três dias fazendo comida para mim. Eu fui paparicada pela minha cunhada e pela minha mãe. Minha mãe ficou um mês na minha casa, ela ia e voltava todos os dias para me ajudar e eu tinha uma empregada também. Meu marido também me ajudava em casa depois do parto. Ele a trocava e acordava e me trazia ela quando ela chorava. Eu passava água morna no seio para tirar o Bepantol®, amamentava e passava a pomada de novo porque estava muito frio e meu seio rachou.

Naquele tempo, eu usava bastante fralda de tecido, então colocava vinagre na fralda e lavava. A gente tinha uma situação boa, então podia ter empregada, faxineira, então foi tranquilo. Eu morava em um sobrado e tive que ficar uma semana no quarto no andar de cima porque ninguém me deixava descer as escadas. Naquela época eu tinha empregada, minha cunhada e minha mãe me ajudavam e eu ficava lá em cima cuidando do bebê, mas depois de uns três dias, eu chorei que nem criança desesperada porque eu não conseguia fazer nada. Eu queria descer as escadas, ter liberdade, mas o médico falou que eu só podia descer uma vez por dia. É horrível ter a sensação de estar presa e eu comecei a achar que eu ia ter algum problema porque eu tinha uma amiga que depois da gravidez teve depressão e eu achei que fosse ter.

Amamentei exclusivamente até os 6 meses, e aos 9 meses eu introduzi a mamadeira e chupeta. Um erro que eu cometi foi dar chupeta com mel para ela dormir. Com 4 meses ela foi para o quartinho dela e dormia às 23h e acordava às 6h. Quando ela fez 9 meses, eu tirei o peito. Com 1 ano e pouco, tirei a mamadeira porque uma dentista conversou com ela e falou que mamadeira era ruim.

Eu dava aula em uma escola particular e no estado e demorei para voltar a trabalhar, voltei só em novembro. Depois peguei uma licença amamentação e voltei a trabalhar em fevereiro do outro ano, quando ela já tinha 6 meses. Agora tem licença de seis meses, mas naquele tempo eram 120 dias, mas eu consegui tirar licença e voltar só no ano seguinte, então foi bom esse tempo todo com ela. Eu era super mãe neste sentido, por isso acho que não pensei em ter outro filho. Depois de um tempo, eu não quis mais engravidar porque achava que não tinha mais idade. A vida acabou não dando espaço para que eu programasse outro filho. Uma só satisfez. Além disso, nós tivemos outras dificuldades, meu marido faliu, meu sogro faliu e a situação econômica ajudou a pensar em não ter outro filho.

Entrevistada: Conceição

Meu pai era soldador, trabalhava em uma metalúrgica e minha mãe, depois que casou, foi dona de casa. Eu nasci dia 8 de setembro de 1960 de parto normal em casa, em Piracicaba, com uma parteira porque antigamente as mulheres não iam para o hospital. Minha irmã também nasceu em casa, mesmo tipo de parto e parteira.

Minha infância foi em Piracicaba, eu nasci em um bairro chamado Vila Rezende e vivi até os 23 anos lá. Depois me casei e vim para essa casa há 27 anos.

Quando a gente namorava, fizemos um desenho que eu tenho até hoje; desenhamos nossa casa, colocamos nosso nome, o nome da nossa futura filha e o ano que ela ia nascer, 1976, mas a data deu errada.

Quando casei, eu trabalhava e tomei anticoncepcional por seis meses, mas parei porque já queria engravidar, era uma obsessão minha. Eu fui ao médico e ele falou que eu tinha uma ferida no útero que precisava cauterizar, mas que depois eu ia ficar limpinha para engravidar. Cauterizei e não engravidei. Eu tomei umas injeções para engravidar, mas eu menstruava e ligava chorando para o meu marido. Cheguei a fazer exame de gravidez com sinais de menstruação, era só atrasar um pouco que eu fazia um exame. O médico falou que não tinha por que e pediu para eu esquecer um pouco isso, porque achava que era coisa da minha cabeça. Eu segui o conselho dele e fui fazer ginástica. Depois de dois anos e meio de casada eu engravidei. Era tudo da minha cabeça mesmo porque eu não tinha nada, tinha tudo para engravidar.

Eu fui ao meu ginecologista, doutor Pedro Arnaud, que também é obstetra e ele fez meu pré-natal e parto. Foi tudo normal na gravidez da (1ª filha), tudo tranqüilo, mas eu engordei muito, 20,5 quilos porque eu só comia e não fazia mais nada. Trabalhei até o dia 8 de dezembro. Os exames eram sempre normais, eu tomei vitamina, fiz ultrassom, vi como estava o bebê, ouvi os batimentos do coração, eu não quis saber o sexo, mas tinha certeza que era menina.

Eu não queria fazer parto normal de jeito nenhum, eu tinha pavor de escutar sobre esse tipo de parto, tanto que eu escolhi meu médico por ele ser famoso por só fazer parto cesariano. Eu o avisei que não queria parto normal porque tinha medo e ele marcou a cesariana para o dia 30 de dezembro de 1985. Algumas pessoas me falaram do risco da cesárea, de ter dor depois ou de ter algum problema, mas não me convenceram a ter parto normal. Minha cunhada teve filhos de parto normal e eu não entendi quando ela falou que levou ponto, então já que tinha que dar ponto no normal, fiz cesariana logo.

Meu marido e a minha sogra foram para o Hospital Clínica Amalfi comigo. Eu pedi para o meu marido comprar um brinquinho porque se fosse menina já saía com a orelha furada. Quando eu internei, precisei fazer um exame de AIDS que na época o hospital exigia e eles não te internavam se você não fizesse esse exame. Eu também tinha pavor daquela lavagem intestinal que o pessoal falava que tinha que fazer, mas eu não tive problema nenhum. Fui bem de manhã para fazer toda a preparação, a lavagem com bactericida e fiquei aguardando a hora. Eles falaram que tinha um caso de emergência porque a mulher estava com dores e perguntaram se eu a deixaria passar na minha frente e eu deixei. Eu não senti dor, não sei o que é dor de parto, eu fui sem dor, do jeito que estou agora.

Eu peguei trauma da anestesia, me deu pavor daquele monte de enfermeiro na sala, mas depois da anestesia eu não vi mais nada. Não sei o que me deram que eu apaguei, só acordei na hora que me trouxeram ela, depois de todo o preparo. Me avisaram que era menina e eu ainda estava na sala de operação. Meu marido não a viu nascer, ficou esperando na sala de espera.

No dia seguinte, 31 de dezembro de 1985, eu estava no hospital sozinha, não tinha ninguém porque era passagem de ano. Eu só ouvia buzina do lado de fora e passei o ano novo sozinha porque o bebê não ficou no quarto comigo, ela só vinha mamar. Hoje em dia fica com a mãe, mas naquele tempo o bebê ficava no berçário. Começou a me dar um desespero, eu chamei a médica e falei que queria ir embora porque estava bem. Enchi tanto o saco dela que ela me deu alta dia 1º ao invés de sair no dia 2.

Depois da cirurgia é muito ruim porque a pele fica irritada na região dos pontos e só sara depois de uma semana quando a gente tira os pontos no hospital. Antes eu não conseguia nem levantar direito porque incomodava e repuxava. Em casa, a minha mãe me ajudou, ela dava banho, me ajudava a levantar e a vestir a roupa. Só depois de uma semana que eu me virei comigo e com a (1ª filha). Não tive depressão pós-parto que falam que geralmente dá.

De tanto leite que eu tinha, eu doava para um homem que trabalhava comigo e que tinha tido bebê prematuro. Ele vinha em casa, eu tirava o leite e colocava em umas vasilhas que ele trazia. Eu trabalhava na metalúrgica da Vila Resende e depois de três meses que ela nasceu, eu voltei a trabalhar, mas como eu ainda amamentava, eu fazia a mamadeira tirada do peito e deixava para a minha mãe dar para ela. Eu dava de mamar às 9h, ia trabalhar e voltava para casa na hora do almoço. Isso tudo porque ela não aceitou mamadeira, a chuquinha de chá e a minha mãe sempre ligava no serviço falando que ela estava chorando com fome. Eu conversei com o meu pai e ele falou para eu sair do trabalho, então conversei com o meu chefe, fizemos um acordo e eu parei de trabalhar para ficar em casa só cuidando e amamentando ela. Eu nunca voltei a trabalhar.

Meu médico indicou leite do peito até os 6 meses, depois disso introduzi suco e frutas, mas ela não largou de mamar. Ela começou a fazer o meu bico do peito de chupeta e era difícil dormir à noite porque ela só dormia mamando. A (1ª filha) deu trabalho com isso. Para engravidar de novo foi difícil porque ela não parava de mamar. Tentei dois anos e meio, até que um dia eu me senti meio estranha, fui ao médico e estava grávida do (2º filho). Foi assim que eu precisei tirar ela do peito.

Na gravidez do (2º filho), eu comecei a passar mal desde o começo, tive enxaqueca, tudo que eu comia eu vomitava, até água. Eu comecei a emagrecer ao invés de engordar, então eu fui ao médico porque tinha dia que eu não levantava, eu achava que ia morrer de tanta dor de cabeça e vômito. A (1ª filha) fazia xixi no pinico e me dava ânsia de vômito só de olhar. Fui ao médico e ele me deu novalgina para eu tomar até os cinco meses de gravidez e depois disso eu consegui engordar 13 quilos, mas fiquei sete meses com enxaqueca. A gravidez dele foi bem mais complicada e eu pensava que era menino porque eu me sentia bem diferente da primeira gravidez, mas mesmo assim eu não quis saber o sexo.

O pré-natal dele foi normal e o bebê estava normal. O médico, o mesmo da (1ª filha), marcou a cesariana e de novo eu não senti dor nenhuma. Ele nasceu bem, no mesmo hospital da (1ª filha), dia 9 de julho de 1988, e dessa vez eu fiquei mais consciente durante a cirurgia, mesmo sendo a mesma anestesia. Quando falaram que era um menino, eu comecei a chorar. Ele era a cara da (1ª filha). A mesma enfermeira que pegou a (1ª filha), o pegou e eu a conhecia. Ela levou o (2º filho) para o meu marido só com o rostinho de fora e perguntou para ele se ele achava que era menino ou menina. Meu marido achou que era menina e quando viu que era menino ele começou a chorar, foi super emocionante. Esse hospital que eu tive meus filhos, era só maternidade e agora parece que mudou de nome, chama Clínica Dia, mas eu fui super bem atendida lá, foi muito bom e tranquilo.

Depois do parto, ele só vinha para mamar e eu fiquei junto com outra moça no quarto. Eu saí do hospital depois de 48 horas do parto e fui para casa. No calor eu já tinha experiência, mas dele eu até tive enjojo e depressão depois do parto e eu não acreditava que isso existia. Naquele frio, eu tinha que vestir blusa de lã e colocar uma toalhinha de rosto nos meus seios para poder dormir de tanto que vazava o leite e isso foi me dando um desespero, eu tinha vontade de sair correndo, jogar o bebê na

cama, ir embora e não voltar mais. Eu olhava para ele e dava nojo, mas como eu não tive isso com a (1ª filha), então eu não acreditava nisso, mas até o cheiro do sabonete era ruim, foi totalmente diferente.

Eu ficava no quarto fechada com o bebê chorando, com aquela blusa de frio e o meu bico do seio inflamando. Ele chorava para mamar e eu chorava porque tinha que dar mamar para ele. Eu não conseguia nem pensar naquela hora, ele comia a pomada que o médico receitou de tanto que eu passava. O seio não empedrou, mas eu tinha uma dor horrível no bico do seio quando dava de mamar. Eu não conseguia dar direito de tanta dor, dava de mamar para ele chorando. Meu marido falava para eu parar com isso porque meu leite ia fazer mal para o bebê de tanto que eu chorava; e pedia para eu voltar ao médico e perguntar o que eu tinha. Eu fui e o médico pediu para eu parar de dar de mamar por três dias para o leite acumular. Depois de três dias eu coloquei para mamar, mas ele sugava e doía, então eu ia ao banheiro, pegava uma toalha, molhava na água bem quente e tirava o leite fora. Pedi para a vizinha dar de mamar para ele e ela aceitou. Foi assim que eu parei de dar o peito. Depois de uma semana, eu fui ao pediatra e ele mandou dar 25mL do leite de saquinho com 25mL de água. Comecei a dar desse jeito com mamadeira a partir dos nove dias de vida. Eu não gostava muito dessa situação, mas não dava mais para eu dar de mamar, doía demais, o que eu não sofri com a (1ª filha), eu sofri com ele, por isso eu falo que é melhor ter filho no calor porque no frio tem todos esses problemas.

Fui para a consulta de puerpério e estava tudo normal, até hoje passo no médico duas vezes no ano porque tenho problema de mioma, então tem que controlar. Pensei em ter mais filhos depois da gravidez do (2º filho), então eu não operei. Eu era muito nova também, até pensei em operar. Eu falei para o meu marido operar porque eu não queria mais ter filhos e quando o (2º filho) tinha 1 ano, ele operou. Ele gostou de ter operado, mas eu me arrependo um pouco, mas tá ótimo só os dois.

Entrevistada: Valdinéia

Eu nasci de parto normal, em casa, dia 17 de maio de 1959, em Codeirópolis, com parteira. Somos cinco irmãos vivos e três mortos. Meu pai era construtor e a minha mãe era do lar e costureira. Minha infância toda foi em Cordeiro. Casei em dezembro e meu marido era mecânico.

Engravidei da minha primeira filha em julho. Planejamos a (1ª filha) porque namorávamos há 11 anos, então não tinha mais o que esperar. Tomei pílula uns quatro ou cinco meses e resolvemos ter o primeiro filho. Parei de tomar e uns dois meses depois engravidei. Desconfiei que estava grávida porque comecei a ter enjoos, então fiz o exame e confirmou.

Quando eu engravidei da (1ª filha), eu trabalhava em uma fábrica de tecelagem, mas depois de cinco meses grávida, parei. O médico que eu escolhi foi o doutor Paulo Sérgio, que era o médico do convênio, não tinha muita opção, só tinha ele, mas ele é um excelente médico. No pré-natal, ele media a barriga e ouvia o coração. Hoje acho que se faz ultrassom todo mês, mas naquela época eu não fiz nenhum e por isso não sabia o sexo do bebê. É mais gostoso ter surpresas. Eu tomava vitamina para o bebê, não tive problema nenhum, mas engordei bastante, 20 quilos. De vez em quando, o médico ficava bravo porque eu comia muito.

O parto foi com o mesmo médico e foi complicado porque a (1ª filha) demorou para nascer. No hospital, eles só fizeram exame de toque, mas eu não lembro com quantos centímetros eu estava quando ela nasceu. Comecei a sentir as dores do parto umas 14h e ela só nasceu no outro dia, acho umas 5h ou 6h. Eu queria ter a (1ª filha) de parto normal, fiz de tudo, aguentei de dor quase que um dia inteiro e uma noite inteira porque eu queria parto normal, mas o médico chegou, estourou a bolsa e falou que não dava mais para esperar, que tinha que ser cesárea porque ela tinha feito cocô na minha barriga. Eu não me esqueço da anestesia, senti muita dor. Eu senti aquela agulha entrando na minha espinha, mas não lembro que anestesia foi.

Ela nasceu na Humanitária Nova dia 20 de abril de 1986. Me mostraram ela toda sujinha, deixaram um pouquinho comigo e depois foram limpar e eu só fui vê-la mais tarde, quando trouxeram para amamentar. A (1ª filha) era cabeluda e tinha cabelo pretinho. Depois do parto, eu fui direto para um quarto de INPS; eram três camas, mas se fosse só uma seria melhor. Eles a traziam para eu amamentar, ela ficava um pouquinho e depois levavam embora. Fora isso, foi tudo normal, me recuperei bem.

Fiquei no hospital uns três dias, hoje em dia acho que não fica mais esse tempo todo. Eu tinha muita dor porque eu engordei bastante. Meu marido não viu o parto, mas no quarto a minha cunhada ficava comigo durante o dia para me ajudar a tomar banho e à noite eu ficava sozinha porque não podia ficar ninguém.

Amamentei durante oito meses, mas ela chorava bastante e não pegava mamadeira, tinha alergia a outro leite. Eu tentava leite de vaca e ela ficava toda vermelha. Eu também tentava dar leite Ninho®, mas ela não gostava, então ela começou a tomar Nanom® e com o tempo começou a aceitar o leite de vaca. Em casa, depois do parto, era a minha sogra quem me ajudava.

O (2º filho) também foi planejado e eu tive uma gravidez boa. Fiz o pré-natal com outro médico, doutor Sergio, um japonês que tinha bastante amizade com a nossa família. Eu o escolhi para ser o meu médico porque ele era do convênio do meu marido, Sepaco, e porque era de Americana, além de terem me indicado por ser um bom médico. No meio do pré-natal, ele mudou para perto da casa da minha sogra, em Codeirópolis. Todo mês eu ia às consultas; ele media a barriga, escutava o coração e falou para eu fazer cesárea. Eu fiz ultrassom, então eu sabia que era menino. Eu engordei 21 quilos e ele pediu ultrassom quando eu estava com uns seis meses e dessa vez eu quis saber o sexo, mas meu marido não quis. O pré-natal do (2º filho) foi tranquilo e eu tomava vitamina para o bebê. Ele não fez nada de diferente do outro, a não ser tirar o líquido da minha barriga. O meu marido ficou bravo por isso, falou que eu não deveria ter deixado porque não tinha necessidade e podia ter pegado no bebê. Até hoje eu nunca ouvi falar que alguém que tenha tirado o líquido da barriga pela seringa, mas na época eu não sabia, achei que fosse normal. Ele fez esse exame porque quando estava perto de nascer, o doutor Sérgio ia viajar, então queria saber como o bebê estava. Como estava tudo bem ele falou para fazermos o parto, mas eu não quis, quis voltar para casa e avisar o meu marido. Então marcamos outro dia e deu tudo certo, foi fácil e foi tudo bem. Decidimos fazer cesárea porque a (1ª filha) já tinha nascido de cesárea. Acho que naquele tempo não se fazia parto normal depois de cesárea e só fazia três anos e oito meses que ela tinha nascido.

O (2º filho) nasceu em Cordeirópolis em 14 de dezembro de 1989, mas eu não senti as dores do parto normal porque fui com hora marcada. Me mostraram ele, todo vermelhinho, loiro e carequinha. Foram limpar, enfiaram uma mangueirinha e eu fiquei apavorada quando eu vi aquilo, acho que servia para fazer limpeza, mas eu

achei que estava acontecendo alguma coisa com o bebê. Eu perguntei e eles falaram que era um procedimento normal.

O pós-parto no hospital foi bem melhor que em Americana no parto da (1ª filha). Lá eu não conseguia nem comer a comida, mas o daqui era uma amiga nossa que cozinhava, era uma delícia, eu fiquei em um quarto sozinha porque era particular e meu marido ficou comigo o tempo todo. Depois de três dias, o meu peito empedrou porque eu tinha muito leite e o (2º filho) não dava conta. A enfermeira me levava ao banheiro, colocava o chuveirinho quente e fazia massagem. Tive febre por causa disso, então fiquei um tempo a mais no hospital tomando medicamento, uns quatro dias. O (2º filho) ficava o tempo todo comigo, as enfermeiras só trocavam ele, me ensinavam a cuidar, ajudavam no banho e na amamentação. Como eu estava toda cortada, eu não conseguia andar de dor e tinha uma menina do outro quarto que andava e não sentia nada, mas ela estava magrinha e eu enorme.

O (2º filho) foi amamentado uns seis meses, mas ele pegou bem a mamadeira. Eu tinha pouco leite; quando eles chupavam, eu não sentia o leite descer. Minha sogra falava que tinha que sentir. Em casa, quem me ajudava era a minha mãe e minha cunhada. Elas faziam de tudo, me ajudavam a dar banho, trocar e a fazer o serviço de casa. Depois de um tempo, eu fiz a cirurgia da laqueadura porque eu não queria mais filho, um casal estava bom.

Entrevistada: Noeme

Eu nasci em 1952 no interior da Bahia, em uma cidade linda e maravilhosa chamada Uibaí. Sou praticamente mulher da roça. Nasci de parto normal com uma parteira, dona Julia, que era nossa parente e que fazia os partos na cidade. Minha mãe teve 11 filhos e todos com a ajuda da Júlia, foi ela quem me batizou.

Minha mãe nunca fez pré-natal, teve os partos sem acompanhamento, tudo precário. Lembro quando um dos meus irmãos mais novos ia nascer, a parteira chegou e minha mãe estava de pé com sangue escorrendo entre as pernas. Isso me marcou porque era tudo falta de apoio e falta de médico porque naquela época não tinha médico, não tinha nada.

Eu morei na Bahia até adulta e vim para São Paulo nos anos de 1980. Naquela época existia aquela história de todo mundo ir do nordeste para São Paulo trabalhar, mas eu vim estudar e depois trabalhar. Eu estudei na Bahia e depois fiz Faculdade de Educação Física em São Paulo.

Casei, e fiquei sete anos casada. Percebi que estava grávida logo que faltou a menstruação, não foi planejada, apareceu de repente, de intrometida, mas foi o melhor presente da minha vida. Eu fiquei toda feliz, aquele momento foi maravilhoso, apaixonante. Fiz o exame de urina que não detectou nada, então eu fiz o de sangue e comprovou. Mas na hora que eu contei para o meu marido, ele deu as costas para mim, ficou frio. Eu mostrei o exame e ele ficou uns quatro meses distante.

Fiz direitinho o pré-natal, fiz muito exercício físico na época porque eu trabalhava com natação, então foram nove meses vendendo saúde. Fiz as primeiras consultas com um médico que me indicaram, do meu convênio, mas que eu não conhecia. Eu fazia todos os exames que ele pedia, de sangue, urina e exames de laboratório. O pré-natal não foi moderno como vocês fazem hoje em dia, ele perguntava se estava tudo bem e eu respondia que sim, ele me dava umas vitaminas,

ferro e falava para eu me alimentar bem. Quando eu estava com sete meses de gravidez, ele falou que não poderia fazer o meu parto, mas não me explicou o porquê; então eu fui ao meu ginecologista, doutor Mendes. Fui bem recebida e ele era um bom médico. Ele me pediu um ultrassom que eu fiz com oito meses, mas não soube o sexo. Engordei nove quilos.

Eu trabalhava na piscina da ACM. Em um sábado, eu estava nadando e senti que alguma coisa estava acontecendo, parecia que eu tinha feito xixi. Eu saí da água, fui à enfermagem e perguntei se era xixi. A auxiliar de enfermagem olhou a cor do líquido e confirmou que era, então eu tomei um suco de côco e voltei para a piscina. Novamente começou vazar alguma coisa, fui à enfermagem de novo, mostrei e ela falou que já era sinal de parto, mas eu não sentia nenhuma dor.

Uma professora, amiga e colega de trabalho, me levou para o Hospital Santa Catarina e ficou por lá, mas eu estava totalmente despreparada, não tinha roupa. Me internaram, fizeram um exame de sangue e eu comecei a sentir dor. As contrações foram aumentando. Eles me deixaram em uma cama meio reta, não sei se é normal e fiquei deitada perdendo muito líquido. Não vinha ninguém ver se estava tudo normal, nem ver minha dilatação, mas não me machucaram e isso foi bom. De vez em quando vinha alguém me ver, mas eu tive uma impressão de abandono porque ninguém me falou qual a posição que eu tinha que ficar e eu estava sem travesseiro, sem nada.

Eram 15h, quando uma médica apareceu para me ver e eu não aguentava mais sentir dor. Eu não tinha medo do parto, mesmo tendo visto o que aconteceu com minha mãe [sangue escorrendo pelas pernas], mas àquela altura, eu nem pensava mais em parto normal porque eu estava jogada lá naquela cama. Quando o doutor Mendes chegou, senti até um alívio quando ele falou para irmos para a sala de cirurgia. Foi uma cesárea, mas eu não sei o porquê, acho que por suspeita de crise na vesícula.

Me mostraram a (filha) quando ela nasceu, dia 28 de novembro de 1987. A enfermeira me perguntou o nome e eu não sabia porque não sabia o sexo. Ela me mostrou que era uma menina e eu na hora dei o nome. A enfermeira riu porque o nome dela era o mesmo da minha filha e ela era super legar e linda, mas a minha filha era o bebê mais feio que eu já vi na vida, só podia ser minha filha mesmo. Usaram uma toalha branca esterilizada para embrulhar a (filha), ficou como um charuto enrolada na toalha de banho. Minha amiga ainda estava no hospital, mas não pode entrar para ver o parto.

Depois da cirurgia, eu não tive muita dificuldade porque eu tinha a musculatura muito firme e não tinha gordura na barriga, então acho que facilitou para cicatrizar. O médico fez um trabalho bonito nos pontos, ficou uma cicatriz não muito marcante. A (filha) ficou comigo depois que nasceu e logo fomos para casa. Amamenteei por uns oito meses mais ou menos. Depois de quatro meses, eu voltei a trabalhar, mas eu voltava para casa para dar de mamar, mas mesmo assim o leite foi secando.

Os meus irmãos moravam comigo e me ajudaram em casa. Meu pai cuidava da (filha) e meus tios e a madrinha dela também ajudaram bastante. Depois eu fui para a consulta de puerpério na clínica do doutor Mendes, me cuidei direitinho. O corte cicatrizou rápido e eu não tive nenhum problema depois do parto. Eu também não pensei e nem quis ter mais filhos.

Uns dois anos depois eu tive uma crise na vesícula e tive a impressão que isso me prejudicou no parto porque na época eu comecei a vomitar e a ter dores no parto

e pude comparar com as dores que eu estava tendo na crise, então acho que as dores que eu senti no parto podem ter sido de crise na vesícula e não de parto.

Entrevistada: Marisol

Eu nasci em 1963 em Tupã, São Paulo, de parto normal no hospital; somos quatro irmãos. Meus dois irmãos nasceram de parto normal em 1968 e 1969 e a caçula em 1972 de cesariana. Morei lá até os 12 anos e depois vim para São Paulo por dificuldades financeiras. Meu pai veio para trabalhar no restaurante de um parente dele e trouxe toda a família junto.

Eu casei e depois de um ano e meio engravidei do (1º filho) em 1986, ele nasceu em 1987. Meu ex-marido trabalhava e eu não. Fiz o pré-natal com o doutor Walter no hospital da Celso Garcia que na época chamava Hospital São José do Brás. Na gravidez do (1º filho), eu tive hipertensão do sétimo mês em diante. Eu me cuidava com a alimentação sem sal, vitamina e tomava diurético. Fiz exames de sangue, urina e fezes, escutava o coração, fiz ultrassom e medi a barriga. Ele até ia nascer de parto normal porque eu tive contração e a bolsa estourou em casa. Fui para o Hospital São José do Brás, o doutor Walter esperou um pouco para ver se nascia, mas a minha pressão estava 19x alguma coisa e ele achou muito arriscado fazer um parto normal. Não explicou direito os motivos, então eu fui direto para a cesariana. Ele me deu uma injeção de Buscopan® para parar as dores e eu fui para a mesa de cirurgia fazer a cesárea com anestesia raquí. Fiquei sozinha na hora de nascer porque foi cesárea e meu ex-marido não quis ficar, ele falou que ia desmaiar. Eu não lembro se o hospital na época não deixou.

Eu quase entrei em eclampsia porque eu comecei a me debater na mesa e tiveram que me colocar aquele aparelhinho de oxigênio. Ele nasceu, a pressão caiu e foi tudo bem depois. O (1º filho) foi meio particular, meio INPS, então eu fiquei em um quarto e os pontos eram de plástico. Depois de três dias eu saí do hospital. Depois de uma semana, ele apresentou um quadro de apneia. Ele vomitava muito, mas eu não sei se aquilo ia para o pulmão ou se foi algum problema no parto que causou essas apneias. Isso é normal, mas como eu era marinheira de primeira viagem, eu achei que fosse alguma coisa estranha, que não fosse normal. E na realidade não era mesmo.

O pulmãozinho dele já estava encharcando, então ele parava de respirar e eu prece bi que ele começou a roxear na boquinha. Ele começou a piorar à medida que foi entrando na madrugada; a boca começou a ficar mais roxa e ele a ficar branco. Fui para o hospital e no caminho eu fiz um pouquinho de respiração boca-a-boca porque ele não voltava a respirar. Quando chegamos, eles já meteram aqueles negócios que chupa. O nariz estava cheio de secreção. Foi um erro o hospital deixar um pai e uma mãe a noite inteira observando e estimulando a criança a respirar, em uma dessas apneias, ele podia não voltar mais, tinham que ter colocado ele em uma UTI. Ele ficou internado na UTI uma semana.

Quando melhorou, saiu da UTI e depois eu tive um pouquinho de depressão pós-parto; eu morria de medo de dar de mamar para ele porque eu tinha medo que ele vomitasse de novo e engasgasse. Foi difícil porque eu fiquei muito tempo sem amamentá-lo e desestimulou meu leite. Tomei um remédio para o leite voltar, mas voltou muito pouco, então eu amamenteei o (1º filho) uns três meses, depois foi na mamadeira.

Eu só sabia que estava grávida de novo porque a barriga cresceu e o bebê cresceu e mexeu porque eu não tive ânsia, nem vomitava, nem tive pressão alta, não senti nada, só azia. Fiz o pré-natal da (2ª filha) no hospital da Celso Garcia com o doutor Walter que na época chamava Hospital São José do Brás, mas ela nasceu em 1989 no Hospital São Cristóvão porque eu não tinha condições de pagar pelo parto. Foi com outro médico e também foi cesárea porque o (1º filho) estava fazendo 1 ano quando eu engravidei. Estourou a bolsa em casa, fui para o hospital com dores, só que eu não tive dilatação nenhuma. Eles colocaram um soro para dilatar, só que como minha cesárea era muito recente, o médico achou melhor fazer outra cesárea porque podia estourar os pontos.

Lá fui eu de novo para a faca, com anestesia raqui; e eu ainda achava que era outro menino. Fiquei meio grogue da anestesia, mas ela nasceu bem, sem problemas nenhum, com bom peso e normal. Ninguém ficou comigo também porque eu fui às pressas para o hospital, não tinha ninguém em casa. O único que estava em casa e me levou ao hospital foi o meu irmão. Eu não podia levantar a cabeça durante 24 horas depois do parto, eu tinha muito gases, doía demais, parecia que eu tinha sido costurada com latão, muito ruim, eu sofri bastante. Era grampo e minha cicatriz ficou horrorosa. Acho que esses médicos que são mais idosos deveriam evoluir junto com os outros para fazer o trabalho bem feito. Depois de três dias eu saí do hospital.

Eu também tive um pouco em depressão pós-parto porque eu achei que pudesse acontecer com ela o que aconteceu com o (1º filho). Depressão pós-parto é muito sério. Eu não gostava da (2ª filha) no começo. Foi tão sério, que eu não tinha vontade de amamentar; cheguei a dar uma rejeitadinha, mas procurei ajuda.

Com uns 15 dias, eu estava no quintal de casa com minhas irmãs e os namorados delas. Na hora deles irem embora, vieram dois ladrões tentar nos assaltar e eu estava sentada no chão com o (1º filho) no colo. A minha reação foi a de levantar e correr para dentro. Meu ex-cunhado recebeu um tiro no braço e isso tudo foi um susto para mim, o que acabou com o meu leite. Eu tive que estimular de novo a amamentação. Voltou, mas não tanto, então também amamentei três meses.

Minha mãe me ajudava com o que podia em casa depois que eles nasceram. Eu gostaria de ter tido parto normal; sempre achei que o primeiro ia ser normal por o parto ser uma coisa natural e a cesárea uma cirurgia grande; você fica mais tempo debilitada. Eu sempre fui a favor de parto normal, mas infelizmente não aconteceu. Hoje em dia é até pior, os médicos induzem a cesárea e a mulherada não quer sofrer mais. Até tiram a criança antes do tempo, marcam a data e pronto. Mas também, há muitos anos atrás, o parto normal tinha mais risco. Eu gostaria de ter tido normal, acho que para a amamentação podia ter sido melhor.

Tentei ter o terceiro filho porque casei de novo, mas não veio. Não sei se foi por causa da idade ou se ele tem algum probleminha. Até uns dois anos atrás eu estava tentando ter, mas agora já começou a menopausa, então ficou mais difícil. Mas se eu tivesse possibilidades, eu engravidaria de novo, mesmo com 47 anos.

As minhas duas gravidezes não foram totalmente felizes porque eu não tinha um casamento legal, tanto que logo depois de ter a (2ª filha), a gente se separou.

APÊNDICE 3 – FICHAS CATALOGRÁFICAS

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Antonieta

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Paulo/SP

Data: 1 de outubro de 2010

Duração: 28m38

Transcrição: Nathalie Leister

Dados biográficos: Nasceu em 1917 de parto normal. Tem quatro irmãos. Teve dois filhos de parto normal, em casa com a sogra, que era parteira. Um nasceu em 1938 e o outro em 1940. É viúva e dona de casa.

Sumário: Mudou-se para Juiz de Fora ainda pequena. Trabalhava na roça e seu pai tinha várias propriedades. Casou-se com 19 anos. Teve dois filhos em Monte Azul Paulista e depois se mudou para o Paraná e Tupã. Há 30 anos mora em São Paulo. Ficou grávida do primeiro filho e quem a ajudou foi a sogra. Na gravidez, a sogra perguntava se estava tudo bem. Teve o primeiro filho em 1938 e quando estava grávida de seis meses do segundo filho teve uma convulsão. Quando entrava em trabalho de parto o marido chamava a mãe e eles tiveram os dois filhos em casa. O segundo filho nasceu em 1940. O marido não viu os filhos nascerem, mas a mãe dela estava presente. Foram amamentados durante oito meses. Depois do parto, a irmã e a sogra ajudavam nas tarefas de casa durante 15 dias. A sogra não a deixou lavar a cabeça durante os 40 dias de puerpério. Depois de quatro anos de casada ficou viúva e voltou a morar com os pais.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Joana

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em Cordeirópolis/SP

Data: 16 de janeiro de 2011

Duração: 27m34

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1932 em casa com parteira em Rio Claro. Tem sete irmãos. É casada e dona de casa. Teve seis filhos de parto normal com parteira em casa. Dois nasceram em Limeira, um em Americana e três em Cordeirópolis.

Sumário: Morou em Rio Claro quatro ou cinco anos e seus pais trabalhavam em lavoura de batata. Com 5 anos foi morar em Cascalho e trabalhava na roça. Conheceu o marido aos 17 anos e engravidou e casou grávida. Levou bronca do pai e se mudou para Limeira. Seu marido tinha uma firma, era pedreiro e ela não trabalhava. Não fez o pré-natal da primeira filha e chamou a parteira quando começou a sentir dores. Ela nasceu em 1950 em casa, mas morreu depois de cinco meses de bronquite asmática e hérnia. Se recuperou bem do parto e engravidou e teve a segunda filha em 1952 com parteira e também não fez o pré-natal. A sogra ajudou nos dois ou três dias seguintes e a filha foi amamentada até 2 anos, mas deixou de amamentar porque ficou grávida do terceiro filho. Ela e o marido mudaram para Americana e tiveram o filho com outra parteira no dia do natal. Foi tudo bem no parto e na recuperação. Amamentou durante dois anos e a vizinha ajudou com os afazeres da casa. O filho morreu aos 4 anos de idade de bronquite e hepatite. Mudou-se para Cordeirópolis depois de dois ou três anos e engravidou do quarto filho. Deu à luz de parto normal em casa com uma parteira diplomada em 1965, mas teve hemorragia depois de dois ou três dias e chamou o médico que deu uma injeção e parou com o sangramento. Engravidou da quinta filha e teve o parto com outra parteira diplomada. Tomou remédio para aumentar as dores. Engravidou do sexto filho e fez o parto com a mesma parteira do quinto filho. Amamentou os dois filhos, mas o sexto morreu 40 dias depois de nascido porque tinha uma doença no coração. Em Cordeirópolis as irmãs e a filha mais velha ajudavam depois do parto. Não fez pré-natal de nenhum dos filhos e o marido assistiu alguns dos partos. Não se lembra de duas gravidezes.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Anézia

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em Santo André/SP

Data: 19 de dezembro de 2010

Duração: 41m33

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1935 na fazenda da avó em Serra Negra. Teve três filhos de parto normal em casa, dois com parteira e um com uma prima em 1954, 1956 e 1958 respectivamente. É casada e dona de casa.

Sumário: Mudou-se pra Santo André com 7 anos e ajudava a mãe trabalhando na horta. No parto da primeira filha teve câimbra nas pernas. Ela nasceu em 1954 de parto normal com parteira. O marido não viu nenhum dos filhos nascer e reclama disso até hoje. O segundo filho nasceu em 1956 em casa, com a mesma parteira da primeira e pesou quase quatro quilos. Não fez pré-natal dos dois primeiros filhos, só do terceiro, mas não terminou porque não teve dinheiro para completar as consultas. Quando soube que estava grávida de novo, a sogra tentou fazê-la abortar, sem êxito. Ele nasceu em 1958, mas a parteira estava doente no dia do parto, então pediram ajuda para uma prima que trabalhava em um hospital. Nunca planejou ter filhos.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Hermínia

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Bernardo do Campo/SP

Data: 7 de janeiro de 2011

Duração: 10m10

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1967, em Sertãozinho, de parto normal, em casa e com parteira. Tem nove irmãos. Estudou até o segundo ano. Casou com 18 anos. Abortou um filho sem saber e teve quatro filhas, em 1958, 1960, 1963 e 1967. É dona de casa.

Sumário: Depois de casada, em Sertãozinho, sentiu a barriga mexer e tomou chá de Artemísio feito pela cunhada e abortou algumas horas depois uma criança grande e formada. As outras filhas foram planejadas, mas sempre quis ter o menino que perdeu. Teve a primeira filha em 1958 com na Santa Casa de Sertãozinho com episiotomia. A segunda nasceu em 1960 no mesmo hospital e com outra parteira. Não fez pré-natal e os partos foram com parteiras porque no hospital não tinha médico. Depois do parto, a sogra ajudava nos afazeres de casa. Mudou-se para São Bernardo e teve outra filha em 1963 com parteira, em casa e fez o pré-natal. Depois do parto teve uma hemorragia, mas a parteira era boa e cuidou bem dela. Amamentou mais de um ano A quarta filha foi em 1967 no Hospital de São Bernardo porque a parteira disse que não poderia nascer em casa. O marido não pode ver o parto, mas viu os três primeiros. Não foi a nenhuma consulta pós-parto e levava as filhas ao posto de saúde se tivessem alguma doença.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Cleusa

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Paulo/SP

Data: 20 de agosto de 2010

Duração: 51m39

Transcrição: Nathalie Leister

Dados biográficos: Nasceu em 1928 em Mineiros do Tietê/SP com parteira curiosa. Tem seis irmãos. Teve três filhos em 1960, 1961 e 1967. É aposentada e viúva.

Sumário: Passou a infância em Bauru e mudou-se para São Paulo para casar em 1959. Foi professora e o marido vendedor. Fez o pré-natal dos três filhos na Maternidade do Brás. Teve o primeiro parto fórcepe com médico em 1960, o segundo parto normal com parteira em 1961 e o terceiro de parto normal induzido e com médico em 1967. Os dois primeiros nasceram na Maternidade do Brás e o terceiro no Hospital do Servidor Público. A recuperação do primeiro filho foi ruim porque ficou dolorida nos pontos e teve uma infecção na vagina. O marido assistiu aos dois primeiros partos, mas no terceiro não o deixaram entrar. Levou pontos nos três partos e sempre ficava três dias no hospital depois do parto. Levou os filhos no pediatra e os amamentou.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: M. de Jesus

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em Piracicaba/SP

Data: 16 de janeiro de 2011

Duração: 20m40

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1941 com parteira na casa da mãe em Piracicaba. Tem um irmão que também nasceu em casa e já é falecido. Casou-se com 17 anos e teve duas filhas, uma em 1960 e outra em 1964. Hoje é viúva.

Sumário: Seu pai era ajudante geral e sua mãe cortava cana na roça. Namorou três anos antes de se casar e seu marido era metalúrgico. Engravidou e não fez pré-natal porque naquele tempo não se fazia. Passou bem os nove meses. Um dia a bolsa estourou, mas as dores só começaram sete dias depois e a primeira filha nasceu em 1960 com o cordão em volta do pescoço, em casa com parteira e ela gostou da assistência que recebeu. A parteira não era cara, deu uma injeção para aumentar as

dores, fez um corte e deu pontos sem anestesia. O marido assistiu ao parto. No dia seguinte a parteira foi visitá-la e estava tudo bem. Contou com a ajuda de amigos para cuidar do bebê e amamentou durante três meses e depois introduziu a mamadeira. Não evitou ficar grávida da segunda filha e também não fez pré-natal. O parto foi em 1964 e mais rápido do que o primeiro. Ela chamou a parteira quando as dores começaram, o esposo assistiu, ela não levou pontos e o bebê não nasceu com o cordão umbilical enrolado no pescoço. No dia seguinte a parteira foi visitá-la para ver se estava tudo bem. Não amamentou e já começou a dar leite na mamadeira por medo da filha ficar doente. Os vizinhos ajudaram em casa durante sete ou oito dias.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Ignêz

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Paulo/SP

Data: 10 de janeiro de 2011

Duração: 44m30

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1943 de parto normal em hospital em São Paulo. Tem dois irmãos que nasceram de parto fórcepe e parto normal respectivamente. Casou-se com 18 anos e teve três filhos em 1962, em 1963 e 1968. Hoje é viúva e não trabalha.

Sumário: Passou a infância em um colégio interno. Seu pai trabalhava em uma firma e sua mãe era normalista, mas não trabalhava. Começou a trabalhar aos 12 ou 13 anos quando o pai ficou doente. Seu marido era dono de uma empresa de transportes e ela nunca trabalhou. Casou-se com 18 anos. Engravidou e fez um raio-X para saber de quantas semanas estava. Fez pré-natal com médico e parto cesariano no hospital em 1962 depois de dois dias tomando soro. Amamentou até os nove meses, quando ficou grávida do segundo filho. Fez pré-natal, ele nasceu em 1963 no hospital, de parto normal e com médico. Amamentou uma sobrinha no peito e depois tirando leite e amamentou seu segundo filho quase um ano, mas desmamou para conseguir emagrecer. Engravidou do terceiro filho acidentalmente, pois tomava anticoncepcional. Sentiu muita dor, não conseguia andar e ficou inchada. Fez pré-natal com o médico e o bebê nasceu em 1968 no hospital por cesariana com anestesia raquidiana. Junto fez laqueadura. Amamentou até os 8 meses, doou leite para um hospital e parou de amamentar porque quis tomar remédio para emagrecer. Ficava de quatro a cinco dias no hospital após os partos e não teve acompanhante. Sempre tiveram empregada e caseiro que a ajudavam com as tarefas de casa.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: M. de Lourdes

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Paulo/SP

Data: 5 de janeiro de 2011

Duração: 31m34

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1943 em um sítio em São José do Rio Preto com a avó, que era parteira. Seus irmãos e primos também nasceram com ela. É solteira e teve um filho em 1963. Atualmente é aposentada.

Sumário: Morou em um sítio em São José do Rio Preto até os 5 ou 6 anos e depois foi morar na casa da avó para estudar e ir à igreja. Começou a trabalhar com 14 anos como balconista das Lojas Americanas e veio para São Paulo com 16 anos acompanhar o tratamento do pai que estava doente. Conheceu o pai do filho dela em 1960 e engravidou dois anos depois com 19 anos. Era solteira e eles não casaram porque ele foi morar em Minas Gerais. O pai dela contratou uma parteira e ela fez o pré-natal. Dia 1º de maio de 1963, entrou em trabalho de parto e como estava chovendo, a parteira não quis atender. Seu pai procurou na rua alguém para ajudar e encontrou uma senhora que disse que entendia um pouco sobre partos. Seu filho nasceu, mas o cordão umbilical não foi cortado e nem a placenta retirada. Teve que ir de ambulância para o Hospital Leão Treze. Tiraram a placenta e depois de três dias foi para casa com o bebê. Os amigos e familiares pediram para ela dar a criança, mas ela quis cuidar. Amamentou três meses porque voltou a trabalhar.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Cristina

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em Ribeirão Preto/SP

Data: 8 de janeiro de 2011

Duração: 50m18

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1952 às 2h de parto normal na casa da Avó em Poços de Caldas. Tem nove irmãos nascidos de partos domiciliares. Teve quatro partos normais com episiotomia em hospitais. Uma filha nasceu na Inglaterra em 1977, um no Rio de Janeiro em 1980 e dois em Ribeirão Preto em 1982 e 1983. É casada e professora de inglês.

Sumário: Seu pai era agrônomo e sua mãe nunca trabalhou. Até os 7 anos, morou em uma fazenda em Poços de Caldas e depois foi morar com a avó na cidade. Terminou o ensino fundamental e foi morar por seis meses nos Estados Unidos. Fez o colegial em São João da Boa Vista e faculdade de Serviço Social durante seis meses. Como gostava de inglês, se dedicou a estudar a língua. Morou em Cotia, São Paulo e conheceu o marido no Rio de Janeiro. Namoraram cinco anos e casaram. O marido é médico cardiologista e fez a especialização na Inglaterra, onde tiveram a primeira filha. Fez pré-natal com uma equipe de saúde que também a acompanhou durante o parto. Fez três ultrassons. Teve dor na virilha e chegou a desmaiar. Sua primeira filha nasceu de parto normal em 1977 no Middlesex Hospital. O bebê teve cianose e teve que ser aspirado. Ficaram oito dias no hospital e tiveram alta. Amamentou por três meses e mudou-se para o Rio de Janeiro. Engravidou pela segunda vez e teve que trocar de médico aos oito meses de gravidez porque ele morreu de câncer. Fez ultrassom e o parto com uma médica inexperiente. Teve uma experiência ruim com o anestesista que só anestesiou metade do corpo dela e dilatou o colo do útero com os dedos. O parto foi normal e com Kristeller. Quis amamentar o filho logo que nasceu, em 1980 e manteve a amamentação por oito meses. Mudou-se para Ribeirão Preto e engravidou do terceiro filho. Também fez pré-natal e ele nasceu em 1982 de parto normal. Conseguiu controlar a dor na virilha que teve em todos os partos fazendo uma pressão no local da dor. Só amamentou um mês porque o filho não conseguia pegar o peito. Chegou a pedir para a irmã tentar amamentar. Engravidou da quarta filha usando DIU. Também fez pré-natal e 10 dias antes da data provável do parto foi à consulta pré-natal e já estava com quatro centímetros de dilatação. Voltou para casa e chegou ao hospital com oito centímetros de dilatação e sem contrações. O anestesista ia posicionar a agulha para depois infiltrar a anestesia para fazer laqueadura, mas passou do ponto causando dores e vômitos. A filha nasceu em 1983, mas ela não conseguiu vê-la de tanta dor de cabeça que sentiu na hora do parto. Fizeram a laqueadura pelo umbigo. Amamentou por 10 meses. Sempre foi às consultas pós-parto, o marido assistiu os quatro partos e todos foram com episiotomia. Sempre teve empregada que a ajudava nas tarefas de casa.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: M. das Graças

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Paulo/SP

Data: 14 de janeiro de 2011

Duração: 23m08

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1964 em Monteiro, na Paraíba de parto normal na casa da mãe. Tem seis irmãos. Casou-se com 15 anos. Teve duas filhas, uma de parto fórcepe em 1981 e outra de cesariana em 1987. Hoje trabalha como autônoma.

Sumário: Ela não trabalhava e o marido era soldador na Volkswagen. Sua primeira gravidez foi aos 17 anos, não planejada e confirmada através de um ultrassom aos quatro meses de gestação. Fez pré-natal e no final da gravidez ficou inchada e com pressão alta. O parto aconteceu em 15 de novembro de 1981 no Hospital Nossa Senhora da Penha. Foi induzido, sem acompanhante e fórcepe, que afundou a cabeça do bebê, mas não teve sequelas. Não gostou de ter levado um corte na vagina. Voltou para casa três dias depois e amamentou por 15 dias, pois não tinha leite e o médico receitou Nan®. Teve ajuda de uma amiga para cuidar do bebê. Fez pré-natal da segunda gravidez e também foi internada no Hospital Nossa Senhora da Penha, mas pagou a cesariana para não sofrer de dor como no primeiro parto. Só conseguiu se cuidar melhor depois de 15 dias devido às dores nos pontos. Sua mãe a ajudou em casa durante dois meses. Amamentou três meses porque sua produção de leite era pequena. Foi às consultas pós-parto, fez Papanicolaou e levou as filhas ao pediatra durante um ano. Nunca abortou e não quis ter mais filhos.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Vera Lúcia S.

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Bernardo do Campo/SP

Data: 7 de janeiro de 2011

Duração: 18m28

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1958 de parto normal na Santa Casa de Sertãozinho com parteira. É casada e dona de casa. Teve dois filhos de parto cesariano no Hospital de São Bernardo em 1981 e 1985.

Sumário: Morou dois anos em Sertãozinho e depois a família mudou para São Bernardo, onde vive até hoje. Seu pai era pedreiro e sua mãe do lar. Namorou três anos e três meses e casou-se em 1980. Logo ficou grávida do primeiro filho, mas não se sentia preparada para ser mãe. Fez pré-natal no Hospital de São Bernardo, não fez ultrassom e fez uma cesariana em 1981 porque estava com a pressão alta. O filho nasceu com 4.020 gramas e ela não quis vê-lo e rejeitou o bebê. Sentiu muita dor no pós-parto e ficou 20 dias na casa da mãe. Amamentou uma semana e logo introduziu a mamadeira. Engravidou da segunda filha sem planejá-la. Fez pré-natal com o

mesmo médico do primeiro filho e pagou pelo parto. Teve insônia na gestação e fez uma cesariana no Hospital de São Bernardo marcada em 1985. Não teve dor pós-parto porque os pontos eram de cirurgia plástica. A filha nasceu com 3.200 gramas e foi amamentada durante um mês porque as pessoas falavam que ela tinha o leite fraco. O marido a ajudou em casa e fez vasectomia para não terem mais filhos.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Vilma

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Paulo/SP

Data: 9 de agosto de 2010

Duração: 1h53m40

Transcrição: Nathalie Leister

Dados biográficos: Nasceu em 1948 de parto normal com uma enfermeira parteira. Os irmãos também nasceram de parto normal. Teve quatro filhos no hospital, um em 1981, um em 1982, um em 1987 e outro em 1989. Está terminando o ensino médio, é divorciada e trabalha como vendedora.

Sumário: Seu pai era motorista de táxi e sua mãe era do lar. Começou a trabalhar aos 14 anos e parou quando se casou aos 24 anos e logo ficou grávida da sua primeira filha. Fez pré-natal no posto de saúde, engordou 33 quilos. Entrou em trabalho de parto, foi para o hospital e a mandaram para casa. Ela foi para a Maternidade São Paulo e ficou internada. Fizeram lavagem intestinal, ela teve muita dor, vomitou e recebeu bronca das enfermeiras. Levaram-na para a sala de parto com sete centímetros de dilatação fizeram episiotomia sem anestesia e o bebê nasceu em 1982. Teve um sentimento estranho no pós-parto, de que sua filha não era sua, mas depois passou. Foram para casa e com 6 dias de vida, levou de novo ao hospital, pois familiares perceberem uma ondulação na cabeça do bebê. Era normal. Amamentou 50 dias porque o bebê passou a pesar menos do que quando nasceu e o pediatra receitou leite Ninho®. Engravidou pela segunda vez e fez o pré-natal e o parto no Hospital Amico. Só foi para o hospital em cima da hora e o bebê quase nasceu no carro. O parto foi em 1984, rápido, com anestesia e ela gostou do atendimento, diferentemente do primeiro parto. Teve alta dois dias depois e amamentou durante três meses porque teve que voltar a trabalhar. Ficou grávida pela terceira vez. Suas filhas tiveram rubéola e ela se isolou por um mês na casa do irmão. Fez pré-natal e ultrassom, mas ficou com receio de que o filho nascesse com alguma deficiência e leu bastante sobre isso, pensando até em abortar. O bebê nasceu em 1987 no Hospital Vila Maria com Síndrome de Down. Recebeu a notícia de maneira brusca por uma médica pediatra. Teve sentimentos diversos de pensar até que o bebê pudesse morrer, mas hoje em dia acha que é uma pessoa bem melhor por causa dele. Ficou grávida pela quarta vez sem planejar. Fez o pré-natal e um dia antes de ir ao médico, sofreu

um acidente de carro e entrou em trabalho e parto, mas depois de duas horas parou de ter contrações. Foi ao hospital no dia seguinte e não conseguiram ouvir o coração do bebê. Ele estava morto. O hospital não quis fazer o parto e ela foi para o Hospital Santo Antônio e pagou para um médico fazer a cesariana em 1989. A causa da morte foi nó verdadeiro de cordão. Os pontos da cirurgia infeccionaram e ela teve que abrir três vezes durante o puerpério. Sentiu-se uma péssima mãe por ter um filho excepcional e outro morto e resolveu fazer a laqueadura. Após os partos, ela não tinha a ajuda de ninguém em casa. Sempre foi às consultas pós-parto.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Sebastiana

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Paulo/SP

Data: 17 de janeiro de 2011

Duração: 19m47

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1953 em um sítio em Borda da Mata, Vila Angélica, MG e acha que foi de parteira. Casou-se em 1981 e teve dois filhos no hospital por cesariana, um em 1982 e outro em 1986. Atualmente é babá.

Sumário: Seu pai trabalhava na roça e sua mãe cuidava da casa. Morou em um sítio até os 22 anos, quando veio para São Paulo trabalhar. Casou-se em 1981 e engravidou com 28 anos. Não trabalhava, mas o marido era vendedor de automóveis. Fez pré-natal com vários médicos no Hospital Nossa Senhora de Lourdes e quando estava com oito meses, teve pressão alta e inchaço. No final da gravidez, procurou um médico que pudesse acompanhar seu parto. Marcou a cesariana no Hospital Metropolitano com 38 ou 39 semanas devido à pressão alta. Seu primeiro filho nasceu dia 26 de novembro de 1982. No pós-parto teve hemorragia e ficou internada na UTI uma semana e depois mais 13 dias no hospital. Seu bebê foi para casa e ela não amamentou devido aos antibióticos que teve que tomar. O médico fez a consulta pós-parto em casa. Sua segunda filha nasceu em 18 de setembro de 1986. Fez o pré-natal e parto com o mesmo médico do primeiro, mas com sete meses de gravidez, começou a perder sangue devido à placenta baixa. Teve três pequenas hemorragias e ficou de repouso até entrar em trabalho de parto. Também fez cesariana e não teve acompanhante nos dois partos. Sua filha não nasceu bem e ficou na incubadora por um dia. A consulta de puerpério foi no consultório do médico e não amamentou porque a filha não pegou o peito, então deu para a irmã amamentar durante um tempo. O pediatra recomendou Nestogeno® e depois Ninho®. Quem a ajudava em casa eram sua tia, irmã, sogra e cunhada. Depois de seis anos, fez a laqueadura porque não quis mais engravidar.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Sheila

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em São Paulo/SP

Data: 10 de janeiro de 2011

Duração: 32m39

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1968 de parto cesariano no Hospital Nove de Julho em São Paulo. Tem dois irmãos. Teve três filhas, em 1984, 1987 e 1997, dois abortos e uma gravidez tubária. É divorciada e empresária.

Sumário: Sempre morou em São Paulo. Sua mãe não trabalhava e seu pai era empresário na área de transportes. Ficou grávida aos 16 anos e se casou. O ex-marido trabalhava no Banco Nacional e fazia faculdade. Fez o pré-natal com médico e teve a primeira filha em 1984 de parto cesariano no Hospital São Luiz porque o bebê estava com o cordão umbilical em volta do pescoço. O ex-marido não quis ver o parto. Ficou três dias na maternidade do Hospital São Luiz e depois do parto foi cuidada em casa pelo médico. Amamentou quatro meses e parou porque teve um problema na clavícula. Sua mãe a ajudava em casa até cair o coto umbilical do bebê. Engravidou da segunda filha e fez o pré-natal com a ginecologista. Seu pai teve um derrame quando ela estava com 35 semanas de gestação e teve que ser internada porque perdeu líquido amniótico. No dia da alta, a médica tirou o líquido amniótico e fizeram uma cesariana de urgência porque o bebê havia feito cocô na barriga e estava com infecção, foi em 1987 no Hospital São Luiz. O ex-marido também não viu o parto. Ficaram quatro dias no hospital por precaução, mas o bebê só teve hipoglicemia. Em casa, a mãe ajudou novamente e o bebê foi amamentado até os 6 ou 8 meses. No pós-parto, foi à consulta e estava tudo bem. Teve dois abortos e uma gravidez tubária, mas depois engravidou de novo da terceira filha. Fez o pré-natal com uma médica e marcou a cesariana para aproveitar o corte das outras cesarianas. Também fez a laqueadura. Gravou o parto, que foi em 1997 no Hospital São Luiz, foi à consulta puerperal e amamentou o bebê por um ano e sete meses. Hoje pensa em ter outro filho porque casou novamente, mas ao mesmo tempo pensa que não quer correr risco com três filhas para cuidar.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Carmem

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio da ex-sogra em São Paulo/SP

Data: 5 de janeiro de 2011

Duração: 20m21

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1962 com 5.500 gramas de parto normal em um hospital em Viradouro. É solteira e trabalha como empregada doméstica. Teve três filhas em hospital, com médico, em 1984, 1988 e 1998.

Sumário: Passou a infância em Morro Agudo, morou um tempo na roça e com 5 anos foi morar na cidade. Casou-se e separou-se em um mês e veio para São Paulo. Conheceu o pai das três filhas e engravidou porque não tomou direito o anticoncepcional. Fez pré-natal no Hospital Santa Marta com uma médica. Entrou em trabalho de parto, foi para o hospital e a primeira filha nasceu em 1984 de parto normal com episiotomia. Tinha quatro quilos e 51centímetros. Teve dores nos pontos e amamentou durante três ou quatro meses. Engravidou da segunda filha também por não tomar direito o anticoncepcional. Fez o pré-natal com médico no posto de saúde e engordou 48 quilos na gestação. Ela nasceu em 1988 de parto normal no Hospital Alvorada. Ninguém assistiu os partos. Amamentou por seis meses. Engravidou da terceira filha tomando hormônio para evitar a gravidez e quando descobriu já estava com três meses. Fez o pré-natal no mesmo posto de saúde que fez o da segunda filha. Fez cesariana e a laqueadura para não ter mais filhos em 1998 também no Hospital Alvorada. O pai das filhas viu o parto. Teve dificuldades depois da cirurgia por causa dos pontos que infeccionaram. Amamentou a primeira filha durante três meses, a segunda por seis meses e a terceira por um ano e sete meses e só interrompeu porque o pediatra pediu. Com as tarefas de casa, era sempre a sogra que ajudava. Compareceu às consultas depois do parto e sempre estava tudo bem com ela e com as filhas.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Vera Lúcia M.

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em Santo André/SP

Data: 19 dezembro de 2010

Duração: 52m21

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1954, em casa, em um domingo de manhã, de parto normal com uma parteira. Tem dois irmãos mais novos que também nasceram com parteira. É viúva, professora e tem uma filha nascida em 1985.

Sumário: Trabalhou no Banco Sudameris desde os 17 anos e sempre morou em Santo André. Fez faculdade de Sociologia e Geografia e começou a lecionar em 1978. Casou-se em 1982 e seu marido tinha uma firma de estrutura metálica. Usou DIU até 1984 e planejou engravidar. Fez pré-natal e o médico a induziu a escolher o parto cesariano dizendo que o bebê era muito grande. Engordou 18 quilos e a cirurgia foi marcada para antes do feriado de Corpus Christi na Neomater de São Bernardo do Campo. O marido não pode assistir o parto, ela estava muito nervosa e pensou que fosse morrer quando a filha nascesse. A filha nasceu morena com 53 centímetros, 3.960 gramas e foi para a sala de recuperação. Depois de um tempo, foi para o quarto e após o efeito da anestesia, começou a vomitar muito porque tinha feito a cesariana de estômago cheio. A filha ficou no berçário e voltaram para casa juntas. Recuperou-se rápido, foi à consulta pós-parto e levou o bebê ao pediatra. Sua mãe a ajudou durante um mês com as tarefas de casa, assim como o seu marido. Em casa, não podia descer as escadas e ficou em casa por uma semana, o que causou uma tristeza no terceiro dia e achou que fosse ter depressão. Amamentou exclusivamente até os 6 meses e conseguiu tirar licença maternidade por quase um ano. Não pensou em ter outros filhos.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Conceição

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em Piracicaba/SP

Data: 15 de janeiro de 2011

Duração: 46m50

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Seu pai era soldador, trabalhava em uma metalúrgica e sua mãe era dona de casa. Nasceu em 8 de setembro de 1960 de parto normal em casa, em Piracicaba, com parteira. Tem uma irmã que também nasceu em casa, de parto normal e com parteira. Casou-se com 24 anos e não trabalha.

Sumário: Sua infância foi em Piracicaba. Casou-se e tomou anticoncepcional por seis meses, mas só engravidou dois anos e dois meses depois. Fez o pré-natal e o parto com médico. Trabalhou até a filha nascer em 30 de dezembro de 1985 e queria parto cesariano, pois tinha medo da dor do parto normal. O marido ficou na sala de espera. Não teve acompanhante no puerpério e passou a virada do ano no hospital. Teve dores na região dos pontos e sua mãe a ajudava em casa no puerpério. Saiu do trabalho para poder amamentar e doava leite para um colega de trabalho. Depois de 6 meses introduziu suco e frutas, mas só parou de amamentar a filha com 2 anos e meio quando engravidou pela segunda vez. Nessa segunda gestação, passou mal desde o começo, mas fez o pré-natal e esteve tudo bem com o bebê. Não quis saber o sexo e também optou por cesariana. O parto foi em 9 de julho de 1988 e o marido

assistiu pelo vidro da sala de parto. Teve os dois filhos com o mesmo médico e no mesmo hospital. Teve problemas com a amamentação do segundo filho, deu para a vizinha tentar amamentar, mas só deu o peito por nove dias e depois introduziu a mamadeira. Teve depressão pós-parto e foi à consulta de puerpério. Depois de um ano o marido fez vasectomia.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Valdinéia

Entrevistadora: Nathalie Leister

Local: No domicílio em Cordeirópolis/SP

Data: 6 de janeiro de 2011

Duração: 26m39

Transcrição: Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1959 de parto normal com parteira em Cordeirópolis. Tem sete irmãos. É casada e dona de casa. Teve dois filhos, um em 1986 e outro em 1989 em hospital e de cesariana.

Sumário: Seu pai era construtor e sua minha do lar e costureira. Morou a vida inteira em Cordeirópolis. Namorou 11 anos antes de casar em 1984. Trabalhava em uma fábrica de tecelagem, mas parou depois de cinco meses de gestação e seu marido era mecânico. Planejaram a primeira filha para logo depois do casamento. Escolheram um médico do convênio para acompanhar a gravidez. Fez pré-natal e ultrassom, mas não quis saber o sexo. Engordou 20 quilos e fez cesárea em 1986 na Humanitária Nova em Limeira porque o bebê tinha feito cocô na barriga dela. Sentiu muita dor quando tomou a anestesia. O marido não viu o parto e ela ficou em um quarto com mais duas mães no pós-parto. Recuperou-se bem, amamentou durante oito meses e depois deu leite de vaca e Nanom®. Em casa, tinha a ajuda da sogra. Também planejou a segunda gravidez e mudou de médico porque escolheu um amigo da família para acompanhá-la. Fez pré-natal e ultrassom. Fez cesariana no Hospital de Codeirópolis em 1989, mas não entrou em trabalho de parto. O bebê ficou no quarto com ela e foram juntos para casa depois de quatro dias. Amamentou seis meses e teve a ajuda da mãe e da cunhada com os afazeres de casa. Depois de um tempo fez laqueadura porque não queria mais ter filhos.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.

Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Coordenação: Maria Luiza Gonzalez Riesco

ENTREVISTADA: Noeme**Entrevistadora:** Nathalie Leister**Local:** Na Escola de Enfermagem USP – São Paulo/SP**Data:** 22 de dezembro de 2010**Duração:** 24m38**Transcrição:** Vera Lúcia Lopes de Souza

Dados biográficos: Nasceu em 1952 em Uibaí na Bahia de parto normal com parteira. Tem 10 irmãos que também nasceram de parto normal e com a mesma parteira que ela. Teve uma filha de parto cesariano no hospital. É divorciada e educadora física.

Sumário: Morou na Bahia até os anos 1980 e veio para São Paulo para fazer faculdade de Educação Física. Casou e ficou grávida sem planejar. O ex-marido ficou quatro meses distante quando recebeu a notícia da gravidez. Fez o pré-natal com um médico e fazia exercícios físicos porque dava aula na ACM. Sua bolsa estourou na piscina e uma amiga a levou para o Hospital Santa Catarina. Começou a sentir dor e a perder líquido amniótico, mas se sentiu abandonada em uma cama sem travesseiro. Teve parto cesariano depois de suspeitarem que ela estivesse com crise na vesícula. A filha nasceu em 1987 e a amiga não pode assistir o parto. Não teve dificuldades depois do parto e o corte cicatrizou bem. Amamentou durante mais ou menos oito meses e em casa, quem ajudavam eram os irmãos que moravam com ela, o pai e a madrinha da filha. Foi à consulta de puerpério e não quis ter mais filhos.

PROJETO: Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980.**Instituição:** Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**Coordenação:** Maria Luiza Gonzalez Riesco**ENTREVISTADA: Marisol****Entrevistadora:** Nathalie Leister**Local:** No domicílio em São Paulo/SP**Data:** 1 de outubro de 2010**Duração:** 34m33**Transcrição:** Nathalie Leister

Dados biográficos: Nasceu em 1963 em Tupã de parto normal no hospital. Tem três irmãos, dois nasceram de parto normal em 1968 e 1969 e um de cesariana em 1972. É casada, cabeleireira e tem dois filhos de parto cesariana, um nascido em 1987 e 1989.

Sumário: Mudou-se para São Paulo com 12 anos por dificuldades financeiras e o pai começou a trabalhar em um restaurante. Casou-se em 1984 e teve seu primeiro filho em 1987. Seu ex-marido trabalhava. Fez pré-natal no Hospital Celso Garcia e teve hipertensão a partir do 7º mês de gestação. Fez ultrassom, teve contrações e sua bolsa

estourou em casa, mas como o médico achou arriscado fazer parto normal, fez uma cesariana no Hospital São José do Brás. O ex-marido não quis ver o parto e ela ficou três dias no hospital no pós-parto. Os pontos foram os de cirurgia plástica. Depois de uma semana, o filho teve apnéia e foi levado para o hospital, onde ficou internado durante uma semana na UTI. Ela teve depressão pós-parto e ficou com medo de amamentar, por isso depois de 3 meses começou a dar mamadeira. Engravidou pela segunda vez, fez pré-natal no mesmo hospital onde teve o primeiro filho e sua filha nasceu em 1989 no Hospital São Cristóvão porque não teve condições de pagar pelo parto. Também foi cesariana porque o primeiro filho só tinha um ano. Ninguém assistiu o parto, ela sentiu muitas dores nos pontos e a cicatriz ficou ruim. Teve alta depois de três dias e teve depressão pós-parto por achar que aconteceria com a filha a mesma coisa que aconteceu com o filho. Foi um pouco mais sério porque ela rejeitou o bebê. Amamentou por três meses e voltou a trabalhar depois que a segunda filha tinha mais de um ano. Sua mãe ajudava em casa e pensa em ter o terceiro filho até hoje depois que casou de novo, mas não consegue engravidar.

APÊNDICE 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que concordo em participar da pesquisa intitulada **Transformações no modelo assistencial ao parto: história oral de mulheres que deram à luz nas décadas de 1940 a 1980**, desenvolvida pela mestrande Nathalie Leister e pela orientadora Maria Luiza Gonzalez Riesco, que tem por objetivo compreender as transformações no modelo de assistência ao parto a partir da experiência de mulheres que deram à luz no Estado de São Paulo nas décadas de 1940 a 1980.

Declaro, ainda, que fui esclarecida sobre os seguintes aspectos:

1. Será utilizada a entrevista como técnica de coleta de dados.
2. Minha participação é voluntária, não me opondo que a entrevista seja gravada e concordo com a utilização dos dados para os fins da pesquisa e futuras publicações.
3. As informações obtidas serão fielmente relatadas pela pesquisadora, tendo a garantia de exclusão de aspectos específicos narrados em meus depoimentos, se solicitado por mim.
4. As informações obtidas, além de contribuírem para este estudo, farão parte de um banco de depoimentos que será disponibilizado para consulta de outros pesquisadores para elaboração de pesquisas e publicações científicas.
5. Possibilidade de anonimato, escolhendo um nome fictício para me identificar se assim desejar.
6. Que a qualquer tempo poderei desistir da pesquisa, não sofrendo qualquer tipo de sanção ou prejuízo em consequência do ato da desistência ou por minhas opiniões proferidas.
7. Que a pesquisadora estará disponível para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários quanto ao assunto abordado na Escola de Enfermagem da USP. Que poderei entrar em contato com a mesma através do telefone (11)3061-7602.
8. Que permanecerei com uma cópia deste termo, ficando outra com a pesquisadora.

Durante a realização da pesquisa, ou em caso de não querer mais participar do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo pelo telefone (11) 3061-7548 ou e-mail edipesq@usp.br

Atenciosamente,

Nathalie Leister

Colaboradora

APÊNDICE 5 – CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____,
 (nacionalidade)_____, (estado civil)_____,
 (profissão)_____, CPF nº _____, carteira de
 identidade nº _____, emitida pelo _____,
 domiciliada e residente em _____,
 à _____, declaro
 ceder ao Centro Histórico Ibero-Americano da Escola de Enfermagem da
 Universidade de São Paulo, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos
 patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento
 de caráter histórico e documental que prestei às pesquisadoras Nathalie Leister e
 Maria Luiza Gonzalez Riesco, na cidade de _____,
 em ____/____/____, em um total de _____ gravada(s).

O Centro Histórico Ibero-Americano da Escola de Enfermagem da Universidade de
 São Paulo fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins
 culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como
 permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas,
 com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____.

 Assinatura de entrevistada

**ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3061-7548/8858 - Fax: (011) 3061-7548 -
São Paulo - SP - Brasil
e-mail: edipesq@usp.br

São Paulo, 21 de junho de 2010.

Ilm.^a Sr.^a
Nathalie Leister

Ref.: Processo nº 941/2010/CEP-EEUSP

Prezada Senhora,

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto “**A vivência de mulheres que deram à luz entre as décadas de 1940 e 1980 e as transformações no modelo assistencial ao parto**”, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analizado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

Maria Fátima Prado Fernandes
Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Prado Fernandes
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo